

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO



*Skate para Meninas:
Modos de se fazer ver em um esporte em construção*

Márcia Luiza Machado Figueira

Porto Alegre
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO**

Márcia Luiza Machado Figueira

**Skate para Meninas:
Modos de se fazer ver em um esporte em construção**

Porto Alegre
2008

Márcia Luiza Machado Figueira

**Skate para Meninas:
Modos de se fazer ver em um esporte em construção**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora:
Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre
2008

Márcia Luiza Machado Figueira

**Skate para Meninas:
Modos de se fazer ver em um esporte em construção**

Banca Examinadora

Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo (UFRGS)

Profa. Dra. Ludmila Mourão (UGF)

Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro (FURG)

À memória da minha mãe e de meu pai, que partiram em meio ao processo de feitura dessa tese. Fiz da saudade, companheira de percurso, e do término do trabalho, uma homenagem a quem sempre amarei e cuja força e vontade de viver trago em mim.

AGRADECIMENTOS

Apesar de sabermos o quão solitário é esse processo da escrita, e por isso mesmo, um espaço de lidas com os nossos anseios, limites, e possibilidade de aprendizagens, gostaria de dizer que só foi possível conceber esta tese por ter tido o apoio de minha orientadora, Silvana Goellner, a quem primeiro agradeço. Pela sua orientação exigente e acolhedora, pela paciência infindável, por respeitar as mudanças de percurso, o tempo e o ritmo de minha produção. E, fundamentalmente, por entender, ao encontrar no texto, muitas de suas palavras. Desse modo estou a dizer que este trabalho não é somente meu, mas nosso.

Às professoras Paula Regina Costa Ribeiro, Ludmila Mourão e Janice Zarpelon Mazo por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora.

Às/aos professores/as e funcionários/as do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Às /aos colegas do GRECCO (Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo), Angelita, Ico, Varlei, André, Thais, Johanna e Renato por termos compartilhado estudos, projetos, encontros e alegrias.

Em especial sou muito grata a Evelyn Leine pela atenção, generosidade, e disponibilidade em ceder fontes que foram fundamentais para a realização desta pesquisa. Agradeço, igualmente, as *skatistas*, Karen Jones, pela conversa gentil e por disponibilizar seus *sites* pessoais e endereços na *internet*; à Larissa Carollo, por ter respondido a minha solicitação e ter encaminhado, mesmo de Barcelona, cópia de

sua monografia de conclusão de curso em Educação Física; à Martha Linaldi e Priscila de Moraes pela entrevista e os momentos divertidos na pista do IAPI.

Às minhas famílias do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, agradeço o amor, o carinho e o apoio, que me possibilitaram criar as condições fundamentais para produzir este trabalho.

RESUMO

Fundamentada nos aporte teóricos dos Estudos Culturais, Feministas e de Gênero, particularmente na sua vertente pós-estruturalista e nos estudos de Michel Foucault, analiso, nesta investigação, os modos através dos quais as praticantes de *skate* constroem seus lugares de sujeito no universo deste esporte, bem como as representações de gênero que circulam em torno desta prática. Parto do entendimento de que as diferentes posições que os sujeitos ocupam na sociedade não são dadas à priori, mas negociadas, reorganizadas e construídas no interior de práticas sociais e de discursos que envolvem relações de poder. Para realizar essa análise, elegi como fontes de pesquisa diferentes materiais produzidos por *skatistas* mulheres tais como *sites*, *blogs*, revistas, comunidades virtuais, *zines*, encartes, reportagens e entrevistas além de documentos diversos que tematizam o *skate* no Brasil. Ao tomá-las como fontes privilegiadas de informação, problematizo os discursos e as práticas que conferem pouca visibilidade às mulheres no universo do *skate* que, em diferentes contextos, é representado, como uma prática culturalmente associada ao universo masculino mais do que ao feminino. Ao tomar o *skate* como um espaço atravessado por relações de poder, evidencio os as diferentes estratégias adotadas pelas *skatistas* para conquistar visibilidade dentro de uma modalidade esportiva que, no Brasil, está em construção. Evidencio, ainda, que as diferenciações entre o *skate* masculino e o feminino operam dentro de uma ordem hierarquizada entre os gêneros, sendo o masculino aquele que é tomado como o referente. Em função dessa constatação, as *skatistas* buscam distintas formas de se fazer ver, inclusive, no que respeita a sua feminilidade. Desse modo criam condições de possibilidade de poder mostrar o que sabem e de se posicionarem como sujeitos desta prática.

ABSTRACT

Grounded on theoretical assumptions of Cultural Studies, Feminist Studies and Gender Studies, particularly on their post-structuralist stream, as well as on studies by Michel Foucault, I have analyzed in this investigation the ways through which skaters have constructed their places as subjects in this sport universe, and the gender representations that revolve around that practice. I understand that the different positions that subjects occupy in society are not taken for granted; in fact, they are negotiated, reorganized, and constructed inside social practices and discourses that involve power relations. In order to carry out this analysis, my research sources were different materials produced by women skaters, such as Web sites, blogs, magazines, virtual communities, zines, folders, reports, and interviews, in addition to several documents that have taken that sport as a theme in Brazil. Taking all that as privileged sources of information, I have problematized discourses and practices that have given little visibility to women in the skate universe, which has been represented as a practice that is culturally more associated to the male universe than to the female one in different contexts. Understanding skating as a space crossed by power relations, I have shown different strategies adopted by female skaters to achieve visibility in a sport that, in Brazil, is being constructed. I have also pointed out that differentiations between male skating and female skating operate in a hierarchized order between genders, where the male gender is taken as a referent. Due to this assumption, female skaters have searched for distinct ways of making themselves visible, even in terms of their femininity. Thus, they have created possibility conditions both to be able to show what they know and to position themselves as subjects of this practice.

SUMÁRIO

1. A ESCOLHA DO TEMA: SITUANDO UMA CAMINHADA.....	13
2. O SKATE FEMININO NO BRASIL: UM ESPORTE EM CONSTRUÇÃO.....	23
2.1. O <i>skate</i> como um esporte contemporâneo.....	23
2.2. Fragmentos históricos e desafios urbanos.....	26
2.3. Mulheres <i>skatistas</i> : entre sombras e silêncios.....	33
3. CAMPOS TEÓRICOS: LENTES QUE MOVEM OLHARES, AMPLIAM ESPAÇOS E PRODUZEM SIGNIFICADOS.....	49
4. PERCURSOS INVESTIGATIVOS: A COMPOSIÇÃO DE UM MOSAICO CULTURAL.....	73
4.1. As fontes virtuais: <i>sites, blogs, comunidades</i>	80
4.2. As publicações: <i>zines, revistas, encartes, seções específicas</i>	96
4.3. Os encontro presenciais: as entrevistas e as observações nas pistas e eventos...103	
5. ESTRATÉGIAS DE SE FAZER VER OU DE COMO CONSTITUIR VISIBILIDADES.....	110
5.1. Quando você é excluída, você faz o seu.....	114
5.2. Encontros, <i>Tours, Campeonatos, Circuitos, Sessions, Oficinas, Escolinhas Pedagógicas</i> ... em busca de outras paisagens.....	132
5.3. Espaços midiáticos: visibilidades conquistadas.....	158

5.4. A profissionalização como visibilidade: aparecer para existir.....	174
6. “NÓS SIMPLEMENTE NÃO QUEREMOS MUDAR DE SEXO”: O SKATE COMO UM ESPAÇO GENERIFICADO.....	188
6.1. O <i>Skate</i> não tem sexo.....	191
6.2. <i>Skate</i> e feminilidades: vaidade, beleza, destemor, ousadia... ..	209
7. REFERÊNCIAS.....	226

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01: Figura 01 – Karen Jones, 2007, p. 12
- Figura 02: Renatinha executando um *frontside airs*, 2006, p. 22
- Figura 03: Peggy Oki e os Z-Boys, déc. 80, p. 35
- Figura 04: Wendy e Danny Bearer, Califórnia, 1965, p. 36
- Figura 05: Giuliana Ricomini, p. 39
- Figura 06: Desfile Loja Mad Corner, p. 39
- Figura 07: Zine *Check It Out*, 1991, p. 43.
- Figura 08: Capa *Check It Out*, 2004, p. 43.
- Figura 09: Medalha de Leni Cobra, 1987, p. 45
- Figura 10: Reportagem com Leni Cobra na Revista Yeah, déc. 80, p. 45.
- Figura 11: Karen Feitosa, 2001, p. 48
- Figura 12: Lyn Z. Adams, 2006, p. 72.
- Figura 13: Página de entrada do *Skate para Meninas*, 2007, p. 85
- Figura 14: Página inicial do blog *Unidas pelo Carrinho*, 2007, p. 90
- Figura 15: Ícone da comunidade *Skate para Meninas*, p. 92
- Figura 16: Página de entrada do site *Mary Jane*, 2007, p. 94
- Figura 17: Agenda com ícone da marca *Mary Jane*, 2007, p. 96
- Figura 18: Imagem do catálogo da marca *Mary Jane*, 2007, p. 96.
- Figura 19: Página da seção *Lilith*, Tribo Skate, nº 62, p. 98
- Figura 20: Capa do encarte *100%SkateGirls*, n.1, 2001, p. 100
- Figura 21: Capa do encarte *100%SkateGirls*, n.2, 2002, p. 100
- Figura 22: Reportagem de inauguração da seção *100%SkateGirl*, 2005, p. 102
- Figura 23: Evelyn Leine, 2005, p. 102
- Figura 24: Karen Feitosa executando um *Hard Flip*, 2007, p. 104
- Figura 25: Marta Linaldi na Pista do IAPI, 2007, p. 106
- Figura 26: Eliana Sosco, 2006, p. 109
- Figura 27: Banner do *Skate para Meninas*, 2007, p. 115
- Figura 28: Giuliana Ricomini, 2001, p. 122.
- Figura 29: Reunião de criação da ABSFE, 2002, p. 124.
- Figura 30: Cartaz do 1º Campeonato promovido pela ABSFE, 2005, p. 127.
- Figura 31: Imagem do site *puroskateboard*, 2004, p. 130
- Figura 32: Cartaz do 1º Encontro Unidas pelo Carrinho, 2004, p. 134
- Figura 33: Participantes do 1º Encontro Unidas pelo Carrinho, 2004, p. 134
- Figura 34: Cartaz do *Poseiden* e *Check It Out Tour* na América Latina, 2007, p. 141.
- Figura 35: Marta Linaldi realizando um *Crooked*, 2007, p. 143.
- Figura 36: Participante do *COPA São Paulo Skate Para Meninas*, 2006, p. 152.
- Figura 37: Capa da *Check It Out* v. 16, 2005, p. 160
- Figura 38: Capa da *100% Skate* com Eliana Sosco, 2006, p. 165.

- Figura 39: Ester Perussi no Programa São Paulo Acontece 2006, p. 168
- Figura 40: Entrevista para o Programa Zona de Impacto 2005, p. 168
- Figura 41: Larissa Carollo, comentarista do *Pro Rad*, 2006, p. 171
- Figura 42: Cartazes de divulgação de atividades de skate feminino, p. 173
- Figura 43: Cartaz da Oficina *Skate para Meninas* na *Lady Fest*, 2007, p. 177.
- Figura 44: Escolinha de *Skate*, São Paulo, 2007, p. 178.
- Figura 45: Oficina na Febem Feminina – São Paulo, 2006, p. 179.
- Figura 46: *Is that a girl?*, Revista *Check It Out*, 2005, p. 187.
- Figura 47: *Skate or die!* Desenho de Tatiane Marques, 2005, p. 191
- Figura 48: Letícia Buffoni, 2005, p. 195.
- Figura 49: Marta Linaldi, *Tour* interior de São Paulo, 2006, p. 197.
- Figura 50: *Skatista* executando manobra, 2006, p. 200.
- Figura 51: *Skatista* executando manobra, 2006, p. 200.
- Figura 52: Eliana Sosco, 2006, p. 202.
- Figura 53: Karen Jones nos X-Games 2007, p. 205
- Figura 54: Logo da Associação Brasileira de *Skate* Feminino, 2002, p. 210.
- Figura 55: Ilustrações de Tatiane Marques com o logo *angel skate*, p. 211
- Figura 56: Placa da marca *Mary Jane* no *Qix Skatepark* – N. Hamburgo, RS, 2007, p. 212
- Figura 57: Premiação Mirim da *COPA São Paulo Skate Para Meninas*, 2006, p. 213.
- Figura 58: Larissa Carollo, 2005, p. 218
- Figura 59: Thais Saraiva, 2005, p. 221.
- Figura 60: Thais Saraiva, 2005, p. 221.
- Figura 61: - Ianire Elloriaga, Revista *Check It Out*, 2005, p. 225



Figura 01 – Karen Jones, 11/04/2007

1. A ESCOLHA DO TEMA: SITUANDO UM UMA CAMINHADA

Desejo,
Necessidade, vontade
Necessidade, desejo,
Necessidade...

(ANTUNES, FROMER e BRITTO, 1987)

A poesia da epígrafe acima fala de desejos, necessidades, vontades... essa música me captura no momento em que escrevo esse texto. Mais precisamente, quando busco compreender algo que me envolve e que desperta potência no sentido de sentir-me capaz de realizar. Em meio a descobertas e desafios, dúvidas e esperanças, adentrei caminhos que, por um momento, pensei saber onde chegariam e, no outro, me deixei contagiar pelas incertezas do que estava por vir, pelo inusitado, pelo que poderia surpreender.

Penso que a eleição de um tema de pesquisa não é somente uma escolha simples ou complexa, mas está para além dessa opção. Na medida em que nos sentimos mobilizados por questões presentes nas relações sociais, econômicas e culturais que estamos vivendo e, nos processos em que elas são produzidas, nos aproximamos de alguns temas que, de certo modo, nos desacomodam e ressoam ao nosso redor.

Rememoro Ana Escosteguy¹ (2001, p. 53), para quem o ato de pesquisar “significa construir interpretações, certos modos de compreender o mundo, sempre historicamente localizados, subjetivos e relativos”. A essa afirmação acrescento as palavras de Silvana Goellner, quando explicita que “pesquisar é evidenciar o conflito, procurar a tensão, ler o não escrito, escutar o silêncio, tocar o improvável, ir além do primeiro olhar e, sobretudo, não se deter a uma explicação factual e dedutível” (1999, p. 4).

Creio que o encontro do tema é, de certa forma, um encontro com aquilo que para nós faz sentido e que, provavelmente, está inscrito nas experiências acumuladas ao longo de nossa história pessoal e profissional. Para Boaventura dos Santos “o objeto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo conhecimento científico é autoconhecimento” (1987, p. 52).

Ciente de que escolhemos nossas pesquisas ao mesmo tempo em que somos por elas escolhidos, reconstruo alguns fragmentos de minha trajetória em direção ao *skate* feminino, tema desta investigação.

No ano de 2004 fui interpelada por vários discursos que circulavam sobre protagonismo juvenil² no Programa de Educação Tutorial da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.³ Dentre esses discursos percebia a inquietação de alguns/as estudantes acerca das relações de gênero e sua articulação com o esporte e o lazer. Em decorrência desta experiência, em um primeiro momento, me senti estimulada a refletir sobre as algumas práticas culturais que interpelam os jovens contemporâneos pensando-os não como uma categoria

¹ Por questão política, sempre que um/a autor/a for citado no texto, na primeira vez que aparece registrarei seu nome e sobrenome mesmo que não esteja de acordo com as regras da ABNT. Busco, dessa forma, conferir visibilidade a quem cito posicionando o/a autor/a na ordem do gênero pois esta fica oculta quando a referência é restrita ao sobrenome.

² O protagonismo juvenil é aqui entendido como “uma espécie de ação cultural. Uma intervenção social da juventude, a partir dos interesses dos próprios jovens” (IULIANELLI, 2003, p. 73).

³ O grupo, nesse momento, era coordenado pela professora Dra. Silvana Vilodre Goellner. Nele atuei como professora colaboradora por dois anos (2004-2006). Em julho de 2006 assumiu sua coordenação a professora Dra. Janice Zapelon Mazo.

unívoca que possui uma “essência” (a juventude), mas como algo que está vinculada aos contextos sócio-históricos produzidos a partir das relações de força de uma determinada sociedade (REGUILLO, 2003).

Nesse mesmo tempo, acompanhei, já de outro lugar (o de mãe) as indignações e posicionamentos de uma adolescente com relação a uma polêmica que se desencadeou em decorrência da linguagem utilizada por um jovem ao analisar o trabalho de mulheres envolvidas com o *graffiti*⁴. Faço menção à Revista Graffiti⁵ que, em uma matéria publicada em 2005, comenta a obra da chilena ACB: “ela pinta tão bem que nem parece mulher” (RIBEIRO, 2005, p. 5).

Tal afirmação promoveu inúmeras manifestações por parte de muitas grafiteiras gerando grande desconforto entre algumas de suas leitoras. Dessa indignação resultou um manifesto escrito pelas integrantes do movimento *Grafiteiras-BR*⁶ no qual sugeriam à revista que desencadeasse uma discussão acerca do que fora publicado, tentando analisar criticamente o “lugar” que destinava, nas suas páginas, às mulheres, também leitoras e consumidoras desse artefato cultural.

Acompanhei com bastante proximidade esse movimento na medida em que percebi que ali se desenhava um espaço de negociação voltado para a conquista de visibilidade por parte de mulheres em um espaço tido como de predominância masculina. Percebi, ainda, que as questões de gênero atravessam todas as práticas sociais produzindo os sujeitos e suas subjetividades. Tema esse recorrente nas discussões realizadas no interior do Grupo de Estudos sobre Corpo e Cultura

⁴ O *graffiti* é a expressão gráfica do movimento *hip hop*: caracteriza-se por pinturas em muros, paredes, murais, vagões de trens e de metrô, ou em qualquer outro espaço inserido nas ruas de centros urbanos. As letras têm destaque nas composições gráficas. O uso do spray é uma das marcas da técnica do *graffiti*.

⁵ Publicação bimestral da editora Escala dirigida ao público produtor e consumidor desta arte. Está no mercado há mais cinco anos.

⁶ Coletivo de garotas que mantém um fórum permanente de debate a respeito da prática do *graffiti*. O manifesto foi publicado na edição de número 28 da Revista Graffiti lançada em maio de 2005

(GRECCO)⁷, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano e ao qual estou vinculada.

A resposta que o editor da revista, Binho Ribeiro, deu ao *Grafitteiras-BR* foi determinante na eleição de meu tema de investigação. No seu parágrafo final faz referência “ao bom exemplo” das “meninas do Skate, que se reuniram, se aliaram e hoje têm revistas e meios de divulgação de suas idéias e pensamentos” (RIBEIRO, 2005, p. 27).

Ao ler essa declaração fui imediatamente capturada por tal afirmação. O *skate*, esporte culturalmente considerado de apropriação masculina, mostrava-se diante de mim como um espaço de disputa onde as mulheres, para serem vistas, precisaram se organizar e produzir seus próprios locais de visibilidade.

Em meio a estas narrativas e, interpelada pelos estudos sobre corpo e gênero, me senti provocada a pesquisar o universo das práticas corporais esportivas de jovens mulheres que transitam em espaços sócio-culturais onde, tradicionalmente, a presença masculina se dá em maior número e com forte representação.⁸

Diante de tais percepções acolho o *skate* feminino como o *locus* de minha investigação pois percebo esta prática esportiva como um território que contempla inúmeras questões afetas às relações de poder que circulam em torno da busca de significações. Sobretudo para as mulheres, dadas as diferenças existentes no seu interior, no que se refere a questões tais como patrocínio, inserção na mídia, realização de campeonatos, valores das premiações, visibilidade junto às instituições oficiais do esporte, entre outras.

Quando pensamos na categoria “gênero”, por exemplo, é possível evidenciar que, se por um lado, as mulheres se fazem presentes nas cenas públicas das práticas

⁷ Criado em 2002 é coordenado pela professora Silvana Goellner e pelo professor Alex Branco Fraga.

⁸ De certa forma, este tema já estava presente em mim desde o curso de mestrado, onde analisei representações de corpo feminino em um artefato cultural direcionado para meninas adolescentes. Sobre o tema ler: FIGUEIRA, Márcia Luiza, “Representações de Corpos Adolescentes na Revista *Capricho*” (2002).

esportivas há muito tempo, por outro, essa presença muitas vezes não contempla as suas competências na condição de sujeito praticante e protagonista.

Fundamentada no aporte teórico dos Estudos Culturais, Feministas e de Gênero, particularmente na sua vertente pós-estruturalista, privilegiando os estudos de Michel Foucault, esta pesquisa objetiva compreender como as praticantes de *skate* constroem seus lugares de sujeito no universo desta prática esportiva. Objetiva, ainda, analisar as representações de gênero que circulam no entorno desta prática.

Para tanto, elejo como questões norteadoras da investigação:

- 1) Quais as estratégias que as *skatistas* constroem para se fazer ver no universo de um esporte tomado como de hegemonia masculina? Como se posicionam como sujeitos desta prática?

- 2) Quais as representações de gênero que circulam no entorno do *skate* e como as *skatistas* se relacionam com elas?

Considerando o referencial teórico que ancora esta pesquisa, entendo que as diferentes posições que os sujeitos ocupam na sociedade contemporânea não é algo que já está dado, pronto. Ao contrário, são construídas e negociadas no interior de disputas que envolvem relações de poder. A representação, neste caso, opera como um sistema que produz os lugares nos quais os sujeitos se posicionam ou são posicionados; é também, através dela que podemos compreender quem somos. Ou seja, a representação produz identidades e o termo não é tomado, aqui, a partir de um viés psicológico ou individual mas como o conjunto de características através

das quais diferentes grupos sociais se definem como grupo. Compreendem aquilo que são ou que não são, inclusive do ponto de vista das questões de gênero, ou ainda, da construção de feminilidades e masculinidades.

Para analisar as questões de gênero que atravessam a identidade das *skatistas* e as representações que sobre elas se produzem, busco fundamentação em Joan Scott que, ao propor o gênero como categoria de análise, aponta para a necessidade de rompermos com dualismo masculino/feminino, observados como naturais, diferentes e contrapostos. Para a autora, masculinidade e feminilidade são construídas historicamente sendo o gênero “um elemento constitutivo de relações sociais baseada nas diferenças percebidas entre os sexos, é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Ao me apropriar destes conceitos como ferramentas analíticas busco problematizar os discursos e as práticas que conferem pouca visibilidade às mulheres no universo cultural do *skate* bem como as representações de gênero que estão imbricadas nesta participação. Entendo que a sua presença neste território se configura como um espaço onde o poder é exercido, negociado. As *skatistas*, ao deslizarem sobre as “rodinhas” nas praças, ruas, campeonatos, revistas, *sites*, nos programas de televisão, entre outros, exercem o poder de mostrar o que sabem, quem são e de posicionarem-se como sujeitos praticantes de *skate*. E assim, colocam em ação várias representações acerca dos corpos, gêneros, sexualidades, habilidades esportivas, gerações, entre outros marcadores sociais. Ao buscarem estratégias para se fazer ver neste esporte estão buscando afirmar que este espaço também é seu. Que o *skate* é para meninas⁹!

Lembremos que a ausência de falas e referências sobre as *skatistas*, ou ainda, a pouca menção que se faz a elas em várias instâncias culturais, de forma alguma significa sua inexistência, nem mesmo sua inadequação a esta prática esportiva. O

⁹ Tomo esta expressão da denominação de uma das fontes privilegiadas desta investigação, o *site Skate para Meninas*.

não dito diz tanto quanto o dito. Em outras palavras, os discursos constituem não apenas o que dizem e nomeiam mas, inclusive o que silenciam. Para Michel Foucault (1988) “não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante de estratégias que apóiam e atravessam os discursos” (p. 30).

Ao garimpar as fontes para narrar as estratégias de visibilidades que as *skatistas* constroem e as representações de gênero que circulam no seu entorno, localizei uma rede de enunciados que chamaram minha atenção para o que mostrava a respeito do lugar que as jovens mulheres *skatistas* ocupam na atualidade. Percebi, ainda, que suas histórias foram sendo produzidas através de determinadas condições, “sob as quais se manifesta tudo o que tem uma existência mental, os enunciados e os regimes de linguagem” (DELEUZE, 1995).

A opção por analisar o *skate* feminino justifica-se a partir de duas grandes perspectivas: do ponto de vista acadêmico, visto serem poucas as publicações na Educação Física brasileira que articulam as teorias pós-críticas, as epistemologias feministas e os estudos de gênero. Do ponto de vista político, dado que pouca visibilidade se confere às mulheres no âmbito de determinadas práticas corporais e esportivas, dentre elas o *skate*. Adoto como ato político o fato de buscar evidenciar o protagonismo de mulheres *skatistas* que, através da sua participação neste esporte, têm contribuído para desconstruir representações assentadas nas dicotomias e hierarquias de gênero.

Após essa breve explicitação acerca da escolha do tema, da ancoragem teórica, dos objetivos e das questões que norteiam a investigação, prossigo na apresentação dos demais capítulos que compõem esta tese.

O segundo capítulo, intitulado *O skate feminino no Brasil: um esporte em construção*, descrevo, de forma sucinta, as origens deste esporte destacando a inserção das mulheres nesta prática. Mais do que tratar do tema a partir de uma abordagem historiográfica, trago alguns fragmentos de sua história para

contextualizar o *skate* feminino brasileiro evidenciando tratar-se, ainda, de um esporte que busca sua estruturação e profissionalização.

O terceiro capítulo, denominado *Campos teóricos: lentes que movem olhares, ampliam espaços e produzem significados* apresenta o referencial teórico-metodológico que ancora a investigação. Nele desenvolvo algumas reflexões sobre alguns dos conceitos com os quais opero na análise das fontes investigativas.

O capítulo quatro é dedicado à apresentação do material empírico da pesquisa. Intitulado *Percursos investigativos - a composição de um mosaico cultural*, explicita como foram produzidas e analisadas as fontes de investigação. Ao detalhá-las busco situar o leitor nos percursos que realizei para eleger tais fontes e a relevância destas para o *corpus* do trabalho.

No capítulo cinco, que tem a denominação *Estratégias de se fazer ver ou de como constituir visibilidades*, analiso várias das ações promovidas pelas *skatistas* em prol de serem reconhecidas como sujeitos dessa prática cultural. Ou seja, como dão movimento ao enunciado de que *o skate não é só para meninos*.

O sexto e último capítulo direciona-se para a análise das representações de gênero que circulam em torno do *skate*, esporte culturalmente considerado de dominância masculina. Ao lhe conferir o título "*Nós simplesmente não queremos mudar de sexo*": *o skate como um espaço generificado* desenvolvo algumas reflexões que buscam evidenciar que as diferenciações que se faz, no Brasil, entre o *skate* masculino e o feminino são de ordem política e cultural que se afastam de argumentos de cunho biologicista. Nesse capítulo analiso, ainda, algumas representações de feminilidade que figuram no universo cultural do *skate*.

Por fim gostaria de evidenciar que a separação e ordenação dos capítulos cumprem um objetivo didático e direciona-se para a condução do leitor no percurso por mim percorrido para a elaboração desta tese de doutoramento. Com isso estou a afirmar que as análises não são fixas em um ou outro capítulo: atravessam fronteiras,

deslizam entre eles, repetem-se, diversificam-se. Reconheço esse movimento com aquele que pude, neste tempo, realizar. Um movimento que não é estanque, nem preciso, nem exato. Um movimento que, como o desencadeado pelas *skatistas* em prol de seu reconhecimento, está, também, em constante construção.

É esse movimento que é meu e delas que essa investigação apresenta.



Figura 02 – Renatinha executando um *frontside airs*, 2006

2. O SKATE FEMININO NO BRASIL: UM ESPORTE EM CONSTRUÇÃO

2.1. O *skate* como um esporte contemporâneo

O *skate* está inscrito no vasto cenário mundial dos esportes do século XXI. Esse cenário é plural e complexo quando compreendido no que podemos chamar de sua historicidade. Desenvolvido e estruturado em meio às transformações e processos sócio-culturais e políticos, tem um modelo - regras, técnicas, definição de condições de participação, entidades reguladoras, patrocínios, *marketing*, entre outras - que nos permite identificá-lo como sendo o *skate* e não outra prática qualquer. O esporte sobre o qual discuto nesse trabalho é aquele que se estrutura na sociedade moderna¹⁰ cuja origem não pode ser entendida como uma continuidade do esporte praticado na Antiguidade mas que adquire essa conformação em consonância com os princípios que regem a modernidade, em especial, a partir do final do século XIX.¹¹

Considerado como uma prática esportiva vinculada ao que se denomina de “esportes radicais”, o *skate*, segundo o “Atlas do Esporte no Brasil”, assim se

¹⁰ Comparação objetiva de desempenho, regras oficiais, institucionalização, racionalização das práticas e do treino na busca da maximização do desempenho são algumas das características do esporte moderno (GUTTMANN, 2004).

¹¹ Sobre esse tema ler: BRACHT, Valter, Sociologia crítica do esporte: uma introdução; STIGGER, Marco P., Educação Física, Esporte e Diversidade; MELO, Victor, Esporte. In: GOMES, Christianne L. (org.), Dicionário Crítico do Lazer.

caracteriza porque sua prática é marcada pela perspectiva do desafio: vencer obstáculos, enfrentar fenômenos naturais e físicos, experimentar a sensação do perigo (DA COSTA, 2005). Ao discutir a definição de esportes radicais adotada no Brasil, Ricardo Uvinha tece as seguintes considerações: “são esportes que têm em comum o gosto pelo risco e pela aventura, muitos com a proposta de se engajar também em causas de preservação ecológica” (2001, p. 21-22).

Aventura, risco, destemor, desafio são palavras associadas ao que se denomina, na sociedade contemporânea, como “esportes radicais” cuja prática, de certa forma, reorganiza o sistema esportivo tradicional promovendo uma renovação simbólica do imaginário esportivo até então existente. Segundo Vera Menezes Costa, mais do que alterações nas características físicas ou técnicas das práticas esportivas esta denominação relaciona-se aos modos através dos quais se percebe estas práticas.

Vistos como práticas criadas na ruptura com as práticas convencionais, os esportes de aventura, de risco, da natureza ou radicais remanejam os elementos existentes nos esportes anteriores, dando-lhes novas configurações (COSTA apud BITENCOURT et al, 2005, p. 411).

Modalidades como o *surf*, o arvorismo, o *trekking*, o alpinismo, o pára-quedismo, o *rafting*, o montanhismo, o *snowboard*, o *bodyboard* e o *skate*, entre outras, inserem-se nessa denominação na medida em que promovem, de certa forma, uma ressignificação dos movimentos, criando o que Christian Pociello (1995) identifica como sendo a produção de um novo gesto esportivo e de novos espaços de exercício. Para além da força, resistência e flexibilidade esses novos gestos exigem domínio e, sobretudo, um controle informacional sobre o corpo pois “a hábil pilotagem dessas máquinas (*surf*, *skate*, pranchas, asas delta, caiaques...) produz novos gestos acrobáticos e aéreos, permite a exploração de novas energias, busca novas sensações e abre novos espaços de jogos” (p. 117).

Privilegiando a individualização de comportamentos essas práticas esportivas relacionam-se à espetacularização dos corpos e também à estetização do gesto esportivo. Ao pensar sobre os modos de transformações relacionadas aos usos do

corpo na sociedade contemporânea, Gilles Lipovetsky identifica alterações no que tange aos significados da prática esportiva, onde há um certo deslocamento da formação moral e da aprendizagem das virtudes como acontecia na modernidade, para o que podemos identificar de espetacularização e individualização das aparências.

O desporto libertou-se do lirismo das virtudes, acertou o passo com a lógica pós-moralista, narcísica e espetacular. Não é a virtude que legitima, mas sim a emoção corporal, o prazer, a forma física e psicológica, o desporto tornou-se um dos emblemas mais significativos da cultura individualista, narcísica centrada no êxtase do corpo (LIPOVETSKY, 1994, p. 130).

As novas características que o esporte assume na cultura hedonista refletem-se na pulverização como também na pluralização dos sentidos e significados a ele agregados, cujas repercussões podem ser identificadas na emergência de novas e diferentes formas de práticas esportivas, tais como os chamados esportes radicais. (LIPOVETSKY, 1994).

O esporte, portanto, como um fenômeno contemporâneo incorpora representações, valores, marcas deste tempo, cujos modos de acontecer são ressignificados pelos sujeitos que o praticam nos contextos específicos onde praticam. Nesse sentido, é sempre um campo de disputa cuja valorização, visibilidade e significação decorrem não apenas de sua prática, mas dos processos que o constituem e de seu entorno.

Se pensarmos no esporte contemporâneo a partir dessa perspectiva, podemos analisá-lo a partir das inferências apontadas por Lipovetsky (2005), quando afirma que na era do espetáculo esta prática afastou-se do “lirismo das virtudes”, entendido aqui como os processos moralistas que buscavam direcionar a práticas de exercícios físicos, na primeira metade do século XX¹². Segundo o autor, hoje são outros os

¹² Cabe aqui esclarecer que nem todos os elos foram rompidos entre o esporte e a moral. Ele constitui discursos e práticas que atribuem, por exemplo, ao esporte a função de socialização, contenção e inserção de jovens representados como violentos e desprovidos, tais quais os povoam as periferias das grandes cidades. A relação entre a prática do esporte e o afastamento do consumo de drogas ilícitas também pode ser analisado nesta mesma ótica moralizadora.

conceitos que orientam o esporte que, em grande medida, estão mais afinados com ideais hedonistas ligados ao prazer, à estética e à superação de si mesmo.

Tal percepção me auxilia olhar para o *skate* reconhecendo-o também como uma prática que investe sobre os corpos que o praticam ao possibilitar a vivência de emoções fortes, a descoberta do seu próprio potencial e capacidade de superação do seu desempenho. Segundo o autor,

[...] estamos diante do esporte-lazer, esporte-saúde, esporte-desafio. Das práticas esportivas almejamos sensações e equilíbrio interno, auto-satisfação e evasão, “silhueta” e distensão. [...] a procura do equilíbrio interno, a vitória sobre si tornaram-se valores prioritários. (LIPOVETSKY, 2005, p. 89)

É dentro do cenário do esporte contemporâneo que analiso o *skate* feminino brasileiro. Ao buscar apreender seus movimentos estou ciente de que são diversos os sujeitos que aderem a esta prática visto serem distintos, tanto os modos como ocorre esta adesão, quanto às razões que interpelam as mulheres a essa escolha. Ainda que o foco deste estudo seja a participação das mulheres no universo cultural do *skate*, considero importante narrar alguns fragmentos históricos desta modalidade esportiva, não para analisá-lo em profundidade mas apenas para situar o/a leitor/a no contexto no qual esta prática se constituiu.

2.2. Fragmentos históricos e desafios urbanos

Vários são os autores e autoras que identificam a origem do *skate* como uma variação e também como uma alternativa à prática do *surf*, em especial em espaços onde não havia a possibilidade de “pegar onda”. (BITENCOURT et al, 2005; HAMM, 2004; UVINHA, 2001; BRITTO, 2000). Essa identificação, provavelmente é assim assumida, porque o início dessa prática corporal é atribuída à criatividade dos surfistas da Califórnia, nos Estados Unidos, quando, no início da década de 60, propuseram a realização de manobras semelhantes às realizadas nas pranchas de *surf*

em outro equipamento¹³. Quando instalaram rodilhas de patins em um pedaço de madeira com o formato de uma prancha de *surf*, porém, em tamanho e proporções menores, criou-se o objeto *skate*.

Inicialmente o *skate* foi considerado como uma das práticas de lazer vinculadas aos jovens que experienciavam formas de viver a liberdade, o prazer dos corpos em movimento e a ocupação do tempo livre. Desde então, no Brasil, a denominação *skate* assumiu um sentido polissêmico: refere-se tanto ao equipamento com o qual se realiza a prática quanto ao nome que designa esta prática, seja por lazer ou como um esporte de competição.

Nomeado de *sidewalk surf*, ou *surf* de rua, nesse momento “surfear” no asfalto era uma brincadeira de adolescentes e jovens, entendida também, como experiência de liberdade e expressão pois, ao vivenciá-la, criavam inusitadas manobras, constituindo uma prática diferente daquela vivenciada no mar. Dessa diferenciação resultou uma nova denominação para essa atividade que passou, então, a ser chamada de *skateboard* (BITENCOURT et al, 2005).

A descoberta do poliuretano¹⁴ pelo engenheiro químico Frank Nashworthy, foi determinante para a potencialização dessa prática, visto que este material passou a ser utilizado na fabricação das rodas do *skate*. Com esta nova tecnologia, o equipamento adquiriu outras características: rodas mais silenciosas e aderentes ao solo, por exemplo, o que possibilitava andar com mais velocidade, imprimindo maior segurança aos praticantes que, por sua vez, passaram a ousar mais ainda na criação de diferentes manobras.

No Brasil, é também em meados da década de 60 que o *skate* aparece no cenário das práticas esportivas. Estava também associado ao *surf* pois, nesse

¹³ Christian Pociello denomina o *skate* assim como o *surf*, o *windsurf*, o *roller* e o *mountainbike* como “esportes californianos”. Gilles Lipovestsky (2007) denomina “esportes de prancha” modalidades tais como o *skate*, o *surf*, o *windsurf* e o *snowboarding*.

¹⁴ Polímero sintético obtido a partir da reação química de dois compostos (poliisocianato e polioliol). Considerado de alto desempenho em vários produtos industriais.

período, alguns atletas desse esporte aderiram a nova prática corporal quando estiveram na Califórnia.¹⁵ Além disso, algumas informações acerca de sua prática eram veiculadas em publicações especializadas em *surf* que divulgavam campeonatos, eventos e atletas, bem como as últimas novidades esportivas adotadas por jovens americanos e de outros países. Enfim, foi a partir do *surf* que os brasileiros se aproximaram do universo do *skate* (BITENCOURT et all, 2005; UVINHA, 2001; BRITTO, 2000; BASTOS, 2005).

Durante algum tempo a prática do *skate* revestiu-se de um caráter estritamente amador. Andava-se nas ruas, nas calçadas, nos estacionamentos e nas quadras esportivas sem que houvesse a institucionalização dessa prática corporal, o que nos permite dizer que nesse momento era reconhecida como atividade de lazer. A partir da década de 70 do século XX, começa a se delinear o processo de esportivização¹⁶ desta prática corporal, com o surgimento dos primeiros circuitos competitivos e dos campeonatos. Nesse momento, começava a ganhar visibilidade algumas equipes que, paulatinamente foram conquistando o patrocínio de fabricantes de materiais de *surf*. Estes mesmos fabricantes iniciaram a investir nesta nova “onda” esportiva através da industrialização das peças que compõem o objeto *skate*: as rodas, os eixos e as tábuas ampliando, assim, as possibilidades de uso deste artefato esportivo.

Tal movimento começou a conquistar um maior número de adeptos ao mesmo tempo em que sinalizava para um futuro promissor em termos de ampliação do número de praticantes e também do surgimento de espaços onde fosse possível realizar essa prática. A partir dessa demanda tornou-se necessário criar áreas

¹⁵ É importante registrar que o *surf* é praticado no Brasil desde a década de 30. Foram pioneiros Thomas Rittscher, americano naturalizado brasileiro e Osmar Gonçalves, paulista. (BITENCOURT et all, 2005).

¹⁶ Segundo González (2005), esportivização pode ser entendido como o processo de transformação de práticas corporais originadas em contextos não competitivos e, particularmente, não institucionalizadas em modalidades esportivas, assumindo os códigos do esporte de rendimento quando não foram originalmente concebidas com este sentido. Cita como exemplo, o judô, o caratê, a ginástica aeróbica de competição e o *skate*.

específicas para andar e para a competição deste novo esporte, a exemplo de outros países onde houve a proliferação dos *skateparks* - locais onde se construíam pistas para andar de *skate*.

Em 1976 foi inaugurada a primeira pista da América Latina, em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, local onde foi realizado, em julho de 1977, o primeiro campeonato brasileiro de *skate*. A partir de então, novos espaços destinados à prática do *skate* começam a alterar a arquitetura das cidades. Nos anos 70 foram construídas as pistas *Wavepark e Franet* em São Paulo e a pista de Campo Grande no estado do Rio de Janeiro (CHAVES, 2005). No Rio Grande do Sul foi construída, em 1978, a pista *Swell* na cidade de Viamão e, em 1979, a Pista do Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre. No entanto, foi no final dos anos 80 e início dos anos 90 que o esporte expandiu-se através da “construção de pistas por todo o Estado, salto no número de praticantes, difusão do estilo dos skatistas (modos de vestir, falar), criação da Federação Gaúcha de Skate, e inclusive a conquista de um título nacional por um riograndense” (GRAEFF e PETERSEN-WAGNER, 2005, p. 62).

Mais do que fazer uma história dessa modalidade esportiva, interessa nessa pesquisa evidenciar que o *skate*, na atualidade, pode ser considerado uma prática com representação e destaque no cenário esportivo e cultural¹⁷. No Brasil, promoveu a eclosão de uma indústria própria, especializada na criação de uma série de materiais, equipamentos, serviços e artefatos culturais direcionados para a sua divulgação. Vídeos¹⁸, revistas¹⁹, roupas²⁰, calçados²¹, *sites* na internet²², equipamentos

¹⁷ Segundo o Atlas do Esporte no Brasil, os esportes radicais agregam mais de oito milhões de praticantes no país. (DA COSTA, 2005).

¹⁸ A revista *100%Skate* produziu o vídeo “Desafio de Rua” rodado em Goiânia. Esse documentário foi exibido pelo Canal ESPN Brasil dia 23 de maio de 2006. Pode ser adquirido no *site* da Revista www.cemporcentoskate.com.br. Neste mesmo *site* é possível assistir *on-line* vários pequenos vídeos de campeonatos, manobras, atletas.

¹⁹ As revistas especializadas com destaque no mercado editorial brasileiro são: *100% Skate* e *Tribo Skate*.

²⁰ Algumas marcas esportivas estão vinculadas à prática do *skate* tais como a *Pixel, Element* e *Hooks*.

²¹ Tais como as marcas *Freedom Shoes* e *Globe*.

²² Tais como: www.brasilskate.com; www.cbsk.com.br; www.skatenaveia.com.br.

e acessórios são facilmente acessados por aqueles que se interessam por essa prática esportiva.

A mídia televisiva tem proporcionado a exibição de muitos campeonatos e acompanhado os circuitos incluindo essa modalidade na grade de programação de alguns de seus canais²³. Essa circularidade do *skate* em diferentes instâncias culturais, ao mesmo tempo em que possibilita sua expansão e afirmação como uma prática esportiva e de lazer, contribui para a consolidação de um mercado crescente e promissor²⁴ evidenciando que essa modalidade, assim como várias outras, vive e, por vezes, se alimenta da sua mercadorização.²⁵

Realidade esta presente não apenas no Brasil. Miguel Cornejo Améstica et al (2006), ao analisarem o *skate* urbano juvenil no Chile, tecem as seguintes considerações:

Los efectos del desplazamiento urbano como lo son el skate, representan un movimiento lleno de transformaciones tecnológicas, técnicas, culturales y sociales que no está alejada del marketing. En este aspecto, las grandes industrias han influido claramente en el desarrollo de estas prácticas, principalmente a través de la renovación tecnológicas (p. 29).

É crescente o número de marcas de fabricantes de equipamentos e da indústria da moda esportiva que patrocinam atletas do *skate*. Nessa relação os esportistas aparecem promovendo produtos específicos como, *shapes*, rolamentos, (peças cada vez mais especializadas e tecnicamente manejáveis), tênis, camisetas, bermudas e

²³ O canal ESPN Brasil tem freqüentemente veiculado informações e notícias referentes ao *skate* bem como transmitido, ao vivo, campeonatos nacionais e internacionais. Veicula, ainda, um programa quinzenal intitulado “Skate Paradise”.

²⁴ Segundo os dados obtidos no *site* da Confederação Brasileira de *Skate*, o mercado deste esporte fatura 200 milhões de reais por ano. Produzido e alimentado por empresas tais como a *Crail*, que concentra sua produção em peças e exporta para os Estados Unidos e Europa; a *Quix*, que fabrica calçados e exporta para o Mercosul e a *Drop Dead/Drop Shoes* que, além de produzir peças, ampliou seus produtos para o mercado de vestuários e calçados, exportando para alguns países do Mercosul e Japão. Além dessas empresas, outras se destacam como patrocinadoras de alguns atletas tais como as multinacionais, *Reef*, *Element*, *Lost* e *Plasma*.

²⁵ A mercadorização do esporte é entendida aqui como a “extensão da lógica da mercadoria para o âmbito das práticas corporais (de lazer), tanto no sentido do consumo, de prestação de serviços (serviços e equipamentos) quanto na produção e no consumo do espetáculo esportivo e de seus subprodutos” (BRACHT, 2002, p. 196).

bonés. As campanhas veiculadas na mídia especializada (revistas, sites, programas de televisão), em sua grande maioria, popularizam e impulsionam o consumo fazendo com que essa aparição seja, também, uma extensão do trabalho do atleta. Não podemos esquecer que na sociedade do consumo, o corpo se tornou um lugar de investimento da economia de mercado e principal objeto de consumo” (COUTO, 2007, p. 49).

O *skate* não está distante dessa realidade. A presença dos atletas nas diferentes mídias, acaba por promover o esporte e divulgar marcas que o patrocinam, possibilitando, ainda, a associação entre os produtos que divulgam com um determinado estilo de vida.

A relação com o patrocínio não é abundante nem mesmo facilmente obtida na modalidade esportiva do *skate*. O sucesso ou não no âmbito dos apoios financeiros depende, em grande medida, da ação dos próprios *skatistas* que, além de terem um bom desempenho nas pistas precisam saber vender a si próprios, fazendo-se ver. Billy Graeff e Fernando Rieth, ao analisarem a trajetória social de *skatistas* patrocinados demonstram que para se manter no “subuniverso do patrocínio” se torna necessário

o domínio dos conhecimentos referentes a viagens ao exterior – sem o que o *status* social (capital social) do *skatista* pode ser questionado, a questão da própria imagem – do que depende também o interesse de patrocinadores -, o encaminhamento das atribuições individuais em vistas de “fazer o corre”, o conhecimento e o efetivo sucesso nas relações como empresários – sem o que ficam dificultados os patrocínios -, a relação com as pessoas da mídia especializada – um dos canais de conhecimento e de propaganda mais relevantes, - e um alto grau de envolvimento, a integralidade (2007, p. 175).

Apesar destes autores não entrevistarem *skatistas* mulheres, as conclusões que chegam podem ser adaptadas ao seu universo. Agregando-se, claro, maior grau de dificuldade pois para elas a busca de patrocínio requer, antes de tudo, tornarem-se visíveis. Afinal, como venho reiteradamente, afirmando, no Brasil o *skate* feminino ainda é um espaço em construção. Diferentemente do masculino cuja adesão ao

esporte já é algo que está naturalizado e, portanto, algo que não precisa ser dito, nomeado, chamado a ver.

Ao analisar sobre as formas como se estabelecem as posições de sujeitos no interior de uma cultura, Guacira Louro (2005), tece algumas reflexões que podem ser aproximadas da análise que estabeleço acerca da hierarquização que se estabelece entre o *skate* masculino e feminino no Brasil. Quando explicita que cada cultura estabelece o que é considerado o normal, o diferente e excêntrico, por exemplo no que se refere ao gênero e a sexualidade, evidencia que a posição central é considerada como a posição não problemática sendo que todas as outras posições de sujeito, de alguma forma estão ligadas e subordinadas a ela. A posição central, neste caso específico é ocupada pela identidade masculina, branca e heterossexual e em função da qual todos os “diferentes” são nomeados.

Aproximando essa argumentação do universo cultural do *skate* é notória a posição de centro ocupada pelos homens que, em virtude disso, é tomada como referência. As mulheres são as outras, estão à margem; razão pela qual disputam posições de sujeito pois como qualquer produto da cultura, o *skate* é, também um território pleno de embates.

Problematizar essa hierarquização significa desconstruir os discursos que afirmam o lugar privilegiado de quem está no centro. Afinal, é exatamente e recitação contínua desse lugar como posição central que “nos faz acreditar em sua universalidade e permanência, nos ajuda a esquecer seu caráter construído e nos leva a lhe conceder a aparência natural” (LOURO, 2005, p. 44).

Para desconstruir aquilo que é tomado como normal, há que buscar elementos na sua historicidade visto que nada surge ao acaso, pronto e já acabado. Todas as práticas, representações, idéias e discursos assim o são porque foram produzidas (dessa forma e não de outra qualquer) em determinado tempo, cultura e sociedade. A inserção e permanência das mulheres no *skate* podem ser entendidas dessa forma.

2.3. Mulheres *skatistas*: entre sombras e silêncios

Compreender o universo cultural do *skate* feminino no Brasil pressupõe analisar os modos através dos quais se dá a produção do sujeito *skatista*; como as mulheres se posicionam nesta prática e como são posicionadas. Pressupõe, ainda, articular essas posições com as redes de representações que produzem significados em relação ao que vem sendo dito sobre essa prática, bem como, acerca de quem é ou não autorizado a praticá-la.

Para melhor apreender esse movimento, recorro a fontes diversificadas (entrevistas, *sites*, revistas, *blogs*, imagens, vídeos, etc) nas quais ecoam suas vozes dado que nas oficiais circulam poucas informações sobre elas, suas histórias, suas conquistas²⁶. Silêncio que não significa ausência pois, desde as origens do *skate*, as mulheres lá estiveram, deslizando nas ruas, pistas, piscinas e *skateparks*.

No exercício de produção das fontes de pesquisa e de localização das mesmas identifiquei duas publicações que contemplam, em si mesmo, elementos riquíssimos para essa análise. Ambas trazem como objetivo contar um pouco sobre a trajetória do *skate*, seja nos Estados Unidos, seja no Brasil. Organizadas por *skatistas* homens, narram estas histórias a partir da posição central, qual seja, “deles”. As mulheres, quando aparecem, estão em uma posição de subordinação em relação à referência.

Gostaria de esclarecer que ao descrever essas duas publicações, de certa forma, as analiso pois percebo ambas as fases como imbricadas uma na outra. O fato de evidenciar, neste capítulo, essas duas publicações (o que poderia ter sido feito no

²⁶ O *site* da Confederação Brasileira de Skate ignora a existência de atletas mulheres que tem visibilidade no Brasil e no exterior. Não há menção alguma sobre elas.

capítulo onde analiso as estratégias de visibilidade desenvolvidas pelas *skatistas*) justifica-se porque, ao perceber a sua não visibilidade, é que tive condições de possibilidade para investir no sentido oposto: qual seja, os modos através das quais elas se fizeram ver.

O livro que faço referência intitula-se *Scarred for life: eleven stories about skateboarders*. Foi escrito por Keith David Hamm e aborda a história desse esporte no contexto americano desde o início dos anos 60 do século XX onde são destacadas as trajetórias de onze *skatistas*, considerados pelo autor como “os melhores”. Não há referência explícita às mulheres que, desde os primórdios do esporte, realizaram experiências sobre o *skate*.

No capítulo que aborda os anos 90, algumas atletas são chamadas à cena e um destaque é conferido a Jessica Starkweather²⁷. Ao fazer uma espécie de biografia dessa atleta, o autor traz algumas citações isoladas, dá voz a algumas mulheres através da publicação de algumas frases soltas que não estão incorporadas aos textos, publica fotografias mas não contextualiza suas trajetórias como faz com os destaques masculinos.

Ao folhear atentamente a publicação, duas questões chamam minha atenção: a foto de Wendi Bearber²⁸ andando de *skate* com o irmão, em 1965, na Califórnia e uma pequena fala de Peggy Oki²⁹, a única mulher que participou do lendário grupo “Z-Boys”³⁰ que, nos anos 70, marcou o *skate* mundial. Apesar destas referências

²⁷ *Skatista* norte-americana considerada como uma das melhores desde o início do século XXI.

²⁸ Wendi participava do grupo *Hobie Guys* composto por George Trafton, Torger Johnson, Danny Bearer (seu irmão) e Collen Boyd (HAMM, 2004, p. 21).

²⁹ “O *skate* realmente deu certo para mim. Nunca pensei nele (como profissão) para pagar o aluguel. Eu apenas encontrei um lugar onde me encaixava, com pessoas com as quais eu queria me relacionar e eu realmente estava me tornando boa, sendo patrocinada e respeitada. Eu não queria perder essas coisas boas que encontrei” (tradução livre) (HAMM, 2004, p. 159).

³⁰ Os *Z-Boys* (conhecidos assim por formarem um time de *skate* e *surf*, chamado *Zephyr Team*) revolucionaram o *skate* nos anos 70 pela ousadia das manobras e pela exploração de novos espaços para “surfing no asfalto”, como por exemplo, em piscinas. O grupo era formado por Tony Alva, Bob Biniak, Chris Cahill, Paul Constantineau, Shogo Kubo, Jim Muir, Nathan Pratt, Wenzel Ruml, Allen Sardo, Peralta, Jay Adam e Peggy Oki (HAMM, 2004, p. 78). Sobre esse grupo há um famoso documentário intitulado *Dogtown and the Z-Boys* dirigido por Steve Peralta (2000).

aparecerem soltas no livro ao me deparar com elas tive a confirmação do que já supunha: desde os primórdios do *skate*, elas estavam “surfando sobre rodas” no asfalto californiano, mesmo que seus nomes figurem sob o masculino genérico das equipes intituladas *Hobie Guys* e *Z-Boys*.



Figura 03 - Peggy Oki e os Z-Boys

A presença das mulheres no cenário do *skate* americano é anunciado por Hamm. No entanto, na sua narrativa discursiva, foram colocadas na margem, no lugar do excêntrico, ou melhor, de quem não está no centro. Foram diluídas no coletivo sem que se destacasse histórias particulares no âmbito deste esporte. Nas suas palavras:

Com certeza, sempre houve mulheres praticantes do *skate*, mesmo nas fases iniciais do esporte. Durante os anos 60, times nacionais, como *Hobie*, contavam com mulheres. Durante os anos 70, as mulheres competiam (tipicamente no *freestyle*, a competição de maior elegância ginástica, e no *slalom*) em divisões próprias e freqüentavam quase todos os parques de *skate*. Contudo, durante os anos 80, quando os parques de fácil acesso tornaram-se fenômeno de passado, *backyard vert-ramp riding* tomou conta do cenário, e o “*punk rock*” veio a substituir o que hoje em dia chama-se “*rock clássico*” como trilha sonora característica das sessões. Assim, o esporte veio a ser dominado – com poucas exceções – pelo sexo masculino. No entanto, os anos 90 trazem uma nova mudança de rumo. Talvez possa

chamar-se “*girl power*”; talvez possa chamar-se tédio. Ou a revolução das *tomboys*. Ou o desmanche dos estereótipos. Ou a influência do *snowboarding*. Ou talvez um pouco de tudo isso (2004, p. 155) [tradução livre]

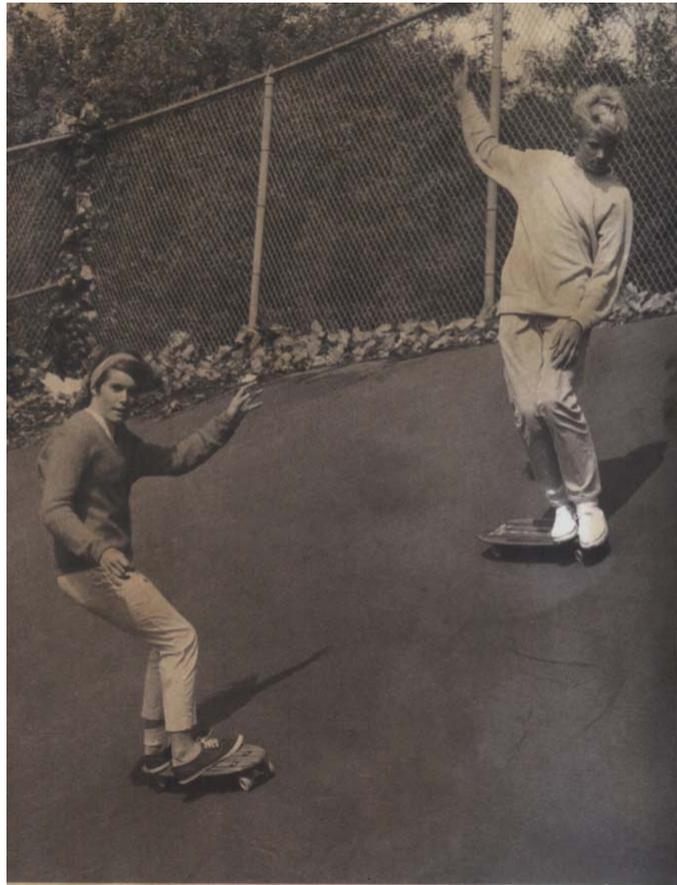


Figura 04 - Wendy e Danny Bearer, Califórnia, 1965

Ao problematiza a pouca visibilidade conferida às mulheres neste livro e em outras tantas publicações que referem o *skate*, não estou querendo afirmar que as mulheres participam deste esporte em condições de igualdade com os homens, tanto no seu acesso quanto na sua permanência. Essa é uma questão menor, pois é absolutamente óbvio que este esporte (e tantos outros) tem sido marcado por uma grande presença de participantes homens. Segundo Norbert Elias e Eric Dunning

(1992), o esporte rege-se por uma forma particular de reserva masculina visto que suas características estão muito próximas de atributos que discursivamente foram associados ao masculino, tais como força, potência, virilidade.

Mais do que analisar a legitimidade adquirida ou não por homens e mulheres no *skate*, busco compreender as condições que promoveram a diferenciação entre eles e, mais especificamente, conferir visibilidade as ações desencadeadas pelas *skatistas* para posicionarem-se como sujeitos desta prática.

Pensando nesta perspectiva, recorro a Becky Beal (2001) quando afirma que vários fatores têm historicamente desfavorecido a participação de mulheres no universo do *skate*. O principal deles relaciona-se às representações tradicionais de gênero que justificam essa diferenciação por acreditarem que modalidades esportivas podem promover a “masculinização da mulher.”³¹ Em outras palavras, ao aderirem a práticas consideradas impróprias para sua “natureza”, poderiam perder alguns dos atributos que lhe conformam, dentre eles, sua feminilidade. Segundo essa autora, muitos *skatistas* homens se utilizam dessas representações para garantir o *status* de que esse é um esporte masculino.

Para tecer essa afirmação cita alguns argumentos presentes nos depoimentos de jovens *skatistas* homens. Um deles é que o *skate* pode provocar machucaduras e ferimentos no corpo e que isso não ficaria bem para as garotas; outro indica que não é natural gostarem de esportes de risco. Para além desses fatores identificam que a indústria do *skate* pouca oportunidade oferece às mulheres, em geral porque seus proprietários são antigos atletas e estes acabam patrocinando apenas homens e dificilmente reconhecem as mulheres como grandes *skatistas*. Razão pela qual, afirma Beal, as *skatistas*, ao perceberem que os homens não as tomam com seriedade, para serem aceitas nesse universo, precisam provar que são melhores que muitos deles (2001, p. 1016).

³¹ No âmbito do Brasil a discussão sobre a “masculinização da mulher” pode ser evidenciadas nos estudos desenvolvidos por Goellner (2003; 2005; 2006); Simões et all (2004); Goellner e Fraga (2004); Jaeger (2007).

A segunda publicação a capturar meu olhar foi o livro *Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil*, editado por Eduardo Britto. Tanto quanto na publicação americana há, aqui, muitos silêncios sobre a inserção e a participação das *skatistas* brasileiras ao longo das três décadas analisadas (de 1970 a 2000).

No decorrer de suas 105 páginas identifiquei apenas uma referência às mulheres quando o autor informa que, no ano de 1995, foi realizado na ZN *Skatepark*, em São Paulo, o 1º campeonato feminino da década, vencido por Giuliana Ricomini (2001, p. 62).

O livro publica mais de setenta fotos com atletas fazendo manobras radicais: nenhuma delas é de uma *skatista*. Apenas duas imagens de mulheres estão presentes no livro e são bastante emblemáticas para fazermos movimentar as análises a partir das relações entre os gêneros. Na primeira delas, aparece a vencedora do primeiro campeonato dos anos 90. No entanto não é fotografada em ação como são os homens: Giuliana Ricomini está de costas, segurando o *skate* e revelando para as lentes do fotógrafo a imensa tatuagem que colore quase toda esta parte de seu corpo, que está descoberta. A leitura que fazemos dessa construção textual, em nenhum momento é atribuída a alguém que acabou de vencer um campeonato de *skate*. O que se vê é um belo corpo tatuado.

A outra fotografia exibe um modelo desfilando em um evento de moda no qual representa a loja *Mad Corner*, realizado em São Paulo, em 1995. Ela cruza a passarela com a parte de cima do corpo sem roupa e seus seios são ocultados apenas por um *skate*.



Figura 05 - Giuliana Ricomini

Figura 06 - Desfile Loja *Mad Corner*

Se pensarmos que a cultura tem a ver com a produção e troca de significados entre membros de uma sociedade, como nos fala Stuart Hall (1997), podemos pensar, ainda, que as imagens são determinantes na produção dos significados atribuídos aos corpos e as subjetividades nas sociedades contemporâneas. Afinal,

[...] programas de TV, publicidade, esculturas públicas, cinema, fotografias de jornais, pinturas, [...] apresentam visões de mundo, traduzem o mundo em termos visuais. Mas esta tradução, mesmo através de fotografia, nunca é inocente. Estas imagens nunca são janelas transparentes para o mundo. Elas interpretam o mundo; apresentam-no de formas bem particulares. (ROSE, 2001, 33) **[tradução livre]**

As imagens são texto. São também matérias que nos constituem (MANGUEL, 2001). Problematizando as imagens que vemos acima, podemos inferir que elas mostram, de maneira particular, muito do que acostumamos ver em diferentes

artefatos culturais: mulheres exibindo seus corpos, suas formas, suas aparências. Mesmo no universo esportivo que, não raras vezes, mostra as atletas a partir de seus atributos físicos, em especial a beleza, em detrimentos de suas performances e sucessos esportivos.³²

As mulheres que são exibidas no livro *Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil*, são figuras ilustrativas no cenário de uma história que está sendo escrita por e para homens. Não importa mostrá-las também livres, deslizando nas pistas ou arriscando manobras em gestos certos. A maneira como estão ali colocadas fala de um outro lugar, e este certamente não é o de ação sobre o *skate*. A construção dessas imagens está direcionada para outros desejos e reverberará em quem se sentir por ela capturada. Afinal, a fotografia não é algo inerte: constitui um jogo ao olhar do interlocutor.

Adauto Novaes, ao analisar a imagem e o espetáculo na sociedade contemporânea, sugere esse duplo movimento entre o que se vê e o que em nós reverbera do que foi visto. As imagens, afirma,

permitem, pois, este duplo movimento: sair de si e trazer o mundo para dentro de si. É nesse movimento entre olhar e imagem que está o princípio do pensamento. Sem pensamento, a imagem do mundo seria apenas um decalque do que acontece no exterior, sem nenhuma intervenção da inteligência. Com o pensamento, cria-se um mundo imaginário, que, nesse sentido, não é ficção, mas invenção do novo (2005, p. 12).

Inúmeros são os estudos acadêmicos produzidos por pesquisadoras e pesquisadores, que analisam as formas através das quais as mulheres são representadas nas revistas, na publicidade, nos programas de televisão, no cinema, nos livros didáticos, entre outros artefatos culturais. Autoras como Ruth Sabat (2005), Sandra Andrade (2003), Miriam Adelman (2006), Simone Schwengber (2006), entre outras, ao localizarem seus estudos em diversos campos educacionais, contemplam

³² Sobre esse tema ler Elaine Romero, “E agora, vão fotografar o que? As mulheres no esporte de alto rendimento e a imprensa esportiva” (2005) e Silvana Goellner, *Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness* (2006).

análises que contribuem para refletir sobre o uso das imagens de mulheres como estratégia para legitimar representações hegemônicas de feminilidade que inscrevem a mulher ao universo da beleza, delicadeza e graciosidade.

Assim também o faz, Silvana Goellner (2005b) que, ao analisar a ausência das mulheres em um artefato cultural específico, o filme *Carruagens de Fogo*³³, fornece elementos que podem elucidar essa questão. Primeiramente explica que olha para o filme a partir daquilo que não diz, “ou melhor, o que diz pelo que silencia e oculta” (p. 65). Em *Carruagens do Fogo* não há mulheres fazendo qualquer atividade física mesmo que naquele momento essa prática social já fizesse parte da vida de muitas delas³⁴. Ao mencionar a negação do corpo feminino no esporte, em especial, daqueles que rompem representações hegemônicas de feminilidade, faz ver o quanto está prática é marcada por hierarquias de gênero. Identifica, ainda, serem os discursos que operam em favor da preservação dos atributos físicos associados à feminilidade aqueles que embasam muitos dos argumentos que negam limitam a circulação e exibição de determinados corpos e comportamentos femininos. Para a autora:

Preservar essa “plenitude corporal feminina” significa, também, preservar uma representação de gênero historicamente constituída e para a qual o acesso ao mundo dos esportes é fecundo em ambigüidades. Tão fecundo que, talvez para muitos de nós, a ausência de atletas femininas em um filme como *Carruagens de Fogo* não cause nenhum estranhamento. Nem mesmo desconforto, visto que esse é um filme que evoca o sentimento de celebração patriótica, expressa – como também o fez a história oficial – por virilidades virtuosas (2005b, p. 72).

Estas análises ajudam a entender as razões pelas quais as imagens divulgadas no livro *Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil* são aquelas e não outras quaisquer. As imagens lá exibidas conformam essa representação de feminilidade; não há tensão,

³³ Baseado em fatos reais, o filme é dirigido por Hugh Hudson e conta a história de dois atletas da equipe de atletismo da Inglaterra que participaram dos Jogos Olímpico de Paris, em 1924. Ganhador do Oscar em quatro categorias: Melhor Filme, Melhor Roteiro Original, Melhor Figurino e Melhor Música.

³⁴ Na mesma Olimpíada mulheres britânicas conquistaram medalhas de ouro, prata e bronze nas modalidades de esgrima, natação e tênis (LANCELOTTI apud GOELLNER, 2005).

nem atravessamento de fronteiras. São mulheres belas, expondo seus corpos e não seus talentos esportivos – o que, em tese, deveria ser o motivo primeiro para se fazerem presentes em um livro que tem como mote contar alguns fragmentos da história do *skate* nacional. Talvez para muitos/as leitores/as isso tudo pode passar despercebido, ou ainda, não causar reação alguma. Para outros/as, inclusive a mim, desassossegam.

Considerando que a história é uma narrativa sobre o passado e não aquilo que aconteceu ‘verdadeiramente’ (PESAVENTO, 2003; GOELLNER, 2007a), outras histórias sobre a presença das mulheres no *skate* são possíveis. Essa afirmação produz efeitos positivos ao tema desta pesquisa, pois me autoriza a afirmar que, nas publicações organizadas pelas *skatistas*, são outras as histórias. Nelas pode-se ver e ler diferentes discursos, imagens, representações e referências. Razão pela qual, ao longo da pesquisa, busquei trazê-las do esquecimento tanto por tentar achar seus vestígios quanto por, ao achá-los, dar-lhe voz e vez.

O primeiro vestígio encontrado foi um *zine* publicado em 1999 por algumas *skatistas* paulistas.³⁵ Intitulado “*Check It Out Girls*”³⁶, trazia como objetivo primeiro divulgar o *skate* feminino no Brasil e no mundo. Nas páginas que o integram é possível identificar muitas alusões às mulheres, diferentemente do que Eduardo Brito publicou no seu livro. Em uma de suas reportagens, que é assinada por Lisa Araújo com o título “Evolução”, são claras as indicações acerca da presença de *skatistas* mulheres que, desde nos anos 80, já faziam suas manobras em espaços públicos e em campeonatos. Vejamos:

³⁵ Tive acesso a esse material através da *skatista* e organizadora do site *Skate para Meninas*, Evelyn Leine, que me permitiu reproduzi-lo quando e entrevistei, em abril de 2006, na cidade de São Paulo.

³⁶ Esse *zine* originou a Revista *Check It Out* que é publicada nos Estados Unidos e mantém as *skatistas* brasileiras Lisa Araújo e Luciana Ellington como editoras.

Em 1970 já existia skate feminino nos EUA, então lá é muito natural o respeito e o alto nível das skate girls. No Brasil, em 1980, o skate feminino era representado por Leni Cobra, Mirinha, Mônica Polistchuck e outras, correndo campeonatos com os garotos. Infelizmente, as garotas da antiga não estão mais na ativa, pois se estivessem, estariam detonando como as gringas. Elas devem ter desanimado pela falta de apoio e incentivo da época e mudaram suas vidas. No entanto, só em 95 que a categoria voltou com tudo, representada pelas rankiadas de hoje, que não se deixaram abater. Correm campeonatos, viajam pras roubadas e treinam pra evoluir. Também estão surgindo novas revelações garotas que começam a andar mandando flips e descendo corrimãos. Esse é um dos méritos do skate feminino em sua evolução pois o espaço aberto dá oportunidade para as garotas se atirarem mais (ARAÚJO, 1999, p. 1).



Figura 07 – Zine Check It Out (1991)

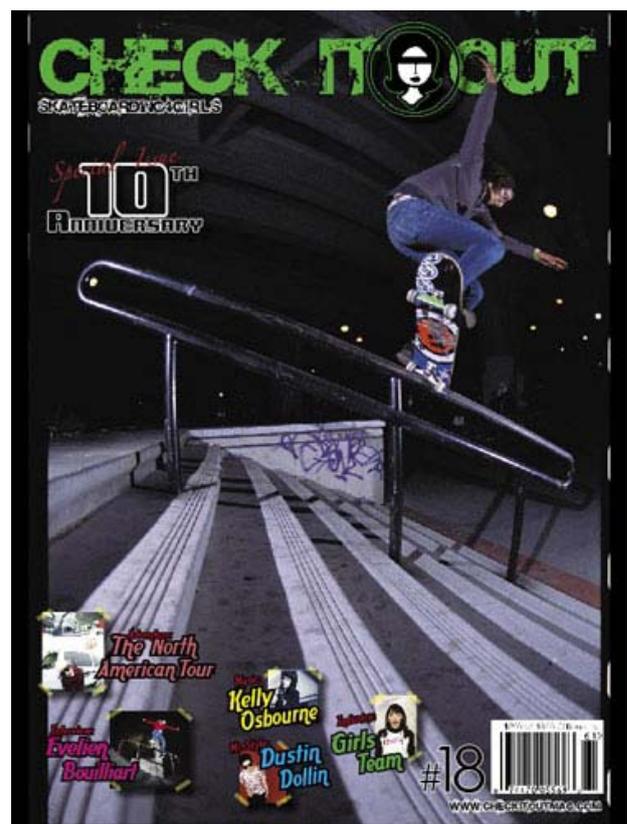


Figura 08 – capa da Check It Out (2004)

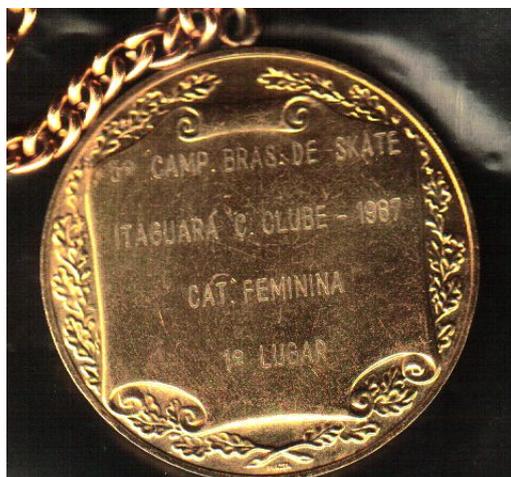
A fala aqui é outra: menciona campeonatos, atletas, manobras, ousadias, evolução. As imagens também são outras: as mulheres estão em ação, são exibidas praticando o *skate*; é a sua performance que protagoniza a cena.

A partir dessas informações, garimpei outras: ao navegar pela *internet* em busca de maiores informações sobre esse período encontrei uma reportagem no *site SkateCultura.com* que divulgava informações sobre Leni Cobra³⁷, reconhecida como primeira brasileira campeã de *Street Style*:

Uma das garotas que foi bem atuante e revolucionou a prática do skate feminino no Brasil, ainda na década de 80, é Leni Cobra. Para quem não sabe, a lendária Leni Cobra contribuiu muito para o crescimento do esporte, abrindo portas para o skate feminino. Entre os vários títulos da sua coleção, Leni foi a primeira campeã brasileira de skate feminino da história. Ainda em 1987, ela conquistou o título mais importante de sua carreira, sendo a primeira campeã brasileira de street style, no campeonato realizado em Guaratinguetá. **Além** disso, ela foi a primeira mulher no Brasil a acertar manobras como ollie, ollie flip, ollie to fakie, ollie 180 e rockslide em um campeonato. Leni também colaborou em vários campeonatos, sendo juíza. Vale ressaltar que, ao longo de sua carreira, ela contou com vários patrocínios importantes, como Urgh!, Brand-X, Town and Country, Star Point, Rainha Shoes, Lifestyle, entre outros (MACHADO, 2007, p.1).

A reportagem apresenta, ainda, a imagem digitalizada de uma entrevista concedida por Leni Cobra á extinta revista *Yeah*, dos anos 80 e a fotografia da medalha que conquistou no 1º Campeonato Brasileiro de *Skate*, em 1987 que reproduzo aqui por entender sua importância e, de certa forma, ineditismo.

³⁷ Neste *site* havia uma indicação do *Myspace* que Leni mantém na *internet*, uma espécie de registro onde as pessoas divulgam suas músicas favoritas, vídeos, etc. <http://www.myspace.com/lenisk8>. Ao acessá-lo visualizei uma animação onde aparece o desenho de uma garota, com camiseta amarela e bandeira no Brasil no centro, movimentando um *skate* com os pés.



Figuras 09 e 10 – medalha e reportagem com Leni Cobra

Interessada em conhecer um pouco mais sobre Leni Cobra, localizei seu *e-mail* e enviei uma mensagem. Tão logo respondeu iniciamos uma conversação via tecnologia informacionais (*e-mail* e *myspace*). Conta que iniciou a competir no *skate* na década de 80 por intermédio de um amigo *skatista* chamado Rogério. No entanto, desde os anos 70, já andava sob o carrinho pois tivera dois *skates* da marca bandeirantes. No seu tempo não havia competições femininas e ela se orgulha de ser uma pioneira deste esporte no Brasil. Diante de minha indagação “Além de você, havia muitas meninas correndo campeonatos neste período?”, responde:

sim, mas naquele tempo além de não termos tanto espaço, não existiam recursos como hoje em dia, e, além da discriminação e preconceito, não existia a categoria feminina em campeonatos, depois de muito esforço, insistência minha e de outras *skatistas* da época, conseguimos nosso espaço no campeonato brasileiro em Guara no ano de 1987, no qual eu tive o privilégio de vencer, eu fui a primeira campeã brasileira de street da história do skate no brasil (com muito orgulho!) (e-mail em 27/11/2007, 13:10h)

Outro documento que evidencia a presença das mulheres no *skate* brasileiro foram dois *rankings* organizados pela Associação de Skate Feminino (fundada em

2002) relativo ao ano de 2007. Nele aparece a classificação de 33 atletas lideradas por Giuliana Ricomini (1º lugar), Ana Paula Negrão (2º lugar) e Patrícia Rezende (3º lugar). Ao observar todas as *rankiadas*, nota-se que as atletas se originam de diferentes cidades: São Paulo, Ribeirão Preto, Goiânia, Niterói, Rio de Janeiro, São Bernardo do Campo, Curitiba, Brasília, Bauru, Taguatinga. No *ranking* de 1998, que contempla, também, 33 atletas aparecem além das já citadas, Nova Iguaçu, Irajá e Campo Grande. Ou seja, o *skate* feminino acontecia em diferentes espaços urbanos brasileiros.

Para além desses registros, na edição comemorativa aos dez anos de existência da Revista *100%Skate*, publicada em julho de 2006, há uma matéria assinada por Evelyn Leine. Denominada “Três gerações do *skate* feminino”, a autora entrevista as *skatistas* Giuliana Ricomini³⁸, Marta Linaldi³⁹ e Letícia Bufoni e Silva⁴⁰ que descrevem sua trajetória no esporte bem como suas percepções acerca do *skate* feminino no Brasil. Depois de detalhar cada entrevista Evelyn registra:

O fato é que, no decorrer de tantos anos de história no skate feminino brasileiro, muitas coisas mudaram. Mas, apesar de muitas barreiras terem sido quebradas, o skate feminino tem muito que evoluir. Giuliana, Marta e Letícia comprovam isso contando um pouco de suas trajetórias em diferentes épocas (LEINE, 2006a, p. 98).

Ao dialogar com as diferentes fontes de investigação, penso ser possível apontar caminhos distintos que ora mais, ora menos possibilitaram a aparição das *skatistas* brasileiras. Os exemplos que trouxe neste capítulo não podem ser analisados como integrantes de uma pesquisa historiográfica sobre este esporte no Brasil. Utilizo alguns rastros do passado (e do presente) para introduzir – e também - justificar as

³⁸ Em julho de 2006: 29 anos e 16 de *skate*. Anda de *skate* desde o início dos anos 90. Correu o campeonato *Check It Out Girls*, em 1995, em São Paulo, e *All Girls Skate Jam*, em 1999, nos Estados Unidos.

³⁹ Em julho de 2006: 21 anos e 8 de *skate*. Faz parte de uma geração que fortaleceu com a criação da Associação Brasileira de *Skate* Feminino.

⁴⁰ Em julho de 2006: 12 anos e 2 de *skate*. Começou a andar influenciada pelos garotos da sua rua, já correu 10 campeonatos (o primeiro em 2004) tem patrocinador e vem se destacando a cada campeonato.

análises que desenvolvo posteriormente quando busco tornar visíveis os modos pelos quais as *skatistas* se fazem ver; as estratégias que adotam para se posicionarem como sujeitos desta prática que, não raras vezes, as invisibiliza.

Silêncios, ausências, descontinuidades, poucas referências, informações esparsas, e também disputas, força, resistência, capacidade de negociar e criar visibilidade. Palavras que recitadas em diferentes tempos e espaços dizem dos sujeitos e dos espaços que são autorizados a ocupar em diferentes situações, tempos e culturas. Dizem, também, do *skate* no Brasil, que, como qualquer outra prática corporal e esportiva, é atravessado por relações de poder, promovendo espaços, vivências, oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres.

Feita essa contextualização, passo a narrar os aportes teóricos que ancoram esta investigação.

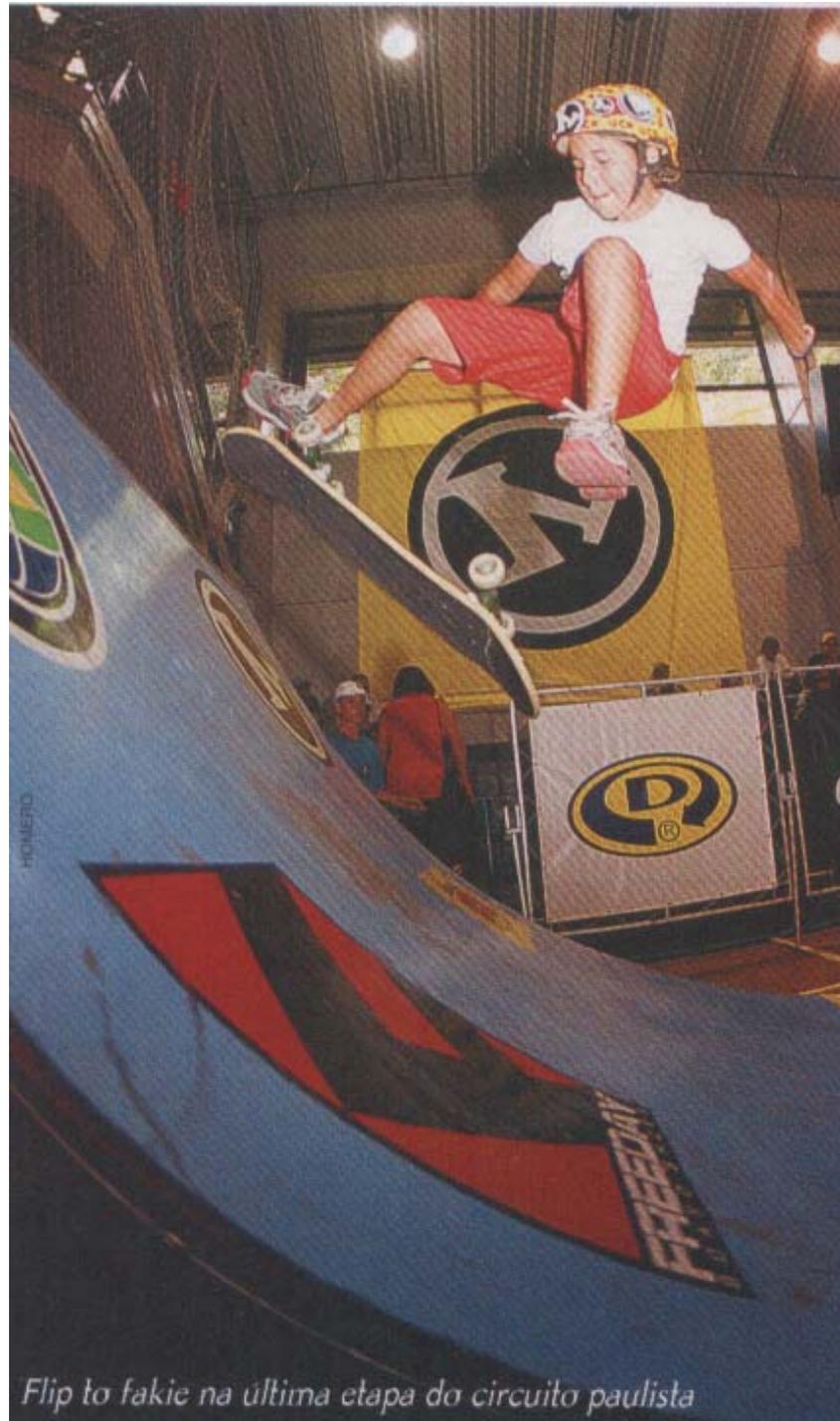


Figura 11 – Karen Feitosa, 2001

3. CAMPOS TEÓRICOS: LENTES QUE MOVEM OLHARES, AMPLIAM ESPAÇOS E PRODUZEM SIGNIFICADOS

Não há corpo que não seja desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos dos dispositivos e das tecnologias (LOURO, 2004, p. 81)

Esta pesquisa fundamenta-se no aporte teórico dos Estudos Culturais, Feministas e de Gênero em sua aproximação com a vertente pós-estruturalista de Michel Foucault, mais especificamente, sua teorização acerca das relações de poder, da posição de sujeito e da ordem dos discursos. Por entender que o referencial teórico não é algo externo ao objeto de pesquisa mas este é construído exatamente a partir do olhar que o ilumina, gostaria de mencionar que não farei uma explicitação linear a respeito dos conceitos assumidos a partir destes campos teóricos, no entanto, não deixo de enunciá-los no decorrer deste texto.

Justifico a opção por essa perspectiva teórica em função das possibilidades que oferecem para analisar o corpo como uma construção cultural, como produtor e produto das relações que o significam. São teorizações que permitem entendê-lo a partir de sua provisoriedade e das infinitas possibilidades de significá-lo, visto que sua “construção” é constantemente atravessada por diferentes marcadores sociais

como, por exemplo, raça/etnia, gênero, geração, classe social, religião, nacionalidade (GOELLNER, 2003; FIGUEIRA, 2002; LOURO, 1997).

Para além dessa questão, outras se tornam importantes na articulação entre esses campos teóricos como, por exemplo, a construção das representações de gênero articuladas com as questões de poder, a compreensão da importância da linguagem e da representação na atribuição de sentidos que se conferem às experiências, as formas discursivas que circulam e que são postas em ação conferindo, diferentes lugares sociais a uns e outros, a noção da cultura (e das práticas culturais) como campos de disputas onde diferentes sujeitos estão, a todo o momento, operando no sentido de se reconhecerem e serem por outros reconhecidos.

Ao analisar como as *skatistas* constroem lugares de sujeito no campo esportivo reconheço que essa prática corporal está atravessada por relações de poder que permitem, por exemplo, posicionarem-se em certos lugares e não em outros quaisquer, constituindo subjetividades e as formas através das quais se reconhecem e compreendem a si próprias e as que são pelos outros reconhecidas. Utilizando-se de diferentes discursos, elas ocupam distintas posições de sujeito neste campo; posições estas que são sempre negociadas, reorganizadas, construídas visto que envolvem relações de poder. Falar em discurso aqui, significa, como alerta Stuart Hall (1997) observar questões mais amplas, de ordem política ou, ainda de como o conhecimento se articula com o poder, de como produz subjetividades e, ainda, de como constrói a cultura.

Percebo que o esporte, como qualquer outra prática social, traduz-se num campo pleno de disputas em torno, não apenas de recordes e desempenhos atléticos mas, fundamentalmente, de disputas políticas que envolvem, desde elementos vinculados aos patrocínios, marcas, construção de ídolos, etc. até (e o que interessa nesta pesquisa) disputas em torno de significações, de construção de representações e de produção de identidades. Enfim, um território pleno de multiplicidades, dentro do qual, circulam diferentes discursos em torno da significação de sujeitos, grupos,

instituições, da valorização de determinados corpos em relação a outros, da generificação dos sujeitos, entre outros. Ao me referir a disputas políticas menciono, evidentemente, as relações de poder que estão imbricadas em todas as práticas sociais e, também, nos discursos visto que estes são campos de saberes articulados entre si, constituídos historicamente e em meio a disputas de poder (FISCHER, 2001).

Poder é entendido aqui a partir da análise de Michel Foucault, para quem este, antes de ser algo que se possui, é algo que se exerce constantemente. “Se deve compreender o poder, primeiro como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização” (FOUCAULT, 1992, p. 88). Portanto, não está localizado em um ou outro lugar; é difuso porque resultante de uma multiplicidade de engrenagens e forças, ou seja, de uma microfísica do poder que nem mesmo é essencialmente repressiva. O poder contém em si um caráter de positividade porque incita, suscita, produz. “O poder produz realidade antes de reprimir. E também produz verdade, antes de ideologizar, antes de abstrair ou de mascarar” (DELEUZE, 1998, p. 38).

É, portanto, no campo da correlação de forças que se deve analisar o poder pois “onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1999, p. 91).

Esta noção de poder me parece bastante adequada para entender as ações empreendidas pelas *skatistas*, muitas delas fortemente direcionadas à resistência e ao exercício do poder. Ao buscarem potencializar sua participação neste esporte e através deste esporte, colocam em movimento diferentes estratégias de disputa dado que o *skate* não é um campo neutro dominado por um ou outro grupo social. Como uma prática cultural é um “campo de luta entre os diferentes grupos sociais em torno da significação” (SILVA, 2000, p. 32).

Pensar, portanto, o *skate* como um campo de lutas faz ver que diferentes grupos elaboram diferentes conhecimentos que constituem diferentes práticas

sociais. Essas diferentes formas de agir sobre o mundo e sobre si são construídas lingüisticamente no processo de atribuição de significados ao mundo. De maneira mais ampla, isto significa afirmar que a linguagem constitui as coisas e não apenas as nomeia⁴¹. Razão pela qual está diretamente relacionada à noção de representação, entendida aqui, em poucas palavras, como sendo “a produção de significados através da linguagem” (HALL, 1997, p. 16).

A representação, portanto, não é um reflexo daquilo que vemos. É uma construção que envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais os significados são construídos. Envolve relações de poder: “poder de nomear, de descrever, de classificar, de diferenciar; o poder de definir, quem está incluído e quem está excluído” (MEYER, 1998, p. 21).

Cabe ressaltar, portanto, que é nessa produção, permeada pelas relações de poder, que diferentes grupos sociais são representados e significados enquanto outros não o são. É nessa rede de relações que a linguagem vai atribuindo significados, produzindo verdades (nem sempre “verdadeiras”), nomeando corpos e instituindo lugares sociais a serem ocupados por uns e outros.

No campo das práticas corporais e esportivas, por exemplo, não são raras as situações onde podemos identificar essa intensa trama de significados. Quando pensamos nos vários discursos que circulam acerca da participação de mulheres em esportes considerados violentos ou, sobre a adesão de homens no campo da dança clássica, por exemplo, podemos ver em ação não apenas representações de masculinidade e feminilidade. Nesses discursos a linguagem opera no sentido de produzir efeitos de verdade na medida em que, ao nomear determinadas práticas

⁴¹ Esse entendimento acerca da linguagem como algo que produz significações e não apenas reflete o que está dado na cultura relaciona-se com o movimento denominado de virada lingüística. A partir de então, “ganha importância a idéia de que os elementos da vida social são discursiva e lingüisticamente construídos. Noções como as de “verdade”, “identidade” e “sujeito” passam a ser vistas como dependentes dos recursos retóricos pelos quais elas são construídas, sem correspondência com objetos que supostamente teriam um existência externa e independente de sua representação lingüística e discursiva” (SILVA, 2000, p. 111).

como impróprias para mulheres ou homens, acaba por colaborar para que mecanismos de inclusão e exclusão sejam postos em ação.

Quero chamar a atenção, então, para o fato de que as teorias nas quais ancorei meu olhar reconhecem que, através dos discursos, as práticas culturais posicionam os indivíduos, produzem suas experiências e as formas através das quais se reconhecem como sujeito. Em outras palavras: os sujeitos são produzidos por meio de diferentes discursos, isto é,

os discursos estão intimamente ligados à questão da constituição do sujeito social. Se o social é significado e os indivíduos envolvidos no processo de significação também o são, isto resulta em uma consideração fundamental: os sujeitos sociais não são causas, não são origens do discurso, mas são efeitos discursivos (PINTO, 1989, p. 27).

Quando me proponho a analisar, por exemplo, as representações de gênero que estão associadas à prática do *skate*, tomo como referência a noção de representação contemplada por autores como Stuart Hall (1997), Kathryn Woodward (2000) Tomaz T. da Silva (2000) e Dagmar Meyer (1998; 2000). Para esses autores/a, a representação se distancia da noção de estereótipo, imagem e realismo utilizados em outras perspectivas de análise, deixando de ter um sentido fixo, rígido, fechado e determinado. Passa, portanto, a ter um sentido incerto, indeterminado, inconstante. É o processo pelo qual a linguagem, em seu sentido lato, é utilizada para produzir significados. Está implícita aqui a importante premissa de que coisas (objetos, pessoas, eventos, sentimentos, o mundo) não têm em si mesmas qualquer significado fixo, final e verdadeiro, mas que elas significam algo específico no interior de culturas específicas. Representação, nessa perspectiva, envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos – são construídos (MEYER, 1998, p. 20).

Ou seja, a representação produz identidades e o termo aqui não é tomado a partir de um viés psicológico ou individual mas como sendo o conjunto de

características através das quais diferentes grupos sociais se definem como grupo, compreendem aquilo que são ou que não são. A identidade, portanto, não pode ser tomada como um núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, sendo idêntico ou “o mesmo” ao longo do tempo.

A identidade não é tão transparente ou descomplicada quanto acreditamos que seja. Talvez, em lugar de pensarmos em identidade como fato consumado que as novas práticas culturais então representam, devêssemos pensar em identidade como uma ‘produção’ que nunca está completa, está sempre em processo, e é sempre constituída dentro, e não fora da representação” (HALL, apud MACCNEILL, 2006, p. 18).

Ao buscar apreender as formas através das quais as *skatistas* constroem suas identidades dentro deste esporte bem como as relações de gênero que as atravessam, tenho feito uso de dois conceitos distintos e complementares: representação e discurso. Para desenvolver essa reflexão tomo como fonte de inspiração a análise que Rosa Fischer (2001) desenvolve acerca das relações entre discurso e representação no estudo da televisão brasileira por entendê-la como capaz de fornecer elementos que colaboram para a explicitação do que quero comunicar.

O discurso é aqui entendido como um conjunto de enunciados que podem pertencer a distintos campos de saber, mas que obedecem, apesar disso, a regras de funcionamento em comum. O discurso inexistente desligado da prática ou, ainda, aquilo que designamos como “realidade”. O discurso é, ele mesmo, uma prática na medida em que constitui nossas práticas e é, ao mesmo tempo, por elas constituído.

O discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e a experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos preciso, que analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos e representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da

fala. É esse “mais” que é preciso aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2005, p. 54).

Nessa perspectiva podemos inferir que os discursos que operam no sentido de afirmar que *skate* não é um esporte recomendado para as mulheres ao circularem em diferentes espaços sociais e articulados a outros (relacionados à ordem de gênero e à diferenciação sexual como demarcadora dessa ordem) podem capturar determinados sujeitos em prol de sua reafirmação. No entanto, decorrentes de diferentes lutas sociais (inclusive aquelas protagonizadas pelas *skatistas*) e de saberes que tem sido produzido e divulgado acerca, por exemplo, das relações entre os gêneros ou, ainda, do esporte como espaço plural, colocam-se em movimento alterações acerca de um dado discurso sobre a mulher e o *skate*. Aplica-se, aqui, a assunção de Foucault de que o discurso é prática; “porque os discursos não só nos constituem, nos subjetivam, nos dizem “o que dizer”, como são alterados, em função de prática sociais muito concretas. Tudo isso envolve, primordialmente, relações de poder (FISCHER, 2001, p. 85).

Se há um determinado discurso acerca da mulher no *skate* poderíamos pensar que haveria, então uma determinada representação acerca das *skatistas*? De que maneira é possível aproximar esses conceitos?

Seguindo a trilha deixada por Rosa Fischer, o discurso no sentido foucaultiano seria um conceito mais abrangente pois se refere ao conjunto de enunciados de um determinado campo de saber. Já a representação seria a produção de significados através da linguagem; as representações são produzidas e consumidas a partir de diferentes instâncias culturais (o esporte, por exemplo) e estão constantemente submetidas a diferentes processos de regulação social, a relações de poder. Esse processo, alerta Stuart Hall (1997), está diretamente relacionado á construção de valores, a constituição de identidades (inclusive de gênero) e à produção de subjetividades.

“Em suma: o conceito de discurso inclui o conceito de representação” (FISCHER, 2001, p. 90) na medida em que, por exemplo, identificar as representações de gênero que circulam em torno das *skatistas* é um momento particular e fundamental no estudo da construção de um discurso sobre mulher e esporte. “Os enunciados de um discurso são tecidos também de representações sobre um determinado objeto desse discurso” (Ibid, p. 90).

Ao analisar as diferentes ações empreendidas pelas *skatistas* para construírem-se como sujeitos no interior de uma prática esportiva, busquei identificar os enunciados aos quais recorreram para dar significação e configuração a si mesmas e ao *skate* feminino no Brasil. Segundo Foucault são os enunciados que posicionam os sujeitos de forma particular nos discursos. Razão pela qual,

Descrever uma formulação de enunciados não consiste em analisar a relação entre o autor e o que ele diz (ou quis dizer ou disse sem querer), mas em determinar que posição de sujeito pode e deve ser ocupada por qualquer indivíduo para que ele seja o sujeito dele (2005, p. 95-96).

Em função dessa percepção, busquei mapear os enunciados presentes nos discursos das *skatistas*, “observando a sua *regularidade, insistência e repetição*” (SCHWENGBER, 2006, p. 47). Ao descrevê-los tentei apreendê-los como acontecimentos, como algo que irrompe em um determinado tempo e em um determinado lugar. O enunciado não é, pois uma estrutura; é uma função de existência que pertence, exclusivamente aos signos, a e partir da qual se pode decidir “pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita)” (FOUCAULT, 2005, p. 98).

Para descrever os enunciados dos discursos das *skatistas* recorri, como recomenda Fischer (2001) a diferentes materiais (textos, vídeos, *sites*, *blogs*, *tours*, encontros, revistas, reportagens, entrevistas, programas de televisão, etc.) ciente de que, aquilo que será descrito, não se traduz em uma repetição das tantas coisas

faladas ou afirmadas mas integra a “função enunciativa” ou, melhor, aquilo que faz com que essas coisas sejam ditas. Podemos, então, pensar que os discursos que afirmam que o *skate* não é um espaço para mulheres em decorrência da sua inferioridade ou fragilidade física, permitem a produção do que elas efetivamente enunciam: o *Skate não é só para Meninos*. Uma questão pertinente a tal análise poderia ser assim formulada: “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte? Trata-se, aqui de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação” (FOUCAULT, 2005, p. 31), mais especificamente, observar as condições de possibilidade que promoveram a emergência de tal enunciado bem como os lugares que os sujeitos ocupam nesta prática discursiva.

Nossos atos de fala estão sempre inscritos no interior de formações discursivas⁴² o que implica afirmar que estamos sempre sujeitos a um conjunto de regras, dadas historicamente e que afirmam as “verdades” de um dado tempo. Por essa razão, diz Foucault, as “coisas ditas” estão amarradas as dinâmicas de saber e poder de seu tempo. Quando as *skatistas* resistem ao discurso da inferioridade biológica feminina diante de esportes como o *skate* ou, ainda, quando proclamam que este espaço também é seu, tal prática discursiva não reflete apenas uma expressão de idéias ou de pensamentos. Significa falar segundo determinadas regras expondo as relações de poder que estão presentes neste discurso. Por prática discursiva entende-se “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa” (Ibid., p, 133).

Quando uma *skatista* afirma que *skate não é só para meninos*, ela põe em jogo um conjunto de elementos referentes as possibilidades de aparecimento e delimitação do

⁴² “Um feixe complexo de relações que funcionam como regra; ele prescreve o que deve ser relacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que se empregue tal ou qual enunciação, para que se utilize tal conceito, para que se organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática” (FOUCAULT, 2005, p. 83)

discurso da inferioridade biológica da mulher. Enunciados como este, polemizam com aqueles que afirmam ser o esporte uma prática de dominância masculina, ao mesmo tempo em que movimentam outros, oriundos, por exemplo, da teorização feminista a qual vê as mulheres como sujeitos políticos em constante luta pela sua visibilização.

Movimentam, ainda, percepções relativas a compreensão de que os discursos inscrevem-se nos corpos. Ou seja, os corpos das *skatistas* são marcados pelas práticas discursivas que os nomeiam, classificam, incluem ou excluem. Afinal, se acreditamos que as identidades são produzidas na cultura, os corpos e as representações de gênero a eles associados também o são. Isso significa perceber que “os corpos carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER apud PRINS e MEIJER 2002, p.163). Eles, os discursos, se acomodam no corpo. Isto significa dizer que: os constituem. E aqui não está a se negar a materialidade do corpo mas a dizer de forma explícita, que não são os dados anatômicos ou biológicos que determinam, justificam, nomeiam os corpos posicionando-os aqui ou acolá. São as práticas discursivas que nele se “acomodam”. Nesta perspectiva, muda-se o foco de análise: “do corpo em si para os processos e relações que possibilitam que a biologia passe a funcionar como causa e explicação de diferenciações e posicionamentos sociais” (MEYER, 2005, p.19).

Pensando especificamente no tema desta pesquisa, é possível perceber que o fato do *skate* ser representado e identificado como um espaço “de e para meninos” pode não só desencorajar muitas garotas a aderirem a essa prática como também promover a sensação, para aquelas que nela investem, de que seus corpos e seus comportamentos estão sob suspeição visto que borram fronteiras entre o que é permitido ou não para homens e mulheres. Ou ainda, do que identifica como sendo masculino e feminino.

Nesse sentido, adquirem relevância os estudos de gênero que, em última instância, vão afirmar não serem as características anatômicas e fisiológicas aquelas

que determinam as relações desiguais entre homens e mulheres mas, fundamentalmente, questões culturais a elas associadas. Baseado neste pressuposto surge, no contexto anglo-saxão dos anos 70 do século XX, o termo gênero (*gender*) cuja utilização permite

analisar os modos pelos quais determinadas características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir o que é inscrito no corpo e definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico (MEYER, 2004, p. 14).

Sem a pretensão de historicizar esse campo de estudos, creio ser importante enfocar que diferentes movimentos teóricos e políticos operam com conceitos diversos, por vezes conflitantes, de gênero como, por exemplo, nas teorizações psicanalíticas, lacanianas, marxistas, pós-estruturalistas, entre outras⁴³. Ainda que haja nuances no entendimento do conceito, uma questão é inerente a todas elas: não é apenas o sexo que institui diferenças entre mulheres e homens, mas aspectos históricos, culturais e sociais. Nessa perspectiva desestabiliza-se e desnaturaliza-se a “afirmação de que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que essas diferenças justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais, determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo” (GOELLNER, 2005a, p. 2597). Rompe-se, aqui, com o determinismo biológico, ao mesmo tempo em que representações desta ordem questionam os binarismos⁴⁴, através dos quais diferentes posições epistemológicas explicam o mundo.

⁴³ As diferentes acepções do termo “gênero” e as implicações políticas e epistemológicas que delas decorrem podem ser observadas nos estudos de autores/as como, por exemplo, Meyer (2004); Mariano (2005); Albuquerque Júnior (2003); Louro (2002) Macedo e Amaral (2005) e Swain (2004).

⁴⁴ Binarismo é entendido a partir do conceito de oposição binária. Relação de oposição entre dois termos. Segundo Jacques Derrida, grande parte do pensamento filosófico ocidental organiza-se em torno de oposições binárias tais como, natureza/cultura, escrita/voz, masculino/feminino, nas quais um dos termos é privilegiado relativamente ao outro. É tarefa da desconstrução mostrar que os termos de uma oposição binária são mutuamente dependentes (SILVA, 200, p.53 e 85).

Essa perspectiva de tomar o gênero como categoria analítica parte da historiadora Joan Scott quando, em 1986, publicou o clássico texto intitulado, *Gender: a useful category of historical analysis*⁴⁵. Fundamentada em autores como Michel Foucault e Jacques Derrida o conceito esboçado por Scott rompia não apenas com a noção do binarismo como também evidenciava a pluralidade presente em cada um dos pólos que formam o pensamento binário (natureza/cultura, emoção/razão, etc). E, em se tratando de masculino e feminino, afirma Guacira Louro, o conceito sugeria que se rompesse com a rígida polaridade binária entre esses dois pólos contemplando, então,

as cumplicidades e os conflitos que podem arranjar e desarranjar as relações sociais. Essa abordagem supunha que se lidava com sujeitos constituídos não apenas pelas diversidades de gênero, mas também de raça, etnia, classe, sexualidade... nessa perspectiva, pois, o poder já não poderia ser compreendido como um movimento hierárquico, linear, centralizado ou de direção única. Assumia-se que os vários marcadores sociais combinam-se, sempre, de formas peculiares, situadas, o que passa a impedir a concepção simplista do homem dominante versus a mulher dominada. O conceito de gênero investe, de forma enérgica, contra a lógica essencialista que acredita numa mulher e num homem universais e trans-históricos (LOURO, 1995, p. 16).

O conceito de gênero, desenhado a partir da teorização de Joan Scott, permite identificar a forte aproximação entre os campos teóricos que ancoram esse estudo, quais sejam os Estudos Culturais, os Estudos Feministas e a teorização de poder de Michel Foucault. Com isso, assumo que dentre as diferentes acepções que o termo gênero pode anunciar, recorro àquelas que se aproximam dos estudos pós-críticos porque é exatamente a partir da articulação entre estes campos teóricos que se torna possível problematizar duas questões fundamentais para minha análise: 1) a mulher como categoria universal; b) as representações hegemônicas de masculinidade e feminilidade.

Ainda que não considere o movimento feminista como um algo monolítico pois contém, em si mesmo, muitas diversidades, gostaria de evidenciar o quanto foi

⁴⁵ A Revista Educação & Realidade publicou, em 1990, uma tradução deste texto a partir de uma versão em francês. Em 1995, apresentou uma versão revisada com consulta ao texto original em inglês.

determinante para a valorização das mulheres como sujeitos políticos. Ao discutir temas afetos ao corpo, até então pouco presentes na tradição acadêmica e nos movimentos sociais, forjou, também discussões acerca das relações de gênero. Violência doméstica, sexualidade, aborto, estupro, assédio sexual, maternidade, heterossexualidade, enfim, temas outrora colocados nas zonas de sombra, passaram a pautar discursos, saberes e práticas em diferentes práticas sociais. Além disso “criou e tem criado inúmeras estratégias de valorização da auto-estima das mulheres, entre ricas ou pobres, brancas ou negras, hetero ou homossexuais, que passam também pelo corpo, com seus encantos e seduções, ou com suas rugas e estrias” (RAGO, 2007, p. 62)

A pluralidade da categoria mulher é analisada por várias feministas (LAURETIS, 1994; SCOTT, 1996; LOURO, 1997; NICHOLSON, 2000; BUTLER, 2003; SWAIN, 2004). Tanto quanto os estudos de gênero, as epistemologias feministas⁴⁶ permitem diferentes apropriações dos conceitos que os fundamenta e a fissura no sujeito universal mulher tem sido uma delas. De uma certa forma, pode-se dizer então, que os feminismos

graças à sua pluralidade e dinamismo, penetraram as redes discursivas do século XX, desafiando os regimes de verdade que instituem o mundo e suas significações, tais como o corpo biológico (natural) e o papel social (cultural); suas análises ressaltam os processos e mecanismos que transformam os corpos em feminino e masculino, interpelados pelas práticas de dominação, de assujeitamento e de resistência. Os feminismos, estas poderosas correntes do contra-imaginário, interrogam assim o social e suas instituições, iluminando a incontornável historicidade das relações humanas e dos sistemas de apreensão do mundo (SWAIN, 2000, p. 48).

Como uma base epistemológica que reage à homogeneização da compreensão universal do sujeito “mulher”, o feminismo pós-crítico surge a partir das teorizações

⁴⁶ O conceito de feminismo não é unívoco seja na sua vertente política, seja na acadêmica. Nem mesmo o que se denomina de epistemologias feministas ou estudos feministas pode ser identificado como uma forma única de operar com conceitos que são imanentes a estes campos teóricos como, por exemplo, gênero. Autores/as como Mariano (2005); Louro (2002) Macedo e Amaral (2005); Swain (2004); Silva et al (2005), entre outros/as têm evidenciado essas questões.

que, contrapondo-se ao pensamento liberal, nega a existência de um sujeito social universal, livre, autônomo e racional. Ao “descentrar o sujeito” as teorias pós-críticas - e dentre elas o feminismo - evidenciaram ser este constituído por múltiplas posições, plurais, contraditórias e contingentes. (MARIANO, 2005, p. 484) [**grifo nosso**].

Para Stuart Hall, o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Sua identidade é formada e transformada constantemente em relação às formas as quais é representado ou interpelados nos contextos culturais que o rodeiam. A identidade do sujeito é definida, portanto, historicamente e não biologicamente. “O sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são unificadas em torno de um eu coerente” (2000, p.13).

Desta assertiva decorre, então, o que poderíamos afirmar ser o “descentramento” do sujeito “mulher” que passa a ser observada não mais como um bloco homogêneo possível de ser identificado como igual entre si em oposição ao sujeito “homem”. Emerge, aqui, o termo “mulheres” para dizer de suas diferenças visto que são múltiplas: pobres, ricas, brancas, negras, católicas, muçulmanas, jovens, idosas, homossexuais, heterossexuais...

Segundo Tânia Swain,

O feminismo, enquanto movimento político transformador, insere-se em um campo de poder/saber na medida em que interroga e desconstrói a naturalização dos corpos em papéis e práticas sociais, e o mesmo tempo produz e critica seus próprios discursos em desdobramentos que contemplam as variáveis etnia, classe, raça e o próprio sexo biológico na constituição do sujeito “mulher” (2000, p. 139).

No âmbito específico de minha investigação essa compreensão é determinante, pois parto do pressuposto de que não existe uma identidade fixa de *skatista*. Essa é sempre negociada, fluída e em construção, razão pela qual não utilizo, em minhas reflexões, análises sobre “a mulher” pois “não só existem muitas formas de masculinidade e de feminilidade enquanto tais, mas também porque é flagrante a

possibilidade de atravessamento dessas fronteiras inclusive físicas” (LOURO, 2001a, p, 2).

Desse modo, posso afirmar que as mulheres que circulam no universo cultural do *skate* são diversas, não apenas pelos marcadores sociais que implicam na construção de suas identidades (raça, idade, classe, religião, sexualidade etc) mas ainda pelos diferentes níveis de habilidades técnicas que dominam para praticar este esporte (atleta, praticante, aprendiz) ou, então, pelas diversas maneiras através das quais se envolvem com esta prática corporal (proprietária de marcas, produtora de eventos, criadora de *sites*, fotógrafa, admiradora, pesquisadora, entre outras).

Ainda sobre a universalização do termo “mulher”, creio ser pertinente refletir sobre as considerações que Linda Nicholson (2000) faz ao problematizar o uso do termo no singular. Se por um lado, afirma a autora, esse uso pode apresentar uma conotação política em prol das lutas feministas, por outro está apoiada num certo “fundacionalismo biológico” que pressupõe haver algo em comum à categoria “mulher” em todos os períodos históricos e contextos culturais qual seja, a de que todas compartilham, num determinado nível básico, de alguns aspectos biológicos e que estes são determinantes na construção do comportamento e da personalidade.

Ao opor-se ao uso da palavra “mulher” com um sentido definido, Nicholson toma de empréstimo a reflexão proposta pelo filósofo Ludwig Wittgenstein acerca da pluralidade de sentidos contidos na palavra “jogo”; sentidos estes que tornam impossível imaginar qualquer aspecto comum a todos os jogos, mas que possibilitam perceber semelhanças, relações e uma série de correspondências. Por exemplo, os jogos de tabuleiro têm várias e diversas relações. Se pensarmos nos jogos de cartas é possível encontrar algumas relações com os de tabuleiros, mas muitos aspectos comuns se perdem. Acrescenta-se a essas variações dos jogos aqueles que são praticados com bolas: muito do que é comum nessas diferentes variações permanece mas outras se perdem. Por esse motivo, adverte Wittgenstein, o que se vê é uma rede

de similaridades que se sobrepõem e se cruzam. Similaridades às vezes globais, às vezes no detalhe (WITTGENSTEIN apud NICHOLSON, 2000).

De posse dessa discussão, Nicholson chama a atenção que o sentido da palavra “jogo” é revelado não através da definição de uma característica específica ou de um conjunto delas, mas através da elaboração de uma complexa rede de características, com diferentes elementos dessa rede presentes em diferentes casos. Sugere, então, que se pense o termo “mulher” da mesma maneira que Wittgenstein fez com o termo “jogo”. Isso é, deve-se pensar

o sentido de “mulher” como capaz de ilustrar o mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam. Nesse mapa o corpo não desaparece; ele se torna uma variável historicamente específica cujo sentido e importância são reconhecidos como potencialmente diferentes em contextos históricos variáveis (NICHOLSON, 2000, p. 36).

Ao direcionar meu olhar para as praticantes de *skate*, percebo que observá-las a partir de sua pluralidade (mulheres *skatistas*) proporciona reconhecer suas diferenças, o que me fornece elementos mais densos para observar as disputas, as conquistas, as resistências, as polêmicas, enfim, as dissonâncias entre as diversas vozes que falam sobre e pelo *skate*, em especial, no que diz respeito à potencialização da ação das mulheres nesse esporte. Permite pensar, ainda, que seus corpos contemplam múltiplas faces, “acomodam múltiplos discursos”, põe em curso várias representações, dentre elas, as relacionadas ao que se designa como “feminilidade”.

O campo teórico no qual me ancorei rejeita a idéia de que a mulher é um dado da natureza sobre a qual a cultura vai agregando vivências, experiências, características que formam a sua feminilidade ao mesmo tempo em que afirma não existir a categoria “mulher” no singular, mas “mulheres”.

Nessa perspectiva, a feminilidade é compreendida como algo que pode ser vivido de diferentes formas, tanto quanto a masculinidade. As fronteiras entre uma e outra escapa, não são tão fixas quanto as teorizações que se fundamentaram

(fundamentam) nos essencialismos⁴⁷ buscam demarcar. Não há, portanto, uma “essência” feminina ou masculina universal dada à priori como não há, também, uma forma única de ser e viver a masculinidade ou a feminilidade. Essas são plurais, dispersas não só histórica e culturalmente mas dentro de grupos sociais semelhantes.

Ainda assim, precisamos lembrar que essas feminilidades e masculinidades se constroem dentro de relações sociais, nunca separadamente, nem mesmo em oposição de uma em relação à outra. Constroem-se na relação entre si e na articulação destas com outras categorias tais como classe, etnia, religião tendo no corpo uma materialização dessa construção. Nas palavras de Nicholson:

O corpo se torna, isso sim, uma variável, mais do que uma constante, não mais capaz de fundamentar noções relativas à distinção masculino/feminino através de grandes varreduras da história humana, mas sempre presente como elemento importante na forma como a distinção masculino/feminino permanece atuante em qualquer sociedade (NICHOLSON, 2000, p. 8-9).

Por essa razão, podemos pensar no corpo como algo generificado, ou seja, como um local de inscrição de marcas culturais vinculadas a masculinidades e feminilidades. Um local que nunca é acabado, imutável e universal. O corpo é um produto da cultura sobre o qual são incorporados representações, valores, discursos e também formas de ser e de parecer masculino e feminino. Afinal, “a sociedade forma não só a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como o corpo aparece” (NICHOLSON, 2000, p. 9).

E a aparência corporal é atravessada por signos e marcas que, em cada tempo e em cada cultura, são associados ao que se identifica ser relacionado ao masculino e ao feminino. Tomando como referência Foucault, Susan Bordo afirma que

por meio da organização e da regulamentação do tempo, do espaço e dos movimentos de nossas vidas, nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade (1997, p. 20).

⁴⁷ Por essencialismo entende-se a tendência a caracterizar certos aspectos da vida social como tendo uma essência ou um núcleo (natural ou cultural) fixo, imutável (SILVA, 2000).

As representações de masculino e feminino, portanto, são resultantes de construções culturais que são sempre transitórias, localizadas e contingentes. Ou seja, não são nunca fixas, ainda que haja diferentes discursos que circulam em nossa sociedade cujas representações buscam fixar características, atributos, comportamentos e formas de ser homem e de ser mulher. Discursos estes que identificam existir papéis sexuais para um e outro sexo ou, então, que operam com a idéia de estereótipos masculinos e femininos. Nestas duas perspectivas se dá a fixação de papéis, jeitos de ser e de se comportar que, de certa forma, são identificados como colados a uma essência masculina ou feminina sob os quais estabelecem critérios que asseguram serem os sujeitos e seus corpos da ordem do masculino e/ou do feminino. Para Guacira Louro,

A característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de papéis masculinos e femininos. Papéis seriam basicamente padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista. Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros (1997, p. 23-24).

Pensando, por exemplo, na participação das mulheres no campo esportivo, em diferentes épocas e contextos históricos, mecanismos de exclusão e inclusão foram colocados em ação. Por muito tempo acreditou-se que esportes que exigissem força, por exemplo, não eram apropriados ao corpo feminino, porque esse tinha natureza mais frágil cujo excesso de exercício físico ao invés de fortalecer, poderia debilitar. Segundo Joan Hult,

a participação feminina no esporte sempre foi alvo de muitas controvérsias. Há algumas décadas, as mulheres eram interdidas de participar de qualquer atividade esportiva, sob diversas alegações, desde sua fragilidade física, passando pela sua condição materna, e até mesmo pelo fato da arena esportiva fortalecer o espírito do guerreiro masculino, sendo apontado como o único local no qual a supremacia masculina seria incontestável (apud KNIJNIK e VASCONCELLOS, 2003, p. 51).

Assentados nas justificações biológicas, esses argumentos são colocados em suspeição quando se pensa o esporte como um campo não neutro mas, ao contrário, que tanto pode reforçar estes mecanismos, quanto resistir a eles. Situações como estas podem ser visualizadas em diferentes práticas esportivas, pois, de uma forma geral, o esporte “tem sido um campo de treinamento para habilidades e atitudes masculinas” (POSTOW apud DEVIDE, 2005, p. 38).

Mais do que fazer uma análise histórica sobre a inserção das mulheres no esporte, interessa pensar aqui, que o argumento do excesso da força física não era colocado em ação em outras atividades que compunham o cotidiano das mulheres. Ao analisar o corpo como uma construção que também é cultural, Silvana Goellner elucida essa afirmação quando destaca que

carregar peso, limpar, fazer longos percursos a pé, atuar nas colheitas, manejar maquinário pesado [...] eram atividades rotineiras de um grande número de mulheres que nem por isso deixaram de ser mulheres ou sucumbiram frente às exigências de força física (2005c, p. 31-32).

No entanto, argumentos como este produziram efeitos de verdade e, ao longo da história do esporte, são inúmeras as situações onde podemos observá-los. Se pensarmos, por exemplo, na participação das mulheres nas Olimpíadas podemos identificar muitas desigualdades, a começar pela sua primeira edição que impossibilitou que atletas do sexo feminino pudessem disputar as provas. No entanto, vários registros decorrentes de pesquisas históricas me autorizam a afirmar que, embora a participação oficial feminina nas Olimpíadas seja aceita somente a partir de 1900, ou seja, na sua segunda edição, já no século XIX algumas mulheres

transgrediam normas culturais relacionadas às atividades físicas ao vivenciarem práticas corporais consideradas incomuns ao universo feminino da época.

Silvana Goellner e Alex Fraga (2004) tornam visíveis algumas destas mulheres quando nos apresentam as “forçadas” do final do século XIX e início do XX, cujos espetáculos seduziam olhares de homens e mulheres em diferentes partes do mundo, seja nas apresentações que realizavam em feiras e circos, seja nos shows que compunham a programação de teatros e *music-halls* principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Essas “profissionais da força”⁴⁸ contrariaram várias representações de feminilidade e de corpo feminino na medida em que colocaram à prova muitos daqueles olhares que conformavam ao corpo feminino marcas de fragilidade, recato, delicadeza, entre outras.

O fato de terem permanecido na invisibilidade não significa que não existissem, mas seu ocultamento nas narrativas históricas, cinematográficas, iconográficas e documentais, entre outras, dizem muito. Dizem, por exemplo, de uma representação do esporte como exercício de masculinidade cuja prática era por vezes, aceito para mulheres, mas não reconhecido na sua legitimidade. Nessa perspectiva podemos pensar que o mundo esportivo se configura como um terreno pleno de ambigüidades pois, a despeito dos preconceitos e das invisibilidades, desde a sua emergência,

fascinava homens e mulheres, tanto porque contestava os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, por meio de seus rituais, fazia vibrar tensão entre liberdade e o controle de emoções, e também de representações de masculinidades e de feminilidades (GOELLNER, 2004, p. 367).

Fazia e faz vibrar essa tensão porque ainda hoje são vários os discursos que circulam acerca da não adequação de mulheres e homens em diferentes espaços e práticas esportivas.

⁴⁸ Termo utilizado por Jan Tood e Terry Tood (1987).

Analisar o esporte a partir dos campos teóricos que subsidiam esta pesquisa, pressupõe compreendê-lo como um campo de disputa de poderes bem como de produção de representações de corpos, saúde, beleza e, no plano específico do gênero, de feminilidades e masculinidades. Nessa perspectiva, podemos pensá-lo como um campo de luta e de contestação (THÉBERGE, 1994), pois apesar de ser historicamente representado e construído como de dominância dos homens expressa, ainda, uma via de conquista das mulheres em relação, por exemplo, a “auto-estima, segurança, saúde, performance, autonomia, reconhecimento público e histórico, poderá produzir novas oportunidades e significados, combatendo preconceitos, mitos e a opressão feminina nesta área” (DEVIDE, 2005, p. 21).

O *skate*, modalidade sobre a qual repouso meu olhar, não foge a essas interpretações. Vários são os discursos que o associam ao masculino. Como se a presença das meninas nessa modalidade fosse, para além de uma conquista, quase uma “invasão”. Não é sem razão que a estruturação da categoria feminina dá seus primeiros passos através das ações protagonizadas pelas próprias *skatistas* que, além de investirem nas questões técnicas da modalidade correm atrás de patrocinadores, buscam espaços na mídia, lutam por premiações semelhantes ao *skate* masculino e, porque não dizer, reafirmam que *skate* e mulher não são incompatíveis.

A insistência na busca de condições de igualdade no interior do *skate* se operacionaliza pela existência da diferença. Diferença essa construída em função de um referente, no caso, o homem e o *skate* masculino. Segundo Tânia Swain:

Só se é diferente, portanto, face à um referente, a um modelo a ser seguido, do qual se difere e estes modelos de ser são construídos social, histórica e espacialmente. As diferenças não existem, desta forma por si sós, elas são monumentos sociais arquitetados em uma ampla disposição de poderes, cuja estrutura em rede garante sua solidez (2006a, s.p.).

A contribuição teórica advinda dos Estudos Culturais, Feministas e de Gênero, foi determinante na elaboração de um modo de ver o material empírico desta

investigação, dentre outras razões, porque rompem com as análises que privilegiam as questões biológicas para explicar as representações de masculinidade e feminilidade. Ao aproximá-los do tema “mulheres e o esporte”, estes referenciais trouxeram efetivas contribuição para a desnaturalização de afirmações que justificam a restrição da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas a partir de argumentos que evocam a maternidade, a menstruação, a pouca força física, a fragilidade e a delicadeza como determinantes dessa interdição. Foram determinantes, ainda, para entender que esses argumentos de cunho biologicistas contêm grande significação política visto que, em última instância, provocam exclusões e inclusões, ou seja, posicionam os sujeitos em diferentes práticas culturais, inclusive, as esportivas.

Ao possibilitarem o entendimento de que todas as práticas sociais são permeadas por relação de poder, estes campos teóricos, contribuíram para o entendimento de que, em diferentes tempos e sociedades, as mulheres empreenderam diferentes estratégias em busca de diferentes poderes, dentre eles, o de serem reconhecidas como sujeitos políticos, como partícipes da construção da história e da vida humana em suas amplas dimensões.

Não há dúvidas que coube aos feminismos o mérito e a responsabilidade de trazer à discussão temáticas que, não raras vezes, encontravam-se à margem dos movimentos sociais e das discussões acadêmicas como, por exemplo, a longa trajetória percorrida pelas mulheres para serem reconhecidas no âmbito do esporte e de outras práticas corporais.

Nesta pesquisa, ao buscar conferir visibilidade e significação à atuação das mulheres no âmbito de um esporte específico, estou convicta de que essa análise só pôde ser efetivada em função do referencial teórico que a subsidia. O meu percurso como investigadora e os das *skatistas* que encontrei nesse percurso, só foram possíveis porque somos herdeiras de uma longa tradição, qual seja, da luta das mulheres em prol de sua visibilidade, afirmação e reconhecimento.

Compreendo, enfim, que os distintos caminhos trilhados pelas jovens *skatistas* do presente só se tornaram concretos porque, há muito tempo, várias mulheres empenharam suas vidas, energia e determinação para criar condições para que essas ações hoje fossem possíveis. É óbvio que não estou operando com uma perspectiva linear e determinista de análise; antes, quero ressaltar que aprendi com os feminismos que evitar a des-historização das práticas, dos discursos, dos sujeitos, dos corpos é uma imprescindível tarefa política. De outro modo, indaga Margareth Rago,

como entender esse grande paradoxo que não permite atar nenhum fio com a tradição feminista que herdamos, fazendo supor que um dia o mundo mudou, as portas se abriram para as mulheres e ponto final? Como entender que as mulheres independentes do nosso mundo, sobretudo as jovens, as mais livres não se identifiquem, ou que não se sintam em nada devedoras em relação àquelas que lutaram, ou lutam pela abertura do campo de possibilidades de que desfrutam na atualidade, senão por um mecanismo perverso que faz com que tomem como origem o que não deixa de ser efeito produzido cultural e socialmente?

Uma mudança de olhar, um pensamento diferencial poderia dar conta de permitir uma maior sensibilidade em relação ao feminino e à construção de um mundo filógeno⁴⁹. Ou será uma questão de coração, mais do que de olhar? (2002, p. 2).

Inspirada nestas palavras trilhei, também, o meu percurso de investigadora ciente de que as análises que hoje faço só são possíveis porque estão inscritas na história política das mulheres e na minha história particular. Histórias estas que adentram meu corpo e minha subjetividade; são, ainda, parte da matéria do que sou feita.

Feitas essas considerações, no próximo capítulo, me empenho em descrever as fontes de pesquisa, mais especificamente, as formas através das quais emergiram como fontes tornando possíveis as análises aqui efetivadas.

⁴⁹ FILOGINIA, do grego *philos*, amigo + *gyne*, mulher - amor às mulheres; antônimo MISOGINIA, aversão às mulheres. (Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa (1999) citado por RAGO, 2002),

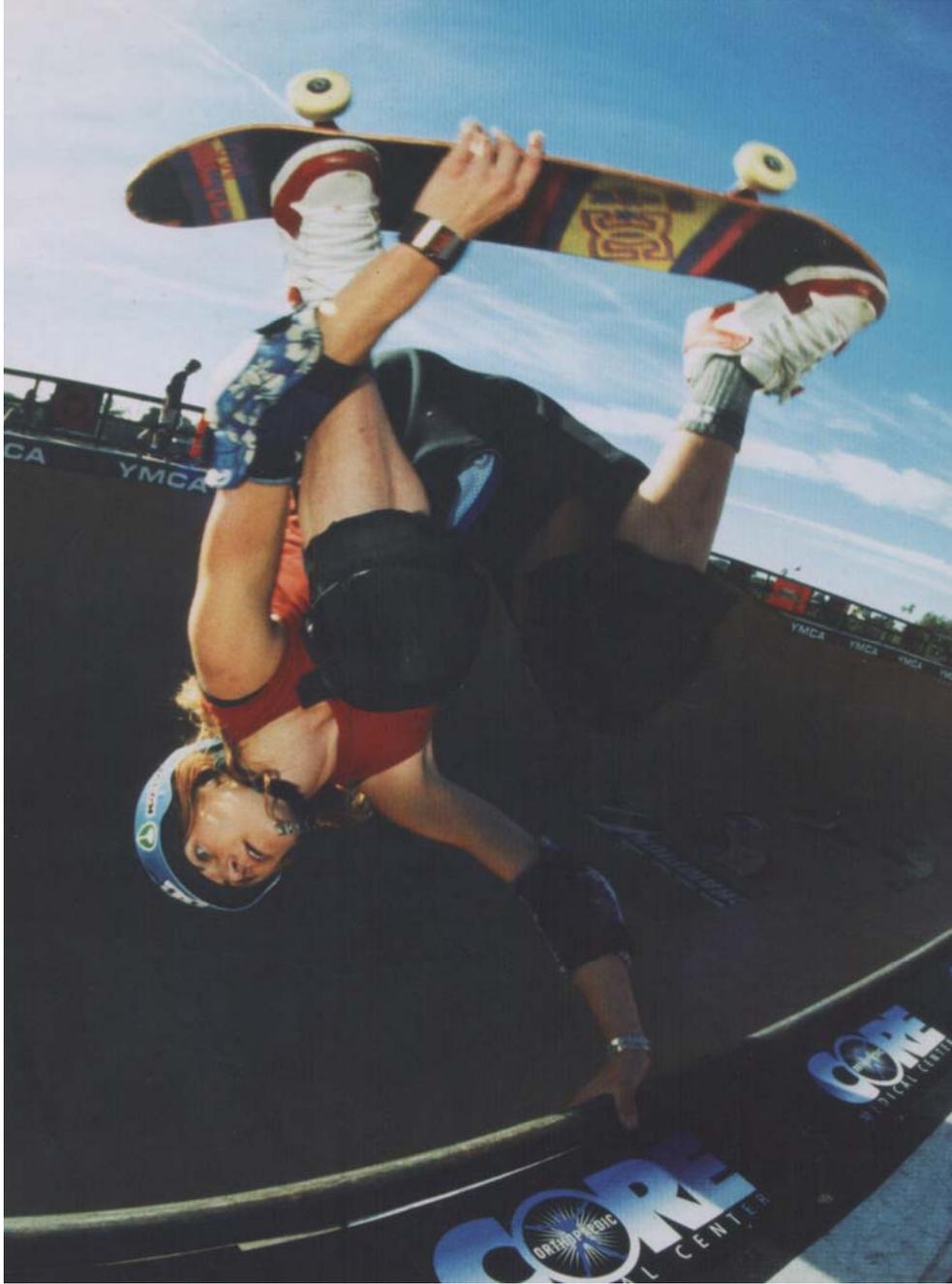


Figura 12 - Lyn Z. Adams, 2006

4. PERCURSOS INVESTIGATIVOS: A COMPOSIÇÃO DE UM MOSAICO CULTURAL

Ao iniciar esta investigação me senti estimulada a refletir sobre a participação de mulheres em determinadas práticas esportivas tentando compreender como se afirmam nestas práticas e quais as representações de gênero que produzem e a partir das quais são produzidas. Tão logo optei por analisar o *skate*, iniciei o mapeamento dos espaços nos quais poderia encontrar os/as praticantes na cidade de Porto Alegre. Dois locais emergiram de imediato: a praça do IAPI e o Parque Marinha do Brasil⁵⁰, visto que possuem nas suas dependências pistas em boas condições de uso e, por essa razão, são reconhecidos como áreas onde o *skate* é executado como prática de lazer e de competição.

Ao freqüentar esses locais por um período de dois meses percebi que a presença masculina era bastante grande e as poucas garotas que por lá encontrei não freqüentavam estas pistas com muita assiduidade. Outro fator que chamou minha atenção foi a grande presença de casais que levavam às praças seus filhos para

⁵⁰ A praça do IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários) é um espaço destinado a prática do *skate*. Localiza-se na zona norte de Porto Alegre e possui um *reet* bem grande, com 2 *mini-ramps*, 1 *quarter*, e vários *fun-box*. O parque Marinha do Brasil localiza-se na região central de Porto Alegre e possui uma pista *snake-run* que tem formato de uma grande serpente de concreto, com bordas arredondadas, desembocando num grande *bowl*. Foi construída em 1979. (FERNANDES, 2001).

aprender a andar com o seu primeiro *skate*. Dividiam a pista com eles, *skatistas* profissionais e amadores que participam de diferentes circuitos e campeonatos.

Paralelo a esse “trabalho de campo”, recorri à rede mundial de computadores (*Internet*) para identificar *sites* que tivessem como tema central o *skate* e, mais especificamente, o *skate* feminino. Localizei, então, diversas fontes de informações sobre essa modalidade esportiva, tais como *home-pages* de algumas Federações e Confederações, de fabricantes de *skate*, de roupas e de calçados, páginas pessoais de atletas reconhecidos nacional e internacionalmente, bem como vários outros destinados para os/as praticantes. Nessa busca tive a oportunidade de conhecer os *sites* de duas revistas especializadas: a *100% Skate* e a *Tribo Skate*, cujas edições circulam em papel e *on-line* (disponibilizadas na íntegra apenas para os assinantes) e, também, o *site* da marca *Mary Jane* que fabrica produtos voltados para jovens mulheres esportistas (roupas, tênis, bonés, acessórios, etc) e que se constitui, também, como uma patrocinadora de alguns eventos e de algumas *skatistas*.

No entanto, um *site*, de imediato, chamou minha atenção: *Skate para Meninas* – o título, por si só, já revelava muito de seu conteúdo. Interpelada por seu enunciado, comecei a percorrer seus *links*, a esmiuçar suas notícias, imagens, informações e percebi que, além de seu nome invocar uma certa “identidade feminina”, foi criado por uma jovem *skatista* e era encaminhado para as mulheres que praticam o *skate*. Ao debruçar meu olhar para esse *site*, percebi certa explicitude sobre “quem fala e para quem fala”, ou seja, mulheres envolvidas com o universo cultural do *skate*. Nele são protagonistas, autônomas de seu fazer onde evidenciam não apenas que são capazes de praticar o *skate*, mas, sobretudo, porque nele e através dele se posicionam como sujeitos de sua prática.

Considerando os objetivos da investigação, percebi que este *site*, quando conjugado com outras fontes de pesquisa, poderia fornecer inúmeras informações capazes de propiciar o entendimento da inserção das mulheres no espaço de uma prática cultural que contém uma maior inserção masculina. Além disso, poderia

colaborar para entender as representações de gênero que estavam atreladas a essa prática; questões essas que orientam minha investigação.

Embora, inicialmente, tenha pensado em investigar de forma mais detalhada os locais onde se vivencia o *skate* em Porto Alegre, fazendo uma espécie de etnografia sobre esse esporte, percebi que tamanho investimento talvez não respondesse às questões que me propus analisar. Afinal, mais do que analisar como se dá a prática de *skate* por jovens mulheres busco compreender como estas se posicionam como sujeitos de uma prática esportiva e como atuam no sentido da demarcação de que *o skate não é só para meninos*.

Entendo, sobretudo, que a presença das mulheres no universo do *skate* resulta de diferentes estratégias onde o poder é exercido, negociado. Ao aparecerem deslizando sobre as “rodinhas” nas praças, ruas, em campeonatos, nas revistas, nos *sites*, nos programas de televisão de esporte, em novelas, exercem o poder de mostrar o que sabem, quem são e de posicionarem-se como sujeitos praticantes deste esporte.

Nesse sentido, foram feitas algumas escolhas no que se refere às fontes a serem investigadas. Ainda que no Brasil o *skate* feminino seja um esporte que ainda está em construção, isto é, não apresenta ainda uma estruturação que garanta, por exemplo, a realização sistemática de competições nacionais e regionais, patrocínio abundante, premiações capazes de garantir uma carreira esportiva sólida, entre outras características de um esporte já legitimado, em diferentes instâncias sociais circulam informações sobre essa modalidade. Ao longo do processo de busca de informações sobre o *skate* feminino me deparei com matérias em jornais e revistas, reportagens em programas televisivos, trabalhos acadêmicos, livros, periódicos especializados (*100%Skate*, *Tribo Skate*) e vários *sites* que tematizam o *skate* (de instituições, patrocinadores, de marcas esportivas, de atletas e de aficionados pelo esporte).

Dentro deste universo de possibilidade foi necessário eleger as fontes privilegiadas de informação considerando, sobretudo, o tema da pesquisa e as questões que está se propondo a analisar. “Pistas, intuições, suspeitas, dúvidas merecem ser objeto de atenção e não deveriam ser descartadas sem antes perscrutar-se cuidadosamente várias possibilidades de conectá-las com aquilo que se deseja investigar” (COSTA, 2002, p. 151).

Diante do objetivo de analisar o *skate* praticado por mulheres, sua visibilidade e as representações de gênero que circulam no seu entorno, delimitei as fontes que compuseram o que estou denominando de material empírico. Nessa perspectiva adquiram relevância o site *Skate para Meninas*, produzido por uma *skatista* de São Paulo; a seção de esportes, do site da marca de *skate* feminino *Mary Jane*, onde circulam reportagens, entrevistas e notícias sobre os circuitos das provas e dos eventos e a seção denominada *100%skategirl* da Revista *100%Skate*, que é publicada mensalmente.

A análise mais detalhada sobre essas fontes não significou tomá-las como únicas. Ao contrário: elas possibilitaram a emergência de muitas outras pois, pela sua especificidade, tornaram-se um canal de disseminação de saberes sobre o *skate* feminino no Brasil. Vale destacar, ainda, que o site *Skate para Meninas* tornou-se, indiscutivelmente, a fonte que ancora esta investigação. Ao acessá-lo percebi que continha elementos fecundos para a pesquisa na medida em que não apenas disponibilizava uma infinidade de conhecimentos acerca do *skate* feminino no Brasil e no mundo como era, em si mesmo, um produto da ação de mulheres *skatistas* que buscavam a divulgação e consolidação desta modalidade esportiva.

Ao dialogar essas fontes de pesquisa como várias outras (reportagens, programas televisivos, depoimentos de atletas, observação de campeonatos e treinos, etc.) me deparei com vários elementos que permitiram perceber a existência de um conjunto heterogêneo de discursos, práticas e de representações que circulam ao redor do *skate*. Ao buscar as conexões entre esses elementos e, também, suas

dissonâncias pude perceber que não há um discurso sobre essas práticas mas discursos distintos, os quais estão implicados não apenas na estruturação desta modalidade esportiva como, e principalmente, na produção de sujeito “*skatistas* mulheres”.

Nesse sentido, utilizo-me do termo dispositivo para pensar sobre as inúmeras informações trazidas pelas fontes de pesquisa na medida em que, ao aparecerem de forma discursiva, permitem visualizar os mecanismos operacionais de poder. Para Foucault,

Um dispositivo é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas [...] o dito e o não dito [...] o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (1999, p. 244).

Ou seja, olho para estes artefatos da cultura contemporânea como dispositivos de poder, compreendendo que dali surgem e circulam discursos que funcionam na produção de sujeitos skatistas. Ao se articular saberes e informações a respeito dos elementos que constituem e põem em funcionamento o esporte skate, estes dispositivos fazem ver as relações de poder que estão aí implicadas. O poder, por exemplo, de designar quem é ou não autorizado a praticar o skate, a divulgar marcas de produtos a ele relacionados, a conquistar *status*, a falar dele.

Com isto estou a firmar que o *skate*, os sujeitos e as instituições que a ele se agregam, estão envoltos em uma rede de significações que está em constante movimento. Disputam-se poderes, espaços, visibilidades, conquistas, prêmios, saberes. Isto pode ser facilmente visualizado quando examinamos, por exemplo, os procedimentos adotados pelas instituições que atuam na organização da legislação que estabelece critérios de participação dos/das atletas nos campeonatos, as regras a serem seguidas, as provas a serem disputadas, os circuitos privilegiados e a estreita relação destes com as marcas financiadoras dos eventos. Há, nesses espaços uma

infinidade de contendas que privilegiam determinados grupos em relação à outros. Neste caso, dos *skatistas* homens em relação às mulheres.

Razão pela qual busco entender as estratégias de poder construída pelas praticantes, atletas e admiradoras do *skate* no sentido de desenvolver mecanismos de visibilidade objetivando posicionar as jovens *skatistas* como protagonistas de uma prática esportiva que, tradicionalmente, não as considerava como sujeitos. Parto do pressuposto de que, a partir do momento em que elas se fazem ver em diferentes espaços (*sites*, encontros, eventos, programas de televisão, revistas, entre tantos outros) estão, de certa forma, utilizando-se destes dispositivos para se posicionarem como sujeitos de poder.

Ao analisar muitos dos dados coletados ao longo desta investigação, percebi diferentes estratégias que as jovens *skatistas* adotam para reafirmarem este espaço como seu, para produzirem-se enquanto participantes e, por vezes, protagonistas. Para, enfim, produzirem-se como sujeitos *skatistas* que, além de disputarem campeonatos e provas, disputam significados, representações e locais de visibilidade. Disputam, enfim, poderes. Lembremos, com Foucault (1992), que só existe liberdade porque existe poder. Ou ainda, a liberdade pode muito bem aparecer como uma condição do poder e de sua existência. Ela não é unicamente uma pré-condição do exercício do poder mas, também, seu suporte permanente. “Sem poder não haveria liberdade já que essa só adquire sentido na medida em que se exercita em contraposição a ele” (LOURO, 1995, p. 122).

Nesse sentido, as diferentes estratégias adotadas pelas *skatistas* para se fazerem ver são observadas, aqui, como locais de resistência que, por estarem intrinsecamente ligadas ao poder, não são únicas nem localizáveis. “E onde há poder, há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social” (MACHADO, 2004, p. XIV)

A existência de discursos heterogêneos sobre a inserção, participação e permanência das *skatistas* nesta prática esportiva advém do diálogo estabelecido entre diferentes fontes de pesquisa, muitas delas inseridas no campo das comunidades virtuais, a exemplo dos *sites* e *blog* pesquisados. A utilização desses espaços como fonte justifica-se em função da profusão de conhecimentos que hoje circulam na rede mundial de computadores. A *Internet* é uma realidade que não pode mais ser desconsiderada no âmbito da pesquisa; é uma possibilidade concreta e crescente que faz circular múltiplas e distintas formas de acessar conhecimentos, seja através do acesso a *sites* de indivíduos, grupos ou instituições, seja pela participação em grupos e listas de discussão, pela leitura de periódicos eletrônicos, pela consulta à bibliotecas e banco de dados, entre outros. Como um instrumento da “tecnologia da inteligência” (LÉVY, 2001) já figura como um dos maiores acontecimentos do início do século XXI, estimulando novas maneira de se “fazer” sociedade. Por estarem inseridas no ciberespaço, essas comunidades interagem de maneira não presencial, comunicam, fazem discussões, propiciam novas sociabilidades, novos modos de ser, agregam diferentes grupos em torno de saberes e práticas compartilhados, estabelecem novos modos, tempos e linguagens (COSTA, 2005).

Considerando que utilizei como fonte privilegiada de pesquisa alguns dispositivos informacionais, em especial o *site Skate para Meninas*, passo a narrá-lo de forma minuciosa por entender que, a partir desse *site*, produzi outras fontes. Digo produção porque compreendo, tal como explicita Goellner (2007b) que

um documento, uma imagem, um artefato não são fontes históricas em si. O/a pesquisador/a é que lhe atribui esse significado a partir das questões que levanta para pesquisar, das indagações que faz sobre esse documento, da trama a partir do qual o documento é engendrado e sobre a qual ele pode falar. O documento é uma fonte porque alguém lhe conferiu voz (p. 21).

Ao descrever o *Skate para Meninas* e articulá-lo com as outras fontes de pesquisa objetivo, ainda, evidenciar os caminhos metodológicos adotados para construção dessa pesquisa, tanto no que tange a produção das fontes, quanto no que

diz respeito aos modos através dos quais foram analisados. Nessa perspectiva, gostaria de esclarecer que, a partir dos campos teóricos que a fundamentam, o método não é compreendido aqui como algo que se dá a priori, que antecede a investigação; não “é algo que paira no mundo e ao qual o pesquisador ou a pesquisadora deve se adequar a fim de “encontrar” os resultados que busca” (SANTOS, 2005, p. 20). O método é parte constitutiva do desenho investigativo e, freqüentemente, “se constitui no próprio andar da pesquisa” (McGUIGAN, 1997 apud SANTOS, 2005).

Pensando especificamente nos caminhos adotados para a elaboração deste texto identifico a etapa da produção das fontes como uma das mais importantes visto que elas não estavam dadas. Foram criadas à luz do tema e do recorte que lhe foi atribuído, o que permitiu a sua diversidade: *sites*, *blogs*, comunidades virtuais, reportagens em revistas, jornais e programas de televisão, entrevistas, observação de eventos. Passo, a seguir, a narrar algumas delas.

4.1. As fontes virtuais: *sites*, *blogs*, comunidades

Não há como descrever as fontes virtuais sem iniciar pelo *site Skate para Meninas*, sem dúvida alguma, uma fonte privilegiada deste estudo, seja pelo que publica, seja pela representatividade que adquiriu no interior da comunidade que circula no entorno de *skate*, seja pelas inúmeras ações que a partir dele foram produtoras.

O *Skate para Meninas* foi criado em junho de 2002 pela praticante de *skate*, Evelyn Leine que, desde então é sua *webmaster*.⁵¹ Motivada para obter maiores informações e conhecimentos à respeito da prática do *skate* feminino em São Paulo e no Brasil, buscou criar um espaço que facilitasse a comunicação entre as *skatistas* e

⁵¹ Pessoa responsável por uma *home-page*.

que, também, fosse capaz de fornecer informações às interessadas por esta prática. A idéia foi impulsionada pela necessidade que Evelyn teve de elaborar um trabalho para a avaliação final de um curso que realizava na área de informática o que, de certa forma, agregou-se ao objetivo de divulgar o *skate* feminino nacional e, principalmente, proporcionar o esclarecimento de dúvidas que ela mesma tinha e supunha ser também de outras praticantes de *skate*.

Assim, gradativamente foi trabalhando na construção e divulgação do *site* para que ganhasse qualidade, conteúdo e se estabelecesse como um importante canal de informação do *skate* feminino. Nas suas palavras: “o que me motivou, além do trabalho do curso, foi a falta de informação que existia. Eu entrava [na *Internet*] e não achava nada sobre *skate* feminino. Um pouquinho depois, fui achar o *site* da Karen [Jones], o “Garotas no Comando⁵²” (LEINE, 2005a, p. 88).

Essa informação desencadeou uma série de buscas e consultas sobre o *Skate para Meninas* e, fundamentalmente, sobre várias ações que ele desencadeou em prol do *skate* feminino no Brasil.

Desde seu início, o *site* privilegiou o acesso a informações relacionadas, por exemplo, à divulgação de campeonatos, aos nomes e conquistas das atletas bem como a indicações sobre diferentes eventos relacionados ao universo esportivo feminino. Através de contato que estabeleci com a Evelyn obtive um *release* onde está registrada a história do *site*. Produzido com o objetivo de apresentá-lo no evento denominado “O Dia do *Skate*⁵³”, ou ainda, “O Oscar do *Skate*” que aconteceu em São Paulo, no ano de 2005, este material possibilitou conhecer alguns dos passos necessários à afirmação do *site* no âmbito do *skate* brasileiro.

⁵² Tão logo conheci este *site* interessei-me por analisá-lo e transformá-lo numa fonte de pesquisa. No entanto percebi que não era atualizado com frequência e por esse motivo abdiquei de tal intento. Em setembro de 2007 mantinha como registro de sua última atualização a data de 24 de maio de 2004.

⁵³ Em São Paulo, essa data foi instituída através da Lei Municipal nº 11812-95, de 3 de agosto de 1995. No ano de 2005, o *Skate para Meninas* concorreu ao Troféu “Dia do Skate” na categoria “Melhor Mídia Web”.

O formato do *site*, desde seu início apresenta a seguinte configuração: uma página de entrada (*entry page*) com fundo em cor laranja e matizes de amarelo sobre as quais estão posicionados vários quadros (*frames*⁵⁴) que contemplam as últimas novidades: campeonatos, circuitos, prêmios e uma sorte de informações que dizem sobre o *skate* feminino no Brasil e no mundo. No seu canto superior direito situam-se os *links* que remetem a duas informações importantes: “Quem Somos⁵⁵” e “Contato⁵⁶”. Aqui é possível conhecer a equipe que dá suporte ao trabalho da Evelyn bem como o seu protagonismo na criação e manutenção do *Skate para Meninas*.

No lado esquerdo da página é possível ver o menu de navegação onde se encontram os *links* que permitem o acesso aos hipertextos⁵⁷ que o integram. Neste quadro (*frame*), desenhado em tom laranja sobre fundo preto, estão escritas as palavras-chave que permitem acessar uma multiplicidade de informações. Assim se estrutura esse quadro de navegação:

Principal – Como já descrito, é a página de entrada ao *site*;

História – registra fragmentos da história da modalidade esportiva *skate* e apresenta algumas fotos como, por exemplo, do objeto *skate*, de pistas e *skateparks* e de praticantes homens e mulheres;

⁵⁴ Moldura, quadro. Cada home page pode ter vários frames, sendo cada um deles, um documento distinto que abre em tela separada (MINI-DICIONÁRIO TÉCNICO, 2005).

⁵⁵ **Webmaster:** Evelyn Leine Gargiulo. **Colaboradores:** Karina Fabri (Matéria). Alessandra Meduza (Matéria e Entrevistas). Rogério Til Skater (Matéria e Fotos). Thiago Torres Ferraz (Tablaturas e revisões). Thaís Saraiva (Thaís Responde) Caroline Magalhães (Matéria, Música&Balada). **Agradecimentos:** A todos que desde o início me apoiaram e deram uma ajuda. Vinícius Cunha Alves, Denis Lemos Gargiulo, patrocinadores maior (mãe e pai), e todo mundo que faz o Skate Para Meninas não ficar parado mandando e-mails e sugestões. A todos que apoiam e acreditam no skate feminino brasileiro. As meninas do Unidas Pelo Carrinho e dos rolês (não tão frequentes como desejado). Muitíssimo obrigada a todos!!

⁵⁶ Mande e-mail's! Dê sua opinião, critique, sugestione qualquer coisa! E-mail: skateparameninas@hotmail.com; unidaspelocarrinho@hotmail.com. Evelyn Leine Gargiulo.

⁵⁷ Documento que contém *links* (ligações) não lineares para outros documentos, o que permite um processo de leitura não seqüencial.

Mulherada – apresenta uma listagem por ordem alfabética das atletas que “correm” ou “correram” os campeonatos brasileiros e que figuram como destaques no cenário do esporte;

Manobras – é uma espécie de guia que detalha como se pode realizar algumas manobras básicas do *skate* ;

Dicas – informa sobre questões técnicas que variam, desde o detalhamento do objeto *skate* e formas de melhor conservá-lo, até recomendações para a para execução de manobras, o uso de calçados adequados, os rolamentos mais funcionais, os cuidados que se deve ter no momento da compra do *skate*, etc;

Fotos – um mural com inúmeras fotos de mulheres *skatistas* executando diferentes manobras. Logo na entrada da página se pode ler a seguinte observação: "ATENÇÃO: Algumas fotos estão sem o nome das atletas, das manobras ou sem os créditos do responsável pela foto. Se você for o dono de alguma dessas fotos ou souber o nome da atleta, por favor nos comunique mandando um e-mail para: skateparameninas@hotmail.com. Obrigada";

Vídeos – disponibiliza, através do uso da ferramenta *Windows Media Player*, vários vídeos protagonizados por mulheres *skatistas*. Possui uma chamada, no alto da página, para que as garotas enviem seus vídeos ao *site* para que possam ser divulgados;

Procura-se – Com o sub-título “Cansada de andar de skate sozinha?” o *link* apresenta um cadastro (denominado de classificados) onde se pode identificar, em vários estados do Brasil e em outros países, mulheres *skatistas* que procuram companhia para esta prática⁵⁸;

⁵⁸ Em setembro de 2007 foi agregada a seguinte informação: “A seção **PROCURA-SE** do *site* vai ficar um tempinho fora do ar. Uma dica pra quem quiser procurar amigos para andar de skate: acesse o tópico **PROCURA-SE** da comunidade do *Skate Para Meninas* no *Orkut* que tem mais de 12 mil pessoas inscritas. Amizade ali não vai faltar pra fazer aquela boa e velha session de skate com companhia. **Se joga:** <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=593611>” Acesso em 21 de setembro de 2007.

Mural de Fotos – este mural que é freqüentemente atualizado. É composto a partir de fotos que são enviadas pelas *skatistas* a partir da chamada “Mande sua foto para nosso mural”. Além de fotos que são enviadas pelas participantes, ilustram este espaço, fotos que são feitas pela Evelyn Leine na cobertura de eventos.

Skate Shop – *link* no qual se pode conhecer e adquirir a camiseta *Skate para Meninas* que tem apenas um modelo: branca com gola preta onde aparece a estampa de uma mochila sobre um *skate*, o nome do site e, logo abaixo deste, a expressão: *skate não é só para meninos*⁵⁹;

Escolas – divulga os endereços das diversas escolas de *skate* existentes no Brasil com destaque para os estados de Goiás, Bahia, Paraná, Recife, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, Roraima, Minas Gerais e Santa Catarina.

Links – apresenta vários *frames* que abrem janelas para o acesso a outros *sites* de skate feminino, inclusive, produzidos no exterior⁶⁰. Além destes, divulga informações que extrapolam o tema *skate* como, por exemplo, sobre bandas femininas e revistas feministas, *sites* dedicados ao *hip hop*, ao grafite, à de programas de rádios e à bandas de *rock* lideradas por mulheres.

Além desses *links*, na página de entrada do *Skate para Meninas* é possível acessar uma série de informações que estão dispostas em forma de *frames* que, quando, clicados, conduzem a leitora para novas páginas que detalham as informações. Alguns dos títulos variam, outros têm presença permanente como, por exemplo, os títulos “Novidades”, “Matérias” e “Thais Responde⁶¹”

⁵⁹ Essas camisetas são vendidas também nas lojas *Aspeckt Feminina* e *Sigilo Skate Shop*, na Galeria do Rock em São Paulo.

⁶⁰ Como, por exemplo, em francês, o *site* www.poseuz-crew.com cujo destaque são os vídeos mostrando um ótimo nível de manobras; em espanhol, o www.chicask8.com, um site mexicano que exhibe fotos e um fórum de discussões; em inglês os *sites* www.allgirlskatejam.com, site oficial do campeonato feminino internacional; www.girlskater.com, que contém informações sobre skate feminino e www.villavillacola.com, que produz vídeos com atletas e promove as atletas norte-americanas objetivando e difundir o *skate* feminino.

⁶¹ “Dúvidas sobre peças de *skate*, acessórios, marcas, manobras ou de como fazer a unha? Mande um *e-mail* pra ela. Thais Saraiva responde”. Thais é uma reconhecida *skatista* de São Paulo. Foi, inclusive,

Principal
História
Mulherada
Dicas
Fotos
Videos
PROCURA-SE
Mural de Fotos
SKATE SHOP
Escolas
Link's

Skate Para Meninas
Domingo, 19 de Novembro de 2007
Quem Somos Contato

Novidades>>>

Downhill for Real Skaters
Campeonato Feminino de Downhill acontece esse mês.

Circuito Skate na Ladeira
Dezessete meninas correram a última etapa do circuito.

11ª Etapa Sampa Skate
Débora e Eliana são destaques da etapa.

Skate na Ladeira
Feminino ferve ladeira abaixo na primeira etapa.

Copa de Slalom
Diversas gerações na Copa Independência de Slalom.

Virada Esportiva
Euli Vieira vence o Best Trick e leva a filmadora pra casa.

Karen no Prêmio Jovem
Karen Jones é homenageada no Prêmio Jovem 2007.

Ester entra na New Skate
Ester Perussi entra na New Skate junto com Georgia.

Plasma e Skate Para Meninas
Sessão Plasma e Skate Para Meninas todas as terças-feiras.

Sábado, 02 de novembro de 2007
Primeiros passos
Há um ano o pai da Juliana, Nilton, entrou em contato com o Skate Para

Downhill for Real Skaters
Campeonato Feminino de Downhill acontece esse mês.

Thaís Responde
Dúvidas sobre tudo ligado ao skate? Mande um e-mail.

Matérias
[29.09.07] Etapa Rio de Janeiro
[21.09.07] Virada Esportiva
[23.09.07] Super Girl Jam
[22.09.07] Boardfest
[06.09.07] Georgia entra na New Skate
[24.08.07] Na kombi com adidas
[26.08.07] Expo Apo Fouzsek
[14.08.07] 13º X Games
Matérias Passadas...

Cadastre seu e-mail
Cadastre seu e-mail e receba informativos do Skate Para Meninas!
Nome: _____ E-mail: _____
Enviar Formulário
Cadastre seu e-mail

Skate não é só para meninas!
www.skateparameninas.com.br
Desde 01 de junho de 2002
WebMaster Evelyn Leine

Figura 13 : Página de entrada do *Skate para Meninas*

Decorridos cinco anos de sua existência, o *Skate para Meninas* se mantém, ainda hoje, como um canal informativo de acesso *on-line* tornando-se uma referência brasileira sobre o *skate* feminino pois, freqüentemente, é citado por outras mídias.

Além desta série de informações disponibilizadas nos diferentes *links* que integram o *site*, o *Skate para Meninas*, promove várias outras iniciativas que

destaque no editorial intitulado “Bem-Vindas” da revista *100%Skate* publicada no mês de abril de 2005.

extrapolam os limites do ciberespaço⁶²: organização de encontros, campeonatos, exposições, venda de produtos, realização oficinas pedagógicas, desenvolvimento de ações sociais, entre outras. Esta intervenção, liderada pela Evelyn Leine e por várias colaboradoras do *site*, permite compreender que no *Skate para Meninas* reside um certo caráter “pedagógico” que pode ser observado, por exemplo, no tratamento que é dado a algumas questões, na maneira como busca ensinar algumas técnicas e movimentos do *skate* ou, ainda, nas recomendações e conselhos que publica. Nesse sentido, exerce o que Shirley Steinberg (1997) denominou de “pedagogia cultural” visto que, tanto na *home page* como nas diferentes ações que a partir dela são desencadeadas, há a produção valores, conhecimentos, hábitos, etc. Segundo Henry Gyrourx e Peter McLaren:

existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum (1995, p. 144).

Desde sua criação, o *Skate para Meninas* constitui-se como um espaço de diálogo. A própria criadora do *site*, em vários momentos, incentiva as/os internautas a enviarem sugestões, textos, fotos, *releases* de eventos, vídeos entre outros. Motivo pelo qual, conta, atualmente, com várias/os colaboradoras/es que enviam notícias relacionadas ao *skate* feminino no Brasil e no mundo. Essa perspectiva de se traduzir como um canal de informação demanda investimento constante e dedicação na atualização freqüente, tarefa realizada pela *webmaster* que dedica tempo na alimentação do *site* não apenas colocando *on line* as matérias e notícias que são enviadas por *e-mail* mas, ainda na confecção de um boletim informativo que é freqüentemente atualizado. Além disso, Evelyn Leine realiza pesquisas em outros

⁶² Termo criado pelo escritor de ficção científica William Gibson em seu livro “*Neuromancer*” (1982). É usado para se referir ao universo formado pelas redes de computadores, ou seja, o espaço (conexão) que é criado por meio de telecomunicação de resposta imediata (telefone, *link* de satélite, sala de bate papo) entre pessoas que se encontram equidistantes. Uma característica distintiva do ciberespaço é que a comunicação independe de distância física.

sites, disponibiliza *links* no intuito de busca manter suas leitoras constantemente atualizadas.

Feita essa breve apresentação do *Skate para Meninas* passo a narrar algumas das ações desenvolvidas a partir do *site* cujas repercussões foram e são fundamentais para agrupar praticantes e simpatizantes dessa modalidade. Dada a sua importância constituem, também, o corpo de documentos que integram o material empírico desta investigação.

Estou me referindo ao *blog*⁶³ *Unidas pelo Carrinho* que foi criado em outubro de 2002. A partir de encontros virtuais no ICQ⁶⁴, garotas de diferentes lugares do Brasil, e freqüentadoras do *site* começaram a se comunicar motivadas pelo interesse comum no *skate*. Abaixo reproduzo um depoimento que menciona mobilização que se deu em torno do processo de criação do *blog*. Vejamos:

O Blog Unidas Pelo carrinho surgiu de uma conversa entre amigas skatistas pelo ICQ. Detalhe que nenhuma se conhece pessoalmente pois cada uma é de um lugar do Brasil. Todas tinham a mesma vontade: divulgar mais o carrinho entre as meninas do Brasil e do mundo, além de sempre apoiar uma a outra. Então: por quê não fazer um blog onde possamos falar diariamente sobre nossas dificuldades, dar pequenas dicas, falar de manobras, marcas de skate, preconceito e diversos outros assuntos que cercam nossas vidas? Demorô um pouco pra sair do papel, mas estamos aí cada dia mais forte (COMO SURGIMOS, 2002, s.p.).

Ao analisar este espaço de comunicação virtual, é possível perceber que, através do *blog* as meninas encontraram uma estratégia de colocar em movimento suas idéias seus interesses e a partir de um ponto de vista, compartilhar seus diferentes percursos e a formas através das quais posicionam-se no universo do *skate*. A denominação que adotam, *Unidas pelo Carrinho*, já remete a uma idéia de comunidade, de pertencimento, de engajamento a um grupo, a uma causa, uma

⁶³ O *blog* é um diário *on-line* onde se publicam idéias, imagens, histórias e postam-se mensagens. (MINI-DICIONÁRIO TÉCNICO, 2005).

⁶⁴ ICQ (*I Seek You*), um dos primeiros programas de conversa da *Internet*. (MINI-DICIONÁRIO TÉCNICO, 2005).

intenção. Ao analisar a emergência dos *blogs* na cultura contemporânea, Rogério Costa (2005) observa que:

Pertencer a um mundo eis o que um blogueiro também quer. E a remissão de *links* pode ir ao infinito pois, diferentemente da grande maioria dos *sites*, a liberdade de se colocar *links* em blogs é também o que dá a sua força e interesse [...] os blogs são povoados por outdoors, verdadeiras portas que nos levam aos mundos vizinhos do blogueiro. (p.75).

Ao analisar o *Unidas pelo Carrinho* como uma fonte de pesquisa, pude perceber que ali circulavam várias informações afetas ao *skate* feminino. As mensagens postadas são assinadas por nomes e/ou pseudônimos, apesar de não se saber exatamente quem escreve. Ainda assim possibilita, mesmo que de forma aproximada, situar quem está falando - não a pessoa mas sua posição no universo do *skate*: atleta, curiosa, participante, interessada, etc - e a quem está se dirigindo: colegas, amigas, *webmaster*, dirigentes, etc.

O *layout* de sua página de entrada apresenta um fundo colorido na cor rosa onde se destacam letras brancas; cor esta que é, culturalmente, associada ao feminino. O *blog* apesar de ter grande participação de mulheres não exclui os garotos pois é perceptível a existência de algumas mensagens assinadas por eles, *skatistas* ou não.

No centro da página é possível visualizar uma imagem na forma retangular com fundo preto cuja animação criada pela *webmaster* permite observar o desenho de vários *skates* coloridos que deslizam de uma extremidade à outra. Ao movimentarem-se, estes *skates* dão lugar a algumas palavras que estão escritas em cor branca onde se lê: **Amizade! Igualdade! União! Revolução!** Palavras que soam como convocatórias à adesão ao *blog* e à causa do *skate* feminino. Esse caráter ativo e participativo atribuído ao *Skate para Meninas* pode ser observado em uma das mensagens que Evelyn Leine postou no *Unidas pelo Carrinho*:

Data: 27/6/2003 22:43. **Nome:** Evelyn. **Mensagem:** MENINAS (e meninos): gostaria de agradecê-los pelos comentários no Unidas! Fico hiper feliz qdo entro aqui e vejo sempre mais uma pessoa que assina! Muito legal...

comentem os textos também!!! Beijos e muuuuuuito obrigada, o blog não seria nda sem vcs! VALEU. (LEINE, 2003, p. 1)

No interior das comunidades virtuais, os *blogs* se constituíram como um espaço não apenas de agrupamento de pessoas com interesses afins como e, principalmente, de divulgação. Segundo Lorenzo Vilches (2006) surgiram, em parte, como uma resposta à rigidez formal e ideológica dos meios tradicionais de informação.

São escritos por pessoas que, seguindo um tema, vão enriquecendo-o com informação continuada, oferecendo *links* em *sites* de interesse expressando com toda liberdade as opiniões pessoais (...) Como acontece com todas as mídias, suas possibilidades de expressão aumentam à medida que se tornam mais populares (p. 180).

Desenvolvido com o intuito de agrupar pessoas que se interessam pelo *skate* feminino no Brasil, o *blog Unidas pelo Carrinho*, permite acessar diferentes *links* que podem ser visualizados no menu de navegação que está situado na parte esquerda da sua página inicial São eles:

Quem somos – espaço no qual as pessoas se identificam e falam de si, descrevendo as manobras que mais gostam, revelando o tempo que tem de prática de *skate*, suas preferências musicais e disponibilizando endereço para contatos, etc;

Como participar – consta de minuciosas orientações a respeito dos procedimentos para quem deseja participar do *blog*;⁶⁵

⁶⁵ Agora para postar no Unidas, você tem que pelo menos estar começando a andar. É bom que você pode falar sobre suas dificuldades de iniciante, e dar apoio àquelas que querem começar e não sabem por onde. Se você já anda bem, pode dar conselhos, dicas...Não é preciso postar todos os dias nem escrever textos quilométricos. Basta mandar um *e-mail* para unidaspelocarrinho@hotmail.com, com nome, idade, cidade, e falar um pouco sobre você. Se você anda ou não, por quê postar... etc. Ficaremos muito gratas por dividirmos um espaço com você, falar sobre diversos assuntos, se ajudar, e divulgar mais o *skate* para as meninas aqui no Brasil.

Contato – registra as informações sobre as *skatistas* que criaram o *blog* e desencadearam o processo de postar mensagens, totalizando onze nomes⁶⁶;

Livro de visitas - este é o local onde estão disponibilizadas todas as mensagens enviadas ao *blog* desde o momento de sua criação, em 2002.



Figura 14: Página inicial do *blog* Unidas pelo Carrinho

Desde seu início o *blog* recebeu visitas de pessoas de todo o Brasil, especialmente, de jovens interessadas em conhecer mais sobre o *skate* e, também sobre as mulheres que estavam falando dele e o praticando. Dada a facilidade de circular em diferentes espaços e regiões, possível pelo uso das ferramentas da tecnologia informacional, o *Unidas pelo Carrinho* se consolidou como um canal

⁶⁶ Evelyn Leine, (SP); Alessandra Meduza, (SP); Vanessa Malta (MG); Yandara Versiani (MG); Christie Aleixo (RJ); Renata da Costa (SP); Dayana Pinheiro (PR); Gabryelle Vinavesky (SP); Lene (BA); Karina Teixeira, (SP) e Nadine Mariane (SP). Grande parte delas já andava de *skate* há pelo menos 3 anos, algumas entre 5 e 8 anos.

efetivo de comunicação sendo acessado, principalmente, por praticantes e interessadas em praticar o *skate*. Ao me debruçar com mais vagar sobre as mensagens nele postadas, identifiquei o *blog* como um espaço de trocas, partilhas e aprendizagens⁶⁷. Razão pela qual, foi incluído no universo das fontes que compõem essa investigação pois nele há vários indícios que me permitem identificar as estratégias adotadas pelas *skatistas* de se fazerem ver e de dizer o que dizem, produzindo-se, assim, como sujeitos dessa prática.

Além disso, não podemos desconsiderar que, na sociedade contemporânea, as comunidades virtuais têm se manifestado como formas concretas de comunicação e produção de saberes. Segundo Pierre Levy (2001), dada a profusão de informações ao qual somos submetidos, estas comunidades desempenham um papel importante pois operam como “filtros inteligentes” que atuam diante do excesso de informação. Para o autor, uma rede de pessoas interessadas pelos mesmos temas não é só mais eficiente do que qualquer mecanismo de busca mas, sobretudo, é mais eficiente do que a intermediação cultural tradicional, que sempre filtra demais, sem conhecer no detalhe as situações e necessidades de cada um. Por essa razão, entende que uma comunidade virtual, “quando ela é convenientemente organizada, representa uma importante riqueza em termos de conhecimento distribuído, de capacidade de ação e de potência cooperativa” (apud Costa, 2005, p. 66).

É exatamente assim que identifico a comunidade que circula em torno do *Skate para Meninas*. Tal percepção advém não apenas da análise do *site* mas das várias ações que a partir dele foram desencadeadas no sentido de agrupar as participantes e desenvolver ações propositivas em prol do desenvolvimento do *skate* feminino no Brasil⁶⁸.

Outro elemento que me faz considerar que o *site Skate para Meninas* agrega uma comunidade específica é a criação, em outubro de 2004, da comunidade

⁶⁷ Entre novembro de 2002 e outubro de 2005 foram postadas 238 mensagens no *blog*.

⁶⁸ Maiores detalhes sobre essas ações estão relatadas nos capítulo onde realizo as análises das fontes investigadas.

hospedada no *orkut*⁶⁹ com o nome de *Skate para Meninas*⁷⁰. Ao acessar sua página, encontra-se descrito perfil desta comunidade: “Criada com o objetivo de divulgar os eventos e proporcionar aos membros a oportunidade de conhecer pessoas novas, marcar rolês, e se informar sobre tudo o que rola no mundo do *skate* feminino” (SKATE PARA MENINAS, 2005, s.p).



Figura 15 - Ícone da comunidade *Skate para Meninas*

Além da descrição do perfil, através da página da comunidade é possível acessar as páginas pessoais de seus membros (em novembro de 2007 contava com o expressivo número de 11.995), informações sobre eventos e a divulgação de algumas enquetes realizadas no interior da comunidade. As que tiveram maior número de participantes foram: 1) Qual delas anda se destacando no meio do Sk8? (365 participantes). 2) Porque muitas deixam de andá? (357 participantes); 3) Não é só meninos que podem andar, nós tbem andamos? (307 participantes) e 4) Meninas também tem direito de andar de skate pq tem um monte de zé mané que nem sabe andar de skate (208 participantes)⁷¹

⁶⁹ É uma rede associada ao *Google*. Criada em 19 de janeiro de 2004 apresenta como objetivo ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos.

⁷⁰ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=593611>

⁷¹ Dados obtidos no *site* da comunidade no dia 20 de novembro de 2007.

As próprias perguntas propostas pelos integrantes desta comunidade merecem atenção dado que movimentam representações acerca dos discursos que operam no sentido de restringir às meninas a adesão a esta prática esportiva.

Ciente da sua importância da representatividade do *site Skate para Meninas* junto às comunidades virtuais e do protagonismo da sua *webmaster*, Evelyn Leine, na construção, manutenção, atualização e constante ampliação das ações desenvolvidas no e a partir do *site*, me desloquei para São Paulo com o intuito de entrevista-lá e, assim, obter maiores informações e esclarecimentos sobre o *site* e, sobretudo, sobre o *skate* feminino.

Nesse encontro, que aconteceu nos dias 21 e 22 de abril de 2006, Evelyn narrou sua trajetória no *skate* e, especialmente, sua atuação na composição do *site*. Além disso possibilitou que eu tivesse acesso a várias fontes primárias de pesquisa tais como: sua coleção de recortes de jornais e revistas que mencionaram o *Skate para Meninas*; cópias de diferentes artigos e reportagens que tematizam o *skate* feminino no Brasil e no mundo; os primeiros *zines* sobre *skate* feminino publicados desde os anos oitenta do século XX; fotografias e matérias publicadas em *sites* e outras mídias. Estes materiais foram reproduzidos e também se configuram como parte do material empírico analisado. x

Ao perscrutar o *site* em busca de informações descobri vários *links* que me permitiam navegar em outras *home-pages* relacionadas ao *skate*. Considerando o foco da investigação no *skate* feminino, despontou como outra fonte privilegiada de informação, o *site* desenvolvido pela marca *Mary Jane*, a linha feminina da marca esportiva *Qix*. Criado em 2004, o *site* está voltado para a divulgação dos produtos que fabrica, em especial, os sapatos esportivos (as coleções *dreams*, *love me*, *secrets* e *flash*) as roupas (camisetas, blusas, calças, saias, moletons, vestidos, etc.) e os acessórios (faixas, chaveiros, cintos, cachecol, touca, *nécessaire*, capacete, biquíni, munhequeira, etc.).

Seu *layout*, criado pelo setor de marketing da *Qix* evidencia, desde a página de entrada, para quem está direcionado: jovens praticantes de esporte. Apresenta um fundo em cor rosa *pink* sobre o qual inserem-se vários *frames* contendo *links* que remetem a internauta aos produtos a serem vendidos, a dicas sobre moda, a notícias de campeonatos de *surf* ou *skate*, a um guia de profissões, entre outros. O logotipo da marca também traduz esse direcionamento – o desenho de uma boneca cujo rosto em formato de coração “denuncia o romantismo, a timidez dos braços para trás, o tênis inseparável e a ousadia do cabelo azul (...) uma amiga esperta que está sempre pronta para ajudar a garota a se sentir mais bonita, leve, inteligente e divertida” (QUEM SOMOS, 2004, s.p.).



Figura 16 – página de entrada do *site Mary Jane*

O menu que orienta a navegação pelo *site* registra as palavras: Home; Catálogo; News; Mary Jane; Lar Doce Lar; Download; Seu Espaço; Esporte; Cadastro; Onde Encontrar; Jogos: Você no Site.

Considerando a temática e os objetivos da investigação, detive minha atenção no *link* “Esportes” por identificar que nele eram divulgadas várias informações sobre

o *skate*, mais especificamente, notícias diversas sobre os campeonatos, os resultados das atletas (com destaque para as patrocinadas pela marca) além de entrevistas com várias *skatistas* e surfistas, modalidades que mais apóia.

Ainda que tenha acessado inúmeras vezes este *site* à procura de dados que pudesse adensar minhas análises, verifiquei que não fornecia tantos elementos como o *Skate para Meninas*. Sua natureza era outra: produzido pelo setor de *marketing* de uma empresa específica, mesmo que divulgasse algumas notícias referentes ao *skate* feminino, seu escopo era divulgar a marca e vender seus produtos. Era, portanto, endereçada para um público consumidor. Aproprio-me deste termo a partir da acepção desenvolvida por Elisabeth Ellsworth (2001) quando discute o termo “modos de endereçamento” (originário do cinema) no contexto da educação. Afirma a autora: “os filmes, assim como as cartas, os livros, os comerciais de televisão, são feitos para alguém. Eles visam e imaginam determinados públicos” (p. 13). Enfim, são feitos à luz de pressupostos conscientes e inconscientes sobre quem são seus públicos, o que querem, desejam, aspiram, o quem pensam que são, em relação a si próprios, aos outros, as relações sociais.

O *site Mary Jane* pode ser pensado nesse sentido. Foi elaborado objetivando um determinado público, buscando atender determinados desejos construindo, de certa forma, o sujeito consumidor, o que pode ser observado na própria apresentação institucional da marca: “a Mary Jane está buscando cada vez mais estreitar seu relacionamento com suas amigas consumidoras, consolidar sua personalidade como toda adolescente e desenvolver produtos que atendam as necessidades do seu mercado” (QUEM SOMOS, 2004, s.p.).

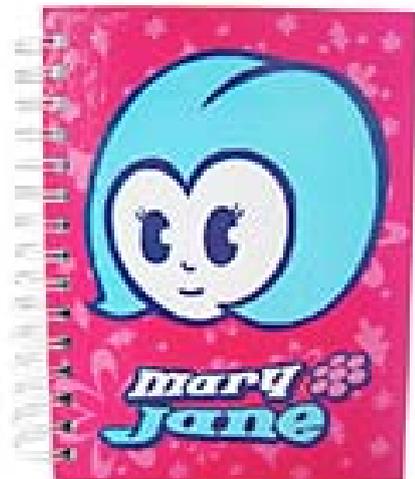


Figura 17 - Agenda com ícone da marca



Figura 18 – catálogo da marca

Além do *Skate para Meninas* e do *Mary Jane*, acessei vários outros sites ao longo da pesquisa. Através do buscador *Google Search*, naveguei por bibliotecas virtuais, competições, *chats*⁷², *blogs*, endereços institucionais e pessoais, de marcas, patrocinadores, enfim, por um campo bastante abrangente que não vou aqui detalhar. As informações mais relevantes advindas dessas consultas aparecerão, posteriormente, nos capítulos referentes às análises do material empírico.

4.2. As publicações: zines, revistas, encartes, seções específicas

No processo de construção das fontes me deparei com algumas publicações no formato revista endereçadas ao público praticante ou simpatizante do *skate*. Duas

⁷² Salas de bate-papo que permitem que os usuários conversem em tempo real por meio do computador (MINI-DICIONÁRIO TÉCNICO, 2005).

delas já eram bastante conhecidas e com uma boa aceitação nesta comunidade específica: a *Tribo Skate* e a *100%Skate*.

A *Tribo Skate* foi criada em 1991, pelos *skatistas* César Gyrão e Fábio Bolota. Ligados à mídia *skatista* já atuavam em algumas revistas que circulavam na época tais como as extintas *Yeah!* e *SKT News* e a *Overall*. Em outubro de 2006 completou 15 anos de existência e publicou uma edição especial narrando parte da história do esporte nacional. Atualmente mantém um *site* com algumas informações e os sumários de todas as edições desde agosto de 2005⁷³. A revista é publicada mensalmente e vendida em bancas de revista ou adquiridas pelo próprio *site*, inclusive algumas edições antigas. Em 2004 inaugurou uma seção denominada *Lilith* enfocando o *skate* feminino. Registra a primeira reportagem:

Penamos até chegarmos a um consenso sobre o nome dessa seção especial para o skate feminino. *Lilith* é um nome forte. Tem significados na Bíblia, no Torá, na Astrologia, na Mitologia e por aí vai. Mas a idéia central é que *Lilith* teria sido a primeira mulher criada por Deus, que acabou desafinado as ordens de Adão e por isso foi expulsa do paraíso. Ela queria liberdade de agir, de escolher e decidir. *Lilith* representa a revolta, a insubmissão e a vontade de explodir os preconceitos. Apropriado, não? (CARVALHO, 2004, p. 60).

Apesar de identificar essa seção na *Tribo Skate* (não sistemática em todas as edições) foi a revista *100%Skate* aquela que mais chamou minha atenção visto ter sido pioneira na publicação de dois encartes (2001 e 2002) direcionados especificamente para *skate* feminino, denominados de *100%SkateGirl*.

⁷³ <http://triboskate.terra.com.br/>



Figura 19 – Página da seção *Lilith*, Tribo Skate, nº 62

A *100%Skate* foi criada, em 1995, pelo *skatista* profissional Alexandre Vianna após passar uma temporada nos Estados Unidos, no ano de 1994, em companhia do amigo Bob Burnquist⁷⁴, um dos ícones do *skate* brasileiro atual. Ao ter acesso às publicações americanas, Vianna percebeu que no Brasil havia, ainda, poucas mídias especializadas em *skate*. Motivo pelo qual, se dedicou à construção da *CemporcentoSKATE* (atualmente com a grafia *100%Skate*) que, nos primeiros anos, circulou com periodicidade bimestral. Em outubro de 2000 tornou-se mensal e, desde 2004, mantém um *site*⁷⁵ na *Internet* no qual disponibiliza todas suas capas, o índice de todas as edições desde a de número 52 (julho de 2002), além de vídeos, entrevistas, notícias sobre eventos e atletas, entre outros. Como explicita sua apresentação institucional, registrada no *link* “Nossa História”:

Hoje a *CemporcentoSKATE* é o maior pólo de mídia do skate brasileiro, com a revista, o site, seus vídeos, e todos os projetos de mídia e marketing ligados a eles. Todos resultados de um simples sonho: ver o skate no Brasil

⁷⁴ Primeiro *skatista* brasileiro a vencer uma etapa em competição de nível mundial.

⁷⁵ <http://cemporcentoskate.uol.com.br/>

crescer, se profissionalizar e ter conceito (CEMPORCENTOSKATE: NOSSA HISTÓRIA, 2004, p. 1).

Durante a etapa de construção das fontes a serem investigadas, em uma das consultas realizada na *Internet*, encontrei uma notícia sobre a existência de dois encartes publicados pela revista intitulados de *100%SkateGirl*. De imediato acessei o *site* e solicitei, através do serviço “Atendimento ao Leitor”, a compra dessas duas edições. Tão logo as obtive, esmiucei seu conteúdo e, de pronto, notei que ali se alojavam elementos riquíssimos para minhas análises, uma vez que nas suas páginas circulavam discursos que diziam muito sobre a construção do sujeito “mulheres *skatistas*” e, também sobre representações de gênero vinculadas a esta modalidade esportiva. Estes encartes são compostos contemplando as seguintes seções:

Editorial – apresentação do encarte;

Seção de cartas – correspondências enviadas pelas leitoras da revista. Na sua maioria reivindicam mais espaço para o *skate* feminino. Indagam, ainda, as razões pelas quais são restritas as matérias sobre garotas considerando que elas correm os campeonatos há muito tempo e, portanto, deveriam ter maior atenção e incentivo;

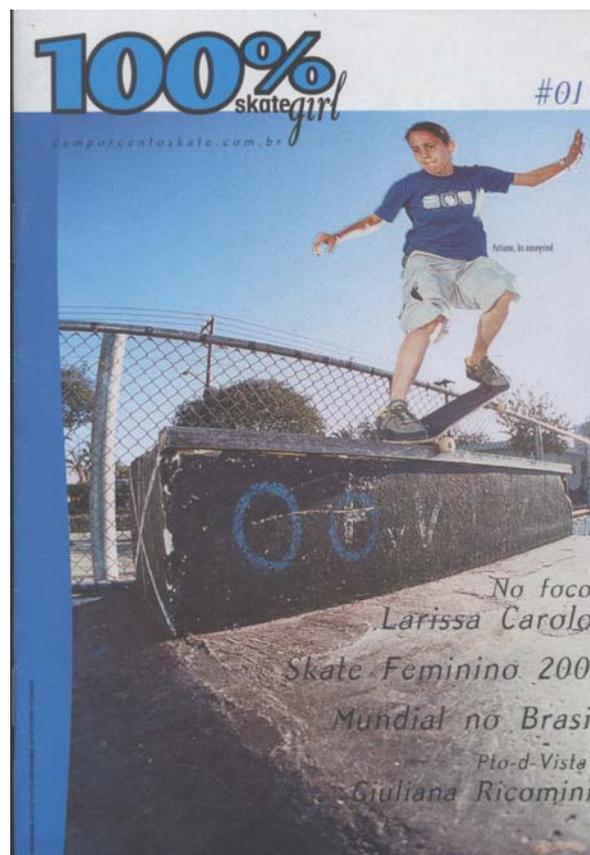
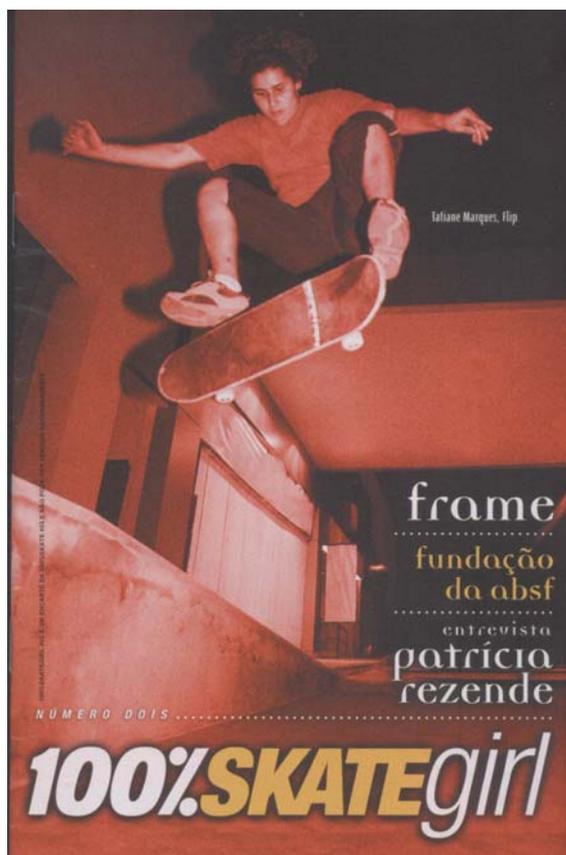
Departamento seqüencial – detalhamento da seqüência de uma manobra registrada, passo a passo, em fotografia colorida através das quais se pode ver as *skatistas* executando gestos técnicos da modalidade;

Entrevista – realizada com uma *skatista*;

Fiksperta – dicas de cuidados para com o corpo tais como indicações sobre produtos a serem usados em situações de torções, cortes, arranhões, hematomas e cicatrizes;

Reportagens - contempla conteúdo de interesse da leitora a quem está sendo endereçada a publicação, como por exemplo, informes sobre os circuitos que acontecem, as competições, etc.;

Ainda que nesse periódico apareça uma menção específica ao *skate* feminino uma análise merece ser feita: o encarte, como seu próprio nome diz⁷⁶, não compõe o corpo da revista, está fora dela. Além disso, o tamanho da publicação é diferente: a Revista mede 20,5 x 27,5 cm enquanto o encarte apresenta 12 x 20 cm. Ou seja, mesmo que as *skatistas* fossem representadas na *100%Skate*, a forma de publicação através da qual as apresenta, parece indicar que elas ainda estavam fora de seu projeto editorial. O que não significa afirmar que estas duas publicações não fossem importantes. Ao contrário: deram visibilidades as *skatistas* e, mais do que isso, promoveram debates acerca da temática das diferenças atribuídas pelas mídias ao *skate* masculino e feminino.



Figuras 20 e 21 – Capas dos encartes *100%SkateGirl*

⁷⁶ Segundo o Dicionário Houaiss, "operação de inserir (em uma publicação) uma revista, um folheto etc, geralmente, de cor ou de aspecto gráfico diferente, que constitui uma separata de matérias especiais ou puramente publicitárias." (2001, s.p)

O movimento desencadeado pelas *skatistas* em prol de maior incentivo, apoio e visibilidade, resultou na criação, em abril de 2005, de uma seção específica, dentro da *100%Skate* a abordar as mulheres. De certa forma, retoma-se a idéia do encarte, só que agora o deslocando para o corpo da revista. No editorial desta edição intitulado, “Bem- Vindas”, Alexandre Vianna registra “o encarte *100%SkateGirl* transformou-se em uma seção fixa dentro da revista,” (p, 2). Menciona a “batalha” que as *skatistas* estão empreendendo para driblar o preconceito e investir neste esporte. Cita o exemplo das brasileiras Patiane de Cássia, que corre os campeonatos internacionais e mora nos Estados Unidos, como também de Luciana Ellington e Lisa Araújo que lá residem e que, além de andarem de *skate*, são responsáveis pela elaboração e publicação da única revista de *skate* feminino no mundo: *Checkit Out Girls Magazine*.

No Brasil, chama a atenção para a iniciativa de Evelyn Leine com a criação e manutenção do *site Skate Para Meninas*, um espaço que tem promovido encontros entre garotas que gostam e que andam de *skate*. Ao reconhecer essa movimentação e o que chama de “novos passos do *skate* feminino”, Vianna encerra o editorial da seguinte forma: “Todo mês, teremos esse espaço para as meninas, porque somos *100%Skate*, independente do gênero. Bem-vindas” (VIANNA, 2001, p. 3).

A matéria inaugural desta seção é dedicada ao *site* criado por Evelyn Leine (2005a). Denominada “*Skate não é só para meninos*”: *site* ‘Skate para meninas’ é um importante canal de informações do esporte feminino”, exibe uma fotografia da página inicial do *site* e outra de Evelyn segurando seu *skate* em um *skatepark* de São Paulo. No corpo da reportagem narra quando o *site* surgiu, ressalta sua importância e descreve o perfil da sua idealizadora. Ao ler essa reportagem agreguei mais elementos a convicção de que, em se tratando de mulheres e *skate* no Brasil, o *Skate para Meninas* é identificado, pela própria comunidade ligada ao esporte, como uma referência de destacada relevância.



Figura 22 – reportagem de inauguração da seção *100%SkateGirl*



Figura 23 – Evelyn Leine

Em 2006, outra conquista das *skatistas*: a edição de número 100, comemorativa aos 11 anos da existência da *100%Skate*, traz na capa uma mulher *skatista*: Eliana Sosco é fotografada em ação, realizando uma manobra no muro de uma escadaria na cidade de São Paulo. Tal evento foi notícia no *site Skate para Meninas* cuja página foi atualizada às 23:40 horas do dia 22 de junho de 2006, com a seguinte chamada: “Primeira Capa feminina na *100%Skate*”.

Considerando o pioneirismo da *100%Skate* na divulgação do *skate* feminino, analisei, além de seus dois encartes (publicados em 2001 e 2002), a seção direcionada para as mulheres que circulou em todas as edições posteriores a abril de 2005, elegendo-a, portanto, como outra fonte privilegiada de informações.

4.3. Os encontro presenciais: as entrevistas e as observações nas pistas e eventos

Buscando maior aproximação com o meu objeto de pesquisa, além das fontes documentais e iconográficas, recorri a outras estratégias objetivando sua ampliação e diversificação. Nessa perspectiva entrevistei pessoas envolvidas com o *skate* feminino e percorri alguns locais que me possibilitavam observar o acontecer desta prática.

Em abril de 2006, entrevistei a Evelyn Leine, em São Paulo, em um *skatepark* localizado no Vale do Ahangabaú. Domingo ensolarado, cenário no qual algumas *skatistas* andavam com seu “carrinho” e arriscavam belas manobras em clima de convivência prazerosa. Nesse dia fotografei algumas delas e, aproveitando a oportunidade, entrevistei Priscila Moraes e Marta Linaldi, *skatistas* conhecidas no cenário nacional.

Entre outros/as *skatistas* que corriam na pista e vários transeuntes que por lá circulavam, encontrei dois fotógrafos que trabalham para revistas especializadas de *skate*. Aproximei-me de um deles e conversei informalmente sobre temas relacionados ao *skate* e ao *skate* feminino. Um deles teceu comentários sobre algumas das possíveis causas da pouca presença das garotas nos espaços midiáticos do *skate*. Citou como um elemento relevante, aspectos relacionados à estética, visto que a beleza de algumas atletas, segundo ele, “favorece” a sua presença na mídia, fator que colabora para atrair o patrocínio de marcas femininas.

Esse depoimento, que a princípio, me pareceu deselegante e, de certo modo equivocado, despertou minha atenção para alguns discursos sobre o embelezamento e os cuidados com a aparência presente nas muitas vozes que circulam entorno do esporte feminino. Ao relacioná-lo com algumas pesquisas desenvolvidas por autoras

que operam a temática de gênero e esporte⁷⁷, percebi que esse era um tema fecundo a ser analisado no campo da modalidade esportiva *skate*, discussão essa que aparece no último capítulo desta investigação. Afinal, como escreve Silvana Goellner:

Não são raros os exemplos de reportagens na mídia brasileira onde, mais do que analisar os talentos e méritos esportivos das atletas, o foco situa-se, exatamente, na aparência de seus corpos. Nesta abordagem importa menos o fato das mulheres serem atletas pois a centralidade está noutro lugar: nomeadas como musas, belas, princesas das quadras, meninas, garotas, etc, os comentários incidem mais sobre essas peculiaridades do que sobre suas trajetórias, conquistas ou frustrações esportivas (2006, s.p.).

Além dessas entrevistas e de outras que realizei posteriormente, compareci, no dia 3 de setembro de 2006, no *Qix Skatepark*, localizado na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul para assistir a 2ª etapa do *Qix Am Contest 2006*, que integrou o Circuito Gaúcho de *Skate* e contou com a presença de *skatistas* de todo o Brasil.



Figura 24- Karen Feitosa executando um Hard Flip

⁷⁷ Por exemplo Goellner (2003; 2005); Romero (2004); Devidé (2005), entre outros.

Nesse evento observei presença de várias garotas competindo, muitas delas ainda iniciantes, e que não se intimidaram frente aquelas que já estavam correndo campeonatos há mais tempo. Acompanhei e registrei com a câmera fotográfica, vários momentos das provas femininas. Aproveitei a ocasião para fazer contato com algumas *skatistas* gaúchas que estavam iniciando a participar de circuitos regionais e nacionais. Nesse mesmo dia, agendei entrevistas com algumas delas, o que efetivamente aconteceu dois dias depois, na pista do IAPI, em Porto Alegre. Entrevistei as vencedoras dessa etapa, as atletas Karen Feitosa, de Guarujá (RJ) e Marta Linaldi, de São Paulo (SP), classificadas em 1º e 2º lugares e, também, com a iniciante Juliana Teixeira, da cidade de Rio Grande (RS).

Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete e, posteriormente, transcritas. Foram processadas seguindo a metodologia adotada pelo Projeto Garimpendo Memórias⁷⁸, desenvolvido junto ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que contém as seguintes etapas: 1) transcrição; 2) conferência de fidelidade - conferir se o que está gravado foi transcrito; 3) copidesque - atribui ao depoimento oral uma forma escrita sem modificar a entrevista, respeitando a correspondência entre o que foi dito e o que está escrito; 4) assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Carta de Cessão de Direitos Autorais que autoriza o Centro de Memória do Esporte a divulgar as entrevistas e as fotografias para fins culturais e científicos.

⁷⁸ Projeto de pesquisa coordenado pela professora Silvana Goellner. Objetiva a preservação e divulgação da memória do esporte, da educação física, do lazer e da dança no Brasil. Concretiza-se através da realização de entrevistas com pessoas que podem testemunhar sobre os acontecimentos, as conjunturas, os eventos, as representações, os modos de vida, os sujeitos, enfim, múltiplos aspectos relacionados a sua história, da estruturação das diferentes práticas corporais e esportivas no contexto brasileiro, bem como sua inserção internacional.



Figura 25 – Marta Linaldi na Pista do IAPI

As diferentes fontes de pesquisa narradas ao longo deste capítulo (e outras que não foram aqui detalhadas por serem bastante pontuais ou específicas e que serão anunciadas quando chamadas ao texto) desenham o que denominei de mosaico⁷⁹ cultural – um conjunto de artefatos por onde circulam discursos, representações e práticas que dizem do *skate* feminino.

Para a sua composição agrupei várias peças, descartei outras. Ensaiei inúmeros e distintos arranjos, montagens, configurações. Apropriei-me de cada peça em separado para, posteriormente, articulá-la ao conjunto. Ao posicioná-las de um jeito e não de outro qualquer, dei formato a um jogo construído a partir do dito e do não dito, naquilo que vi e do que me passou despercebido.

Ao utilizar a idéia do jogo, faço referência não ao seu sentido lúdico, mas àquilo que Michel Foucault chama de jogos, ou seja “um conjunto de regras de

⁷⁹ 1. Desenho feito com embutidos de pedras de várias cores. 2. Pavimento feito de ladrilhos variegados. 3. Arte de fazer obras desse gênero. 4. Qualquer obra do artefato composto de partes visivelmente distintas. 5. Miscelânea. (MICHAELIS - MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Consulta *on line* em 20 de agosto de 2006).

produção da verdade [...] um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado. [...] Resultado este não considerado como uma regra única, um fim... pois essas peças deslocam-se, se ligam a outras peças em conexões, que produzem verdades e saberes” (1984, p. 282).

“Falar de método é falar de como, de uma estratégia, de uma abordagem, de um *saber-fazer*” (PESAVENTO, 2003, p. 63). Nesse sentido busquei narrar, neste capítulo, a escolha do tema, a fabricação das fontes, as formas de olhá-las e fazê-las dialogar. A imagem do mosaico emergiu desse movimento: um quebra-cabeça de peças capazes de produzir sentido. Penso ser pertinente evidenciar, ainda, que trabalhei com as diferentes fontes entendendo-as como de natureza diversa, o que não significa afirmar que as tenha hierarquizado. Cada qual “falou” à sua maneira, fez ver, tornou algo legível. Os documentos escritos, os depoimentos, as imagens, os hipertextos, os *chats*, *blogs* e *sites*, foram analisados e narrados com importância equivalente. Penso, tal como propôs Manguel (2001), que

as imagens, assim como as histórias, nos informam. (...) As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vagas que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são matérias do que somos feitos (p. 20).

Ao olhar para o que é dito nesses diferentes artefatos tentei apreender o modo como são ditos, o que mostram e para quem mostram, aquilo que exibem e que ocultam. A justaposição entre as diferentes peças deste mosaico cultural possibilitou entender como os sujeitos foram descritos, exibidos, nomeados. E, também, como eles próprios se descreveram, exibiram e nomearam. Segundo Costa (2000), “quando alguém ou algo é descrito, explicado, em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo ‘uma’ realidade, instituindo algo como existente de tal ou qual forma” (p. 77). O que me leva a entender que, se o sujeito é discursivamente produzido, tal como evidenciou Foucault, ele não é algo pronto, acabado e que existe à priori.

Ao relacionar essa compreensão com meu objeto de pesquisa, afirmo que, não há nenhuma *skatista* pronta, cuja existência procurei descobrir ou revelar. O campo teórico e metodológico que sustenta essa pesquisa me permite afirmar que as *skatistas* que circulam por essa tese foram inventadas pelas teias discursivas nas quais se envolveram e que lhes conferiram sentido a si mesmas e diante dos outros. Esse movimento, em muito, é desencadeado pelas próprias *skatistas* que investiram no sentido de criarem possibilidades para a sua emergência, aparição e visibilidade; movimento este que analiso no próximo capítulo.



Figura 26 – Eliana Sosco, 2006

5. ESTRATÉGIAS DE SE FAZER VER OU DE COMO CONSTITUIR VISIBILIDADES

Ao articular as diversas peças que compõe o mosaico cultural constituído a partir da produção das fontes empíricas desta investigação, identifiquei inúmeros processos e modos através dos quais as mulheres praticantes de *skate* vêm ampliando espaços de atuação e de projeção. Em outras palavras, vêm edificando espaços de visibilidade, buscando projetar luz sobre o *skate* feminino e sobre si mesmas, suas conquistas, reivindicações, sonhos, perspectivas, frustrações, queixas.

Considerando que o *skate*, em distintos contextos, ainda é representado, como uma prática culturalmente associada ao universo masculino mais que ao feminino, as mulheres que adentram as múltiplas práticas que o significam necessitam, por vezes, investir esforços que estão para além do aprendizado de sua gestualidade técnica. Necessitam se apropriar, também, de um espaço que é simbólico porque se estrutura a partir de representações culturalmente construídas e que, por assim serem, são fluídas, cambiantes, instáveis. Apropriação esta que se dá em meio a disputas: de poderes, de significações, de saberes, de práticas, enfim, disputas que giram em torno da produção de discursos e das práticas por eles produzidas para posicionar os sujeitos.

Inspirada nos estudos de Michel Foucault, em especial sobre a produção do sujeito, e as relações de poder⁸⁰, ou ainda, das produções discursivas como locais de posições de sujeito, desenvolvo as análises sobre as fontes de investigação buscando observar as estratégias que as *skatistas* colocam em ação para dizer que este lugar é seu. Ao afirmarem, por exemplo, que “o skate é para meninas”, entendo que querem instituir “algo” como verdadeiro e, desse modo, reivindicar uma identidade que reconhecem como sua.

Considerando que os discursos são observados na sua materialidade como constituidores de sentidos, Foucault (2005), penso que as diferentes formas através das quais as *skatistas* se constituem nesta modalidade esportiva passa, necessariamente, pela rede discursiva que circula no seu entorno. Afinal, os discursos são grupos de enunciados que estruturam a maneira de algo ser pensado e a maneira de agirmos com base nesse pensar (ROSE, 2001).

Nesse sentido, o que é dito nos *zines*, jornais, revistas, *sites*, *blogs* e nas diversas fontes empíricas analisadas, é aquilo que possibilita colocar em evidência maneiras de pensar e agir das atletas e das praticantes de *skate*. É para essas práticas discursivas que direciono meu olhar, afinal, se há uma discursividade que posiciona as *skatistas*, penso ser fundamental analisar as estratégias contemporâneas de visibilidade que estão sendo utilizadas e também produzidas por elas. Ou seja, analisar o que é dito ou o que pode ser dito neste contexto bem como o lugar ocupado e que ocupam no discurso, a sua “posição de sujeito.”

Para tecer estas análises busco nos escritos de Michel Foucault referência e inspiração, dado que me permitem movimentar reflexões a partir da especificidade do meu tema de pesquisa e dos dados advindos do material empírico. Não penso estar tomando sua teorização como a única ancoragem teórica, no entanto, alguns

⁸⁰ O termo relações de poder é empregado tal como vem sendo apreendida a partir das reflexões de Foucault segundo o qual, uma relação de poder se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis precisamente por ser uma relação; que o ‘outro’ (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra diante da relação de poder todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis (FOUCAULT, 1979).

conceitos que lapidou são fecundos para o diálogo que, a partir de agora estabeleço entre a empiria e a teoria. Ao fazê-lo vivo em minha escrita, de forma alguma estou afirmando estar fazendo uma análise de sua teorização. Aproprio-me de fragmentos da sua obra para adensar interpretações acerca estratégias de produção de visibilidade das *skatistas* ou, ainda, das formas através das quais se fazem ver. Recorro a Rosa Fischer para melhor explicitar essa apropriação:

Ao utilizar um autor na escrita acadêmica, nos de certa forma o reescrevemos, nós nos apropriamos dele e continuamos sua obra, tensionamos os conceitos que ele criou, submetemos à discussão uma teoria, porque a mergulhamos no empírico, no estudo de um objeto por nós selecionado, que ultrapassa, vai além dos objetos que o autor escolhido elegeu – justamente porque nossa história é outra, nossos lugares e tempos são outros. Reescrever um autor, apropriar-se dele, é vasculhar em suas formulações teóricas um ponto de encontro com nós mesmos, com aquilo que escolhemos como objeto, com aquilo em que nós investimos nossa vida, nosso trabalho, nosso pensamento; tem a ver com uma entrega, nossa entrega ao tema, a um objeto, a um modo de pensar, que assumimos como pesquisadores (FISCHER, 2005, p. 120)

Ao recorrer a Foucault e vários outros autores e autoras, os/as ressignifico em suas formulações e os chamo para compor esse texto que é meu e, também de tantos/as outros e outras.

Ao analisar o material empírico pude observar distintas formas de se fazer ver e, sobretudo, perceber o quanto essa visibilidade é crucial para a afirmação do *skate* feminino no Brasil. Dela depende, em grande medida, a consolidação dos campeonatos, das premiações, dos patrocínios, dos investimentos públicos para a construção e manutenção dos *skateparks*, dos apoios, da adesão de novas participantes, da quebra de preconceitos, enfim, de uma série de situações que tornam evidentes que esta modalidade, no que diz respeito a categoria feminina, está, ainda, em construção.

Muitas informações emergiram das fontes empíricas. Algumas foram constantemente recitadas, outras apareceram vez ou outra, muitas, talvez foram por mim despercebidas. As reflexões que desenvolvo a seguir só foram possíveis

porque, como estratégia metodológica, busquei extrair das fontes as suas persistências, continuidades e recitações. Com isso não estou dizendo que desconsidere as rupturas ou as dissonâncias. Alerto, apenas, que das inúmeras estratégias desenvolvidas pelas *skatistas* para se fazerem ver no universo cultural deste esporte, elenquei algumas delas para aqui descrever e analisar. Os critérios utilizados para tal eleição emergiram da sua própria discursividade, ou melhor, do que estas mulheres afirmam como “verdadeiro” e como se posicionam a partir destas verdades que proclamam, reivindicam e vão em busca.

Cabe, ainda esclarecer que estas “verdades” não foram aceitas sem qualquer desconstrução. As fontes de pesquisa foram tratadas como documentos plenos de materialidade e de fluxos discursivos que denotam intencionalidades na sua produção, divulgação, enunciação. Em outras palavras: não são dados do real mas construções discursivas acerca do real. Construções que pressupõe negociações, disputas, enfim, precisam ser situadas no contexto de sua criação.

Ao percorrer as diferentes fontes de investigação para tentar apreender os modos de através dos quais as *skatistas* buscam se fazer ver, de imediato, algumas estratégias afloraram como basilares e, a partir delas, outras foram emergindo, se consolidando, se ampliando. Descrevê-las em suas especificidade se mostrou como tarefa impossível, visto que se embrenham umas nas outras, mesclam-se, atravessam fronteiras. Ainda assim, exercitei uma forma de analisá-las conferindo-lhes algumas relevâncias e singularidades ciente de que nenhuma delas foi pensada ou proposta de forma isolada. Desenvolveram-se dentro e a partir de uma rede discursiva que busca, insistentemente enunciar que o *Skate não é só para meninos*. Razão pela qual, investem na divulgação do esporte, na criação de uma associação específica, na promoção de eventos, no desenvolvimento de escolinhas pedagógicas, na conquista de espaços midiáticos, enfim, em uma série de estratégias que se direcionam para o que identificam ser o máximo da visibilidade: a profissionalização do *skate* feminino no Brasil. É esse movimento que narro a partir de agora.

5.1. Quando você é excluída, você faz o seu⁸¹

Para iniciar esta análise recorro ao *site Skate para Meninas*, não apenas porque o identifico como fonte privilegiada de pesquisa mas porque muitas das afirmativas proclamadas pelas *skatistas* com relação à importância de se tornarem visíveis no universo cultural do *skate*, emanam do *site* e das diversas ações que a partir dele foram desencadeadas. Sua criação e consolidação puseram em ação vários discursos, práticas e representações tornando-se um fio importante da trama discursiva que busca enunciar ser o *skate* um esporte, também para as meninas.

Não é sem razão que ao acessarmos o *site*, o que de imediato desponta diante de nossos olhos é um *banner* onde cintilam algumas palavras nas cores amarelo, laranja e vermelho sob um fundo preto. Foquei meu olhar neste *banner* e nos movimentos repetidos das palavras que apareciam e desapareciam da tela, onde se destaca a expressão: *o skate não é só para meninos!*

Atenta ao que ali estava dito, surgiram várias indagações: Em que contexto surgiu esta expressão? Quais as condições de possibilidade que favoreceram sua aparição? A quem é endereçada? Onde circula? Quem a proclama?

Como uma espécie de jogo de esconde-esconde, o *banner* que ilustra a página inicial do *Skate para Meninas* ostenta várias interrogações, evidencia um palavrão, e afirmativamente diz que *o skate não é só para meninos!*

Em diferentes momentos e fontes percebi que esta expressão opera como se fossem da “ordem da verdade”. Isto é, dá a entender que as *skatistas* desejam criar e instituir algo como verdadeiro, utilizando-se, para tanto, da elaboração de um enunciado que se mostra fértil para possíveis tessituras.

⁸¹ Frase dita por Karen Jones em entrevista concedida por telefone no dia 01 de dezembro de 2007.



Figura 27 - Banner do *Skate para Meninas*

Gostaria de esclarecer que os enunciados não são pinçados das falas, não estão soltos nem mesmo ocultos para serem desvelados ou trazidos à tona. Descrever um enunciado “não significa isolar um segmento horizontal, mas definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos [...] uma existência, e uma existência específica” (FOUCAULT, 2005, p. 123). Afinal, os enunciados são produzidos a partir dos discursos e enredados em diferentes relações e jogos de poder.

Para compreender como as *skatistas* buscam tornar “verdadeiro” o que enunciam, busco suporte na teorização foucaultiana acerca dos “jogos de verdade”, sobretudo, sobre relação que estes têm com a produção do sujeito e com os regimes de verdade que cada sociedade possui. Ou seja, com “os tipos de discursos que elas acolhem e fazem funcionar como verdadeiros, os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos [...] e o

estatuto daqueles que têm o poder de dizer aquilo que funciona como verdadeiro”. (FOUCAULT, 1992, p. 12). Tais discursos são colocados em funcionamento através de várias práticas, inclusive as institucionalizadas, o que permite afirmar que estas capturam, posicionam e produzem sujeitos.

As *skatistas* (e outros sujeitos que são capturados pelo que enunciam), ao edificarem espaços (virtuais ou não) nos quais as mulheres não necessitam solicitar alguma permissão para andar de *skate*, estão abrindo passagem para anunciar que é de seu direito falar de gosto pelo carrinho, desejar e aprender andar de *skate*, mostrar que, há muito tempo, deslizam pelo asfalto e pistas, participando de campeonatos ou usufruindo dessa prática como atividade de lazer e diversão.

É nesse contexto que o site *Skate para Meninas* adquire grande relevância para as análises aqui empreendidas dado que agregou vários indivíduos (não apenas as *skatistas*) que, ao serem capturados pela idéia de que as mulheres podem (e devem) praticar *skate*, passaram a investir na difusão dessa afirmação.

Nesse sentido, mostra-se relevante a afirmação da *skatista* Karen Jones (2007) quando afirma: “quando se é excluída, tem que fazer o seu” (informação oral)

E as *skatistas* assim estão fazendo. A começar pela criação de um espaço de visibilidade na *Internet* (os sites, blogs e chats) os quais possibilitaram alguns encontros que, posteriormente, ultrapassaram o espaço virtual e se tornaram presenciais.

Ao comemorar os três anos de existência do *Skate para Meninas*, Evelyn Leine publica uma matéria na qual faz a seguinte avaliação:

São três anos no ar [...] quem diria que aqueles desenhos na mesa da sala de aula, aquelas anotações no caderninho iriam deixar de ser um projeto, para virar realidade. Os primeiros contatos, as primeiras amizades, os primeiros textos e fotos, as idéias, as dores de cabeça, a evolução no design e interação, o reconhecimento, o trabalho [...] um longo caminho trilhado que vale a pena ser lembrado e comemorado! Muitíssimo obrigada a todos e lembrem-se: SKATE NÃO É SÓ PARA MENINOS! (LEINE, 2005b, p. 1).

Ao falar a respeito da passagem do tempo e relembrar o percurso da criação do *site*, Evelyn faz uma retrospectiva e reconhece a importância de sua dedicação em construí-lo e disponibilizá-lo *on-line* dado que, já nesse momento, havia se transformando em um local de informação e um meio para propiciar novos contatos.

Torna explícitos alguns dos desafios enfrentados para a elaboração deste artefato cultural que, como todas as novas tecnologia de informação, está produzindo outras sociabilidades ao minimizar as distâncias e aproximar pessoas, grupos e tribos. Faz ver, ainda, que os sujeitos, aos adentrarem o universo da cibercultura⁸², podem nele se posicionar e deixar suas marcas. No seu caso específico, ao encerrar o texto com agradecimentos reafirma e faz lembrar: *Skate não é só para meninos!* Não podemos esquecer, como lembra Celi Pinto, de que no discurso sempre se fala de algum lugar.

a capacidade que um discurso tem de responder a demanda está intimamente associada a sua capacidade de exercer poder, [...] só exercido pela identificação, pela adesão espontânea, reconstruindo posições de sujeito a partir desta ou daquela identificação (PINTO, 1989, p. 36).

As ações desenvolvidas em prol da comemoração do aniversário do *site*, não se restringiram ao ciberespaço: ganharam as ruas, agruparam *skatistas*, interessados/as, praticantes de outras modalidades esportivas, enfim, reuniram pessoas.

O Skate Para Meninas comemorou 3 anos de sucesso com uma mostra de vídeos de skate feminino na pista da Plasma Park, entre elas AKA Girl, Villa Villa Cola e o pioneiro brasileiro Dona Maria, sem contar a palestra da ABSFE com a vice-presidente Tatiane Marques (LEINE, 2005c, p.1).

⁸² Tem como pano de fundo as novas tecnologias, em especial, as relacionadas à comunicação digital, à realidade virtual e à biotecnologia. Abrange os fenômenos relacionados ao ciberespaço, ou seja, aqueles associados às formas de comunicação mediadas pelo computador (MINI-DICIONÁRIO TÉCNICO, 2005).

A reportagem descreve como aconteceu essa comemoração. Anuncia a presença de mais de oitenta pessoas só na primeira sessão de vídeos, desde as atletas que correm os principais circuitos do Brasil, às iniciantes e interessadas no esporte, sem contar os pais que acompanhavam seus filhos, alguns curiosos e a mídia especializada que marcou presença e registrou todo o evento. Além das sessões de vídeos foram distribuídos brindes e organizada uma exposição fotográfica exibindo campeonatos e situações que registram *skatistas* mulheres executando diferentes manobras.

A relevância atribuída à sessão de vídeos, foi justificada pela pouca oportunidade de acesso a esse material, visto serem produções americanas cuja narração é em inglês⁸³. No entanto, as imagens dizem por si só: exibem mulheres *skatistas* executando manobras sensacionais, registradas nos mais diferentes “picos”⁸⁴ ou lugares (in)próprios onde executam performances de alto nível. “As imagens assustaram alguns meninos, pelo alto nível técnico das manobras” (Ibid., p.1) refere o *site*, ao mencionar a reação dos *skatistas* ao assistirem esses vídeos.

Outro momento importante desse encontro foi a exibição do vídeo *Dona Maria* - raro, senão o único registro de *skate* feminino brasileiro, filmado no ano de 1998, pela produtora independente Vagalume. Aguardado com certa expectativa pelo público, o vídeo mostrou algumas atletas nacionais que fazem parte do *ranking* brasileiro de *skate* tais como, Giuliana Ricomini, Liza Araújo, Ana Paula Negrão, Patrícia Rezende dentre outras que lutam pela valorização do *skate* feminino no país. As imagens foram gravadas com câmeras super-8 e digital, tendo como cenário algumas pistas de *skate* do ABC paulista e ladeiras e ruas de São Paulo, totalizando 11 minutos. A exibição desses vídeos e, mesmo a sua produção, são importantes

⁸³ Intitulados *Aka Girl* e *Villa Villa Cola* e patrocinados pela marca *Element*, apresentam atletas reconhecidas nos circuitos americanos de *skate* tais como Jayme Reyes, Amy Caron, Vanessa Torres, Alysson Nugget, Mônica Shaws, Cara Beth Bumside, Elisabeth Nitu, Alex White, e a brasileira Patiane Freitas, que foi morar na Califórnia, sonho da maioria das *skatistas* que desejam se profissionalizar e viver do *skate*.

⁸⁴ Gíria utilizada pelo/as *skatistas* para fazer referência a um lugar de encontro, que designa geralmente alguma pista de *skate*.

para a afirmação dessa modalidade pois fazem ver que o *skate* feminino tem história, inclusive, no Brasil.

Após a sessão comemorativa de vídeos, somaram-se outras pessoas ao evento para assistir a palestra proferida pela vice-presidenta da Associação Brasileira de Skate Feminino (ABSFE)⁸⁵, Tatiane Marques que, abordou temas como a relação entre patrocinador e atleta, a mídia e o mercado e, principalmente, explicitou o papel desempenhado pela ABSFE frente aos desafios e problemas da modalidade. Finda a palestra, a pista foi liberada para as *skatistas*, que foram filmadas pela equipe do “Programa Zona de Impacto”, veiculado no canal *SporTV* que tinha os direitos exclusivos para a cobertura deste encontro, o que sinaliza já sua visibilidade na mídia televisiva.

Evelyn finaliza a reportagem enfatizando: “comemoramos apenas três anos do imenso tempo on-line que virá pela frente [...] divulgando atletas, informando tudo relacionado ao skate e o universo feminino, além claro, de realizar eventos e campeonatos” (LEINE, 2005c, p. 1).

Narro esse evento por considerá-lo um acontecimento de extrema importância para a reafirmação do enunciado proposto pelas garotas de que o *skate não é só para meninos*. Vale lembrar que a determinação de Evelyn em buscar potencializar o *site* a partir do agrupamento de informações de ordem diversa e da proposição de ações que extrapolam seu limite, advém da ausência que havia percebido no que respeita à informações mais precisas sobre o *skate* feminino no Brasil, inclusive do ponto de vista da sua história.

Essa parece ser uma situação que não diz respeito apenas a essa modalidade esportiva. Em outros momentos e em outras práticas, a participação das brasileiras não é registrada de forma satisfatória. O que não significa dizer, como alerta Silvana Goellner (2005c) que elas não estivessem presentes. Em um artigo intitulado “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”, a autora analisa o

⁸⁵ A criação desta Associação será analisada posteriormente.

silenciamento, em especial nas primeiras décadas do século XX, à participação de mulheres nesta modalidade esportiva. Relacionando a aspectos políticos e culturais, demonstra o quanto o futebol desestabilizava noções de feminilidade instituídas como “verdadeiras” ou virtuosas. Motivo pelo qual sua prática, além de não ser incentivadas para as mulheres era, muitas vezes, tornada invisível. Neste texto desenvolve algumas reflexões que podem ser associadas ao universo contemporâneo do *skate* feminino em especial quando explicita:

em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar, o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar mas, sobretudo, a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também seu. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades (p. 145).

O deslocamento dessa afirmação para o *skate* é apropriado porque parece ser a sociabilidade e o exercício de liberdade por escolher uma determinada prática esportiva, um dos impulsionadores das diversas ações desencadeadas pelas *skatistas* para produzirem-se como sujeitos no interior desta prática. A resposta de Graziela Oliveira⁸⁶, ao ser questionada sobre o papel do *skate* na sua vida, em uma entrevista concedida para o *Skate para Meninas*, esclarece “Vejo como refúgio, algo que me relaxa, que transmite liberdade e que me faz feliz” (SKATE PARA MENINAS, 28 de março de 2007, s.p.)

Ao dar visibilidade a algumas narrativas que dizem da trajetória do *skate* feminino no Brasil, não pretendo analisar suas origens ou, ainda, conhecer quando e como iniciou. O percebo como algo em construção cuja análise poderá se tornar mais densa na medida em que for tratado, também como um objeto histórico, visto em suas discontinuidades e permanências, “naquilo que oferecem como ruptura ou como (provisória) fixação de modos de ser e existir. Caso contrário, ficaremos diante

⁸⁶ *Skatista* de Porto Alegre com 18 anos e praticante da modalidade há 3.

de uma massa informe e amorfa de materiais, sem as marcas de sua concretude histórica” (FISCHER, 2002, p. 65).

Diante desse entendimento, debruçar mais atenção para alguns dos momentos já vividos pelas *skatistas* brasileiras implica observar seus registros de ontem e hoje tentando tornar perceptíveis as condições através das quais determinadas ações foram significadas como determinantes na produção destas mulheres como sujeitos. Menciono, agora, duas delas: a elaboração do primeiro *Ranking* e a fundação da Associação Brasileira de *Skate* Feminino (ABSF), ambas protagonizadas pelas *skatistas*. Fruto da sua autonomia e da capacidade que agregavam para realizar projetos e potencializar o *skate*, estas ações se tornaram indispensáveis para a divulgação e, também, a estruturação da modalidade no país.

Como já foi visto no capítulo inicial desta tese, no final dos anos 80 e início da década de 90, muitas *skatistas* já corriam campeonatos e deslizavam pelas pistas que surgiram em várias cidades brasileiras. Em função dessa participação, criaram o *Ranking de Skate Feminino*, nome conferido a um campeonato que aconteceu em 1996 e que teve continuidade nos três anos consecutivos. O primeiro deles reuniu trinta e três inscritas, sendo consagrada como campeã, a paulista Giuliana Ricomini. O esforço das *skatistas* para realizar esse campeonato direcionava-se, ainda, para um objetivo maior que apenas a reunião de *skatistas* brasileiras e o estabelecimento do *ranking*. Este evento foi considerado como seletivo para classificar as melhores atletas para participassem de um campeonato internacional que seria realizado em San Diego, nos Estados Unidos. Ser *rankeada* representava, portanto, ir para a “gringa”⁸⁷ e, talvez, iniciar uma carreira internacional.

Em reportagem publicada pela revista *Tribo Skate*, na edição de número 49, que circulou em 1999, há um relato sobre a viagem das três *skatistas* classificadas que, mesmo sem patrocínio, foram a San Diego correr o *All Girl Skate Jam*. Participaram na categoria amadora que contava com quarenta inscritas e com um

⁸⁷ Gíria que utilizam para se referir aos Estados Unidos.

sistema de provas até então desconhecido por elas. Ainda assim, conquistaram boas posições: 6º lugar (Giuliana Ricomini), 8º lugar (Liza Araújo) e 14º lugar (Luciana Toledo).



Figura 28 - Giuliana Ricomini

A experiência destas atletas em um campeonato internacional fomentou a vontade de organizar, no Brasil, uma associação que pudesse dar suporte as suas carreiras. Dada a lideranças destas três atletas e de outras como, por exemplo Tatiane Marques e Ana Paula Negrão, em agosto de 2002 algumas *skatistas* se envolveram na criação Associação Brasileira de *Skate* Feminino⁸⁸, localizada na cidade de São Paulo. A segunda edição da *100%SkateGirl* registra esse movimento:

⁸⁸ Em 2006 a ABKF lançou um *site* na internet onde pode-se ler: “ABSFE é um órgão que visa o bem estar social das atletas praticantes do *skateboard*. Aqui é um meio de conscientizar e divulgar o *skate* feminino tanto nacional, como em outras localidades. Gerando a união das skatistas. A ABSFE tem

O último dia 10 de agosto deve entrar para a história do skate feminino no Brasil, foi fundada a Associação Brasileira de Skate Feminino (ABSF). As poucas meninas que estiveram presentes na assembléia – elas não eram mais de 20 - presenciaram um acontecimento digno de coragem de quem, a partir de agora, deseja mais que bater de frente com preconceitos. [...] objetiva, antes de tudo, fazer valer na prática, as particularidades com que só skatistas do sexo feminino convivem. A prioridade da associação é separar as garotas nas categorias iniciante e amadora nas futuras competições. (...) para o ano que vem, o objetivo é organizar um circuito, e todos os campeonatos femininos reconhecidos pela associação terão as categorias iniciante e amadora. Como se vê a categoria profissional ainda não é uma realidade no skate feminino. Mas iniciativas como esta são profissionais e mostram que um importante passo foi dado. (100%SKATE GIRL, 2002, p. 25)

A criação da Associação, além de representar um passo na institucionalização da modalidade, parece ter sido, ainda, uma tentativa de organizá-la criando regulamentação específica para a participação em circuitos, campeonatos, enfim, conectando o *skate* feminino junto a instituições representativas do esporte nacional, tais como Confederações e Federações.

Foi eleita como sua primeira presidenta, a *skatista* Patrícia Rezende⁸⁹, de 26 anos, e que, em 1998, havia fundado a Associação Goiana de *Skate*. Em entrevista para o encarte *100%SkateGirl* (2002) declara que “após registrar a Associação Goiana, o trabalho foi direcionado e conseguimos a construção de uma pista que até então não tínhamos na cidade” (Ibid., p. 24).

Ao longo da entrevista Patrícia fala de sua experiência com o *skate* mesmo morando em Goiânia, portanto, distante do eixo Rio de Janeiro-São Paulo que, nesse momento, dominava o cenário do *skate* nacional. Indagada sobre o futuro das

como objetivo: • unir as atletas e desenvolvê-las; • regras para julgamento feminino, premiação, categoria • fiscalizar os campeonatos para que estejam dentro das normas, verificar se os mesmos trazem benefícios; • Criar vínculos a outros estados brasileiros para que o desenvolvimento seja igual a nível nacional e trazer propostas e exemplos de resultados bons internacionais para o Brasil”. <http://absfe.blogspot.com/2007/08/as-brasileiras-no-x-games.html> Acesso em 01 de dezembro de 2007.

⁸⁹ Natural de Goiás, começou a andar de *skate* em 1995. Em, 1997, participou do Ranking Feminino do São Paulo participando obtendo o terceiro lugar.

skatistas da geração que, no início dos anos 90, estava começando neste esporte, responde: “quem sabe não teremos umas três ou quatro garotas profissionais? A profissionalização seria em vários aspectos, tanto de nível técnico quanto de atitudes e cultura” (ibid, p. 25).



Figura 29 – Reunião de criação da ABSFE

Esses argumentos revelam uma preocupação para com a profissionalização do *skate* feminino e as ações que a Associação propõe realizar com vistas a esse intento, resultam do reconhecimento de que pequenas e importantes transformações já estavam alterando o cenário dessa prática, como por exemplo: o aumento sensível do número de mulheres praticantes em todos os estados, a sua participação em eventos e competições realizadas em diferentes circuitos e cidades, a criação de algumas escolinhas de *skate* feminino, o aumento de publicações e de *sites* e *blogs* que

colocam em circulação informações e conhecimentos sobre essa modalidade possibilitando trocas e aproximações entre interessadas, participantes, e atletas.

A fundação da Associação é um ato de disputa de poderes e de resistência. Lembremos com Foucault (1992) que onde há poder, há resistência. As *skatistas*, ao buscarem um espaço institucional diferenciado daqueles construídos e gestados pelos homens, buscam maior autonomia e independência visto que naqueles espaços não se sentiam representadas. Demarcam, outra vez e de outro jeito, a proposição de que o skate não é só para meninos, nem mesmo na sua institucionalidade.

Se por um lado essa atitude pode parecer, num primeiro olhar, segregadora, por outro, há que perceber que se insere em um jogo de disputas que deriva de uma vontade de poder. Do poder que nasce do saber, dos caminhos, dos modos de organizar de como as coisas podem vir a acontecer e acontecem. “Os saberes se constituem com base numa vontade de poder e acabam funcionando como correias transmissoras do próprio poder a que servem” (VEIGA-NETO, 2003, p. 141).

A criação da Associação parece ser, também, uma reação ao silenciamento sobre a presença das mulheres nas instituições oficiais do *skate*, que as desconsideram quase por completo. A Confederação Brasileira de *Skate*⁹⁰, por exemplo, nunca teve uma mulher compondo seu quadro dirigente nem sequer registrou sua história nos seus documentos oficiais. No seu *site* não há referência alguma a existência, no Brasil, do *skate* feminino. Ao mencionar os campeonatos, ao publicar notícias sobre atletas e suas conquistas, ao divulgar o *ranking* brasileiro a referência é unicamente ao masculino. Das mais de trinta imagens que disponibiliza, nenhuma delas registra *skatistas* mulheres. Esse silenciamento é político e não se dá pelo desconhecimento de que, no Brasil, existem campeonatos, atletas profissionais e

⁹⁰ Fundada em 1999, em Curitiba, hoje tem sede em São Paulo. È a entidade que regulamenta as normas e políticas voltadas ao desenvolvimento do *skate* (*skateboard*) no território brasileiro. Tem como finalidade divulgar, desenvolver, difundir e organizar o esporte, além de representá-lo no Brasil perante os poderes públicos (municipal, estadual e federal) e a sociedade organizada (empresas, ONGs, fundações, associações e federações). Disponível em <http://www.cbsk.com.br/index.htm>.

praticantes mulheres. No *link* “Dados do Esporte” a Confederação exhibe alguns números atualizados acerca do esporte no Brasil, conforme descreve:

Existem mais de 300 competidores profissionais em atividade no país e mais de 10 mil competidores das categorias de base (Feminino 2, Feminino 1, Infantil, Mirim, Iniciante, Amador 2, Amador 1) e de veteranos (Master, Grand Master e Legends). A média de idade entre os competidores das categorias de base é entre 16 e 17 anos e, em termos de competição, as meninas representam 3 % do contingente [...] Segundo pesquisa realizada em Setembro de 2006 pela Datafolha há quase 3.200.000 de domicílios brasileiros que possuem pelo menos um morador que tem um skate, aproximadamente 6% dos domicílios brasileiros conforme o IBGE. Deste contingente 8% são do sexo feminino (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE, 2007, s.p).

Aprendemos com Foucault (2003) que o poder e os saberes são produtivos. No caso da Associação Brasileira de *Skate* Feminino, a pouca menção que efetivamente confere às *skatistas* e o não empenho em realizar ações que consolidem essa modalidade, apesar de mencionar que existem competidoras, produz pela ausência; isto é, incita a ação das *skatistas* em prol da criação de um espaço institucionalizado que atue nesse sentido. A ABSF opera, portanto, como a reafirmação de um espaço de mulheres; um espaço institucionalizado que fornece melhores condições e aportes para alcançar a aquisição de legitimidade e reconhecimento.

Ao analisar o esporte e as instituições, Valter Bracht (1997), valendo-se das reflexões de Arnold Gehlen (1986) traz alguns elementos que ajudam a compreender o empreendimento das *skatistas* na criação da Associação. Para esse autor, “uma instituição possui o efeito prático de servir como propulsor de uma ação unilateral estabilizada, ou seja, a instituição ‘chama’ o homem para uma forma específica e não quaisquer formas de ação” (p. 98). Neste caso, a ABSF “chama” as mulheres a ações específicas, uma vez que “as instituições surgem em função de determinadas necessidades, podem autonomizar-se em relação a estas e ter como finalidade a auto-preservação (idem, p. 99).



Figura 30 – Cartaz do 1º Campeonato promovido pela ABSFE

As *skatistas* que circundam a Associação lutam pela sua auto-preservação indicando que um dos caminhos necessários para que ela se efetive é, exatamente, a profissionalização do *skate* feminino no Brasil. Em outras palavras: a criação e consolidação de uma estrutura que permita a realização sistemática de circuitos e competições, a garantia de patrocínio para as atletas, a profusão de escolinhas pedagógicas, as premiações dos campeonatos de forma igualitária aquelas conferida aos atletas homens, a possibilidade de realizar cursos para melhorar a gestualidade técnica, enfim, uma série de ações que poderiam, minimamente, garantir a existência do esporte com uma boa qualidade técnica e estrutural.

Essa demanda advinda das *skatistas* aparece como imperante, inclusive, porque muitas delas garantem algumas destas condições com seus próprios recursos e, também, com a determinação de que, mesmo com muita dificuldade, querem se manter nesta prática. Essa situação pode ser identificada em uma entrevista

publicada no *site Skate para Meninas* cuja chamada, por si só, já possibilita essa reflexão: "Patiane Freitas - dona de um *skate* de peso, não mede esforços e vai realmente à luta por aquilo que deseja. Juntou sua própria grana e se jogou na 'gringa'. Lá está correndo os principais campeonatos e conseguindo ótimas colocações" (LEINE e FABRI, 2004, p. 1).

No decorrer da entrevista Patiane descreve suas impressões acerca do *skate* desenvolvido nos Estados Unidos: "aqui as meninas andam de *skate* com os mesmos privilégios dos caras (dinheiro, material, estrutura), talvez seja por isso que o nível é mais alto, participei de dois campeonatos e fiquei em segundo e terceiro lugar, ganhei US 500 em cada um" (ibid., p.1).

Ao ser questionada a respeito do acredita ser necessário para melhorar o *skate* feminino brasileiro, responde: "acho que as minas estão cansadas de dar o sangue e nunca receber nada em troca [...] Martha Linaldi, Tatiane Marques, etc... podiam estar arregaçando, mas como??? Se não tem um incentivo??" (ibid., p. 1).

Percepções semelhantes a estas aparecem em várias outras fontes. A primeira edição do encarte *100%SkateGirl* (2001), por exemplo, convidou a atleta Giuliana Ricomini para inaugurar a seção intitulada "Ponto de Vista". Sua fala posiciona-se a partir da experiência que teve como uma das organizadoras do *Ranking Feminino de Skate* (1996-1998) de onde extrai elementos para afirmar: o *skate* feminino brasileiro "cresceu muito, há mais meninas andando com maior nível, o mercado cresceu, mas ainda não dá para haver atletas profissionais ganhando dinheiro. Então é um crescimento desproporcional" (PTO DE VISTA, 2001, p. 13). Ao evidenciar o crescimento do mercado, Giuliana indica a ponta do *iceberg*, "o ideal seria que todos se unissem [...] e compreendessem que o *skate* é uma coisa só, mesmo com a necessidade de duas categorias" (ibid, p. 13).

A referência aqui é atribuída à diferenciação entre chances, possibilidades e estrutura existente, no Brasil, entre o *skate* masculino e feminino. Para além destas desigualdades, Giuliana faz referência ao preconceito que existe com relação à

participação das mulheres neste esporte: “preconceito sempre vai existir, não é um lance do skate, é uma coisa do ser humano esse preconceito contra a mulher fazer coisas que até então eram consideradas para homens. É preconceito? É, mas não é só do meio do skate” (ibid., 13).

Ou seja, para além de todas as questões estruturais, revela ainda existir preconceito para com essa prática. Com relação ao mesmo tema, a *skatista* Catarina Huh, 22 anos e estudante do Curso de Educação Física da Universidade de São Paulo, escreve na coluna “Dando Idéia”, da *100%SkateGirl*:

Todos estamos cansados de saber que o preconceito é figurinha fácil quando se fala do skate feminino. Mas se o preconceito fosse um empecilho tão grande a ponto de impedir a prática do skate, nem os homens estariam andando. O nosso esporte, infelizmente e como todos sabemos, ainda é visto por muitos como coisa de vagabundo (para não dizer coisa pior). De fato, o preconceito atrasou o desenvolvimento do skate, principalmente do feminino. Mas ele sempre vai existir, devido a várias barreiras; grande parte das meninas começaram a andar de skate mais tarde que os meninos. [...] É científico que, com relação à coordenação, as crianças aprendem a fazer as coisas muito mais rápido que os adultos e adolescentes. Uma prova disso é a atleta Karen Feitosa. Realmente o talento dela é indiscutível, mas a idade com que ela começou a andar e o incentivo da mãe, que não perde um campeonato do qual ela participa, tem participação decisiva para o nível em que ela se encontra. O preconceito que atinge as skatistas é alimentado pela idéia de que skate não é um esporte para mulher. E como podemos contrariar essa idéia? Com o aumento do número de adeptas e com a melhora do nível do skate feminino. Quanto maior o número de skatistas mais meninas se interessarão em andar. Já em relação ao nível, precisamos saber antes de tudo, que o skate é um esporte de persistência e se você não tem força de vontade o suficiente não continua andando. A perfeição vem através da prática e da insistência. Sem contar que quando esses dois elementos são somados, o preconceito deixa de ser protagonista e passa a ser mero coadjuvante sem importância (HUH, 2001, p. 46).

Essa fala, ao mesmo tempo que menciona o preconceito não fixa nela a falta de estruturação da modalidade. Ao contrário, remete para a idéia de que o aprimoramento da qualidade técnica é necessário para ser uma boa *skatista*, fazendo ver que o *skate*, independente de qualquer preconceito, pode e é, também, das meninas. Esse foi o mote de uma imagem desenhada pela *skatista* Jay C. e postada por ela no site *Skatecultura*, no dia 23 de Janeiro de 2004, às 03:24 horas.



Figura 31 - Imagem do site *puroskateboard*

A elaboração do *Ranking Feminino de Skate* e a criação da Associação Brasileira de Skate Feminino devem ser compreendidas neste contexto. Para as *skatistas* não bastava apenas adentrar o espaço cultural do *skate*; nele desejavam inscrever sua marca, sua singularidade, ou ainda, posicionarem-se como sujeitos, fazerem-se ver. Ao cruzar várias fontes de pesquisa, pude perceber que essas ações tiveram repercussão em outros espaços que não apenas no protagonizados por elas.

Cauê Muraro, um dos editores da *100%Skate*, ao assinar o editorial da segunda edição do *100%Skate Girl*, destaca que as *skatistas* marcaram o cenário nacional a partir de diferentes ações, entre elas a criação da ABSF. Vejamos:

Nove meses já se passaram desde o lançamento da *100%SkateGirl* e não há como fugir da pergunta. “Teria nosso tão estimado suplemento feminino cumprido o objetivo de atender às exigências – e por que não, carências – das garotas que ‘se atrevem’ a adentrar o mundo do skate?” Há muito que as meninas ambicionavam um espaço só seu na revista. Pediram, clamaram reclamaram (e mais uma infinidade de outros verbos). Sobretudo elas ANDARAM de skate. Por isso CONSEGUIRAM. [...] insistiram em andar de skate, em acertar manobras, em correr campeonatos, em evoluir. Até associação elas cuidaram de providenciar a sua. E já dizem por aí que vão promover os seus próprios eventos. Sim, um circuito organizado, quem diria, pela Associação Brasileira de Skate Feminino, ou ABSF se preferir. (MURARO, 2002, p. 7)

Ou seja, as *skatistas* perspectivaram o *Ranking* e a criação da ABSK tendo em vista a necessidade de tomar para si a organização da modalidade bem como a

representação de um grupo social específico, no caso, as mulheres praticantes de *skate*. Através do *Ranking* encontraram elementos da ordem da oficialidade do esporte para incluir as *skatistas* no circuito internacional e, através da Associação, demarcaram sua territorialidade dentro de um contexto que se mostra composto por diferentes segmentos: atletas, dirigentes, mercado esportivo, patrocinadores, instituições diversas.

Ao chamarem para si a condução desse processo, foram propositivas, no sentido de apontar ações que poderiam contemplar a criação de condições objetivas capazes de, efetivamente, favorecer a participação das *skatistas* nas diferentes instâncias que o *skate* engloba. Criaram, portanto, formas de visibilidade, mesmo no âmbito do esporte institucionalizado, cuja gestão é marcadamente masculina.⁹¹

A fundação da Associação e as várias ações aqui analisadas, ao fazerem valer essa verdade, atuam no sentido da produção do sujeito *skatista* divulgando, produtivamente, as vozes e as imagens de mulheres em suas variadas intervenções. Ao torná-las visíveis as *skatistas* rompem fronteiras e colocam em funcionamento jogos e estratégias de poder que as inscrevem no universo dos esportes. Estratégias, enfim, que colocam em ação, o enunciado que tanto divulgam: *Skate é não é só para Meninos!*

Lembremos com Foucault, que um enunciado emerge a partir de condições circunstanciais e tem significado dentro de um contexto específico. Razão pela qual, analisá-lo, trata-se de compreender o enunciado

na estreita e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar os seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 2005, p. 31).

⁹¹ Sobre esse tema ler: Mulheres Tomando a Liderança ou mulheres tomando a liderança nas organizações esportivas alemãs, de Gertrud Pfister (2007); A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas, de Euza Gomes (2006) e Mulheres gestoras em Federações esportivas no Rio Grande do Sul, de Anna Maurmann (2007).

O enunciado proclamado pelas *skatistas* relaciona-se com o desejo de manterem-se visíveis, o que demanda inúmeras estratégias. Ao reafirmarem de diferentes formas e meios que o *skate é para meninas*, elas, de certo modo, estão dizendo em alto e bom tom: “quando se é excluída tem que fazer o seu!”

Percorro agora outras trajetórias que adotaram para ampliar a divulgação do esporte e, assim, chamarem para si as luzes e o direito de serem reconhecidas neste universo que, não raras vezes, as enxerga como menores ou, ainda, não as enxerga. Razão pela qual, buscam se fazer ver.

5.2. Encontros, Tours, Campeonatos, Circuitos, Sessions, Oficinas, Escolinhas Pedagógicas... em busca de outras paisagens!

É inquestionável a visibilidade que o esporte, nas suas mais diferentes dimensões, tem na cultura contemporânea. Tornou-se um território de exposição de corpos femininos e masculinos (GOELLNER, 2007a. p. 189).

O *skate* vem adquirindo grande expansão como um esporte radical, sendo projetado em termos de divulgação pela mídia tradicional e pelos mecanismos de virtualização da informatização como uma das grandes expressões da cultura urbana contemporânea. Segundo Holly Torpe (2006) essa expansão se deve, em grande parte, pela inserção que os esportes radicais tiveram nos meios de comunicação de massa, o que acabou criando um público consumidor que, por sua vez, se viu mobilizado a aderir as representações através das quais esses esportes são exibidos: liberdade, ousadia, aventura, determinação. Segundo a autora, no mundo ocidental, há por volta de 40 milhões de praticantes de *skate* e, mesmo considerando as diferenças geográficas, culturais e sociais dos países onde é praticado, grande parte das pessoas que aderem a este esporte são homens, jovens, brancos e de classe média.

Mais do que precisar se estes dados são verídicos ou não, interessa, aqui, evidenciar a representatividade do *skate* no cenário cultural contemporâneo e, mais especificamente, a presença das mulheres neste universo. Essa visibilidade conquistada pela modalidade esportiva pode ser percebida tanto nos locais usuais onde acontece (*skateparks*, pistas, ruas, etc) quanto das diferentes mídias, inclusive, criadas pelos/as próprios/as *skatistas* (*sites*, *blogs*, revistas, *zines*, *fotologs*, etc).

Ao percorrer as fontes de investigação percebi o quanto, para as *skatistas*, conquistar o cenário urbano era uma questão também de visibilidade. Ou seja, além de se fazerem presente no ciberespaço era fundamental serem vistas nas ruas, eventos, campeonatos, festas, parques, praças, “picos”, entre outras paisagens. Tal movimento pressupunha, ainda, se apropriar de algumas estruturas, equipamentos e espaços funcionais das cidades conferindo-lhes outros sentidos e significações. Como observa José M. Pais (1993, p. 96), “os lugares físicos são pelos jovens transformados em espaços sociais através da produção de estruturas particulares de significados”.

Para as *skatistas*, a conquista de um novo “pico”, por exemplo, é representada como uma superação que traz consigo a aventura da descoberta de novas passagens, praças, escadas, corrimões, pistas. A paisagem urbana é transformada em uma tela na qual imprimem sua marca ao mesmo tempo que representa, também, um desafio, um campo de provas, um obstáculo a ser vencido mediante a melhoria da execução técnica. Nas palavras da *skatista* Jéssica: “gosto da adrenalina que o skate propõe, e da diversão em cada session, pois skate é esporte, é saúde, é lazer.” (MARQUES, 2007, p. 1).

É nesse campo de possibilidades, nessa viagem de aventuras e descobertas, conhecimentos e invenções, que acompanho, a partir das fontes escolhidas, as *skatistas* em outras estratégias de visibilidade. O traçar de itinerários que envolvem campeonatos, encontros, *tours*, circuitos, enfim, andanças diversas em busca da divulgação desta modalidade esportiva.

Uma das primeiras ações desenvolvidas por elas objetivando reunirem-se fora do fora do espaço virtual foi o *1º Encontro Unidas Pelo Carrinho* que aconteceu, em 2004, em função do desejo de suas organizadoras em “juntar um monte de meninas para andar de skate” (LEINE, 2004b, p. 1). Tal evento foi organizado para celebrar um ano da bem sucedida existência do *blog Skate para Meninas* e, também, para comemorar o Dia Internacional da Mulher e contou, como convidados especiais, três bandas de música cuja intervenção animou o dia festivo que aconteceu na pista *Eclipse Skate Park*, localizada na cidade de São Paulo.

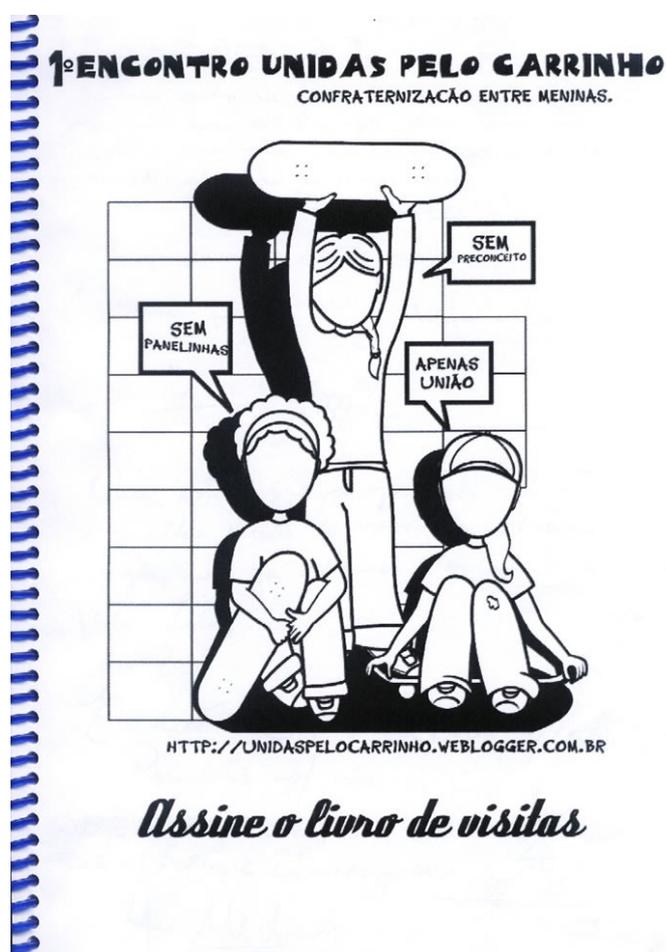


Figura 32 - Cartaz do 1º Encontro Unidas pelo Carrinho

Esse encontro alçou as *skatistas* à mídia, pois foi pauta de reportagens em diferentes programas televisivos, revistas e *sites* esportivos⁹², o que acabou por produzir efeitos bastante positivos na medida em que chamou atenção de diferentes segmentos midiáticos de que nos no Brasil, havia praticantes, atletas e mulheres interessadas e envolvidas nesta modalidade esportiva.



Figura 33- Participantes 1º Encontro Unidas pelo Carrinho

O canal virtual “Terra Esporte” na reportagem intitulada “Lugar de Mulher é no Skate”, reuniu uma série de depoimentos com pessoas envolvidas com este esporte como, por exemplo, as promotoras do evento, *skatistas* homens e mulheres, patrocinadores de eventos, dirigentes esportivos, entre outros. Evelyn Leine, uma das organizadoras do *Encontro*, explicita que ações como estas precisavam ser mais freqüentes, dada a falta de estrutura do *skate* feminino brasileiro.

⁹² O 1º Encontro Unidas pelo Carrinho foi matéria na *Tribo Skate*, na seção *Lilith*, que divulgou o evento tanto no *site* como na revista impressa (Edição nº 103); nos *sites* da revista *100%Skate*, do *Skate Para Meninas*, do *Garotas no Comando*, do *Skate.net* e do *Terra Noticias*. Foi também matéria do programa *Zona de Impacto*, do canal *SporTV* da Rede Globo.

Falta os organizadores dos campeonatos colocarem a categoria feminina com premiação justa igual à masculina, falta às meninas se unirem mais, falta os meninos darem mais vez para a gente nas pistas, falta mais espaço para andar, falta matérias sobre o skate nos jornais (LEINE, 2004a, s.p).

As faltas identificadas acima, apontam para determinada condição em que algumas *skatistas*, nesse momento, vêm a si mesmas e a outras *skatistas* no contexto da prática. Parece não haver lugar para o skate feminino o que demanda um constante desejo de inclusão. Ao clamar pela união, Evelyn revela intenções e vontades que não são apenas suas, mas do próprio grupo que organizou o 1º Encontro Unidas pelo Carrinho. Esse sentimento pode ser analisado à luz das reflexões de Zigmund Bauman (2003) quando afirma que, por mais que os sujeitos contemporâneos prezem sua autonomia individual, e por mais confiança que tenham em sua capacidade pessoal, sentem, também, necessidade de fazer parte de alguma comunidade, de não sentirem-se sós. De pertencer, de formar grupos, produzir encontros, construir espaços de visibilidades, de reconhecer-se, enfim, em uma comunidade, o que requer investimento constante na busca por estratégias que reúnam pessoas em torno de interesses comuns, uma vez que a percepção de que não se está só e de que as aspirações são compartilhadas, confere segurança aos indivíduos, mesmo que temporariamente.

Karina Fabri, outra *skatista* integrante do grupo que organizou o encontro, nesta mesma entrevista revela suas impressões:

Ando de skate desde 1998, são 6 anos em cima do carrinho. Já sofri muito preconceito diziam que eu parecia um moleque. Esse preconceito está diminuindo. O skate está mais presente na mídia. O que falta é a organização de grandes eventos e campeonatos para que o skate feminino seja mais reconhecido (FABRI apud LEINE, 2004a, s.p).

A mobilização provocada pelas garotas em torno da realização de um encontro específico para mulheres *skatistas* é um convite para pensarmos a respeito da maneira como estas aparecem nas pistas, nas praças, nas ruas, na mídia e nos

torneios ou seja, figuras por vezes que deslizam isoladas nos cenários urbanos sem pertencerem a uma comunidade que as agregue e identifique.

A realização do 1º *Encontro Unidas pelo Carinho*, parece ter sido pensada para operar nessa perspectiva: promover o encontro, a união, a participação conjunta, a comunhão. Motivo pelo qual, ele não aconteceu de improviso ou “naturalmente”. Foi fruto da percepção de que, para o *skate* feminino avançar, era necessário empreender ações coletivas voltadas para a mobilização de pessoas identificadas com a “causa”.

Em seus estudos a respeito da produção de identidades e grupos sociais, Tomaz Tadeu da Silva afirma que “aquilo que um grupo tem em comum é resultado de um processo de criação de símbolos, de imagens, de memórias, de narrativas, [...] que definem sua identidade” (SILVA, 2001 p.47); percepção essa que pode ser relacionada às expectativas desenhadas pelas organizadoras do *Encontro*.

Ao analisarmos a imagem do cartaz podemos perceber sinais dessa necessidade de identificação: “sem panelinhas, sem preconceito, apenas pela união”. Ao avaliar o evento, Alessandra Meduza, outra organizadora, proclama os sucessos da iniciativa:

Mulheres em peso, pista literalmente dominada. Foram 42 skategirls, desde feras que disputam os principais circuitos do país, até meninas que estão começando a andar agora, uma nova safra de skatistas que chegam com muita vontade de andar com estilo próprio, intensidade, agressividade e tudo com muita graça e feminilidade. O evento além de reunir a mulherada para se divertir serviu para mostrar que o skate feminino é uma realidade. A performance das meninas na pista deixou muito marmanjo de boca aberta (MEDUZA, 2005, p.1).

Neste comentário evidencia a pluralidade das *skatistas* que lá compareceram: as “feras” que já disputam campeonatos e as da “nova safra”, que já começam a disputar com “domínio da pista”. Esta adjetivação se coloca como uma forma de enfatizar que, mesmo sem nenhum apoio estrutural, diferentes *skatistas* estão em

ação: as profissionais, as iniciantes, as aspirantes, as promotoras de eventos, enfim, *skatistas* distintas que se mobilizaram em torno da chamada para a realização deste *Encontro* que, em última instância, as reuniu e fez ver que a “mulherada” anda sobre as rodinhas e que o *skate* feminino é uma realidade e não apenas uma ficção que circula nos espaços virtuais.

Com entusiasmo prossegue Meduza: “O último sábado, dia 13, foi memorável e promete ficar para a história do *Skateboard*. Quem esteve lá pôde conferir: o encontro foi um sucesso! Celebramos a primeira sessão feminina do resto de nossas vidas...” (Idem, p. 2).

Ao reverenciarem o sucesso do *Encontro* as *skatistas* estão anunciando sua relevância; estão, ainda, produzindo a sua visibilidade. Lembremos com Stuart Hall que “é o poder, mais do que os fatos sobre a realidade, que tornam as coisas ‘verdadeiras’” (1997, p. 293). Nesse sentido, conferem ao *Encontro* não apenas um caráter de o ineditismo mas, ainda, de sua importância dentro de um cenário de ações propositivas em favor do *skate* feminino. No 1º *Encontro Unidas pelo Carrinho* suas vozes foram proclamadas em prol de um certo modo de ver-se no *skate*; falaram a partir de um lugar que desejam ocupar e que, de certa forma, já ocuparam. Ao protagonizarem essa ação e, ao narrá-la efusivamente, também produziram suas verdades.

A organização deste evento esteve carregada de sentido político, seja porque através desse encontro as *skatistas* se posicionaram individualmente e envolveram-se com a produção de si, seja porque foi relacionado com o Dia Internacional da Mulher. Aqui rememoro Foucault quando afirma que “no curso de sua história, os homens [e as mulheres] jamais cessaram de se construir, isto é, de deslocar continuamente sua subjetividade” (REVEL, 2005. p. 85). Ao inscreverem esse *Encontro* no universo das celebrações em torno de uma data carregada de simbologias, apropriaram-se de uma “tradição” e nela reinscreveram sua história.

A partir da experiência na organização do 1º Encontro Unidas pelo Carrinho, as *skatistas* promoveram outros encontros. Destaco alguns deles, não por outra razão senão pelas referências que elas próprias fizeram circular. Em 2004, por exemplo, uma comunidade hospedada no *Orkut* denominada *Skate Girl/SP*⁹³, organizou um encontro que apresentou como um dos seus objetivos “passar bases⁹⁴ para as iniciantes, falar sobre *skate* e claro, praticar” (LEINE, 2005d, p. 1).

Nesta proposição é possível identificar o compromisso das organizadoras em colocar em movimento informações sobre alguns conhecimentos técnicos específicos deste esporte. O que chamou minha atenção foi, exatamente, a preocupação demonstrada pelas *skatistas* no que tange a aprendizagens técnicas capazes de qualificar uma comunidade particular. Nesse encontro não está se buscando apenas a exibição das manobras e das habilidades mas, sobretudo, encontrar formas de ensiná-las. O que não implica afirmar que, em eventos desta natureza, não aconteça a exibição dos indivíduos isolados e de suas performances.

É o que se sucede, por exemplo, com as *skatistas* que já adquiriram domínio técnico e que têm certa visibilidade pela participação em campeonatos: nestes encontros elas ocupam lugar de destaque, mostram o que sabem, exibem suas manobras, contam estórias, demonstram fazer parte da história do *skate* do Brasil. E, para além disso, tentam conquistar mais adeptas para o esporte, socializando informações acerca de como praticá-lo.

Ao noticiar o encontro promovido pela *Skate Girl/SP*, Evelyn Leine, na matéria intitulada “1º Encontro de Skater Girls e Afins de SP” relata: “A atleta Miriam Letícia deu show e, agitou todos que estavam na Marquise quando pulou sobre a barreira constituída por três *skatistas* abaixadas. Ao final foi realizado um pequeno debate.” (LEINE, 2005d, p. 1).

⁹³. Esta comunidade foi criada em dezembro de 2004, pela atleta Mariana Melo, de 19 anos, objetivando encontrar *skatistas* e fazer novas amizades. Uma reportagem sobre esse encontro foi publicada no site *Skate para Meninas* no dia 14 de janeiro de 2005.

⁹⁴. São as maneiras de se posicionar com os pés sobre o *skate*, para colocá-lo em movimento. A partir de uma base segura é que se efetuam as diferentes manobras.

A perseverança em fazer circular as informações acerca das ações empreendidas pelas próprias *skatistas* reflete preocupações tanto de cunho individual (se fazer ver traz muitos ganhos) quanto dessa pequena coletividade. O *Skate para Meninas* é exemplar dessa afirmação. O olhar atento de sua criadora e, também, das colaboradoras sistemáticas e espontâneas faz com que ele se presentifique como uma fonte privilegiada de informações sobre o que acontece no universo do *skate* feminino e não apenas sobre o que as *skatistas* que estão envolvidas nele realizam.

Essa “vontade de fazer ver” reflete uma preocupação que é bem política e que está direcionada para a conquista de maior visibilidade, condição primária para a estruturação e, quiçá, subsistência do *skate* feminino no Brasil.

Além de encontros promovidos pelas *skatistas* objetivando a reunião e a troca de informações, identifiquei nas fontes empíricas, uma outra estratégia de se fazer ver: a realização de *tours*. O primeiro deles foi organizado pelas *skatistas* Tatiane Marques, Martha Linaldi, Fabiane e Evelyn Leine, de São Paulo, quando percorreram algumas cidades do interior paulista, com o propósito de viajar, conhecer outros lugares e andar de *skate*.

Este *tour* foi inspirado no projeto das editoras da revista *Check it Out Magazine* que, em uma atitude inédita, reuniu *skatistas* de diferentes países, dentre eles o Brasil, no qual elaboraram um roteiro de viagem⁹⁵ para conhecer novas paisagens e “picos” bem como para participar do calendário de competições nos Estados Unidos e Canadá. Contemplava, ainda, como compromisso “tirar o máximo de fotos, fazer grandes sessões de *skate*, explorando picos de *street* e *parks* para editar a edição de aniversário da revista e, colocar em circulação” (LEINE, 2005e, p. 1).

⁹⁵ Participaram da viagem a editora da revista, Liza Araújo, duas fotógrafas, dois câmeras e nove atletas de países, distintos: Karen Jones (Brasil), Juliana (Alemanha), Sophie (Bélgica), Alisson Nugget (Canadá), Stefanie, Lauren Perkins, Lacey Baker, Gwen Marchus e Alex White (EUA). Em 19 dias percorreram os estados da Califórnia, Oregon e Washington registrando campeonatos em Visália, Monterey, San Francisco, Eugene, Portland, Seattle e o Slam City Jam renomado campeonato de Vancouver, Canadá.

As brasileiras, ao perceberem a repercussão dessa viagem, decidiram realizar uma versão “paulista” da mesma. De carro percorreram as cidades de Vinhedo, Americana e Indaiatuba, de onde retornaram para a capital. Nestas cidades encontraram *skatistas* locais, promoveram *sessions*, andaram nas pistas, trocaram idéias, socializaram informações, promoveram trocas. E, também registraram a aventura para, posteriormente, trabalhar na sua divulgação. Em reportagem publicada no *site Skate para Meninas*, há a descrição do *tour* com diversas fotos nas quais se pode ver as várias *skatistas* em ação. Evelyn publica a fala de Mara e Priscila, *skatistas* de Indaiatuba, que assim narram suas impressões sobre a atividade: “exploramos a *Skate Park* durante todo o dia e parte da noite, era algo fora do comum: obstáculos de sobra, corrimão, trave, quarters, savana, 45º, spine... **um verdadeiro Paraíso Skateboard**”. (LEINE, 2005e, p.1). [grifo nosso] Ao final da reportagem, a autora escreve: “na volta as bagagens estão cheias de aventuras, experiências, imagens e muita alegria” (Ibid., 2005e).

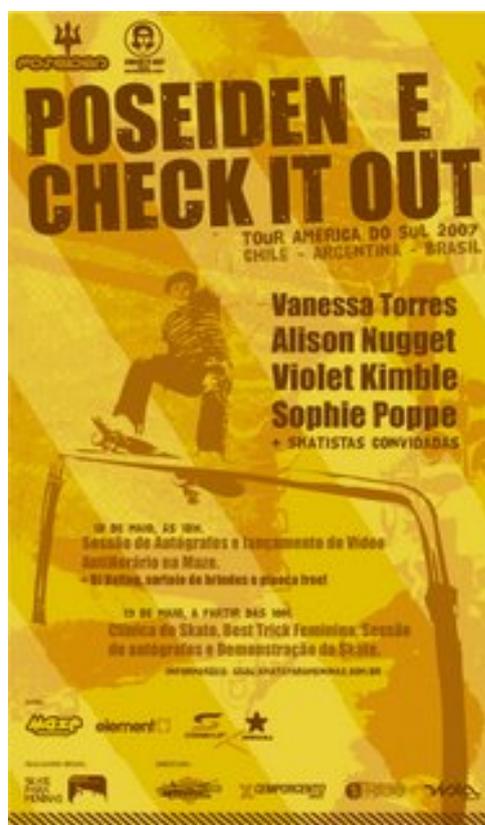


Figura 34 – Cartaz do *Poseiden e Check It Out Tour* na América Latina

Para as *skatistas* que se envolveram com o *tour*, além da aventura, essa foi uma atividade que envolveu ousadia, diversão e aprendizagem técnica. Ao explorarem os “picos” de outras cidades se apropriaram de diferentes espaços público e os ressignificaram (o que é peculiar deste esporte). As ruas, os corrimões, as escadarias, os bancos, as calçadas, as praças e os parques, para além de terem uma função urbana, são promotores, no caso do *skate*, de um diálogo entre a carne e o ferro, o cimento e a pedra. Diálogo este que faz com que alguns esportes radicais, dentre eles o *skate*, indiquem “um novo paradigma de ação, ao explorarem o sentido do limite físico e simbólico do corpo” (apud UVINHA, 2001, p. 25). Essa forma de uso do corpo requer conhecimentos específicos. Com isso quero afirmar que uma *skatista*, quando enfrenta um novo “pico”, ela executa muitas manobra na tentativa de vencer o obstáculo: velocidade, equilíbrio, agilidade, controle corporal, enfim, várias ações que demandam conhecimento específico. Em experiências desse porte “o que se quer é passar através, em torno e por cima dos obstáculos e imperfeições que o mundo oferece [...] e assim viver a experiência do risco” (RUSHKOFF, 1999, p. 39).

Na reportagem publicada no *Skate para Meninas* sobre esse mesmo evento, há uma descrição das manobras executadas pelas *skatistas* na pista de Vinhedo, que aqui reproduzo pois, evidencia o necessário aprendizado e também o riso que nele está inscrito. Vejamos:

A pista é baixinha, com várias opções, e poucos visitantes [...] Foi suficiente para render várias manobras e para Fabiana descer aquele corrimão, depois de ter passado pelo trilho claro. Tato com seus belos Flips e Heel (Nollie b/s heel e b/s flip) e destaque para F/s Nose Slide, a Marta que se empolgou com o caixote subindo e na pirâmide (mandou b/s crooked, heel transfer dentre outras), e a Katy com Flip e Ollie transfer e um belo quase nollie b/s rock slide. “Pooooorra, a mina anda mais que você”, comentários dos expectadores (LEINE, 2005e, p. 2).



Figura 35 – Marta Linaldi realizando um Crooked

Destaco, portanto, que a realização dos *tours*, além de implicar na divulgação do esporte, releva-se, também como uma forma de aprendizado pois nestes eventos há intensas trocas de informações e experiências. Razão pela qual, o *Poseiden e Checkit Out Tour*⁹⁶ organizado pelas americanas que viajaram por alguns países da América Latina foi um evento bastante importante para o *skate* feminino brasileiro.

Esse *tour* também foi promovido por *skatistas* mulheres e, por integrar o calendário de competições do *skate* feminino brasileiro, teve certa visibilidade na mídia, inclusive, porque nele participaram atletas americanas e canadenses que são profissionais com grande destaque na mídia esportiva internacional.

⁹⁶ Organizado pela *Poseiden Tour* em parceria com a *Check It Out Magazine*, passou pela Argentina, Chile e Brasil. Contemplava na sua agenda a oferta de clínicas de *skate*, a participação em encontros e seções de autógrafos. Presentes no grupo, além da promotora Michaela e da fotógrafa Ana Paula, da editora Liza, e da *filmmaker* Chris, as atletas consideradas referência no mundo dos esportes radicais: Vanessa Torres, Violet Kimble, Allison Nugget e Sophie Poopé. No Brasil foi estruturada uma extensa programação (LEINE, 2007).

A revista *100%Skate*, por intermédio da colaboradora Evelyn Leine e do fotógrafo Ivan Cruz, acompanhou a programação do *tour* registrando seus momentos mais decisivos. Em entrevista publicada no *site* da revista, a *skatista* americana Vanessa Torres (uma expoente na modalidade), explica que “esta é uma ótima oportunidade para interagirmos com uma das maiores culturas do mundo e mostrar as pessoas um pouco do nosso skate” (2007, p. 13).

Xuxinha, *skatista* paulista também tece suas considerações sobre o evento, em reportagem publicada no *Skate para Meninas*:

A tour foi muito louca em todos os sentidos, tivemos a oportunidade de mostrar nosso nível, cultura e até palavrões (rs). A Vanessa e a Violet são muito gente fina, andamos muito de skate. Essa tour foi muito importante pra América Latina inteira, acredito que tenha dado muito gás nas meninas (appud LEINE, 2007, s.p.).

Como parte deste *tour* foi organizado, na pista do Plasma Park, o *Best Trick* feminino para amadoras⁹⁷. Segundo noticiou a atleta brasileira Karen Jones: “O aquecimento ferveu, fiquei impressionada [...] as meninas que andavam na parte alta da pista chocaram. Letícia Bufoni chegou apavorando” (LEINE, 2007b, p. 2). Nesta competição as *skatistas* continuaram a surpreender seus pares mostrando que estão prontas para fazerem de sua atuação um *show*, característica do *Best Trick*: modalidade de competição que explora o potencial e o nível das competidoras, ao oportunizar um momento em que a atleta mostrará sua melhor manobra ao improvisá-la frente ao obstáculo indicado pelo júri. Esta modalidade é observada pelos/as *skatistas* como uma oportunidade ímpar de mostrar sua habilidade técnica relacionada à criatividade visto que há liberdade para executar o que considera ser a sua melhor manobra no obstáculo indicado.

⁹⁷ Competição que avalia a melhor manobra em cada obstáculo. Nesta edição o júri foi composto pelas americanas Vanessa Torres e Violet Kimble e pela brasileira Tatiane Marques que escolheram como melhor manobra a de Karen Feitosa que imprimiu leveza e estilo em uma execução perfeita do *nollie flip*.

Essa competição foi avaliada pelas *skatistas* como uma ótima oportunidade para se conhecer o estilo técnico das atletas e, também, como um momento de grande exibição e de visibilidade para o *skate* feminino. Como afirmou Karen Feitosa: “Quem aproveitou mais a vinda das atletas americanas foram as brasileiras. E quem saiu ganhando foi o *skate* por conseguir reunir tanta gente com o mesmo propósito” (Ibid., 2007).

A modalidade *Best Trick*, vai aparecer, ainda, em alguns eventos propostos pelas *skatistas* pois, através do cruzamento entre as diferentes fontes de pesquisa não identifiquei essa categoria nos campeonatos promovidos órgão oficiais do esporte na categoria feminina. O *Campeonato Feminino de Melhor Manobra*, por exemplo, foi organizado pela Associação Brasileira de *Skate* Feminino, em janeiro de 2006, abrindo o calendário de competições do ano.

Além de incluir esta modalidade, as *skatistas* decidiram que elas mesmas iriam, com auxílio do público, eleger as três melhores manobras, conforme noticiado no *Skate para Meninas*:

Democrática. Essa foi a palavra já pensada desde a idéia inicial do evento. Algo no qual as meninas pudessem andar ‘tranqüilamente’, com tempo bom de aquecimento, pista para todos os gostos, e claro, sem a básica pressão daquele 1 minuto de volta num campeonato normal. Elas opinaram em tudo, inclusive, na escolha das três melhores manobras sem poder votar em si mesma (LEINE, 2006b, p. 1).

É importante observar o deslocamento da figura da autoridade de um/a juiz/a na escolha da melhor manobra, para as participantes e seu público. Esta situação, de certo modo, envolve questões de ordem relacional, implicando formas distintas de experimentar a organização e a condução social do evento. Implica, ainda, construir outras regras que não aquelas presentes nas competições promovidas pelas Federações e pela Confederação que, por vezes, parecem não contemplar muitas das reivindicações das *skatistas*. Na avaliação final do evento, registra a reportagem: “O *Best Trick* abriu o calendário amador 2006 com o pé direito. Uma iniciativa inédita

que de cara provou o quanto esse tipo de evento dá certo. E já andam cogitando por aí sobre um próximo...” (ibid., p. 2).

Essa intenção parece ter se concretizado. Em 2007 o formato *Best Trick* foi uma das provas oferecidas à categoria feminina no evento denominado *Virada Esportiva*,⁹⁸ dentro do qual aconteceu a última etapa do campeonato paulista, o *Sampa Skate 2007*. Segundo Evelyn Leine, a *skatista* Euli “arrancou torcida do público presente com seu *flip bs rockslide* na trave e ficou com o primeiro lugar” (ibid., p. 2).

As *skatistas*, ao incluírem novas provas nos eventos que promovem,⁹⁹ apropriando-se de formatos que parecem ser exclusivos das competições masculinas, estão criando novas normas de conduta. E, ao criá-las, ocupam espaços no jogo do “poder-saber” pois colocam em circulação modos de vida distintos do tomado como referente.

Em 2004, quando organizaram o 1^o *Campeonato Feminino Estadual Skate Para Meninas* já haviam incluído a modalidade *Best Trick*. Mais do que precisar quando esta manobra apareceu nos campeonatos femininos realizados no Brasil, interessa pensar que sua inclusão foi identificada pelas *skatistas* como uma forma de aprimorar a técnica do esporte, de apurar o gesto em busca da “melhor manobra”, enfim, de se aproximar dos níveis de exigência e, também, de possibilidade de exibição daquelas provas que existem para os homens.

Em reportagem de Alexandra Meduza e Evelyn Leine, publicada no *Skate para Meninas*, há uma referência de que a organização desse campeonato visava “fortalecer o crescimento do skate feminino nacional (desenvolver o nível técnico de manobras assim como unir as atletas) e influenciar novas pessoas à prática do esporte” (LEINE, 2004b, p. 3). O campeonato aconteceu no dia 30 de outubro de 2004, na *Pista Eclipse 4FUN*, em São Paulo cuja estruturação contemplou as duas

⁹⁸ Evento que reuniu por 24 horas diversas práticas e esportes, agitando a cidade de São Paulo.

⁹⁹ Em 2005 a Associação Brasileira de Skate Feminino criou o “Circuito ABSF”, onde incluiu a modalidade *mini ramp* até então exclusiva dos campeonatos masculinos. Este circuito foi oficializado pela Confederação Brasileira de Skate.

categorias - Feminino 1 e Feminino 2, ou seja, Amador e Iniciante e contou com a presença de quase 40 atletas vindas do interior de São Paulo e de outros estados.

Como parte da programação, a Associação Brasileira de *Skate* Feminino (ABSF) realizou uma palestra após a realização das provas que foi dirigida a “todo o público e principalmente às atletas presentes, falando sobre a evolução do *skate* feminino, patrocínios, circuitos, propostas da Associação, enfim, tudo para evoluir e auxiliar o Skate Feminino Nacional” (Ibid., p. 2).

Na avaliação de Evelyn Leine, Alessandra Meduza e Priscila Moraes (informação oral)¹⁰⁰, este Campeonato tem a fama de ter oferecido às competidoras boas premiações e um valor da inscrição considerado justo. Nas reportagens que publica no *Skate para Meninas*, Evelyn assim se refere a este evento:

No geral, o Campeonato foi um sucesso. [...] Organizamos Campeonatos e Encontros pras garotas se conhecerem e tornarem-se companheiras umas das outras, tanto as novatas como as iniciantes e também aquelas que sentem vontade de começar a andar de skate, nossa intenção não é construir passarelas pra ninguém, e sim evoluir o Skate Feminino em todos os sentidos. Para isso acontecer precisamos da colaboração de todas as garotas que andam. Motive e Incentive quem está começando no skate: passe a base das manobras, dê dicas, ajude. Pode ter certeza que este é o caminho para o Skate Feminino Brasileiro evoluir cada vez mais. Este é o nosso objetivo, é o nosso sonho... Nós realmente esperamos que as meninas sejam UNIDAS PELO CARRINHO (Ibid., p. 3).

Ao convocar a união das atletas e várias participantes e interessadas na estruturação do esporte, critica o estrelismo de algumas e se vale da marca do *blog*, para um convite a serem *Unidas Pelo Carrinho*. Assim ela se posiciona nesse discurso sobre *skatistas*, ou do que é e quem são as *skatistas* que, se uniram para afirmar que *o skate não é só para meninos*. Amparada por uma rede que envolve a idéia de

¹⁰⁰ Informação obtida durante entrevista que realizei com as *skatistas* Evelyn Leine, Alexandra Meduza, Priscila Moraes e Marta Linaldi no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, no dia 22 de abril de 2006 em dia em que estavam andando de *skate*.

comunidade, evidencia o quanto é importante, para que ela exista e resista, se ter uma “união”.

Ao olhar atentamente as diferentes fontes de pesquisa, identifiquei algumas situações que demonstram haver dissonâncias nessa representação da união e da camaradagem. Ou seja, entre as *skatistas* não há uma unidade a priori mas, também, conflitos e diferentes discursos. Uma reportagem veiculada no site *Globoesporte.com* sobre o *Pro Rad* (Programa Radical), que aconteceu no Ginásio do Ibirapuera, em maio de 2006, evidencia o fato da atleta Karen Jones ser a única mulher do Brasil a andar na categoria vertical e que, portanto, competiria entre os homens nas eliminatórias dessa competição. Menciona, ainda, que a atleta sempre viaja aos Estados Unidos, onde há campeonatos de vertical para mulheres porque, no Brasil, a realidade é bem diferente. A reportagem reproduz uma fala da *skatista* onde afirma que ela não pretende se engajar na “causa”; quer melhorar sua técnica nas pistas pois esta é uma forma de cativar novas participantes. “O maior incentivo que posso dar é continuar andando de skate. Assim as meninas vêem que não é só para o homem”. (LOMBA, 2006, s.p.).

Essas duas posições nos remetem a pensar que, mesmo nas falas de *skatistas* que protagonizam a cena do *skate* feminino brasileiro, há intenções e objetivos diferentes. Evelyn Leine se posiciona a partir de um lugar: está autorizada pela comunidade a falar porque tem história na divulgação do *skate* através da criação e coordenação do *Skate para Meninas*. Além disso, é articuladora de uma rede de ações que se desenvolveu a partir do site onde promove e divulga o *skate* feminino. Para Evelyn “skate é prazer, é estilo de vida” (informação oral).

Já Karen Jones é uma atleta que acumula premiações importantes como, por exemplo, o de Campeã Mundial do Vertical Feminino em 2005 e a medalha de bronze nos *X Games* de 2006. É uma atleta que compete na categoria profissional e tem patrocínio, ainda que no Brasil, não tenhamos campeonatos femininos na

modalidade vertical¹⁰¹. Ou seja, de forma diferenciada, ela é uma expressão vitoriosa da afirmação de que “*skate não é só para meninos*”. Nesse sentido, seus objetivos são também de outro cunho: melhorar sua técnica nas pistas, aprimorar manobras, manter-se como atleta de referência e garantir sua continuidade nas competições.

Ainda que possamos perceber certas intenções particulares não há dúvida de que, de forma diferenciada e não menos importante, várias *skatistas* investem na estruturação e consolidação do *skate* feminino. Cada qual fala do lugar no qual está posicionada e que, também, não é perpétuo nem fixo. Se Karen Jones hoje é um ícone deste esporte é porque dedicou muito esforço e não apenas físico em prol da divulgação do *skate* feminino no Brasil e no mundo. Um esforço que é seu, sim, mas que também de várias outras pessoas, dentre elas essas *skatistas* que comandam os *sites*, a Associação Brasileira de *Skate* Feminino e, também, daquelas que a antecederam nos anos 70 e 80 do século passado e que, a seu modo e dentro das condições de possibilidade daquele tempo, fizeram muito pelo *skate* feminino no Brasil.

As *skatistas* da atualidade sabem da importância dos campeonatos, circuitos, *tours*; reconhecem nestes espaços, tanto a projeção do esporte e de suas carreiras, como, também, situações de aprendizado, de melhoria da sua condição de atleta e/ou praticante sem fins de virar uma profissional do esporte. Por isso investem em estratégias deste porte, convidam, convocam, chamam à cena diferentes sujeitos: “Atleta, amadora, iniciante, interessada, simpatizante, curiosa...apareça! Leve a família, os irmãos, os avós, o namorado, a namorada, o vizinho, o gato, o cachorro...” (LEINE, 2005f, p. 1).

Pensando no *skate* feminino como um esporte que está buscando a sua profissionalização, a inserção de modalidades como a *Mini Ramp*¹⁰² e a *Best Trick* é

¹⁰¹ Estas premiações foram conquistadas por Karen Jones em campeonatos realizados na Europa e nos Estados Unidos.

¹⁰² Essa prova é entendida pelas *skatistas* como uma introdução à modalidade vertical cujas competições são quase que exclusivamente disputadas por homens.

mais uma conquista das mulheres, visto que ela premia a excelência da técnica esportiva; sem dúvida, uma dimensão importante quando se pensa no esporte competitivo. Importante, também, porque permite que as *skatistas* atletas tornem visíveis o quanto se dedicam a este esporte, não apenas no sentido de sua divulgação: várias delas ambicionam uma carreira esportiva com amparo institucional e financeiro. Querem fazer do *skate* a sua profissão, apesar de sabedoras de quão árduo é o caminho em direção a este sonho.

Larissa Carollo descreve, em sua monografia de final de curso, algumas cenas de sua trajetória como atleta que são adequadas a essa reflexão. Vejamos:

Ser atleta é lutar pelo seu esporte e dar o melhor de si, correr atrás de objetivos, superar barreiras e para isso é necessário todo um suporte para o treinamento. Muitos atletas contam com seus patrocínios, os quais em troca da divulgação da marca proporcionam uma estrutura adequada para a prática.

Quando comecei a andar de *skate* em 1998, não tinha como objetivo ser uma campeã e quem sabe um dia viver do esporte, era apenas uma brincadeira de criança. Foi quando a prática foi ficando mais séria e resolvi participar do meu primeiro campeonato, nada mau para uma principiante, nono lugar no circuito Brasileiro, isso fez com que eu venerasse cada vez mais e como resultado tive na quarta etapa o topo do podium e conseqüentemente meu primeiro patrocínio (2006, p. 23).

A percepção de que a visibilidade invoca, direta e indiretamente, diferentes formas de apoio, faz das ações das *skatistas* algo que simultaneamente opera no sentido da ampliação da participação, seja na dimensão do rendimento, seja na do lazer. Como exemplo da ampliação das parcerias na promoção de eventos é o *COPA São Paulo Skate Para Meninas*, outro campeonato que resultou de uma grande articulação, por parte das *skatistas*, que agregaram várias marcas esportivas e de várias instituições, inclusive governamentais como, por exemplo, a Secretaria de Esportes do Município de São Paulo, a Secretaria da Juventude do Estado, a Secretaria de Cultura do Estado, a Federação Paulista de *Skate*, a Associação Brasileira de *Skate* Feminino e a Confederação Brasileira de *Skate* além é, claro, do *site Skate para Meninas*. Diante de tanto apoio, não houve cobrança de taxas para a

inscrição das competidoras que puderam disputar provas nas categorias “Amadora” e “Iniciante”. Nas palavras de Evelyn:

este foi o campeonato que teve a maior premiação na história do skate Feminino: um notebook, dois computadores, uma filmadora e dois ipods. Além das manifestações culturais de grafite, colagem, música e área para imprensa. O evento teve transmissão ao vivo pelo site 360skate.tv.(LEINE, 2006c, p.1).

A *skatista* Tatiane Marques, complementa o depoimento de Evelyn ressaltando o desenvolvimento do esporte, o que pode ser verificado pelas manobras realizadas na pista.

Com a realização deste campeonato mostrou-se que a evolução chegou na categoria feminina, aprimorou-se as bases, muita segurança em manobras de nível e criatividade. A premiação e organização é um reconhecimento do esforço e evolução que as atletas buscam, pode servir de exemplo para muitos circuitos (apud LEINE, 2006c, p.2).

Essa movimentação em torno dos encontros, *tours*, circuitos, campeonatos, gerou alguns impactos na comunidade que circula no entorno do *skate*. As *skatistas*, ao produzirem estes acontecimentos, geraram fatos, notícias, colaborando para que despontasse, em diversas cidades e estados do Brasil, campeonatos e competições com a presença de categorias femininas. Essas indicações permitem entender que a visibilidade construída pelas garotas se configura a partir de ações que elas protagonizam e fazem acontecer. O protagonismo, aqui, é entendido não como uma aparição cênica; tem outra propriedade. Trata-se de ações coletivas e participantes onde se constroem a autonomia dos participantes e o envolvimento da coletividade coma a ação (IULIANELLI, 2003, p. 71).



Figura 36 – Participante do COPA São Paulo Skate Para Meninas

Seus esforços para mobilizar, organizar e chamar à união fazem parte de uma ação coletiva que é possível porque há muito empenho nessa direção, cujo reconhecimento é sempre um terreno de disputa. No ano de 2006, uma das mais importantes marcas patrocinadoras do esporte, a *Freeday*, publicou no seu *site*¹⁰³ a seguinte chamada: "O skate feminino vem crescendo mais a cada ano. Por isso no seu circuito a Freeday vai valorizar as meninas nesta etapa paranaense. Um Best Trick valendo um skate importado. São 20 vagas para a sessão que acontece no domingo". (CARLOS, 2006). Ainda que essa seja uma notícia prodigiosa que reconhece a existência do *skate* feminino e a sua ampliação, de forma alguma garante todas as condições para a solidez do esporte. Ao investigar os investimentos desta marca no Brasil, identifiquei, através do seu *site*, que em 2007 patrocinou 15 atletas: 14 homens (6 profissionais e 8 amadores) e 1 mulher, Eliana Sosco.

Além disso, em quase todos os campeonatos disputados nas diferentes cidades não contemplam as categorias "Iniciante" e "Amador", o que limita a participação de muitas atletas que, por vezes, não têm como competir. Esse contexto me permite entender a importância que elas atribuem aos campeonatos que

¹⁰³ Freeday Skateboard Shoes. <http://www.freeday.com.br/site2007/portugues/site.php>

promovem categorias específicas para as mulheres, inclusive a *Best Trick*, identificada como “a categoria de excelência”. No entanto, quando me deparo, nas fontes de investigação, com os diversos relatos que informam as condições, por vezes adversas, com as quais se deparam cotidianamente, vejo não apenas que as *skategirls* “mandam bem no carrinho” mas que, talvez, sua *Best Trick*, ou ainda, a melhor manobra, situa-se, exatamente, neste movimento que fazem para divulgar o esporte e alcançar a sua profissionalização.

Alexandre Vianna, presidente da Confederação Brasileira de Skate (CBSK), também emite sua opinião a respeito da mobilização das *skatistas*. Para ele:

A evolução do skate feminino é importante para o esporte porque desmistifica todo aquele rótulo [...] um esporte de ação, só pode ser praticado por homens. É legal ver as meninas se unindo na construção de um espaço e de uma identidade dentro do skate nacional, antigamente isso não acontecia. Hoje 11% dos praticantes de skate na cidade de São Paulo são mulheres (VIANNA, 2004, p.1).

Embora o presidente da Confederação veja como importante o que denomina de “evolução do *skate* feminino” para o esporte nacional, sua fala denuncia a pouca capacidade que os órgãos institucionalizados têm, em termos de ação, para melhorar as condições concretas de existência do *skate* feminino no Brasil. Ele representa a instituição máxima que regulamenta a modalidade no Brasil, que estabelece as regras, normas e funcionamento dos campeonatos e circuitos. Além disso, é o editor da revista *100%Skate*, uma das mídias pioneiras do esporte e com grande circulação nacional. Na rede de poderes que envolvem o *skate*, está posicionado no lugar de autoridade; integra, com representatividade institucional, a maquinaria que faz funcionar o *skate* brasileiro pois está profundamente envolvido nas práticas esportivas que organizam e regem este esporte e, por consequência, na produção de discursos e de posições de sujeito.

Quando menciona que “é legal ver as meninas se unindo na construção de um espaço e de uma identidade dentro do skate nacional, antigamente isso não

acontecia” (ibid., p. 2) está, de forma clara, evidenciando aquilo que venho tentando visibilizar ao longo deste trabalho: muito do que foi e é construído em termos de *skate* feminino no Brasil é produto da atuação intensa de distintas *skatistas*. Elas é que fazem ver, a cada instante, que o “*skate não é só para meninos*”. Não fora sua ação, provavelmente, continuariam nas margens, nas sombras, na obscuridade de discursos e práticas que pouco colaboram para que sejam incorporadas e tratadas em iguais condições de acesso e permanência. O que implica dizer que existe um sistema esportivo constituído por uma rede que o organiza e mantém. Este, como qualquer outro campo social, está atravessado por relações de poder que são exercidas por diferentes sujeitos. Há, portanto, uma pluralidade de interesses em jogo e estes nem sempre estão consoante as expectativas das e dos atletas e praticantes.

Lembremos, com Gilles Lipovestky (2007), que vivemos o tempo do hiperconsumo, entendido pelo autor como uma fase da mercantilização moderna das necessidades cujas bases estão ancoradas em uma lógica desinstitucionalizada, subjetiva e emocional. Nos tempos do hiperconsumo tudo vira mercadoria, inclusive nossos corpos, afetos e subjetividades. “Já não se trata de vender um produto quanto de um modo de vida, um imaginário, valores que desencadeiam uma emoção” (p. 96).

Mauro Betti, ao analisar a relação entre a televisão e o esporte na sociedade brasileira, menciona os esportes radicais como um nicho do mercado da informação esportiva dado que sua “natureza” movimentada sensações diversas: quebra de rotina, risco, adrenalina, emoção, etc. atraindo, fundamentalmente, o público jovem.

O esporte, as ginásticas, a dança e as artes marciais e as práticas de aptidão física tornam-se cada vez mais, produtos de consumo e objetos de conhecimento e informação amplamente divulgados para o grande público. Jornais, revistas, videogames, rádio e televisão difundem idéias sobre a cultura corporal de movimento, muitas delas dirigidas ao público adolescente (1998, p. 17)

O *skate* não está distante desse mercado. Uma das suas expressões pode ser localizada na realização dos *X-Games*, evento que reúne diferentes modalidades associadas aos esportes radicais¹⁰⁴. O campeonato é promovido e veiculado pelo canal esportivo da televisão americana, ESPN, razão pela qual, a participação dos/as atletas se dá mediante convite da organização e não perante inscrição ou vitórias em etapas eliminatórias. Mais do que uma competição regida pelas Federações e Confederações, os *X-Games* configuram-se como espetáculo esportivo que é vendido para diferentes marcas.

Para termos uma idéia de sua dimensão, trago alguns dados sobre a sua mercadorização como um espetáculo esportivo. Em dezembro de 2007, foi anunciado, para o mercado publicitário, a venda das cotas de patrocínio da etapa brasileira que acontecerá no mês de maio de 2008. Na fala do presidente da agência responsável pela sua comercialização: “o *X-Games* é realizado há 13 anos consecutivos e tem 109 milhões de telespectadores no mundo todo¹⁰⁵. É uma oportunidade única para as marcas se associarem ao evento que é considerado a Olimpíada dos tempos modernos” (RODRIGUES, 2007, s.p). Ou seja, como um evento de grandes proporções, o *X-Games* vende muito mais do que o esporte; vende, sobretudo, um jeito de ser, uma idéia de risco, liberdade. Vende o “extremo”. Continuemos com Lipovetsky:

O esporte constitui outra esfera particularmente significativa do concorrente hipermoderno. No presente, os atletas, as competições esportivas, os recordes quantificados são onipresentes nas mídias; cada vez mais, os esportes de risco, os esportes de aventura, as façanhas solitárias, o “extremo” estão na primeira página da informação; através do esporte [...] aparece como uma sociedade fascinada pelos desafios, a paixão de vencer, a otimização das capacidades do corpo (2007, p. 272).

¹⁰⁴ Evento criado pela ESPN nos Estados Unidos em 1995, é uma das principais referências mundiais em esportes de ação. A edição de 2008 acontecerá em São Paulo, Los Angeles, Dubai, México, Aspen, Xangai e Londres. Na programação dos *X-Games* Brasil 2008, três dias de muitas atividades. Mais de 50 atletas vão disputar provas nas modalidades *bike*, *skate* e moto. Além disso, o *X Games* abriga uma imensa estrutura que inclui área de entretenimento, lojas, praças de alimentação e dois grandes shows. <http://carveboardaddiction.wordpress.com/tag/x-games/>. Acesso em 12 de dezembro de 2007.

¹⁰⁵ Em 1998, os *X Games* foram transmitidos em 198 países em 21 línguas (Thorpe, 2006).

Considerando essa característica, para ser convidado a participar deste evento o/a atleta tem que ter reconhecimento, “atitude”, penetrabilidade entre as marcas enfim, uma boa imagem.

Ainda que estas dimensões atravessem os *X-Games*, sem dúvida alguma, se consitui como um território de grande visibilidade no cenário dos esportes radicais. Em 2002 foi incluído o *skate* feminino (o masculino existe desde a primeira edição) e, em 2004, pela primeira vez, *skatistas* brasileiras foram convidadas para integrar o evento: Patiane Freitas (6º colocada) e Karen Feitosa (7º colocada na modalidade *street*).

Considerando algumas diferenças de tratamento que as *skatistas* tiveram nos jogos em relação aos *skatistas* homens, a edição de 2005 foi organizada com a colaboração insistente de uma organização feminina, denominada The Alliance¹⁰⁶. Ao perceberem a persistência de tratamentos diferenciados, no primeiro dia do evento, as *skatistas* fizeram um boicote; estavam todas presentes, mas não participaram das provas, o que veio a acontecer somente no segundo dia. A principal razão para tal manifestação foi a premiação absolutamente desigual para os homens e mulheres que competiam nas mesmas modalidades esportivas. Assim, o prêmio subiu de 2 mil para 15 mil dólares (LEINE, 2005g, p1).

Feitas as devidas negociações, as *skatistas* entraram em cena.¹⁰⁷ Na edição de 2006, Karen Jones, conquista a medalha de bronze, fato inédito para o *skate* feminino brasileiro. Essa premiação foi bastante festejada pelas brasileiras pois, de certa forma, Karen Jones estava representando a si mesma mas, também, a um grupo que há muito tem investido na afirmação da modalidade. Na edição de 2007 foi convidada, Letícia Bufoni, *skatista* brasileira de 13 anos que competiu com atletas profissionais e

¹⁰⁶ O The Alliance é uma organização feminina de profissionais de *skate* e de outras modalidades que reivindicam direitos iguais na participação e premiações em eventos esportivos.

¹⁰⁷ Nesta edição Patiane de Freitas, única brasileira na competição, ficou em 8º lugar.

conquistou o 8º lugar. Na fala da atleta colocada em 4º lugar, Lacey Baker: “aquela garota do Brasil ela é louca, é pequena e vai ser muito boa, nós seremos as esquecidas.” (MAGALHÃES, 2007, p.1).

Mais do que descrever as vitórias das *skatistas* interessa observar a divulgação que estas conquistas tiveram no Brasil. Os *sites* coordenados pelas *skatistas*, *blogs*, as comunidades virtuais, revistas e *zines*, fizeram circular essas informações a partir das ferramentas que tinham ao seu dispor. Estratégia essa que criou condições de possibilidade para que as mídias tradicionais também noticiassem essas conquistas, mesmo que não no ato de seu acontecimento. E aqui menciono Gilles Deleuze quando afirma que “é preciso apoderarmo-nos das coisas para lhes extrairmos as visibilidades” (apud FRAGA, 2000, p. 97).

Ao analisar os campeonatos, circuitos, *tours*, promovidos pelas *skatistas* em busca da significação da sua ação e do seu posicionamento como sujeitos destas práticas, identifico nas suas ações a dimensão da positividade do poder, conforme cunhou Michel Foucault (2004). Ou seja, o poder é sempre produtivo, isto é que produz efeitos de verdade, que interpelam os sujeitos e que os posiciona em diferentes locais sociais. Um poder que não oprime nem subjuga, mas, que é prática de ações possíveis, que perpassa as relações entre sujeitos e instituições, como uma ação sobre outras ações, que funciona em rede que não se aplica mas passa pelos sujeitos e as constitui. No âmbito específico desta pesquisa, constrói os sujeitos dessa prática esportiva que, de forma alguma, são homogêneos. Dentro do próprio *skate* feminino há várias dissonâncias, resistências e multiplicidades. As protagonistas que trago à cena são as que, com maior ou menor intensidade, figuram nas fontes investigadas. Dito de outro modo: “estão na imagem”. São aquelas que se apoderaram de diferentes instrumentos para se tornarem visíveis, para produzirem-se a si mesmas, e assim, posicionarem-se como sujeitos de uma prática que lhes confere significação. Lembremos com Tânia Swain que

as próprias fontes expressam e são mediadas pelo olhar de seus autores. Isto não significa, como querem alguns, redução da realidade ao discurso, mas apenas a constatação que os indícios - impressos ou imagéticos - do real são incontornavelmente textuais, construídos de um lócus específico de fala, apesar de suas linguagens específicas. Estes indícios são, deste modo, também interpretações e a decodificação, que constrói uma realidade a ser narrada, se faz a partir de um lugar de sujeito, de uma perspectiva de gênero (2006b, s.p).

As fontes narradas e construídas pelas *skatistas* foram analisadas dentro dessa ótica. Não são tomadas aqui como “a verdade” mas como uma narrativa construída a partir de si mesmas, do lugar de onde falam e do intentam fazer ver.

Para além da promoção de eventos, *tour*, circuitos e campeonatos, outra estratégia de visibilidade adotada pelas *skatistas* foi a procura por espaços na mídia tradicional. E aqui me refiro a revistas, programas de televisão, jornais, entre outras que não aquelas organizadas e distribuídas por elas mesmas. Essa inserção midiática é o que analiso no próximo item.

5.3. Espaços midiáticos: visibilidades conquistadas

A sociedade do espetáculo vive obcecada pela fama. O espetáculo promove a afirmação da vida humana como visibilidade: existir, hoje, é “estar na imagem”, segundo uma estranha lógica da visibilidade que estabelece que, automaticamente, ‘o que é bom aparece/o que aparece é bom’. Nem mesmo nossos breves momentos de revolta escapam ao fascínio da imagem (Kehl, 2005, p. 244).

“Estar na imagem” pressupõe a manifestação de sua existência dentro de um campo que opera, muito visivelmente, com o espetáculo, com a performance, com o desempenho. Estou fazendo referência ao esporte contemporâneo, ainda que possamos pensá-lo em sua pluralidade.

Considerando que o *skate* como uma modalidade esportiva, há que considerar que muito do seu sucesso neste cenário depende da sua própria

divulgação, dos modos através dos quais se faz ver. Como qualquer prática cultural, o esporte está implicado em uma rede de significação e o que dele se valoriza ou se desconsidera depende do contexto cultural, social, econômico onde acontece.

Segundo Carmen Soares (2005), vivemos a “voga do esporte”; ou seja, este é tomado como referente para outras instâncias da vida humana delineando uma certa versão atlética e esportiva do mundo, dos corpos e das relações humanas. Esta voga traz consigo “um estilo de vida que implica *empresariar* a vida cotidiana em suas mais delicadas interfaces, em seus mais íntimos espaços. Implica, portanto, sucesso social, glorificação do consumo, midiaticização da empresa como modelo de vida, explosão da aventura, culto à performance” (p. 44).

Por certo que as *skatistas* estão interpeladas por esse estilo advindo da voga esportiva contemporânea. Talvez seja, inclusive, condição para sua subsistência pois, em muitos dos discursos que enunciam e das práticas que realizam é possível identificar que a necessidade de se fazer ver está atrelada à vontade de existir.

Nessa perspectiva identifico um movimento das *skatistas* em busca da sua visibilidade. Movimento esse que, num primeiro momento – e talvez tenha mesmo de ser assim – quer “estar na imagem” para, então, qualificar o *skate* feminino em direção a sua profissionalização.

“Estar na imagem” é freqüentar a indústria midiática, entendida aqui como “produtora e veiculadora de símbolos socialmente compartilhados na cultura contemporânea” (BETTI e PIRES, 2005, p. 283). Nessa perspectiva, muitos foram as ações protagonizadas pelas *skatistas* para negociar sua presença nas revistas, programas de televisão, jornais, entre outros. Analiso algumas delas e inicio com uma ousadia: a criação de uma publicação específica produzida por e endereçada para mulheres *skatistas*.

Estou me referindo a revista *Check It Out*, criada pela *skatista* paulista Lisa Araújo e que hoje é publicada em Los Angeles, Estados Unidos, mantendo-se como a

única a tematizar especificamente o *skate* feminino. Em entrevista para o site *Mary Jane* em agosto de 2006, Lisa conta que, no ano de 1997, atuava como vendedora de anúncios para a revista *Tribo Skate* e lá identificou muitas cartas enviadas por leitoras reclamando da falta de matérias sobre as mulheres. Essa ausência fez com que escrevesse um primeiro *zine*, que encaminhou junto com uma carta-convide para as *skatistas* que conhecia propondo a realização de um campeonato. Compareceram quinze e, a partir de então, começaram a se encontrar tentando dar continuidade à publicação do *zine*. Segundo sua narrativa, “mesmo com poucos patrocínios pra fazer as cópias xerox do *zine*, o *Check It Out* nasceu de uma necessidade de espaço e incentivo ao skate feminino” (MARQUES, 2006, p. 3)

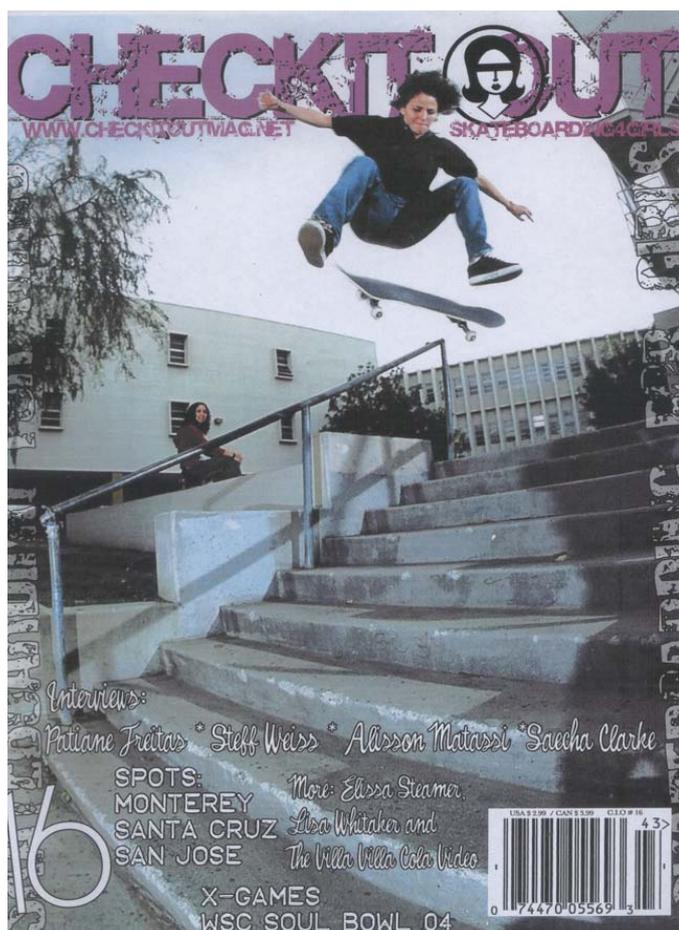


Figura 37 – Capa da *Check It Out*

Buscando aprimorar a publicação, Lisa se dedicou a aperfeiçoar o visual e a qualidade gráfica da revista. Para tanto, vendeu anúncios para algumas marcas esportivas (*Tracker, New Skate e Maha*), o que lhe permitiu aumentar sua distribuição e qualidade. Em 2000, Luciana Ellington se tornou sua sócia “fotografando muito, produzindo matérias e investindo dinheiro do próprio bolso para fazer uma revista de grande formato e colorida¹⁰⁸” (ibid., p. 2).

O compromisso com a divulgação do *skate* feminino e a promoção da visibilidade das *skatistas*, motor que impulsionou a sua criação, ainda hoje se mantém com a mesma força e intensidade o que pode ser identificado, inclusive no *site*¹⁰⁹ que a *Check It Out* disponibiliza na internet.

A edição de número 17, publicada no ano de 2005¹¹⁰, dedica várias páginas espaço para o *skate* brasileiro. Na matéria intitulada *Brazil concrete jungle*, faz referência a atletas homens e mulheres que se destacam nas cidades de São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro. Sua posição política é clara: no texto há menção aos *skatistas*. No entanto, as imagens publicadas são todas de mulheres - dez fotografias onde se vê Karen Jones, Marta Linaldi, Giuliana Ricominni, Larissa Carollo e Vânia Gouveia executando manobras radicais. Seu editorial menciona, de outra forma, mas dizendo o mesmo, o enunciado que presenciamos em tantas outras intervenções: *skate não é só para meninos*. Vejamos:

Todas as mulheres na Check It Out Magazine aproveitaram a oportunidade de praticar skate e de ser boas nessa atividade. Elas rejeitaram a crença submissa de que as “meninas não andam de skate”. Sim, elas andam!

E andam muito bem!

¹⁰⁸ A revista é vendida por US\$ 2,99. Assinaturas internacionais custam US\$ 28 por quatro exemplares (frete incluso). Nos Estados Unidos, custa US\$ 18.

¹⁰⁹ Atualmente a revista mantém um *site* onde disponibiliza alguns de seus exemplares, informa sobre eventos e *tours* e disponibiliza vídeos protagonizados por mulheres *skatistas*. Pode ser acessado no seguinte endereço: www.checkitoutmag.com (Skateboarding4girls)

¹¹⁰ Esta edição da revista é divulgada, em maio de 2005, no *site Skate para Meninas*. Depois de narrar uma pequena história da revista e apresentar seu sumário, indica como pode ser adquirida não sem antes avisar: “Atenção, a revista é em inglês” (LEINE, 2005i, p.1).

Até antes da virada do século, o progresso das mulheres nos esportes e em outras atividades, inclusive no skate, foi dificultado pela questão de “respeitabilidade”. Muitas mulheres tiveram que lutar contra a desaprovação de sua família e círculo social, mas aceitaram o desafio de qualquer modo.

Hoje, as mulheres que praticam skate são aventureiras, viajantes, exploradoras e reivindicadoras. Elas querem experienciar como é andar de skate no próprio pátio de casa, em uma pista de competição, em parques de skate, em outras cidades, estados e países. Essas pistas são as que nos levam a uma compreensão mais profunda desse esporte.

Acampamentos, apresentações, viagens e competições promovem a experiência na prática do skate, além de propiciarem ótimas amizades que se formam entre as garotas, umas incentivando as outras a praticar melhor.

Para uma verdadeira garota skatista, aprender uma nova manobra técnica é uma grande realização, e sua conquista é como uma inegável obsessão. É por isso que vemos algumas das maiores skatistas atuais chegarem ao topo, guiadas simplesmente por sua própria determinação.

Para o benefício das mulheres skatistas que ainda podem ter que ascender a níveis mais elevados no skatismo, na *Check It Out Magazine*, oferecemos a total experiência para o que vale a pena (GRZERKOWIAK¹¹¹, 05, p. 5) [tradução livre].

E o que vale a pena é, exatamente, visibilizar suas trajetórias, manobras, histórias, lutas, frustrações, conquistas, enfim, suas particulares experiências. O próprio nome da revista invoca esse protagonismo. *Check It Out* impõe-se como um imperativo: olhe, veja, cheque! Veja o que está saindo dessa tribo; o que dizem; o que apresentam; como se posicionam dentro do cenário mundial do *skate*. *Check It Out* é um convite e, ao mesmo tempo, uma proposição. Poderíamos pensar que é mais um enunciado que compõe a rede discursiva através da qual as *skatistas* buscam sua afirmação. Um enunciado que aparece em diferentes temporalidades e espacialidades. Ao tentar entender os discursos através dos quais as *skatistas* constroem seus lugares de sujeito retomo Foucault:

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado [...] Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença de origem; é preciso tratá-lo no jogo da sua instância (FOUCAULT, 2005, p. 8)

¹¹¹ Sobrenome incorporado por Lia Araújo em função do seu casamento.

Como uma construção cultural, a *Check It Out* engendra e é engendrada a partir de disputas de poderes, de buscas de significação, cuja emergência foi possível exatamente pela ausência das garotas em vários suportes midiáticos. Essa ausência foi condição de possibilidade para que a aparecesse e se consolidasse não apenas entre as *skatistas* mas, inclusive, pela indústria esportiva, que passou a comprar espaços da revista objetivando divulgar seus produtos e ampliar o rol de consumidoras.

Ao percorrer as diferentes fontes de investigação pude observar vários momentos nos quais se visualizava as disputas travadas pelas *skatistas* em busca da sua exibição. Os dois encartes publicados pela *100%Skate*, por exemplo, são exemplares do árduo caminho que trilharam em busca do seu reconhecimento. O editorial do primeiro número anuncia: “[...] é inegável também que, para isso, muitas meninas tiveram que dar exemplo durante anos, passando por cima de “tiradinhos” para consolidar a imagem da menina skatista “(EDITORIAL, 2001, p. 6). O do segundo, escrito por Cauê Muraro, também menciona a batalha das garotas.

Nove meses já se passaram desde o lançamento do 100%SKATEGirl #1 e não há como fugir da pergunta. Teria o nosso tão estimado suplemento feminino cumprido o objetivo de atender as exigências - e por que não, carências - das garotas que se ‘atrevem’ a adentrar o mundo do skate? [...] Pediram, clamaram, reclamaram. Por isso CONSEGUIRAM (MURARO, 2002, p. 7).

Conseguiram um espaço - menor e publicado como um encarte que não estava incorporado à revista - o que já foi considerado pelas *skatistas* como uma conquista. Sua concretização suscitou o despontar de novas reivindicações, como por exemplo, um espaço próprio dentro da revista e uma capa com uma *skatista* em destaque.

Na edição de abril de 2005 (três anos depois da publicação do encarte de número dois), a *100%Skate* anuncia a publicação de uma sessão específica denominada *100%Skate*. A primeira matéria é dedicada ao *site Skate para Meninas*. Índícios de que a penetrabilidade do trabalho desenvolvido por Evelyn Leine e por

várias outras *skatistas* já é perceptível. No dia 15 de março de 2005, o *site* publica a matéria “100% SKATEGirl de volta” na qual Evelyn descreve as informações contidas na reportagem da revista, assinalando em negrito a fala do editor que promete manter a seção como “uma coluna fixa e não uma publicação extra” (s.p). Em seguida, celebra a escolha da primeira reportagem:

O site **Skate para Meninas** (sim, nós) foi escolhido para inaugurar essa nova seção. A matéria conta um pouco do surgimento do site e fala da atitude de divulgar o Skate feminino no Brasil, além da parte de anúncios, o PROCURA-SE, que busca interagir as atletas e “deixar para trás os tempos de sessões solitárias”. No editorial, os leitores também podem contar com a atleta Thais Saraiva com um lindo Flip do Fakie na rampa. A revista (edição #85) já está nas bancas de todo o Brasil. **Confira!** (LEINE, 2005h, p. 1).

Após a conquista de um espaço fixo em uma importante publicação acerca do *skate* nacional, a batalha se deu em função da presença de uma *skatista* na capa, o que efetivamente aconteceu em julho de 2006, na edição de número 100, comemorativa aos 11 anos de existência da *100%Skate* que exhibe a atleta Eliana Sosco¹¹² executado uma manobra no corrimão de uma escadaria. O editorial da revista, assinado por Alexandre Vianna, sob o título “Renovação” esclarece:

Onze anos se passaram e muita coisa mudou no cenário. Estamos vendo uma fase boa, talvez a melhor do skate no Brasil até hoje, de profissionalismo, de empresas com boas intenções querendo fazer as engrenagens girarem de forma cada vez melhor. Skatistas andando como nunca, vivendo o skate de forma verdadeira. E também muitas meninas andando e se atirando para alcançar um novo patamar. Por isso decidimos entregar a capa da edição 100 para um gigante noseslide de Eliana Sosco. Primeira capa feminina (2006, p. 25).

Além da capa, na seção *100%SkateGirl* desta edição, há uma matéria com a *skatista*. Escrita por Evelyn Leine¹¹³ e intitulada “Eliana Sosco: para quem subestimou a capacidade delas” apresenta, além de uma pequena biografia sobre a atleta, uma

¹¹² Eliana tinha, na época, 19 anos e praticava *skate* há um ano e meio. Patrocinada por DVS, Inc. *Girl e Life Style*.

¹¹³ Principal colaboradora da seção *100%SkateGirl* desde que foi tornada como parte integrante do projeto editorial da revista

entrevista cuja temática central gira em torno dos campeonatos e da separação das categorias entre masculino e feminino.

Tal protagonismo foi considerado como um evento, uma conquista do *skate* feminino. Tão logo a revista apareceu nas bancas já era notícia no *site Skate paraMeninas*. No dia 22 de junho de 2006, a página foi atualizada às 23:40 horas com a seguinte chamada: “Primeira Capa feminina na *100%Skate*”. Nela podem-se ler os seguintes comentários:

Eliana Sosco, pra quem subestimou a capacidade delas. Depois de um tempo negociando uma foto feminina no Espaço Amador, a notícia da capa foi surpreendente, ainda mais sendo a centésima edição de aniversário da revista, a número cem. Tá, não que a gente não acreditasse que um dia uma menina mereceria a capa, mas o Nose Slide nessa borda de 15 degraus foi arrematador. OLHA ESSA FOTO! Representou! (LEINE, 2006d, s.p).

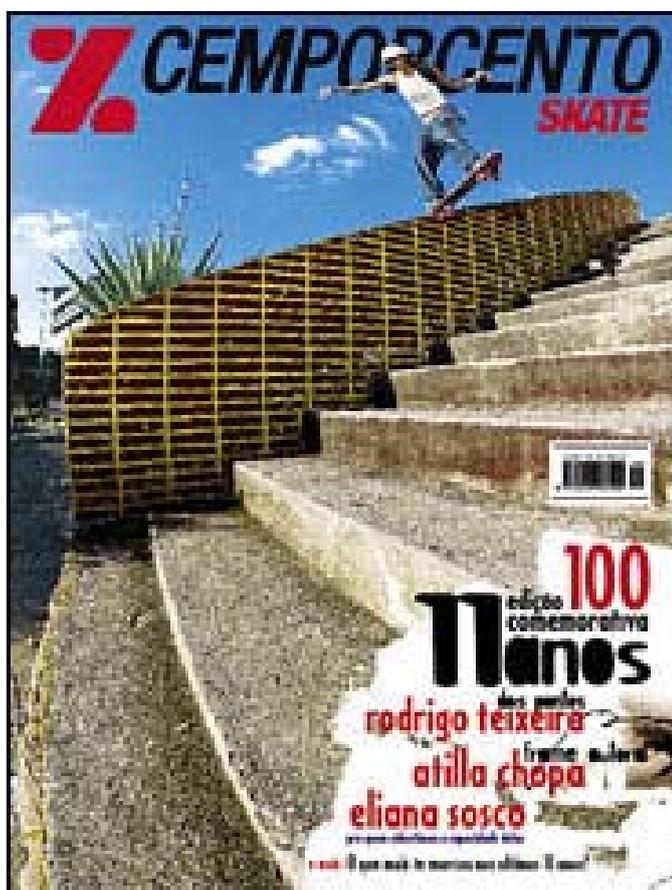


Figura 38 – Capa da *100% Skate* com Eliana Sosco, 2006

Representou: verbo utilizado para registrar o reconhecimento de poder de estar em um lugar que lhe é de direito, afinal, como enfatiza o *site*, “o *Nose Slide* nessa borda de 15 degraus¹¹⁴ foi arrematador” (ibid., p. 1). A execução desta manobra radical emerge como uma condição de possibilidade que levou o *skate* feminino ser estampado na capa de uma revista que é amplamente divulgada na comunidade *skatista*. Eliana Sosco apresenta habilidades pertencentes a quem está na batalha há muito tempo, correndo campeonatos, aprimorando sua técnica, ousando novas desafios. Ou seja, não é uma *skatista* qualquer mas alguém que representa!

Para Francis Wolf (2005), toda imagem é uma representação, é algo que torna presente qualquer coisa ausente. Representa, portanto, alguma coisa que já não está lá visto que toda imagem é uma imagem *de* alguma coisa. Ao vermos a imagem da Eliana Sosco na capa da *100%Skate*, vemos uma imagem da atleta, não a atleta. Vemos a representação de uma ausência mas que foi “tornado presente pela imagem” (p. 21).

As *skatistas*, ao celebrarem a presença de uma mulher na capa da revista, percebem que ela “representou”. Representou uma ausência (a inexistência de outra capa anterior a esta) e representou porque a imagem a presentificou. Representou, ainda, porque a sua fotografia fez ver muitas ausências, qual seja, o grande número de *skatistas* mulheres que jamais foram ali representadas, trazidas à imagem.

Podemos aqui pensar, ainda, na imagem como uma mercadoria. Ou seja, “estar na imagem” é ampliar a possibilidade de se vender como atleta e vender o *skate* feminino. E, ao vendê-lo, angariar patrocínio, aumentar a premiação, ampliar os eventos, inspirar novos praticantes, etc. Ser visível, circular nos diferentes espaços midiáticos é condição primeira para que isso aconteça. A *skatista* Karen Jones, em entrevista realizada por telefone, quando indagada sobre a percepção que têm acerca da sua importância no *skate* nacional, indica que quanto mais informação circular

¹¹⁴ Manobra aérea que consiste em deslizar com a parte da frente do *skate* sobre um obstáculo, que quanto maior for o grau de dificuldade, melhor será avaliado será o seu desempenho técnico.

sobre o *skate* feminino e suas atletas, mais possibilidades o esporte tem de se desenvolver. Nas suas palavras “Quanto mas gente praticar melhor. É preciso criar ídolos, virar exemplo; eu vivo na internet, fazendo contato, postando imagens, vendo o que me escreveram no *youtube*, no *fotolog*. É preciso virar exemplo por que assim você vira produto, vai vender mais” (informação oral, 2006).

Vender faz parte da visibilidade e a visibilidade não se dá sem a ampla circulação de suas imagens. Segundo Aduino Novaes,

A imagem hoje se transformou na mercadoria por excelência, objeto de produção, circulação e consumo realizando de forma fantástica o velho axioma: cria-se não apenas uma mercadoria para o sujeito, mas criam-se, também, sujeitos para a mercadoria (2005, p. 10)

As *skatistas* compreendem esse movimento e, por isso, atuam dentro da lógica da visibilidade. Sabem que esta poderá não apenas garantir a sua permanência no interior do esporte como, ainda, produzir novos sujeitos. Isto é, interpelar outras tantas meninas e mulheres que, ao sentirem-se capturadas por essas imagens, práticas e discursos, poderão buscar no *skate* uma possibilidade de vivenciar o lazer, o divertimento, a profissionalização e tantos outros possíveis significados que lhe podem agregar.

Para além da aparição nas revistas, outras esferas midiáticas foram alvo das *skatistas*. No link “Matérias” do site *Skate para Meninas*, estão registradas várias delas. Em abril de 2005, concederam entrevista ao programa esportivo *Zona de Impacto*, do canal aberto *SporTV* cuja gravação foi feita em um dos picos mais famosos entre os *skatistas*, o “vale do Anhangabaú, localizado na região central de São Paulo, que recebeu oito meninas [...] pra bater um papo sobre vários assuntos relacionados ao *skate* feminino e, claro, andar de *skate*” (LEINE, 2005j, p. 1). Essa participação se repetiu em 2007, no dia 08 de março, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Desta vez a reportagem foi feita com cinco *skatistas* que realizaram manobras no Pátio do Colégio, um ponto turístico de São Paulo. Nesta

entrevista foram indagadas sobre o que é ser mulher *skatista* nos dias de hoje cuja resposta foi: “Jogo de cintura, inteligência e muita base são ingredientes essenciais” (LEINE, 2007c, p.1).

Além destes programas esportivos, também figuraram em outros. Ester Perussi, um dos destaques do “COPA São Paulo Skate Para Meninas”, foi entrevistada ao vivo, no dia 18 de dezembro de 2006, pela equipe do programa *São Paulo Acontece*. No dia 21 de março de 2006, o jornal matutino *Fala Brasil*, da Rede Record, veiculou pequena matéria sobre *Skate Feminino*. Segundo Evelyn Leine:

As três skatistas paulistanas Thaís Saraiva, Priscila Moraes e Evelyn Leine foram à Galeria do Rock, lugar onde se pode encontrar basicamente tudo relacionado a skate, e deram pequenas dicas, explicaram a diferença de shapes, rodas, trucks, tênis e também falaram sobre a diferença de estilos e comportamento. [...] É uma pequena mostra de que a mídia está cada vez mais abrindo as portas para o Skate Feminino brasileiro. É essa a tendência já que o esporte, cada vez mais praticado por mulheres, cresce e faz junção com a arte, a cultura, a música e o feminino, tornando esse universo rico e inacabável (LEINE, 2006f, p. 1).



Figura 39 – Ester Perussi Impacto



Figura 40 – Entrevista para o Zona de

No site *Garotas no Comando*, Karen Jones, divulga a participação de *skatistas* no programa *Mais Você*, da Rede Globo, no ano 2005: “Meninas, entrem no site do mais vc (www.maisvoce.com.br) o texto ficou do ca@#\$%lho ...e chequem o vídeo antes que resolvam tirá-lo do ar... ficou legal, manobras 0, mas legal” (2005,s.p). Faz referência, ainda, a uma matéria veiculada pela Rede Bandeirantes de Televisão e de uma matéria sobre moda produzida pela revista *Capricho*. Sobre o programa da Band, escreve:

O programa de Olga Bongiovani tem como público alvo as vovós e mães e enfatizou a prática do skate por crianças de todas as idades e sexos assim como o uso dos equipamentos de proteção. É importante manter as pessoas informadas, principalmente ressaltando que o skate não é mais um esporte marginalizado, e que existem lugares seguros para praticá-lo (JONES, 2005b, s.p).

Ao registrar no *site* a importância da presença das *skatistas* na mídia para mantê-las informadas sobre o esporte, Karen Jones, uma das grandes referências desta modalidade, percebe que a sobrevivência do *skate* depende, em grande parte de sua visibilidade, inclusive, a midiática. Percebe, ainda, que essa visibilidade, em grande medida, depende da ação das próprias *skatistas*. Ao comentar a matéria *Skate Fashion*, caracterizada como um ensaio de moda para a Revista *Capricho*, depois de relatar um dia inteiro de trabalho (escolha das roupas, das locações, realização de manobras para as fotos, etc.) assim encerra seu comentário:

Gostaríamos de agradecer a todos da revista capricho pela oportunidade, esperamos que a edição venda bastante não pelos olhos azuis do garoto da capa e que vcs queiram fazer outras vezes dando outros enfoques. [...] Sempre que precisar estamos aqui. E, meninas, elas só dão skate se for pedido...então peçam (JONES, 2005b, s.p).

Pedir relaciona-se, aqui, a buscar estratégias para alargar o campo de ação para muito além das pistas, rampas e “picos”. É correr atrás da divulgação visando tornar o *skate* um esporte mais conhecido e capaz de capturar novas adeptas.

Esse comentário fornece elementos importantes para analisarmos a presença das *skatistas* nestes e em outros artefatos midiáticos. Se por um lado sua aparição depende de seus esforços, por outro, resulta de uma maior divulgação da própria modalidade no país. O que não implica relativizar, ou mesmo, minimizar seus esforço para tal. A visibilidade midiática das *skatistas* resulta de um interesse também de mercado, pois, além de divulgarem o *skate* feminino estão, divulgando uma série de produtos e serviços que giram no seu entorno. Com explicita, Tatiana Marques, em reportagem no *site Mary Jane*, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, em 2005:

União para exigir mais. União para ajudar as meninas a prosseguirem e outras a não pararem de andar de skate. União para dar uma energia maior a esta família que não pára de crescer. União por um único objetivo. A união faz a força e toda a diferença. Com isto estimulamos outras pessoas a fazerem parte desta família: redatores, fotógrafos, produtores, marcas, empresários, promotores de eventos... (2005, s.p).

A compreensão acerca de quem vive o esporte por dentro é bastante adequada para pensarmos a relação que existe, na sociedade do hiperconsumo (LIPOVETSKY, 2007) entre o esporte, a mídia, o patrocínio e a visibilidade. Não há como dizer que existe linearidade nessa relação; são fluxos que se desenvolvem em vários sentidos consoantes os interesses, sejam eles de mercado ou não. A atleta Larissa Carollo, na sua monografia de conclusão de curso, ao narrar sua trajetória em busca de apoio, patrocínio e financiamentos diversos, identifica que o universo das marcas, muitas vezes, não está preocupado com os atletas mas quer, sobretudo, vender seus produtos e criar novos consumidores.

Com o skate no auge da moda, com aparições na mídia, as marcas que lucram, pois novatos, simpatizantes vão aderir á nova tendência e virar consumidores. Comparando o número de marcas especializadas no skate que existem no nosso país, é muito pequeno o número de marcas que realmente investem em seus atletas, dando a eles estrutura adequada, como viagens roupas, peças, acessórios, planos de saúde, trabalhar a imagem do

atleta na mídia. Enquanto isso as outras marcas “Sanguessugas” só se preocupam em vender (CAROLLO, 2006, p. 26-27).

Esta percepção é recorrente nas várias fontes de investigação. Ser vista é uma necessidade apontada como fundamental para o desenvolvimento do *skate* feminino. Visibilidade essa que pode ter diferentes nuances, propósitos e intenções.

As grandes emissoras de televisão também concederam alguns espaços ao *skate*. A Rede Globo lançou, em maio de 2006, um programa semanal, exibido aos sábados, destinado aos esportes radicais como *mountain-bike*, *surf* e *skate*. Promoveu, ainda, um campeonato, o *Pro Rad*, que aconteceu no ginásio Ibirapuera, em São Paulo, com uma assistência de aproximadamente seis mil pessoas. Larissa Corollo foi convidada para ser a comentarista, ao vivo, das provas e das manobras realizadas pelos/as *skatistas*.



Figura 41 - Larissa Corollo, comentarista do *Pro Rad*

Além dos programas esportivos e da cobertura de alguns campeonatos introduziu, em 2006, uma personagem *skatista* na novela *teen* “Malhação”: Manuela Prado, de 17 anos e aluna do segundo ano do ensino médio. “Ela é fera no skate,

radical dentro e fora das pistas e linda dos pés à cabeça” (ELISA e RAQUEL, 2006, p. 1). Esta descrição faz parte de uma matéria publicada na Revista Fluir, em março de 2006, na qual três reconhecidas *skatistas* brasileiras são indagadas acerca da presença de uma personagem como esta em um programa endereçado para jovens.

Karen Jones (dublê das cenas de ação da personagem), identifica como muito positiva essa inclusão, ressaltando que esse é um bom canal para divulgação da modalidade entre meninas, promovendo, talvez, uma maior participação feminina no esporte, além de ter mais chances dos atrair patrocinadores e, assim, fazer o mercado se movimentar. Ainda que o “skate não seja aquilo”, diz Karen, pois “geralmente não existe este apoio todo que a galera mostra na televisão [...] eu quero mais é que todo mundo ache lindo andar de skate” (ibid., p. 2). Para além dessa questão, ressalta que pode ser uma chance para quebrar o preconceito, inclusive porque na trama da novela, Eduardo, o namorado da personagem, “teima em mudar o jeito da gata e em afastá-la do skate” (ibid., p. 1). Essa situação provoca alguns comentários.

A *skatista* Patiane Freitas refere-se à quebra de preconceitos como algo que não pode ser tomado ao extremo e diz: “Tem menina que é supervaidosa, não vai andar de skate sem passar um batom. Eu não sou assim, mas acho que cada um usa o que quiser” (ibid., p.1). Karen Jones também fala da vaidade feminina ao explicitar: “É legal ser mulher, muito mais do que homem, porque temos coisinhas que eles não têm. É divertido ficar passando *gloss* no meio da pista. Mas não vou deixar de andar porque o suor borra minha maquiagem” (ibid, p.1). Já a *skatista* e *surfista* Karen Feitosa recomenda às iniciantes: “Não pensem que skate é só uma coisa de homem e não tenham medo de se machucar, senão você nunca vai conseguir” (ibid., p.2).

Essa reportagem me parece bastante instigante para pensarmos que não basta para as *skatistas* assegurar uma presença na mídia. Há, ainda que cuidar da sua imagem pessoal pois, em certo peso e medida, da sua aparência depende, também, o contrato dos patrocinadores.

A necessidade de “estar na imagem” com uma “boa imagem” é um dos motores que move a ação de várias das adeptas do *skate* para buscar estratégias diversas de se fazer ver. Talvez seja exatamente por essa razão que os sites *Skate para Meninas* e *Garotas no Comando*, ambos produzidos e alimentados por *skatistas* mulheres, invistam tanto na divulgação de suas ações: registram, constantemente, as diferentes formas de aparição das *skatistas* na mídia e fora dela. Fazem referência as vitórias, as conquistas, ao aumento do número de campeonatos, as viagens e *tours* que organizam, anunciam quando alguma atleta consegue patrocínio, enfim, fazem a sua própria mídia. Chamam para si a responsabilidade de produzirem as informações e as fazerem circular.



Figura 42- cartazes de divulgação de atividades de *skate* feminino

Não há dúvidas de que o imediatismo da socialização da informação e, muito provavelmente, a sua ampla circulação, acontecem, em grande medida, pelo uso que

fazem das ferramentas informacionais virtuais, tais como os *blogs*, as comunidades virtuais, os *sites* entre outras. Ao se apropriarem do ciberespaço como um local de difusão, elas se apoderam, também, de uma forma de produção não apenas da notícia mas, inclusive, delas mesmas. Wendy Harcourt (2005), ao analisar o ciberespaço como uma ferramenta do feminismo indica que este não está transformando a sociedade em um local revolucionário para as feministas ou qualquer outro grupo que deseja mudanças sociais. Mas, indubitavelmente, tem facilitado a comunicação, modificado espaços e modos de interação, fornecendo as mulheres um novo terreno para combater antigas disputas.

As diversas ações empreendidas pelas *skatistas* (no ciberespaço e fora dele) são analisadas aqui como estratégias que utilizam para construir suas posições de sujeito no interior desta prática. Ao dizerem de si, das suas conquistas, dos seus lamentos, estão, ao mesmo tempo, se posicionando neste esporte, construindo, portanto, suas identidades de *skatista*, ou melhor, de *skatistas* mulheres que vão à luta em defesa do direito de praticar esse esporte e nele se realizar. Essa é a principal imagem que fazem ver pois, em certa medida, é a *skatista* destemida que ousa alcançar reconhecimento: seja como uma praticante da modalidade que a faz por divertimento e lazer, seja como atleta que busca, inserir-se no mercado profissional – estratégia máxima de visibilidade.

5.4. A profissionalização como visibilidade: aparecer para existir

O esporte transformou-se num espetáculo modelado de forma a ser consumido. A mídia incorporou o skate, fez dos atletas verdadeiros heróis e os expôs para todos que quisessem ver (CAROLLO, 2006, 35).

Ainda que o *skate* apresente-se como uma prática que possibilita diferentes apropriações, a sua existência, mesmo como pratica de lazer e divertimento, é indicada pela discursividade das *skatistas* como algo que depende da sua

profissionalização. Na análise das várias fontes consultadas, inúmeras vezes me deparei com esse termo. Por profissionalização entende-se não apenas o aporte financeiro para as atletas e a garantia da realização de campeonatos mas, ainda, da existência de condições básicas para o acontecer do esporte, inclusive, fora dos eventos, circuitos e competições. É nesse sentido que empreenderam muitas das ações que descrevi neste capítulo: a produção de canais de divulgação do esporte (*zines*, revistas, *sites*, *blogs*, comunidades, etc), a criação de uma entidade reguladora da prática (a Associação Brasileira de *Skate* Feminino), a promoção de campeonatos, eventos, circuitos e *tours*, a busca por espaços nas diferentes mídias, enfim, diversificadas atitudes em prol da afirmação de que o “*skate não é só para meninos*”.

No decorrer destas ações, algumas *skatistas* se destacaram seja como atletas ou, como no caso da Evelyn Leine, como promotora e incentivadora do esporte. Outras tantas se mantiveram na esteira destas, o que não implica dizer que não têm importância nem parcela na edificação da história desta modalidade no Brasil.

Ao analisar as fontes produzidas pelas *skatistas* identifiquei que, para muitas delas, a profissionalização é uma condição de existência e essa se dá em diferentes níveis. Um deles, por exemplo, é a tentativa de elaborar estratégias para a formação de novas praticantes, condição primeira para a subsistência do esporte a longo prazo como, por exemplo, as escolas de *skate*, as oficinas e a participações em projetos de voluntariado e assistência social.

Um dos projetos pioneiros direcionados para esse objetivo surgiu em Curitiba, quando, em abril de 2002, a *skatista* Edilene Ozório, idealizou e criou a primeira escola de *skate* feminina no Brasil, a *Elo Skate Girls*. A reportagem publicada pelo jornal local, *Gazeta do Povo*, no dia 11 de dezembro de 2004, registra a repercussão dessa criação:

Até pouco tempo era quase impossível ver garotas andando nas pistas e nas ruas. O mais próximo que elas chegavam de um skate era na arquibancada, torcendo pelos namorados. Só que elas cansaram de ficar apenas torcendo,

Claro a participação feminina ainda é pequena. Aproximadamente 1% das competidoras são garotas. Mas só em Curitiba, a capital nacional do skate, já são dezessete skatistas que competem por todos os cantos do Brasil, a capital Paranaense inclusive é a sede da primeira escola de skate feminino do Brasil, a “Elo Skate Girl”, criada por Edilene Osório, uma das pioneiras no esporte. O projeto tem como objetivo divulgar e desenvolver o esporte entre as meninas. O que Edilene quer é que o trabalho sirva de exemplo para outras regiões do país. “Tudo isso para que no futuro cresça o número de meninas praticantes do *skate*”, revela “O *skate* constrói o caráter da pessoa. A escola é para as pessoas que querem superar os limites, preconceito e o nível de competitividade delas”, completa Edilene lembrando que nas aulas a pista é exclusiva só para as meninas (apud CAROLLO, 2006, p. 32).

Se o objetivo de Edilene era divulgar e desenvolver o *skate* entre meninas para que no futuro o número de praticantes crescesse, me parece que isso foi se concretizando. Já no ano seguinte da criação da *Elo Skate Girl*, o Circuito *Drop Dead Skate Park*, considerado o maior campeonato amador do país, anunciou a divisão da categoria feminina em dois grupos: Amadoras e Iniciantes. Tal divisão resultou do trabalho da escolinha que fez com que aumentasse o número de *skatistas* revelando, inclusive, novos talentos. Resultou, ainda, das recomendações da Associação Brasileira de *Skate* Feminino que, desde sua criação, anunciava como uma das prioridades de ação, o trabalho junto aos organizadores dos campeonatos para proporcionar a participação nas duas categorias aumentando, portanto, o número de provas e, conseqüentemente, as possibilidades de que mais *skatistas* pudessem disputá-las.

Ainda no que tange a intenção de “formar” novas *skatistas* identifiquei outra iniciativa promovida pelas garotas: a *Oficina para Iniciantes Skate Para Meninas*, que aconteceu em São Paulo sob coordenação da Evelyn Leine. Esta atividade era endereçada

Para aquelas meninas dos e-mails desesperados sobre como montar um skate, como dar as primeiras manobras ou como conseguir amigos, eis a solução dos problemas: Oficina para Iniciantes Skate Para Meninas. (LEINE, 2006g, p. 1).

A Oficina fez parte do *Lady Fest Brasil 2006*, evento relacionado à cultura Feminina/Feminista do Brasil e do mundo.¹¹⁵ Dentro da sua programação houve o desenvolvimento de atividades direcionadas para o aprendizado de manobras básicas, inclusive, de como montar o *skate*. Nesta atitude é possível identificar a preocupação em ensinar os conhecimentos necessários para se tornar uma *skatista*, bem como situá-la no contexto histórico social do esporte, pois junto à pista também aconteceu a realização de palestras e exibição de vídeos.



Figura 43 – cartaz da Oficina no ano de 2007

Em função do sucesso da oficina, em outubro do mesmo ano, o *site Skate para Meninas* lançou a proposta de realização de uma escolinha voltada para atender

¹¹⁵ O *Lady Fest* surgiu em agosto de 2000, na cidade de Olympia (EUA) e possui versões no mundo todo. Além da Oficina de *Skate*, o festival apresentou, na sua programação, Oficinas de Bateria para Iniciantes, *Wendo* (auto-defesa feminina) e de *Rap*, com as Minas da Rima. Promoveu, ainda, debates, palestras e *shows* com bandas femininas (LEINE, 2006h).

crianças, jovens e adultas o que, efetivamente aconteceu com sessões itinerantes em algumas pistas de São Paulo.

Ao criarem estes espaços “pedagógicos” as *skatistas* projetam o esporte para outra dimensão. Se a profissionalização do *skate* feminino depende do número de participantes, perceberam ser necessário criá-las dado que não nascem prontas. Investir nesse campo é, portanto, estar ciente de que através do *skate* se educa para o esporte afinal, em espaços como se aprende “desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e compreender diferenças de gênero, diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais” (FISCHER, 2001. p. 16).



Figura 44- Escolinha de Skate, São Paulo

Além da implementação das oficinas e escolas voltadas para a formação garotas e mulheres praticantes de *skate*, outra forma de divulgar o esporte e, quiçá, capturar novas adeptas, foi a apresentação que algumas *skatistas* fizeram em locais diversos como, por exemplo, em associações comunitárias, em escolas e na Febem

Feminina de São Paulo¹¹⁶. Nestes locais, além de exibirem as manobras, fizeram palestras objetivando a melhoria da auto-estima das meninas e mulheres. Em uma delas, a *skatista* Priscila Moraes adverte: “cair na vida é como cair no *skate*, o principal e mais importante é se levantar e nunca desistir”(2006, p. 1).



Figura 45 - Oficina na Febem Feminina – São Paulo

Ao proporem estas atividades as *skatistas* (atletas ou não) se colocam noutro lugar: enxergam sua ação como algo que incentiva a emergência de novas praticantes e, com base na sua experiência, podem ajudar a dirimir dúvidas, preconceitos, frustrações. Além disso, são espaços de aprendizagem para elas mesmas, formas de acumular experiências, conhecer mais o esporte e, talvez, criar oportunidades de trabalho – uma outra face da profissionalização. A *skatista* Euli Vieira, por exemplo, participou do projeto da ONG “Cidade Escola Aprendiz” de São Paulo em parceria com a *Skate Board Contest*, que tinha como objetivo divulgar o

¹¹⁶ No ano de 2006, as *skatistas* ofereceram essa atividade em sete unidades da Febem de São Paulo.

skate em escolas estaduais. A partir desta experiência foi chamada para trabalhar na Escola Estadual de *Skate*. Em entrevista para a revista *100%Skate* descreve

comecei a dar aulas de skate e duas escolas do estado no final de semana e tinha um educador que me acompanhava. Agora estou esperando para dar aulas em outras escolas [...] pretendo trabalhar com isso, gostei na experiência e quero fazer faculdade de educação física (EULI VIEIRA 100%SKATEGIRL, 2005, p. 100).

Aqui se coloca em movimento outra perspectiva da profissionalização que é a de trabalhar com o *skate*. Larissa Carollo¹¹⁷, por exemplo, é uma atleta que tem patrocínio e apoios diversos. No entanto, tem investido, também, em uma profissão que não se restrinja a sua condição de atleta. Kursou Educação Física no Centro Universitário Positivo, em Curitiba, buscando aprimorar seus conhecimentos e atuar em outras dimensões no universo esportivo.

Situações como estas me permitem afirmar que a profissionalização do *skate* feminino no Brasil extrapola a aprendizagem e o aprimoramento da gestualidade técnica; implica, ainda, estratégias onde esses aprendizados (e tantos outros) possam ser compartilhados pois aos processos educativos adquiridos nas “instituições oficiais” agregam-se outros que acontecem em diversas instâncias culturais, dentre elas, as pistas de *skate*.

As próprias *skatistas* começam a reconhecer que as escolinhas¹¹⁸ e outras atividades que realizam têm efeitos produtivos. Ao analisar a “evolução” do esporte no Brasil, Tati Marques tece o seguinte comentário:

As escolinhas de skate são sempre importantes. Além delas dar uma base maior para os praticantes, ela proporciona ao skatista profissional possibilidade de trabalho. Isso é bom para as marcas, para as skateparks, para os skatistas profissionais, ou skatistas habilitados a darem aulas e principalmente aos alunos, que aprendem muito. Um exemplo disso é a Letícia Bufone, a Xuxinha entre outras que pegam a base rapidinho através da escolinha (MARQUES, 2006b, s.p).

¹¹⁷ Em dezembro de 2007 a atleta estava na Espanha tratando de uma lesão no joelho.

¹¹⁸ Em dezembro de 2007 a Associação Brasileira de *Skate* Feminino registra o nome e endereço de 72 escolinhas de *skate* localizadas em diferentes cidades do Brasil.

Sua fala aponta para a dedicação ao esporte como parte de um investimento necessário para produção de uma *skatista* que tenha visibilidade. O que, de certo modo, é facilitado se comparado a outros períodos, quando não existiam as escolinhas, os/as instrutores/as, os grupos de meninas que se reuniam para andar juntas e explorar novas pistas, os vídeos, as informações que circulavam nos *sites*, *blogs* e revistas.

É, também nas diferentes práticas discursiva que circulam no entorno destas atividades que se conforma modos de ser e de se fazer *skatista*; é onde se produzem também as identidades e os sinais distintivos que se inscrevem nos seus corpos e nas suas subjetividades. Lembremos com Michel Foucault que os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos que falam” (2005, p. 55) e que seu poder de penetração na vida social está associado a capacidade de serem vistos como algo “natural”, tornando imperceptíveis seus efeitos entre aqueles que encontram capturados.

A questão da profissionalização do *skate* feminino, por exemplo, está impregnada dos discursos não só das *skatistas* mas dos patrocinadores, dos organizadores de campeonatos, das federações, da mídia; discursos estes que operam, concomitantemente, com a inclusão e exclusão, com o amadorismo e o profissionalismo, com a ousadia e o preconceito, enfim, colocam em ações várias representações do que seja aquilo que nomeia, ou seja, a profissionalização.

A questão dos patrocínios por exemplo é bastante complexa. Pode estar relacionada ao pagamento de um salário (o que é raro no *skate* feminino brasileiro) como significar a retirada de uma cota mensal de tênis, roupas, mochilas, equipamentos (*shapes*, lixas, rodinhas, parafusos) usados nas competições, ou ainda, alguma ajuda de custo para alimentação ou passagens de ônibus para chegar aos “picos” das cidades. Vale lembrar, também, que esses apoios são destinados àquelas

skatistas que têm alguma projeção e, mais, para conseguí-los elas, literalmente suam a camisa.

Apesar de extenso, reproduzo o relato de Larissa Carollo acerca dessa “peregrinação”, por entendê-lo como adequado para que apreendamos o quanto, no Brasil, o *skate* feminino ainda está em construção e, muito do que foi conquistado é resultante do esforço pessoal e coletivo das próprias *skatistas*.

Hoje conto com o patrocínio de roupas, tênis, botas, sandálias, acessórios, mas posso dizer que sou uma das poucas meninas praticantes no Brasil que tem este suporte. Muitas marcas vendem a imagem do *skate* feminino mas não apóiam nenhuma menina realmente. [...] Algumas marcas ainda não dão valor ao sexo feminino, como no caso, recebi uma proposta de patrocínio de tênis, uma marca grande de São Paulo, a proposta seria, três pares de tênis por mês, mas uma ajuda de custo.

Peguei o ônibus da meia noite e um na rodoviária de Curitiba com destino a São Paulo, onde iria resolver sobre uma proposta de patrocínio de tênis. Cheguei na rodoviária de São Paulo por volta das seis e meia da manhã. Esperei até as sete horas, foi quando M.M, team manager da equipe foi me buscar. Fomos para um café, onde tomamos o café da manhã e em seguida seguimos para o escritório e fábrica da marca. Esperamos mais umas duas horas até o chefe dele chegar para me passar a proposta.

Quando chegou me fez a proposta de sair da marca de roupa que hoje estou, no caso URGH!. Recusei então ele me fez a proposta de tênis, que seria três pares de tênis por mês mais uma ajuda de custo de duzentos e cinquenta reais. Falei que precisava antes testar os tênis para ver se me adaptava e precisava cumprir o mês, pois estava com a DVS, a qual me dera a cota de tênis de agosto. Peguei três pares de tênis para testar, e no final da tarde peguei o ônibus novamente para Curitiba.

Utilizei um dos tênis, mas não consegui me adaptar, nas semanas seguintes comecei um treinamento intensivo pois no final do mês teria a segunda etapa do circuito Brasileiro. Quando chegou o dia do campeonato o chefe de equipe da marca que tinha feito a proposta estava presente e ao ver que eu não estava usando os tênis da marca deles ficou chateado, e no dia seguinte ao voltar para São Paulo me escreveu o seguinte e-mail: ‘Oi Larissa tudo bem? Bom eu gostaria de te pedir os tênis que você pegou de volta, pois não iremos fechar com você [...] Então me avise o dia que pode mandar os produtos de volta e pode ser a cobrar aqui em SP’ (CAROLLO, 2006, p. 26).

Já para a atleta profissional, Karen Jones, uma das únicas a receber além de patrocínios e apoios um salário fixo, suas expectativas projetam-se muito além destas. Sua queixa se remete para outro plano, que é a internacionalização dos

campeonatos, observada por ela, como uma forma de aprimorar o nível técnico do esporte.

Consegui patrocinadores de peso [...] e nunca parei. O skate feminino já está reconhecido, mas falta nível, as meninas têm que treinar mesmo, ou nunca vão ter categoria profissional. Um dos caminhos seria a promoção de eventos com etapas que teriam a participação de competidoras internacionais [...] estas possuem patrocinadores que tem dinheiro para mandá-las para cá. Teríamos uma ótima competição com nível e disputa. Seria o suficiente para mostrar o verdadeiro nível do skate feminino, o que incentivaria todas a treinar mais (JONES, 2004, s.p.).

Suas considerações partem de sua experiência dentro de um cenário extremamente competitivo. É a única brasileira patrocinada pela marca esportiva *Element*, compete em vários circuitos internacionais e, em vários deles, por não existir a categoria vertical feminina, disputa as provas junto com os *skatistas* homens. O lugar de onde fala é o do esporte de alto rendimento; em termos de carreira esportiva está muito distante da maioria das mulheres que se “correm” nas ruas, praças e picos das cidades. Razão pela qual, aponta que para melhorar o nível, deveria haver mais investimento das próprias *skatistas* no sentido de buscarem aprimorar sua técnica, qualificar suas manobras, enfim, buscar melhorar o desempenho.

Karen é certamente um exponencial no Brasil. Sua trajetória é reconhecida por outras *skatistas*, pela mídia, pelos patrocinadores. Posso dizer que, na atualidade, é um ícone do skate feminino brasileiro: está no lugar que muitas das *skatistas* que circularam pelas páginas desta tese gostariam de estar. Trazê-la à visibilidade aqui não significa referenciar sua trajetória particular. Antes quero evidenciar que a profissionalização do skate feminino é uma possibilidade que, se em muito não se concretiza, é por questões políticas que envolvem, inclusive, questões de gênero.

Em fevereiro de 2007, o site da Associação Brasileira de Skate Feminino, publicou matéria intitulada “Karen Jones homenageada pela Element” na qual se lê:

Karen Jones é uma garota que nunca está parada. Ela faz textos para a Tribo Skate, ilustrações para inúmeras revistas, tem um site GAROTAS NO

COMANDO, uma boa relação com a mídia, bons patrocínios... É uma profissional (entre pouquíssimas no Brasil). Ufa! Isso, entre outras coisas que eu não mencionei aqui.

No final do ano passado, a Element (marca que patrocina a atleta), promoveu um café da manhã para homenagear a atleta e comemorar o título de campeã mundial no vertical feminino. Foi muito bem reconhecida, não só pelo patrocinador, mas pelos amigos que estavam no evento.

Ela representou muito bem a categoria feminina no skateboard em 2006. Levou o skate feminino para muitas mídias diferenciadas, como MTV, programas de TV, Malhação, revista da GOL, enfim, foram muitas pessoas leigas que viram que o skate feminino está evoluindo e tem seu lugar garantido no esporte, e que não é só homem que consegue esta proeza. Foi bem legal presenciar uma marca reconhecendo uma atleta feminina. Eu nunca tinha visto isso antes aqui no Brasil. Foi merecido. Exemplo a ser seguido por outras marcas e pelas skatistas também (MARQUES, 2007b, s.p).

A profissionalização tão reclamada pelas vozes femininas do *skate* brasileiro possui várias implicações: se por um lado pode melhorar muitas das condições da prática e da subsistência do esporte, por outro, pode afastá-lo da dimensão do lazer, do descompromisso, da brincadeira, da desobrigação. As duas falas que reproduzo abaixo expressam essa preocupação. Larissa Corollo, atleta profissional assim se manifesta:

No que se diz respeito ao desenvolvimento do esporte, para os atletas profissionais, para as marcas que patrocinam, o exposição a mídia está sendo uma ótima aliada, quem sabe um dia os esportes radicais sejam tratados da mesma forma que os demais esportes. Porém para nós skatistas, a essências do esporte está se distanciando. Em épocas de exposição excessiva na mídia, o skate, desta vez consegue ver todas as suas gerações respeitadas. Desde os *old school* pioneiros, passando pela galera dos anos 80, 90 e assim por diante. Nessa história toda, talvez o único desrespeitado esteja sendo o estilo de vida do skatista. O tempo passa e o skate não é mais simples diversão ou uma forma de auto-afirmação. A ferramenta que nos fazia contestar o mundo virou uma fábrica de dinheiro e fama, o que é um tanto ilusório. Hoje menos pessoas andam na frente de casa, no caixote ou rampa. Sentar, falar besteira, aprender uma manobra com o seu melhor amigo. Se a sessão não contar com uma pessoa filmando ou fotografando, ela não é a mesma coisa (CAROLLO, 2006, p. 33).

Já Evelyn Leine, outra protagonista da história contemporânea do *skate* feminino no Brasil, escreve uma pequena nota no *site* da Associação Brasileira de *Skate* Feminino,

Parece que hoje em dia você "tem" de correr campeonato, você "tem" de aparecer em revistas. Você não "anda" mais, você "treina", algo meio automático. É horrível se sentir cobrado de alguma coisa que você sempre fez pra você (FRASE DO DIA, 08/03/2007).

As diferentes expectativas que circulam em torno da profissionalização do *skate* feminino podem ser apreendidas nas práticas discursivas e não discursivas das *skatistas* visto que o discurso assim se constitui. A relação entre estas práticas não é linear nem causal; apresenta diferenças e singularidades. Afinal, como explicita Celi Pinto “se por um lado, o discurso necessita de um aparato não discursivo para ser enunciado, por outro, ele renova esse aparato no seu próprio interior” (p. 24). Ou seja, os discursos contêm em si mesmos ambigüidades, dissonâncias, desestabilizações. Motivo pelo qual as posições de sujeitos ocupadas pelas mulheres são distintas e diversas no interior desta prática cultural pois, ainda que busquem edificar identidades semelhantes, ou diria, próximas (ser *skatista*), outros atravessadores estão a marcar seus corpos e suas subjetividades como, por exemplo, classe social, etnia, habilidade, geração e gênero.

Ao buscar compreender as estratégias de visibilidade que adotam para existir nesta modalidade, percebi que elas inserem-se, também, em uma perspectiva analítica de gênero, pois estão profundamente relacionadas as formas através das quais homens e mulheres esportistas são representados na mídia e em diferentes espaços sociais, inclusive o esportivo. Ao priorizar meu olhar sobre as mulheres *skatistas*, de forma alguma esqueço que algumas das análises aqui desenvolvidas aplicam-se aos também aos homens. Repito: algumas, pois não há dúvidas que, no Brasil, ainda são diferenciadas as oportunidades conferidas a eles e a elas no interior desta prática esportiva e de lazer.

Quero ressaltar, ainda, que aqui não estabeleço argumentos que posicionam as mulheres no lugar de vítimas. Outrossim, recorro às condições de possibilidade que, neste tempo e espaço circunstancial as posicionam diferentemente dos homens no

skate. Ao trazer ao texto o seu protagonismo, as disputas que travam em busca de reconhecimento e significação, quero destacar que o esporte, assim como qualquer outra prática social, é um campo de disputa. Diria mais: um campo generificado de disputas.

O desporto não é uma entidade abstrata. A história revela que o desporto foi, e ainda é, um espaço de homens, associado a uma imagem de virilidade e força, conotada com uma determinada identidade masculina.

Esse desporto depara-se com um corpo feminino que, para além de ser diferente do 'padrão' masculino, é sujeito aos poderes legislativos, religiosos, médicos e filosóficos, tecidos por homens, poderes que o aprisionam à maternidade, e que lhe ditam regras de graciosidade e submissão" (CRUZ, SILVA e GOMES, 2006, p. 55).

É também um campo onde se produzem feminilidades e masculinidades, isto é, seu acontecer está constantemente atravessado pelas relações de gênero e estas são permeadas por relações de poder. Poder que se expressa através de diferentes formas: as desigualdades de acesso e permanência no esporte, o maior ou menor espaço disponibilizado na mídia, as premiações distintas, enfim, uma série de situações nas quais se evidenciam distinções para homens e mulheres no interior do universo cultural do *skate*.

As diferentes condições de possibilidade que operam estas distinções de gênero são algumas das reflexões que trago no próximo capítulo. Busco, também, identificar os discursos que constituem as *skatistas* e suas identidades de gênero.



Figura 46 - Is that a girl?, Revista *Check It Out*, 2005

6. “NÓS SIMPLEMENTE NÃO QUEREMOS MUDAR DE SEXO”¹¹⁹: O SKATE COMO UM ESPAÇO GENERIFICADO

O poder penetrou o corpo, encontra-se exposto no próprio corpo [...] Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua (FOUCAULT, 1979, p. 146).

Se o corpo é resultado provisório das diversas pedagogias que o investem em diferentes épocas e culturas, é, também, lugar de investimento de poder. Território de múltiplas possibilidades, de disputa de significações e de composição de marcas, o corpo é uma referência das posições de sujeito no interior de um grupo. “Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura” (LOURO, 2004, p. 75).

Dentre as várias marcas localizáveis no corpo (de geração, etnia, raça, sexualidade, classe, nacionalidade, capacidade física, entre outras), as de gênero atuam como determinante nas análises desenvolvidas nesta investigação, uma vez que possibilitam analisar a participação de mulheres em uma atividade esportiva específica que, como venho afirmando ao longo do texto, é culturalmente representada como mais próxima do universo masculino. Representação esta que é marcadamente generificada.

¹¹⁹ Expressão utilizada pela *skatista* Karen Jones.

Ao assumir a categoria gênero como uma perspectiva analítica, busco desconstruir discursos que advogam ser a divisão binária entre os sexos, a principal justificativa a designar muitas das posições que os sujeitos assumem em diversificados discursos e práticas. Não são raros os exemplos nos quais se pode observar que o caráter masculino ou feminino atribuído aos sujeitos e aos seus corpos é o principal indicador sob o qual se apóiam distinções, segregações, hierarquizações. Este sistema binário de ler os corpos e os gêneros acaba por produzir e reproduzir a assertiva de que o gênero reflete, espelha o sexo e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a essa determinação inicial: a sua natureza biológica que, por sua vez, determina as sexualidades e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais (BUTLER, 1999; BENTO, 2003).

Na esteira dos estudos de gênero, entendo-o como um marcador que integra a identidade do sujeito não como algo pronto, que já está dado à priori a partir de uma marcação biológica do sexo: o gênero adquire vida “através das roupas que cobrem o corpo, dos gestos, dos olhares, de uma estilística corporal e estética definida como apropriada. São estes sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo, que é basicamente instável, flexível e plástico” (BENTO, 2003, p. 4). A cristalização das representações hegemônicas de masculinidade e feminilidade se constitui, em grande medida, porque funciona através de infindáveis repetições das normas que cada cultura estabelece como pertencente a um ou outro gênero tendo, ainda, como fundamento para sua existência a crença de que estas normas advêm da natureza.

No âmbito do esporte, isto não se dá de forma diferente. Os sujeitos são pensados como masculinos e femininos a partir de sua natureza. É exatamente esse o critério que determina, por exemplo, a separação entre as categorias “masculino” e “feminino” nas diferentes modalidades esportivas. Decorrente dessa normatização, alguns esportes são tidos como mais “masculino e/ou femininos” e estes são

indicados para homens e/ou mulheres. Aqui, como em tantas outras situações, a ordem binária legitima-se diante de argumentos pautados pelo dimorfismo sexual que, por sua vez, cria uma ordem de gênero que vai designar como apropriado ou impróprio as representações vinculadas ao domínio masculino e/ou feminino (BUTLER, 1999). Se não fosse o dimorfismo sexual, o que justificaria, por exemplo, a separação entre categorias masculina e feminina de esportes como, por exemplo, xadrez, tiro ao alvo, arco e flecha, equitação, entre outras? Modalidades estas que não exigem força física, um dos pilares a justificar a diferenciação e a separação.

Um bom exemplo para movimentar essa representação pode ser localizado na Olimpíada de Barcelona (1992), a partir da qual uma modalidade específica passou a ser separada visto que uma mulher superou as vitórias masculinas. Isabel Cruz, Paula Silva e Paula Botelho Gomes (2006)¹²⁰, ao narrarem a trajetória das mulheres nos Jogos Olímpicos descrevem como se operou essa divisão:

As mulheres, estão, desde os Jogos da Cidade do México (1968), autorizadas a competir, com os homens, em algumas provas de Tiro mas em Barcelona aconteceu algo insólito. A atleta da República Popular da China, *Shan Zhang*, conquista o 1º lugar na prova de Skeet. Nunca uma mulher tinha conquistado o título de campeã olímpica numa prova mista de Tiro. Depois de Barcelona, a Federação Internacional de Tiro, suprimiu as provas mistas e criou provas separadas para homens e mulheres (p. 41).

Reproduzo este exemplo para afirmar que as práticas corporais e esportivas, como qualquer outra prática social, são constantemente atravessadas pelas relações de gênero manifestando-se, inclusive, como um espaço onde se produz a generificação. Segundo Michael Messner (1994) o esporte é uma “instituição generificada” cuja estrutura e valores espelha concepções dominantes de masculinidade e feminilidade. É, também, um “fenômeno generificador” que colabora para construir a ordem vigente de gênero que, em última instância, reforça

¹²⁰ No livro “Deusas e Guerreiras dos Jogos Olímpicos” as autoras fazem várias análises que permitem perceber que a diferenciação acerca da inclusão de homens e mulheres neste evento é muito mais de ordem política do que biológica.

a tese de que o esporte é uma “área de reserva masculina” (Elias e Dunning, 1992) seja no acesso e permanência, seja na esfera organizacional e administrativa.

As praticantes e atletas do *skate* nacional, quando enunciam que *skate não é só para meninos*, estão reagindo a essa representação. Estão, também, criando condições de possibilidade para existirem como sujeitos desta prática.



Figura 47 – Desenho de Tatiane Marques

6.1. O *Skate* não tem sexo

Em março de 2004, por ocasião da organização do 1^o Encontro Unidas Pelo Carrinho, o site *Skate para Meninas* estruturou e divulgou uma pesquisa que partia da seguinte indagação: “O que falta para o *skate* feminino nacional?”¹²¹ Das várias respostas publicadas no site, reproduzo duas delas, visto serem bastante pertinentes

¹²¹ Durante o Encontro foram colhidas 17 respostas a essa pesquisa e o que mais se destaca é a falta de incentivo. A pesquisa continuou sendo realizada através da página principal do *Skate para Meninas*. No lado esquerdo aparece uma caixa rosa com letras brancas onde se lê: Pesquisa. O que você acha que falta para o *skate* feminino nacional? As respostas a essa pergunta podem ser enviadas para o e-mail skateparameninas@hotmail.com com o assunto: PESQUISA.

para observarmos como as garotas reagem quando incitadas a pensar sobre sua inserção no *skate*:

É isso ai garotas...xegou a nossa vez...vamos mostra q nao é só os garotos q podem....nós tbm...nós sabemos oq é cultura.. rock e sk8 ...nos temos q mostrar q manda no pedaço tbm é nós garota... rapaz.... depois q cunheci o sk8 minha vida mudou...agora estou dedikando a minha vida ao sk8... "Sk8 is my life"...nunca desista do teu sonho...boa sorte pra vcs! (Salvador BA) Morena_Sk8 (SKATE PARA MENINASa, 2004, p.2).

Eu acho uma putaria isso, caralho, se as meninas gostam, deixa elas gostarem tem muitas meninas q andam bem melhor q meninos! Falow. (SKATE PARA MENINAS, 2004b, p. 5).

Estes dois depoimentos devem ser compreendidos no contexto do que venho discutindo ao longo do texto, que é a diferenciação que se estabelece entre homens e mulheres dentro do universo cultural do *skate*. O fato de enunciarem que o *skate não é só para meninos* se dá, exatamente, pela percepção corrente de que este é, prevalentemente, de e para eles.

Essa representação justifica muitas das estratégias adotadas pelas skatistas para se fazerem ver, inclusive, quando afirmam que o processo de inserção no esporte é algo, não só pertinente às mulheres, mas bastante positivo para elas. Talvez seja exatamente por isso que falam do *skate*, como uma prática que deveria ser incentivada para todos/as, independente de ser homem ou mulher. Ao fazerem ver esse enunciado estão explicitando que as capacidades e habilidades necessárias a sua prática ultrapassam o dimorfismo sexual.

Afirmações como estas só fazem sentidos de serem enunciadas porque não estão no plano do “normal”. Dito de outra forma: se é necessário dizer que correm tanto quanto os meninos, é porque, de certa maneira, essa não é uma aceção amplamente aceita. Há que ser, reiteradamente, dita, mencionada. Lembremos, com Louro (2005, p. 47), que os “discursos traduzem-se, fundamentalmente, em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são, muitas vezes, assumidas pelos próprios sujeitos”.

Com isso estou a referir que as falas positivas em prol da aceitação do *skate* como pertinente a meninas e meninos só adquire significação porque ainda não se traduz em algo plenamente aceito ou “normalizado”. Junto às pistas, eventos, espaços virtuais e encontros deslizam representações de gênero que o percebem como mais direcionados ao masculino; ou melhor, a uma representação específica de masculinidade (a hegemônica¹²²) que celebra a aventura, ousadia, risco, destemor, a virilidade, entre outras.

Essa representação não se presentifica apenas no *skate*. Nas diferentes de fontes de investigação pude identificar vários momentos nos quais emanavam vozes de mulheres envolvidas com outras modalidades esportivas cujas narrativas encontravam eco àquelas explicitadas pelas “garotas do carrinho”. No dia 20 de janeiro de 2004, por exemplo, a corredora de *kart*, Sara, postou a seguinte mensagem ao *blog* “Unidas pelo Carrinho”:

Sara , 20/01/2004, 15:35 - Achei o blog muito legal! com muito estilo... vcs sentem muito preconceito dos homens por estar num esporte "masculino"??? keria saber pq eu corro de kart.. q tb não é mto "pakerado" por mulheres e tem preconceito pra caramba!!! é um saco.! Mais vale a pena!!! o gostinho de ganhar de um bando de homen bobo é mto loko!!! (Sara) (SARA, 2004, sp.)

Ao tecer sua narrativa a respeito de sua experiência como praticante de uma modalidade esportiva, também hegemonicamente praticada por homens, menciona a existência de preconceito nas pistas de corrida. Sua presença parece estar sob suspeição neste espaço. As conquistas que refere ainda não lhe conferiram legitimidade. Ali é a estranha, a diferente. Esse sentimento é partilhado por outras atletas que “ousaram” adentrar espaços ditos de domínio dos homens. Pretinha, jogadora da seleção brasileira de futebol, em entrevista para o livro “Atleta,

¹²² Robert Connell (1995) considera a existência de uma *masculinidade hegemônica* que domina as outras. A *subordinada* sujeita à vigilância de outros, por exemplo, através de uma ideologização da homossexualidade masculina. A *masculinidade cúmplice* daqueles que, embora não concordando com a ordem de gênero estabelecida, não a contestam e são passivos quanto à perpetuação do sistema de dominação e a *masculinidade marginalizada* que resulta do cruzamento do gênero com, por exemplo, a etnia ou a classe social.

substantivo feminino”, declara: “no começo, achavam estranho porque eu era a única menina no meio da molecada” (VALPORTO, 2006, p. 247).

A sensação de não pertencimento presentes nestes exemplos faz ver o quanto as suas posições de sujeitos nestas práticas são conquistadas mediante diferentes desafios. Um deles é enfrentar o preconceito, ou então, o pré-conceito de que aquele espaço não é para elas. Talvez tenha decorrido dessa percepção o tom do editorial do primeiro encarte *100%SkateGirl* publicado pela revista *100%Skate*.

As diferenças físicas existem, mas o skate nunca foi um esporte apenas para homens. A questão é que as características do esporte sempre atraíram uma maioria de praticantes deste sexo. Hoje esse perfil está mudando. É cada vez maior o número de mulheres que se aventuram no skate. É inegável que o preconceito existe, mas está perdendo a força ou pelo menos mudando de forma e restringindo-se a opinião individual (...) para isso muitas meninas tiveram que dar exemplo durante anos, passar por cima de “tiradinhas” para consolidar a imagem da menina skatista. A *100%* deparou-se com a necessidade de criar um novo espaço. Não somos meninas mostrando moda ou falando de garotos. Somos skatistas falando sobre e para skatistas. Lutamos juntos contra preconceito e uma maior exposição de pessoas que pulam escadas, descem corrimãos, mesmo sabendo que, para elas, por sua natureza, a dor pode ser maior. O amor ao esporte não tem sexo (EDITORIAL, 2001, p. 6).

O discurso das diferenças biológicas entre homens e mulheres como demarcadores da sua participação nos esportes também está presente neste editorial, mesmo que o autor tente relativizar essa representação pois, ao mesmo tempo que reconhece que o preconceito existe, recua e explicita que as *skatistas*, em decorrência da sua “natureza”, são mais sensíveis à dor. Por isso “pagam um preço pela escolha que fazem” (MURARO, 2002, p.7), tendo que agüentar ironias e provocações, além de terem que provar para os organizadores dos campeonatos que são capazes de competir.

O argumento da sensibilidade à dor está ancorado em uma perspectiva biologicista que localiza homens e mulheres a partir de suas diferenças anatômicas. Remete, ainda, a questões de ordem psicológica e comportamental

hegemonicamente atreladas aos gêneros segundo as quais eles são fortes e resistem; elas são frágeis e, portanto, mais sensíveis.

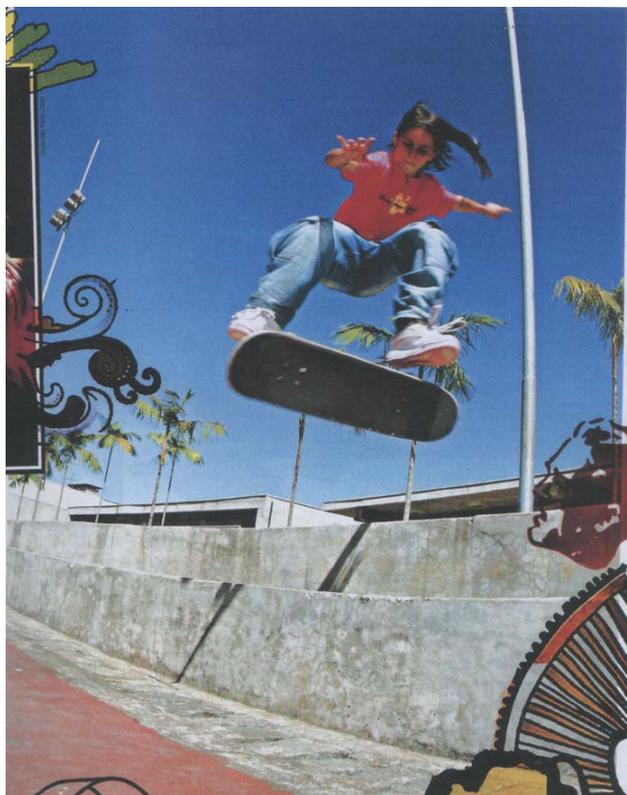


Figura 48 - Leticia Buffoni, 2005

Justificativas como estas estão atravessadas por relações de poder pois é a partir do referente (masculino) que o feminino é designado como mais frágil ou, neste caso, mais sensível à dor. Na lógica desta relação binária está implícita, ainda, uma hierarquização de atributos cujo pólo positivo encontra-se fixado no forte, o que implica dizer, no masculino. Lembremos com Foucault, que

[...] nas relações humanas, há todo um feixe de relações de poder, que podem se exercer entre os indivíduos, no seio de uma família, em uma relação pedagógica, no corpo político. Esta análise das relações de poder constitui um campo extremamente complexo. Encontra, às vezes, o que podemos chamar fatos, ou estados de dominação, nos quais as relações de poder, em lugar de serem móveis e de permitir aos diferentes parceiros uma estratégia que as modifique, encontram-se bloqueadas e fixas. Quando um indivíduo ou um grupo social consegue bloquear um campo de relações

de poder, a torná-las imóveis e fixas e a impedir uma reversibilidade do movimento [...] estamos diante do que se pode chamar de estado de dominação (FOUCAULT, 2003, p. 71-72).

A naturalização das relações entre o feminino e o masculino pautados na ordem do biológico, expresso pela aparência e genitália do corpo, cria este tipo de “estado de dominação”. “As desigualdades encontram-se, deste modo, fundadas num discurso de “evidência”, ocultando-se, desta forma, que a própria idéia de *diferença* pressupõe todo um aparato valorativo, onde o sexo biológico é tomado como parâmetro principal na classificação do humano” (SWAIN, 2004, p. 4).

Se a ordem de gênero vigente toma o feminino como mais frágil em relação ao masculino, a referência que as *skatistas* (e atletas de outras modalidades) fazem ao preconceito só pode ser entendida quando associada a uma representação de feminilidade que valoriza a fragilidade, a graciosidade, a delicadeza tomando-a, inclusive, como algo fixo, uniforme e coeso; algo intrinsecamente contido ou implicado na “natureza” do “ser mulher”.

Essa visão é desconstruída pelo feminismo pós-estruturalista, ao considerar o gênero como algo que faz parte do sujeito e que o constitui. (SWAIN, 2004; 2006a; Louro, 1997; 2001b). Para esse campo de estudo, “masculinidade e feminilidade se definem reciprocamente visto não existir nenhuma essência à priori determinada para uma e outra identidade. Essas identidades, ao contrário, são produzidas na cultura não havendo uma fixidez na sua produção” (GOELLNER, 2007a, p. 175). Ou seja, cada sociedade ou grupo social estabelece essas relações que não são permanentes nem imanescentes; são cambiantes, mutáveis. O que hoje pode ser identificado como algo relacionado ao masculino, outrora pode ter sido diferente ou assim poderá vir a ser.

Quando Alexandre Vianna (2004), na reportagem intitulada “Lugar de mulher é no skate”, divulgada pelo *site Terra Esporte*, afirma que a evolução do *skate* feminino “desmistifica todo aquele rótulo de que esporte de ação só pode ser praticado por homens”, a representação de masculinidade que aqui se impõe está em oposição à

uma outra, a de feminilidade. Ambas operam com o discurso da oposição binária masculino/feminino fixadas a partir de uma essência e universalidade própria em cada um dos pólos. Neste caso, se “constrói a igualdade de cada lado da oposição e oculta as múltiplas identificações entre os lados opostos” (MARIANO, 2005, p. 482). Essa fixidez é problematizada por Joan Scott (1995) que, ao proporcionar formas de pensar fora dessa polarização, explode com a hierarquização que se estabelecem entre os pólos e “passa a operar com a pluralidade no interior de cada um desses pólos, [contemplando] as cumplicidades e os conflitos que podem arranjar e desarranjar as relações sociais” (LOURO, 2002, p. 16)



Figura 49 – Marta Linaldi, *Tour interior* de São Paulo, 2006

Aproximando essa discussão do universo do *skate* feminino, entendo que, quando as *skatistas* informam que imprimem nos seus gestos e suas manobras “graça e leveza” (MEDUZA, 2005, p.1) isso não significa afirmar que estas qualidades sejam naturalmente femininas. Ou exclusivamente das mulheres. Da mesma forma, quando afirmam que estão dominando “com agressividade as pistas” (Ibid., p.1) de

forma alguma afirmam que por isso estejam se apropriando de habilidade que são “naturalmente” masculinas. Beleza e agressividade, por exemplo, são características e adjetivações que podem ser referidas para movimentos e manobras que sejam executadas por um atleta ou por uma atleta. Atribuir um significado fixo a elas só acontece porque é resultante de uma discursividade que as colocou em oposição. São, portanto, inventadas, constituídas historicamente através de múltiplos discursos que regulam, normatizam, instauram saberes e produzem verdades (FOUCAULT, 1999).

Em uma entrevista para a seção *100%SkateGirl*, a *skatista* Kati¹²³, tece alguns comentários que desestabilizam as “verdades” contidas nestas representações.

Não consigo ver o skate de uma forma separada, acho que skate é skate, tanto que não faço diferença de andar com meninos ou com meninas, para mim é a mesma coisa. Acho que o skatista que acerta uma manobra tem o mesmo prazer, sendo homem ou mulher, é indescritível. Então não crio conceitos sobre skate feminino ou masculino. É claro que as meninas começaram um pouco depois e estão desenvolvendo a confiança agora, se acostumando com a idéia de que são capazes, porque a própria sociedade tem mania de impor conceitos como “coisas de menino e coisas de menina”. Acho que todo ser humano é dotado de capacidade de fazer aquilo que sente vontade e que realmente quer fazer. Acho que estamos indo pra esse caminho, de sermos mais livres de conceitos ou preconceitos. Não digo alheio, isso é bobagem, mas de nós mesmos acreditarmos na gente (100%SKATEGIRL, 2005. p. 97).

A fala de Kati parte do lugar de quem começou a andar junto com os meninos e, por isso mesmo, não percebe estas hierarquias entre o *skate* feminino e o masculino. Seu aprendizado se deu junto com os garotos o que a fez identificar que o prazer que se sente com a execução de uma boa manobra é indescritível para eles e para elas. Ainda assim, reconhece que há um sistema de produção de determinados

¹²³ Katiane Shishito, 21 anos, é natural de Americana (SP) e mudou com a família aos 13 anos para o Japão. Lá foi apresentada ao *sukebo* como é chamado o *skate* na gíria japonesa, aprendeu a andar, se interessou pelo esporte e começou a acompanhar o que se falava sobre o *skate* feminino brasileiro. Participou de vários campeonatos nos quais obteve boa classificação. Em função disso participou da gravação de um DVD da marca Gallaz e foi notícia em reportagens da revista *Trasher Japan* juntamente com outras *skatistas* da região de Nagoya. Hoje mora no Brasil e participa dos campeonatos brasileiros (100%SKATEGIRL, 2005. p. 97).

significados que tende a fixá-los como sendo “coisas de menino e coisas de menina”. Ou seja, ao tentar escapar desse lugar de “coisas de menina” Kati recorre à capacidade que todo ser humano tem de fazer o que gosta, de exercer a liberdade independente dos preconceitos; de ter autoconfiança e aprender a acreditar em si mesma.

Discurso semelhante a este aparece na voz da *skatista* Gabi (2005) que, ao falar sobre sua participação no esporte, afirma: “[...] eu quero e tenho o pensamento de andar igual ou melhor que os homens, não quero ser inferior e sim melhor, eu gosto da sensação de acertar uma manobra difícil [...] a melhor coisa que tem é ficar bem comigo mesma” (100%SKATEGIRL, 2005, p.98). Estar bem consigo mesma após conquistar um objetivo, me remete a pensar que essa conquista não se deu sem um longo processo de aprendizagem o que, certamente, exigiu muito investimento sobre seu corpo, e seus modos de agir, produzindo confiança e bem estar. Investimento esse que se dá para mulheres e homens, ainda que possam ser de formas diferenciadas.

Extrair o melhor de si faz parte do universo esportivo é, aliás, sua condição de possibilidade. Coragem, determinação, ousadia são características que compõem o universo dos esportes radicais cujos/as atletas e praticantes as assimilam em maior ou menor grau. Apropriação esta que não se dá por uma ordem de gênero mas pelo nível de envolvimento e aspiração que cada um/uma tem no âmbito da prática esportiva. Eliana Sosco, atleta profissional do *skate*, ao ser questionada sobre o medo de executar algumas manobras consideradas difíceis assim responde: “Eu me esforço muito e não tenho medo, tenho coragem pra jogar as manobras. Penso: se cair, do chão não passa” (2006, p. 77).

Ao evocar a coragem, toma para si a responsabilidade de fazer o melhor de si nas competições, eventos, *sessions*, exposições. Assim sucedeu com a manobra que executou e garantiu a primeira capa feminina da Revista *100%Skate*. “Quando chegamos fiquei de cara a borda era muito grande, nunca tinha andado num pico

parecido. Já era noite e eu tinha que pelo menos tentar descer [...] depois que criei coragem foi fácil” (Ibid., p.78).



Figuras 50 e 51 – *skatistas* executado manobras

Ser uma boa *skatista* requer domínio de técnicas e de saberes específicos, em relação, por exemplo, as posições do corpo e suas mudanças em cada manobra, o momento certo para executá-las, enfim, um aprendizado técnico que só é garantido através de um infindável número de repetições e tentativas. Além disso, pressupõe aprimorar técnicas e modos de relacionar-se consigo mesma como, por exemplo, acreditar que é capaz de executar e se jogar nas manobras, enfim, a ter confiança em si. Por certo que a confiança e o aprendizado não são integrantes do cotidiano das *skatistas* apenas. Também são dos *skatistas*. Chamo a atenção para como a discursividade acerca de questões como estas produz efeitos concretos na produção dos sujeitos. O exemplo que trago abaixo pode ser elucidativo desta questão.

Em 2007, o *team manager* da marca de *skate Stand Up*, Alexandre Zikkzira, anuncia a assinatura de um contrato com Eliana Sosco que, a partir de então, integraria o time de Amadores por ela patrocinado. Nas suas palavras: “Eliana foi um achado, gosto de pessoas que fazem um bom street e se jogam nos lugares mais difíceis, e para uma mulher, isso me deixou de cabelos em pé, além de ela ter a cara da “Stand Up”, que é conquistar e correr atrás dos ideais e dos objetivos” (2007, p. 1). Para Zikkzira, a atleta, ainda que profissional e reconhecida, encarna a representação do inesperado e do incomum.

Ao estranhar as capacidades de Eliana, a voz autorizada do patrocinador a percebe como desviante da grande maioria das mulheres que circulam no *skate*. É o caráter construído dessa diferença que merece nossa atenção pois quando é discursivamente citado e recitado, acaba mesmo por produzir a diferença – ainda que assim não seja. Segundo Guacira Louro,

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gêneros ou de sexualidade, que atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes (LOURO, 2004, p. 87).

O mesmo pode ser dito para as *skatistas* que borram as fronteiras desenhadas como pertencentes a eles e elas nesse esporte. Frederico Naroga, *team manager* de outra marca importante dentro do universo cultural do *skate*, a *Freeday*, ao se referir a Eliana Sosco, afirma: “A maior dificuldade na contratação de uma atleta no feminino foi encontrar uma skatista que tivesse o perfil da *Freeday*, que conseguisse expressar o skate em qualquer terreno e que tivesse atitude com o conceito de street skate. [...] ela é a cara da marca” (2007, p 1).



Figura 52 – Eliana Sosco, 2006

Ao ingressar no time de duas grandes marcas e ser por elas reconhecida, Eliana desestabiliza algumas das representações de “mulher” que circulam em alguns espaços sociais, inclusive, esportivos. A fala de Zikkzira de que “ela o deixou de cabelos em pé, por ser uma mulher destemida”, só faz sentido porque regida por uma representação na qual parece ser “natural” que os *skatistas* homens sejam mais atirados nas manobras que as *skatistas* mulheres. Ou seja, que eles são mais destemidos, ousados, corajosos e por estas razões mais adequados ao *skate* do que elas.

Ao recorrer a este exemplo protagonizado pela Eliana Sosco quero explicitar que são questões gênero que fundamentam tais diferenciações, mais especificamente, a recitação da ordem de gênero segundo a qual o masculino é o referente primeiro para avaliar o feminino. Segundo Fabiano Devidé,

Pelo fato de no cenário do esporte de alto rendimento a *performance* masculina ter se tornado a norma, por meio da qual se fazem comparações e avaliações de resultados femininos, gera-se interpretações como a definição das mulheres esportistas de segunda classe, uma vez que nunca serão superiores aos homens (2005, p. 45).

Talvez seja a representação de que as *skatistas* sejam “atletas de segunda classe” aquelas que possibilitam a ocorrência de situação nas quais os atletas são glorificados, nomeados, trazidos à lembrança enquanto as atletas figuram (quando figuram) em segundo plano. A mídia tem sido exemplar nessas distinções, inclusive aquelas especializadas em *skate*.

Ao relatar as conquistas que o *skate* brasileiro teve na Europa no ano de 2005, o editor da revista *100%Skate* assina uma coluna denominada “Dando Idéias” na qual registra:

Sandro Dias Mineirinho foi o campeão do circuito europeu no vertical, Daniel Vieira alcançou o mesmo no street. De quebra, este foi ainda o primeiro brasileiro a vencer na Alemanha na sua modalidade. Não é pouca coisa (MURARO, 2005, p. 114)

Nesse mesmo circuito também participou e obteve a conquista do título de Campeã Mundial do Vertical Feminino, a atleta brasileira Karen Jones, única brasileira a conseguir essa vitória. No entanto seu nome sequer é mencionado. As conquistas as quais o editor menciona são do *skate* brasileiro masculino – o referente.

Karen Jones tão logo venceu o campeonato enviou ao *Skate para Meninas*, por e-mail, uma matéria cujo título “Campeã Mundial” foi dado pela editora do *site*. Comemora a atleta:

Só mando notícias agora porque tem net aqui no campeonato, é a primeira vez que sento com calma na frente do computador. Falando especificamente do Vert Feminino rolou competição. Eu vim para correr com os caras [...] então foi muito melhor do que eu esperava. Andei de boa,

acertei tudo, isso me deixou mais feliz! No final da session eu achava que tinha ganho (humilde né) haha mas não contava na certeza porque sabe como são as coisas nesses campeonatos, as vezes algum nome pesa mais que o skate [...] Foi a maior festa. Eu ganhei no feminino, o Mineirinho no masculino e o Daniel Vieira no street [...] só faltou o street feminino pra gente levar tudo. (JONES, 2005c, p1.).

Nestes dois excertos podemos evidenciar dois enunciados que falam de um mesmo circuito e das conquistas de um grupo específico – “*skatistas* do Brasil”. No entanto, um deles negligencia a vitória da atleta brasileira que compete na categoria vertical feminino mesmo que tenha, junto com o grupo citado, conquistado um título bastante significativo para o *skate* nacional. Aqui podemos pensar, tal qual evidenciou Michel Foucault (2005), que os enunciados posicionam os sujeitos de modo particular nos discursos. Cauê Muraro, ao ignorar a participação e a conquista de Karen Jones no circuito europeu de 2005, está posicionando apenas uma representação hegemônica de atleta do *skate*, - a do sexo masculino.

Tenha ou não a atleta conseguido um feito na história do *skate* brasileiro - o título de Campeã Mundial - a “naturalização” de que as conquistas mais importantes são dos atletas homens é aqui reafirmada na relação de poder que o editor tem “de dizer quem deve” estar presente no que foi por ele produzido para ser divulgado. Silenciar a respeito do esforço e do trabalho que a atleta imprimiu sobre si para chegar nessa posição, faz parte desta rede discursiva que afirma, entre outras “verdades”, que, no Brasil, não há número de atletas mulheres suficiente para participar dos campeonatos femininos; que as *skatistas* precisam ser mais profissionais e que precisam se empenhar mais na realização de manobras de difícil execução. O silenciamento acerca da presença e vitória de Karen Jones reforça a permanência da norma desfavorecendo, de certo modo, o desenvolvimento do *skate* feminino no Brasil.

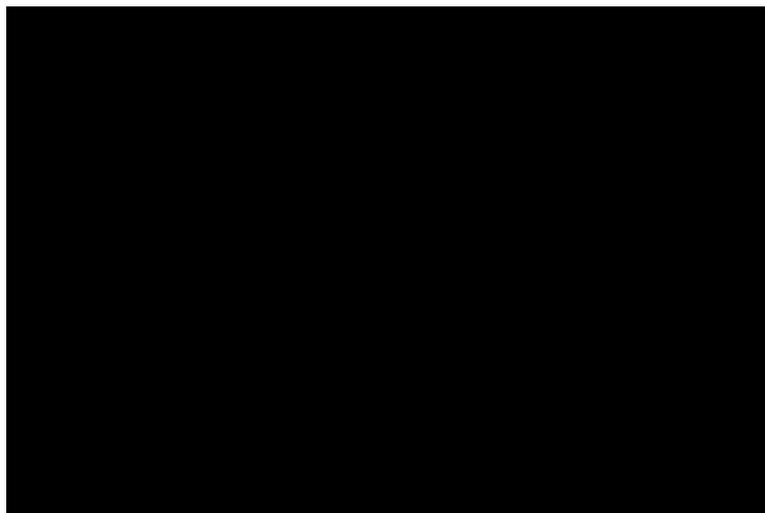


Figura 53 - Karen Jones nos X-Games 2007

Talvez seja exatamente para contestar essa norma que as *skatistas* têm promovido diferentes ações buscando potencializar o *skate* feminino no Brasil. Além das já explicitadas no capítulo anterior, considero relevante sua luta em prol da divisão da modalidade feminina em “Iniciantes” e “Amadoras”.

Tomando como básica a idéia de que *o skate não tem sexo*, os principais motivadores para a divisão da categoria estão relacionados à ampliação do número de atletas nos campeonatos, a melhora técnica das competições e a busca pela profissionalização. Questões, estas que remetem, como venho explicitando neste item, a uma questões de gênero pois são bastante desiguais as condições de possibilidade de existência, no Brasil, do *skate* masculino e do *skate* feminino.

Segundo Eliana Sosco, em entrevista para a *100%Skate*, “Quando o campeonato tem divisão de categoria as meninas ficam mais seguras para correr. Quando não elas falam ah! Vou correr com fulana e acaba perdendo a vontade. Eu mesma penso isso às vezes” (2006, p. 78). Ao desenvolver essa análise, toma a si mesma como exemplo, quando explicita que iniciou sua participação nos campeonatos já freqüentando a categoria Amadora o que lhe “incentivou e deu vontade de aprender as manobras, andar mais” (Ibid., p. 77).

Estas declarações fazem ver que a divisão do *skate* feminino em duas categorias é produtiva para o cenário nacional. Nesse sentido chamo a atenção para os argumentos que operam no sentido de secundarizar o *skate* feminino afirmando serem poucas as mulheres que participam dos campeonatos: eles precisam ser compreendidos, não de forma isolada, mas na relação com a categoria masculina pois só assim adquirem significado. Ou seja, muito das desigualdades que se concretizam entre o *skate* feminino e masculino, no Brasil, são decorrentes da própria estrutura institucional do esporte que toma o masculino como preponderante e que lhe confere melhores condições de possibilidade para acontecer: premiações melhores, mais visibilidade na mídia, maior número de campeonatos e de categorias, enfim, condições suficientes para que eles não precisem desenvolver ações afirmar sua presença e reconhecimento no esporte.

Condição essa que não está dada para as atletas que, de distintas formas e em diferentes situações precisam enunciar que essa prática também pode ser sua.

Em reportagem publicada no *site* da marca *Mary Jane*, as *skatistas* Amanda Araújo e Magda Souza assim se referem à importância da existência de categorias distintas:

Quando fazemos, ou fazem, a separação por categoria dentro do skate, dizemos quem é Pro, Amador ou Iniciante. E quando há o feminino, dizemos, ou dizem, Feminino? Sem separação de categoria? O skate feminino não se encaixa dentro da evolução da Iniciante a Pro? Mas é lógico que se encaixa! Quando falamos anteriormente sobre o skate feminino, dissemos que esse grupo está crescendo, que existe muita dedicação por parte das mulheres, querendo que o skate cresça, seja pelo site, pela revista ou por encontros que elas mesmas organizam. Então, se tudo isso acontece, é natural que queiram a evolução. As categorias são um estímulo para quem deseja evoluir dentro do skate ou quem sabe, viver dele. É bom lembrar que “fulana” não é só da Feminino, até porque isso já sabemos. O bom é lembrar que uma skatista é iniciante ou amadora e merece seu destaque por categoria, junto à propaganda do seu patrocínio. Isso é mais do que certo. É uma questão de ética. O mundo do skate feminino só será pequeno se a gente deixar que isto aconteça (2004, p.2).

Aqui se evidencia, outra vez, uma reação a naturalização através da qual o *skate* é institucionalmente organizado no Brasil. Ao darem corpo ao enunciado *Skate*

não é só para Meninos, as *skatistas* estão a afirmar que a anatomia de seus corpos não pode ser tomada como a razão primeira a definir quem é mais ou menos indicado/autorizado a praticá-lo. Indicam que há outros elementos a atravessar essa distinção e estes são de cunho político e cultural como, por exemplo, o preconceito, a relação com a mídia e com as marcas patrocinadoras, entre outros. Em outras palavras, a discursividade que constrói a diferenciação está envolta por relações de poder que, historicamente, tem favorecido o masculino em detrimento do feminino no universo esportivo, e não apenas do *skate*. Alterar essa situação só será possível no plano da disputa de poderes e de significação o que requer, como as *skatistas* brasileiras vem demonstrando, ação e, sobretudo, vontade política de diferentes segmentos sociais.

Segundo Lisa McDermott (1996), uma das bases sobre a qual se solidificou a dominância masculina no esporte está assentada na representação de que a fisicalidade está associada à masculinidade. Por ser uma construção histórica, essa representação pode e deve ser ressignificada a partir das experiências das mulheres nesta prática cultural. Relacioná-la apenas ao masculino, contesta a autora, significa negar as diversas experiências que as mulheres tem no campo do esporte, seja ele de lazer ou rendimento. Fabiano Devede, ao explicitar a teorização de McDermott, assim sintetiza suas afirmações:

A associação da fisicalidade com a masculinidade foi construída historicamente e o conceito pode ser redefinido a partir de experiências de mulheres sobre o significado da atividade física e do esporte em suas vidas, tornando-se um aspecto fundamental na contestação das relações de poder entre os sexos, não devendo ser usado com um viés masculino para interpretar experiências femininas, mas interpretar a fisicalidade como um termo plural, multifacetado, que pode auxiliar na construção subjetiva na qual mulheres e homens vivenciam seus corpos de diferentes formas no esporte e na atividade física.

É importante lembrar que a fisicalidade centrada no poder masculino tem operado para limitar o potencial físico das mulheres na atividade física e no esporte e, por esse motivo, a inclusão das mulheres nos símbolos e instituições esportivas é condição essencial para a sua plena participação social e realização pessoal (2005, p. 53-54).

Além das diversas estratégias que as *skatistas* têm desenvolvido no sentido de se fazerem ver, sua ação parece ter se alastrado, também, para a fissura de representações cristalizadas relacionadas à ordem dos gêneros no interior do esporte. Ao mostrarem que são capazes de disputar competições com grande exigência física, e técnica (na modalidade vertical, por exemplo), ampliam a representação de fisicalidade evidenciando que essa é uma construção discursiva que não se concretiza plenamente. Evidenciam, ainda, que *o skate não tem sexo* e se assim é representado é porque, no seu entorno, diferentes disputas estão em ação. A reação a tal representação permite entender a participação das mulheres no universo cultural do *skate* se produz através de diferentes discursos que, ora mais, ora menos, incentivam tal participação. A não linearidade dos discursos é que permite a reação. Afinal, como bem explicitou Foucault (1992), onde há poder, há resistência e os sujeitos não são meros receptores dos discursos: reagem, negociam e disputam. Para Guacira Louro,

Os discursos produzidos e veiculados pelos institutos oficiais de saúde, pelas revistas e jornais, pelo cinema, pela Internet ou pela moda certamente têm efeitos sobre os corpos e mentes, mas seus efeitos não são previsíveis, irresistíveis ou implacáveis. Os sujeitos não somente respondem, resistem e reagem, como também intervêm em seus próprios corpos para inscrever-lhes, decididamente, suas próprias marcas e códigos identitários e, por vezes, para escapar ou confundir normas estabelecidas (2003, p. 2).

As ações das *skatistas* podem ser assim analisadas. Algumas são capturadas pelos discursos da oficialidade, outras, os contestam, recusam e produzem outros. Afinal, existem múltiplas formas de ser *skatista* assim como existem múltiplas formas de produzir e reproduzir os discursos que circulam acerca da sua inserção neste esporte, inclusive, acerca das relações de gênero.

Ao tomar o gênero como uma categoria teórica e analítica a partir do feminismo pós-estruturalista, o compreendo como um “constructo sociocultural e lingüístico, produto e efeito de relações de poder” (MEYER, 2005, p. 16) que tem

implicações com a produção e a distinção dos corpos de homens e mulheres, e, também, com representações de masculinidade e feminilidade.

6.2. *Skate* e feminilidades: vaidade, beleza, destemor, ousadia...

Pensando especificamente no campo das práticas corporais e esportivas, há diferentes formas de ser e viver as masculinidades e feminilidades mesmo que, por vezes, a associação de determinadas práticas como masculinas ou femininas pareça persistir.

Ao analisar as fontes empíricas percebi várias situações onde as *skatistas* contestam representações que associam a prática deste esporte como algo que masculiniza as mulheres ou as assemelha a aparência dos homens. Identifiquei, ainda, que muitas de suas falas operam no sentido de dar corpo a uma representação de feminilidade que tem na beleza, graciosidade e harmonia sua marca distintiva com relação ao masculino. Larissa Carollo, *skatista* profissional, expressa muito bem essa representação quando afirma:

O fato de ser skatista não me leva a ter atitudes semelhantes a dos meninos. Sou apenas uma mulher que pratica um esporte radical. A vaidade é uma característica da maioria das mulheres e o skate não me fez mudar (2006, p. 3).

Essa declaração demarca uma territorialidade: ao se apropriarem do *skate*, muitas das praticantes informam que não pretendem ser como os meninos mas, nesta prática reafirmar sua diferença. Essa demarcação emerge do contexto no qual estão inseridas e sob o qual circulam alguns discursos que identificam o *skate* como coisa de menino e, portanto, imprópria para mulheres “femininas”.

Vários indícios me levam a fazer essa afirmação, a começar por algumas imagens que são tomadas como marcas identitárias, a exemplo da Associação Brasileira de *Skate* Feminino.



Figura 54 – logo da Associação Brasileira de *Skate* Feminino

O desenho do rosto de uma menina em tom rosa, lilás e branco, é criação da *skatista* e *design* de moda, Tatiane Marques, vice-presidente da Associação cujo *site* apresenta um *link* com seu portfólio¹²⁴. Ao acessá-lo identifiquei uma série de desenhos com bonequinhas andando de *skate*, corações cor-de-rosa, anjinhos, gravuras fazendo referência ao amor, à amizade, ou seja, ilustrações tradicionalmente vinculadas ao feminino.

Em entrevista para a seção *Lilith*, da revista *Tribo Skate*, em 2004, com temática sobre “Roupas para Meninas”, Tatiane afirma que esta “tem que ser bonita e confortável. Mulher tem que andar feminina, bonita. E sendo atleta ela tem que saber como combinar ainda mais, porque envolve atitude e beleza” (MARQUES,

¹²⁴ Sou designer formada pela E.T.E e pela Escola de Arte, e estilista formada com cursos no Senac Moda e na E.T.E. Trabalho há mais de 7 anos na área da moda street (masc/fem), nas empresas Narina skateboards, Snoway/SnowGirl skateboards, e QiX/MaryJane. Sou skatista há 8 anos, já tive patrocínios da Narina, Snoway, Reef shoes, John decks, SB shoes, UCR rolamentos, DirtMoney Decks, que fortaleceram o meu conhecimento na área de desenvolvimento de produtos para a área de street, tomando conhecimento também no q o publico alvo espera da marca. Hoje eu desenvolvo produtos para a marca QIX e MARY JANE, fortalecendo a marca para fortalecer o mercado do street brasileiro

2004, p. 106). Indica, ainda, que a ampliação do número de praticantes mulheres fez com que as marcas esportivas dirigissem para esse potencial mercado de consumidoras.

Antes não existiam marcas femininas de skate, somente marcas que fabricavam “baby-looks”, que nem modelagem feminina tinham, eram mais retas. Então à procura de conforto as meninas usavam roupas masculinas, por falta de opção. Pensavam até que menina que andava de skate tinha que andar como homem. [...] Hoje isso mudou muito, além da variedade que existe dentro do mercado street feminino, todas as marcas que têm o masculino investem no feminino. Descobriram que o feminino dá um retorno muito grande [...] É bom tanto para o mercado de consumo quanto para as atletas. [...] A tendência atual no street feminino é o conforto criativo super feminino (2004, p.106).



Figura 53 – ilustrações de Tatiane Marques com o logo *angel skate*

Em setembro de 2006, assisti a 2ª etapa do *Qix Am Contest*, na cidade de Novo Hamburgo (RS), evento que contou com a presença de *skatistas* de todo o Brasil. No ginásio onde a competição aconteceu havia uma série de placas com publicidade das marcas de *skate*, inclusive da Mary Jane, que é endereçada para mulheres. Seu logo, também desenhado por Tatiane Marques, chama a atenção: uma bonequinha, fundo rosa, desenho com traços infantis, um cachorrinho, flor... enfim, entre o que vi na pista e a referência feminina que estava pendurada numa das laterais do ginásio, havia uma grande distância.

As atletas que lá competiam não eram meninas tímidas, com os braços para traz: demonstravam ousadia, coragem, atiravam-se destemidas nas manobras.



Figura 56 – placa da marca Mary Jane no Qix Skatepark – Novo Hamburgo, RS

Estas imagens, pinçadas nos diferentes espaços e materiais que compõem meu material empírico, reforçam uma representação de feminilidade que as aproxima da infância e adolescência. Não combinam com as atletas (inclusive da categoria mirim) que correm os campeonatos mas, de certa forma, estão direcionadas para futuras adeptas, para criar um novo público. Em 2004, Evelyn Leine, noticiava a adesão de meninas ao *skate* e a realização de algumas provas com a categoria mirim:

A tendência é esse número aumentar, já que meninas (e meninos) de pouca idade vêm sendo influenciadas não só por amigos, parentes e conhecidos, mas também pela mídia. O esporte cheio de adrenalina e movimentos, completa em cheio o quesito das crianças que nessa idade, só pensam mesmo em se divertir e fazer atividades (2004b, p. 2).



Figura 55 - Premiação da categoria Mirim da *COPA São Paulo Skate Para Meninas*
Bonecas

Se as bonequinhas capturam ou não novas praticantes não há como saber. Interessa pensar que integram imagens constituem uma representação de feminilidade que pouca tensão oferece, mesmo num esporte que requer atributos culturalmente considerados como associados ao masculino.

Ao navegar pelo *site Skate para Meninas*, me deparei com um concurso que, de imediato, chamou minha atenção pelo próprio título: “Ganhe um *skate* rosa”. Direcionado para jovens praticantes o concurso premiou a elaboração da melhor frase contendo as palavras *street* (modalidade de *skate*) e *snowgirl* (marca patrocinadora). Registra Leine:

Após algum tempo e muitas, mas muitas frases lidas, conseguimos chegar ao veredito final do concurso “**Ganhe um Skate Rosa da Snowgirl**”. O número de participantes foi bastante expressivo, o que mostra um crescimento considerável no número de skatistas do sexo mais charmoso, o feminino (SKATE PARA MENINAS, 2005c, p. 1)

A ênfase na cor do *skate* evidencia que a adesão ao esporte não significa romper com características que marcam as meninas no que respeita à identidade de gênero. O *skate* rosa é a reafirmação dessa identidade. Não é sem razão que as marcas investem em uma moda “feminina” capturando, inclusive, garotas que não praticam *skate* mas aderem a um estilo esportivo de ser.

A *skatista* Mônica Messias, de 24 anos, ao comentar o desenvolvimento do esporte no Brasil, em especial, a relação com os patrocinadores, tece considerações acerca dessa questão que, segundo ela, prejudica a evolução do *skate* profissional. Ao reclamar da falta de patrocínio, apesar de ter conquistado vários títulos importantes, adverte:

Analisando o mercado é possível contar as meninas devidamente patrocinadas nas duas mãos e correndo o risco de sobrar dedos. Mas vale lembrar que o mercado feminino de skate está numa constante fase de desenvolvimento. E que um dos motivos dessa falta de credibilidade se deve ao fato de a maioria das meninas que consomem roupas de skate não praticam o esporte (são as chamadas “skatetys”) (2005, p. 101).

A vinculação da feminilidade, ou melhor de uma dada feminilidade, com as marcas de produtos vinculados à prática parece ter se tornado um nicho de mercado. Não é sem razão que Tatiane Marques, a *skatista* que desenha bonequinhas, presta serviços para várias marcas endereçadas para as *skatistas*. Não é sem razão, também, que essas mesmas marcas promovem campeonatos, concursos, eventos (muito mais do que patrocinar atletas) objetivando ampliar o mercado de consumidoras.

Segundo pesquisa realizada por Holly Thorpe (2006) acerca da ampliação de mulheres praticantes de esportes de prancha (*surf*, *skate* e *snowboarding*) depois que as marcas esportivas suprimiram o mercado destinado aos homens, iniciaram a desenvolver produtos direcionados para as mulheres (equipamentos, roupas e acessórios). Esse movimento foi adotado por grandes companhias que, objetivando capitalizar o crescente mercado feminino, segmentaram seus produtos, criando coleções distintas para homens e mulheres como, por exemplo, a *Quiksilver* (*Roxy Surf*

e *Snow*), a *Globe* (*Gallaz*), e a *Volcom* (*Volcom Girls*). Uma das estratégias utilizadas para capturar as mulheres centrou-se na utilização de uma linguagem publicitária valorizando o poder feminino, utilizando-se, para tanto, de termos como autonomia, direitos, independência e poder. No entanto, explicita a autora, ainda que essas marcas direcionassem produtos para as mulheres praticantes dos esportes de prancha a preocupação está muito mais voltada para a “moda” do que para a efetiva ampliação na participação das mulheres nestas práticas esportivas.

Essa percepção privilegiada por Thorpe pode ser localizada nas fontes de investigação. Ao olhar as propagandas publicadas nas revistas que tematizam o *skate* no Brasil, em sua grande maioria, os produtos direcionados para as mulheres são divulgados usando-se imagens de modelos e não de *skatistas*.¹²⁵ Essa mesma situação não se dá com os homens; são os *skatistas* que posam para as fotografias e vendem as marcas.

Karen Jones, em diferentes situações, denuncia essa diferença por entendê-la despropositada. Em 2005 publicou no *site*, *Garotas no Comando* uma matéria que denominou “Carla Perez não é modelo de surf”. Apesar de extensa considero relevante reproduzi-la pois sintetiza a percepção de quem vive o esporte por dentro.

Quando por ventura folheio uma revista de surf, automaticamente procuro algo sobre o feminino. Encontro fotos de campeonatos, manobras, premiação... as meninas estão fazendo um ótimo trabalho, já conquistaram um grande espaço até mesmo nas revistas masculinas. É um mercado que visivelmente está crescendo... crescendo e perdendo a essência.

Ao virar a página me deparo com a propaganda de uma marca feminina de surf: a garota não tem a mínima pinta de surfista e não está sequer no mar (o que até é admissível, haja vista que no mar não haveria como expor a roupa). Um pouco depois, em uma revista de skate, vejo a mesma garota fazendo pose em cima de skate longboard. Não dá para não falar nada. Será que essa marca não tem atletas??

Resolvi pesquisar. Dentre 32 revistas encontrei apenas duas propagandas com atleta. Tirando as marcas *Hot Girls* e *Garota de Praia* que

¹²⁵ A única revista que privilegia a apresentação de atletas mulheres na publicidade das marcas de *skate* é a *Check It Out*, mídia produzida pelas próprias *skatistas*.

tem propagandas lindas, de muito bom gosto funcionais, todas as outras seguem o mesmo padrão: loiras falsas, fazendo caras e poses sensuais, lembrando vagamente que aquilo se trata de uma propaganda de surf.

Vamos usar um pouco de lógica. Na propaganda do Biotônico Foutoura, o protagonista deve ser um homem forte, mesmo que na vida real ele não tome o santo remédio. Em uma propaganda de shampoo, os cabelos em questão devem ser sedosos e brilhantes, mesmo que não façam uso do produto anunciado.

No caso de esportes, é um pouquinho diferente mas o princípio é o mesmo. Mesmo que a menina não surfe, ela deve combinar com o produto. É o caso da Garota de Praia, que mostra as meninas fora do mar, mas que não deixam de ser de extremo bom gosto. Ou da Hot Girls que chega usar crianças, meninos e até mesmo pacotinhos de sal mas sempre dentro do contexto.

Porém a melhor comparação poderia ser feita com os esportes convencionais. Futebol, tênis, vôlei... a Nike, por exemplo, sempre usa seus atletas. Acho que não preciso falar mais nada.

Mas toquei neste assunto para fazer um apelo. A propaganda DEVE ser valorizada, e se a marca não se importa com isto, é porque também não se importa em crescer. Podemos ser poucas agora mas é exatamente por isso que devemos prestar a atenção. Temos que dar retorno àqueles que valorizam o esporte, à quem o deprecia, boicote. O que não podemos permitir, são loiras oxigenadas fazendo pose em cima de nossos skates (2005, p. 1-2).

Ao recorrer a estes exemplos quero evidenciar que os discursos que operam no mercado das marcas esportivas femininas estão atrelados a uma representação de feminilidade que contempla a beleza, o charme, a graciosidade, os tons pastéis, os desenhos, a delicadeza. Uma representação que, ao mesmo tempo que se distancia do masculino, não possibilita muitas oscilações. Representação esta enunciada por algumas atletas que a reiteram e a tomam como sua.

Larissa Carollo, por exemplo, é representada pela mídia como uma *skatista* que impressiona até os mais experientes *skatistas*. Apresenta um “estilo feminino, [...] com manobras de nível e sem deixar sua feminilidade de lado” (2004, p. 1). Em entrevista para o *site*, quando questionada sobre o fato de ser, por vezes criticada por ser muito feminina, responde:

Se criticam é porque incomoda!!! Hehehehe. Esse é o meu estilo, não copio ninguém, tenho minha personalidade. Eu me sinto bem andando de skate com uma roupa mais justa, [...] faço questão de ser extremamente feminina com direito a muito cor-de-rosa, presilha, prata, batom...(Ibid. p. 1)

A discussão acerca do seu “jeito feminino de ser” aparece em outras fontes de pesquisa. A seção *100%Girl*, da Revista *Tribo Skate* publicou, em julho de 2004, uma entrevista com a *skatista* cuja condução foi de Evelyn Leine que pergunta “Como rola seu ritual de beleza antes das sessões?” (p. 100). Na sua resposta Larissa explica: “Na verdade não é muita sessão, fico apenas uns 20 minutos para escolher a roupa (tem que estar combinando), mais uns 5 minutinhos para arrumar o cabelo, uns 10 para passar lápis, rímel e batom, um perfuminho, as pratas. Fechô!” (ibid., p. 101).

A associação ao estilo feminino adotado por Larissa se dá, fundamentalmente, pelas roupas e acessórios que usa e pelos cuidados que adota no que respeita a preservação de sua beleza. A atleta geralmente corre os campeonatos usando calça *suplex*, *top* ou camiseta justa e acessórios diversos (brincos, anéis, relógio, etc). Roupas que ressaltam as formas de seu corpo e que, tradicionalmente, se distanciam daquelas comumente usada por praticantes de *skate*: calças e camisetas largas. Ao defender o esporte, vê nele, possibilidades de melhorar a aparência e contribuir para o embelezamento de seu corpo, conforme pode ser observado na entrevista que concede, em 06 de outubro de 2005, para o *site* Mary Jane:

Meninas, o skate é um esporte invejável, só quem anda sabe a sensação de pertencer a essa “tribo”, por isso não tenham medo de encarar, skate é pra quem tem atitude, e não é a vergonha ou um simples roxo que irão encobrir inúmeros benefícios, e melhor ainda, o skate queima em média de 400kcal por hora, além de tonificar os músculos, hummmmm... Então mulherada, nada de ficar parada... (CAROLLO, 2005, p. 1).



Figura 58 - Larissa Carollo, 2005

As falas de Larissa podem ser observadas dentro do contexto atual acerca do embelezamento feminino, considerado como um atributo integrante da feminilidade. Silvana Goellner, ao analisar as diferentes prescrições direcionadas para o corpo das atletas contemporâneas tece as seguintes considerações:

No campo do esporte a referência à beleza é, também, facilmente encontrada nos discursos e imagens que circulam na mídia em outros tantos espaços. De um lado há a identificação de que o esporte, tal qual a cultura *fitness*, é um *locus* privilegiado para a construção de corpos hígidos, saudáveis, belos, potentes, velozes, dinâmicos..... de outro, há a necessidade de, quando a alusão for ao esporte feminino, dizer da beleza dos corpos das mulheres. Essa imposição é o que tenho chamado de imperativo da beleza segundo o qual, mesmo que a mulher não seja bela, deve fazer o possível e o impossível para ser ou, ainda, para parecer ser. No caso do esporte: seja atleta, mas bela e se, possível, feminina (2006, p. 1).

Algumas das *skatistas* que analisei porque estão presentes nas fontes de pesquisa, parecem ter sido interpeladas por essa representação do embelezamento e da preservação da feminilidade.

Karen Jones, em 2006, publica no seu *site Garotas no Comando* uma matéria que intitula de “A Perda da Virilidade” na qual faz referência à apropriação da moda esportiva por garotas que passam longe dos esportes. Vejamos:

É claro que choca ver o sexo frágil machucado, descabelado e suado (suado, ouviram bem...não fedidas!) só que faz parte, e os meninos mais do que ninguém deveriam entender isso. Somos unânimes em concordar que não é bonito. Mas nessas condições, estamos preocupadas em andar de skate, e não em namorar ou ganhar fãs.

Não estamos falando em neurose nem sendo extremistas. Quem está preocupada em andar não vai ficar penteando o cabelo toda hora que uma mecha sair do lugar ou repassando o desodorante ao menor sinal de transpiração. Trata-se de vaidade. A essência feminina. E devemos ressaltar que não há ligação em andar de skate e a perda da feminilidade. Nem as homossexuais deixam de se comportar como mulheres.

Os homens são pioneiros no esporte sim, mas isso não significa que temos que ser, andar ou nos vestirmos como eles. Nós, simplesmente não queremos mudar de sexo (2006, p. 1).

A essência feminina tão proclamada nestas falas toma a vaidade como algo inerente, previsível, “natural”. Outra vez podemos perceber que os discursos produzem os sujeitos que falam. A *skatista* feminina é uma representação que está consoante as expectativas do mercado e do que hegemonicamente se reconhece como sendo pertencente a uma mulher. Nas fontes consultadas não percebi vozes dissonantes ainda que essa representação de feminilidade incorpore outros atributos para além da beleza e graciosidade: ousadia, destemor, coragem, são agregadas como integrantes dessa representação. Não podemos esquecer que o *skate* é um esporte que requer muitas habilidades, algumas, consideradas como mais próxima dos meninos.

Pensando acerca dessa representação tendo como horizonte teórico o feminismo pós-estruturalista, entendo que as feminilidades que são designadas como anormais são exemplares para definir e estabelecer uma feminilidade normalizada, padronizada ou, ainda, hegemônica. Ao se falar daquilo que foge da norma, se está a reiterar a norma de forma a parecer ser perfeitamente natural. Esse processo se dá através de práticas e discursos que conformam uma dada representação feminilidade como a mais aceita e, por ser reconhecida como tal, torna-se desejada.

As *skatistas* que deslizam por essa tese estão interpeladas por uma representação da feminilidade que toma, por exemplo, a vaidade como algo inerente ao “ser mulher”; como algo que a constitui. Essa captura não se dá sem razão, afinal, é esta representação (dentre outras) aquela que mais aparece na mídia, na escola, nas ruas, praças e parques, enfim, em uma ampla rede de discursos e práticas que circulam em diferentes espaços sociais, inclusive os esportivos. Uma representação que associa atividade física, com beleza e saúde. Uma representação positiva de feminilidade segundo a qual a mulher, mesmo sendo uma atleta, não deixa de cuidar de sua beleza, vaidade e feminilidade: atributos considerados como naturais para seu sexo.

O editorial que anuncia a inclusão de uma seção destinada ao *skate* feminino na revista *100%Skate*, intitulado “Bem Vindas” é assinado por Alexandre Vianna. Depois de descrever as manobras executadas por Thais Saraiva, 20 anos, escreve:

Seu shape, lixa e blusa rosa combinando fazem parte do seu cotidiano de skatista. Suas unhas pintadas, o coração desenhado na lixa e sua feminilidade também. Ela passa protetor solar antes da sessão e tudo mais que uma menina tem direito. Depois da sessão, lava o rosto para não ficar oleoso. Mas, acima de tudo isso, está sua vontade de andar de skate. [...] Quem vê as fotos desta página se engana quando imagina que sejam de moda, daquelas de garotas que só andam com o skate embaixo do braço. [...] Todo mês teremos esse espaço para as meninas, porque somos 100%SKATE, independente do gênero. Bem-vindas. (VIANNA, 2005, p. 3).

As fotos as quais se refere são duas: uma, onde Thais Saraiva executa uma manobra e outra onde aparece sentada, segurando um *skate*. Em ambas prevalece o tom rosa: na camiseta, no *skate*... ambas estão consoantes uma representação de feminilidade aceita e desejada.



Figuras 59 e 60 – Thais Saraiva, 2005

No Brasil existem vários estudos¹²⁶ que analisam a forma como a mídia representa as mulheres atletas. De uma maneira geral apresentam resultados bastante semelhantes e que indicam: a) uma secundarização da aparição das atletas em detrimentos dos atletas; b) a referência a questões tais como beleza, vaidade e feminilidade; c) o uso de termos que generaliza as mulheres tais como musas, deusas, ninfas, belas, entre outros. No decorrer da minha investigação me deparei com vários exemplos que operam nesse sentido. Reproduzo aqui dois deles:

Em 2004, o jornal Zero Hora, publicou uma reportagem intitulada “Rainha de patins”, referência à Fabiola da Silva, atleta brasileira de destaque nessa modalidade. Assim inicia a reportagem:

Quatro piercings, uma tatuagem, esmalte claro nas unhas e sobrancelhas impecáveis. O cabelo comprido só é preso na hora da apresentação, para não atrapalhar a execução das manobras. Assim é Fabiola da Silva.

¹²⁶ Souza e Knijnik (2007); Goellner (2006); Romero (2006); Adelman (2006) Mourão e Morel (2005); Lessa (2005), entre outro/as.

A melhor patinadora in-line do mundo e heptacampeã do X-Games mantém, a graça e o brilho em um esporte dominado por homens, camisetões e calças largas (HAUCK, 2004, p. 12)

A revista *Monet*, que apresenta a programação mensal da NET¹²⁷, apresenta uma reportagem, no mês de dezembro de 2005, onde destaca a experiência esportiva de quatro apresentadoras do Canal *SporTV*, todas praticantes de “atividades arrepiantes”. A chamada da matéria é: “Belas e feras – com charme e beleza, as mulheres invadem os esportes de ação e aventura e derrubam preconceitos em um universo tradicionalmente dominado por atletas do sexo masculino” (AXT, 2004, p. 39).

Para além desses exemplos muitos outros poderiam ser aqui reproduzidos pois, de certa forma, são “a norma”. O que interessa pensar é que, as *skatistas* nas mídias que produzem, em grande medida, reiteram essa representação, as fortalecem e são por elas interpeladas. E assim produzem e são produzidas como mulheres praticantes de *skate*. Assim são vistas e se fazem ver. Não podemos esquecer que as práticas culturais – dentre elas esporte – ao produzirem e compartilharem determinados significados, ensinam, configurando tipos particulares de identidades e de subjetividades” (RIBEIRO, SOUZA e SOUZA, 2004, p. 110).

Com relação ao gênero esse processo não se dá de forma diferente. Como uma construção histórica e cultural que extrapola a determinação biológica, as feminilidades e masculinidades são ensinadas, aprendidas, socializadas. Inscrevem-se em nossa pele, marcam nossa identidade e produzem nossa subjetividade. Assim observo as representações de gênero que as *skatistas* fazem circular nas suas práticas e discursos e as que sobre elas circulam em diferentes espaços sociais.

Ao operar com o conceito de gênero como uma categoria analítica, foi possível identificar que as diferenciações atribuídas às mulheres no universo do *skate*, mais do que ancoradas no biológico dos corpos, emergem de questões culturais que

¹²⁷ Empresa de serviços de TV a cabo.

se materializam a partir de relações de poder. Nesse sentido, é possível afirmar que as práticas corporais e esportivas, dentre elas o *skate*, produzem corpos generificados. Não porque são generificados em sua essência, mas porque são construções culturais às quais se agregam discursos, valores e práticas que acabam marcando nos corpos representações de feminilidades e masculinidades.

Uma tese nunca acaba! No entanto, chega um momento que é necessário abandoná-la para que percorra seu próprio caminho.

Penso que é chegada essa hora. Durante os últimos quatro anos me vi envolvida com a temática da mulher no esporte o que, indubitavelmente, aguçou meu olhar para questões afetas as distinções de gênero que estão presentes nesta prática cultural.

Ao observar as ações desenvolvidas por um grupo específico de mulheres, as *skatistas*, percebi o quanto as relações sociais são permeadas por disputas de poderes, de significação e de reconhecimento. Percebi, enfim, que muito do que foi e é realizado no âmbito do *skate* feminino brasileiro, assim se constituiu porque emanou de atos desencadeados pelas mulheres que aderiram a esta prática.

Ao conferir visibilidade as suas ações, realizo, aqui, muito do que elas próprias têm, insistentemente, desenvolvido: as posiciono como sujeitos de uma prática que culturalmente as secundariza. E ao fazê-lo, adoto a mesma atitude política que identifiquei nas várias fontes de consulta: constituir visibilidades para, assim, se fazer ver.

Por certo que essa tese não aborda o *skate* feminino brasileiro entendendo-o como um bloco homogêneo e consistente. Mais do que tematizar o esporte, busquei visibilizar as estratégias que algumas *skatistas* contemporâneas adotam para se fazer ver, para ampliar espaços de divulgação, inserção e profissionalização do esporte. Por essa razão é que as *skatistas* que aparecem são estas e não outras. São estas porque as produzi como sujeitos em consonância com a sua própria auto-produção. Ao ser capturada pelos seus movimentos em prol da sua afirmação neste esporte, reconheço seu empenho, dedicação e investimento sobre si mesmas e sobre um conjunto de pessoas que, de forma alguma é igual visto serem distintas as formas de ser e se representar como “*skatista*”.

Escrever sobre elas me mobilizou a enunciar com elas que *o skate não é só para meninos!* E se existem práticas e discursos que operam em torno dessa afirmação, estes são de ordem política e cultural e não decorrentes de uma suposta diferenciação oriunda da distinta anatomia de seus corpos.

Ao percorrer os trajetos por elas desenhados, faço ver: *Skate é para Meninas!*



Figura 61 - Ianire Elloriaga, Revista *Check It Out*, 2005

7. REFERÊNCIAS

100%SKATEGIRL, Encarte n. 2. São Paulo, ago 2002, p. 1-42.

100%SKATEGIRL. Ano 10, vol. 81. São Paulo, jul 1005, p. 97-101.

ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. *Movimento*. Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 3-21, jan-abr. 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. *Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino (Nordeste 1920-1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

AMÉSTICA, Miguel C. et alli. El skate urbano juvenil: uma práctica social y corporal em tiempos de la ressignificación de la identidad juvenil chilena. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 39-54, set-dez. 2006.

ANDRADE, Sandra dos S. Saúde e beleza do corpo feminino - algumas representações no Brasil do século XX. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 49-58, jan-jul. 2003.

ANTUNES, Arnaldo, FROMER, Marcelo e BRITTO, Sérgio. *Comida*. Titãs Acústico, 1987.

ARAÚJO, Liza. Evolução. *Check it out girls*. Los Angeles, v. 6. p.1-3, dez, 1999.

ARAÚJO, Amanda e SOUZA, Magda. Kumina – e aê mina? Qual é a sua categoria? *Mary Jane* 2004. Disponível em http://www.maryjane.co.br/pags/index.asp?include=esporte&ep_subTipoid=36&p_n_oticiaID=523 Acesso em: 20 ago 2006.

AXT, Barbara. Belas e Feras. *Monet*. São Paulo, v. 202, p. 39-43, dez. 2005.

BASTOS, Aline. Uma breve discussão sobre os esportes radicais do meio urbano e a Educação Física/Educação Física escolar. In: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2005, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: CBCE, 2005 p. 2373 –2379.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BEAL, Becky. Skateboarding. In: CHRISTENSEN, Karen et all. (eds.) *International Encyclopedia of women and sports*. Volume 3. New York: Macmillan References USA, 2001.

BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. *Labrys: estudos feministas*, Brasília v. 4, ago-dez, 2003. Disponível em <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/berenice1.htm>> Acesso em: 14 out 2007.

BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*. Campinas: Papirus, 1998.

BETTI, Mauro e PIRES, Giovani de L. Mídia. In: GONZÁLEZ. Fernando J. E FENSTERSEIFER, Paulo E. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 283-288.

BITENCOURT, Valéria et all. Esportes radicais e de aventura. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 409-421.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da femininidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Record:Rosa dos Tempos, 1997, p. 19-41.

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

_____. Esporte, história e cultura. IN; PRONI, Marcelo e LUCENA, Ricardo (orgs). *Esporte, História e Sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 191-206.

BRITTO, Eduardo. *A Onda dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Gráfica Círculo, 2000.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York/London: Routledge, 1999.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAROLLO, Larissa B. Entrevista, 2004. *Mary Jane*. Disponível em <<http://www.maryjane.com.br/pags/index.asp?include=home>> Acesso em: 11 out 2007

_____. Entrevista, 2005. *Mary Jane*. Disponível em <<http://www.maryjane.com.br/pags/index.asp?include=home>> Acesso em: 11 out 2007

_____. *Skate feminino por Larissa Carollo*. Curitiba: UNICEMP, 2006. 38f. Monografia (Graduação em Educação Física). Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Centro Universitário Positivo.

CARVALHO, Carol. *Lilith. Tribo Skate*, São Paulo, v. 13, n. 102, p. 60-62, jun. 2004.

CEMPORCENTOSKATE: NOSSA HISTÓRIA, 2004, Disponível em <<http://cemporcentoskate.uol.com.br/>> Acesso em: 12 out 2006

CHAVES, Cesinha. Ano 2000. Não temos carros voadores, nem colônias em marte, nem a terra está cheia de robôs como predisseram muitos. Mas uma coisa é certa: nunca o skate bombou tanto quanto nessa virada de século. In: BRITTO, Eduardo. (Ed.). *A Onda dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Gráfica Círculo, 2000, p. 12-18.

CHAVES, Cesinha. *O skate na década de 70*. Disponível em <<http://www.brasilskate.com/historia70.html>> Acesso em 15 de outubro de 2005.

CHECK IT OUT MAGAZINE. Disponível em <<http://www.checkitooutmag.com>> Acesso em: 15 nov 2007.

COBRA, Leni. (sk8brazil@hotmail.com) Sobre Skate. 27 de novembro de 2007. Enviado as 13:29hs. Mensagem para Márcia Luiza Machado Figueira (marfig@terra.com.br)

COMO SURGIMOS, 2002. Disponível em: <<http://unidaspelocarinho.weblogger.terra.com.br/index.htm>> Acesso em: 14 mar. 2004.

CONNELL, Robert. *Masculinities*. Los Angeles: University of California Press, 1995.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. Disponível em <<http://www.cbs.com.br>> Acesso em: 17 de out 2005.

COSTA, Marisa V. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedos, biologia, literatura, cinema....* Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 73-91.

_____. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa V. (org.) *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 143-154.

COSTA, Rogério da. As comunidades virtuais. *Informática na educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 61-80, jul-dez 2005.

COUTO, Edvaldo de S. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, Edvaldo de S. e GOELLNER, Silvana V. *Corpos mutantes: ensaios sobre nova (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 41-54.

CRUZ, Isabel; SILVA, Maria Paula e GOMES, Paula Botelho. *Deusas e guerreiras dos Jogos Olímpicos*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2006.

CARLOS, *Best Trick Feminino no Circuito Freeday*, 2006. Disponível em <<http://www.holyskatepark.com.br>> Aceso em: 27 de abril de 2006.

DA COSTA, Lamartine (Org). *Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e mulher no esporte história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed Unijuí, 2005.

EDITORIAL. 100%Skategirl, n. 1, p. 6-7, ago. 2001.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELISA, Ana e RAQUEL, Nilma. Skate na Onda. *Revista Fluir*. Edição nº 20, março/abril 2006. Disponível em <http://www2.uol.com.br/fluir/fluir_girls/20_surf_skate.shtml>. Acesso em 05 de jul de 2006.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz T. (org.) *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 9-76.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais - Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

EULI VIEIRA 100%SKATEGIRL. *100%Skate*. São Paulo, v. 88, p. 100, jul. 2005.

FERNANDES, Adriana. *Skate - Onde Praticar/Guia Completo de Pistas no Brasil*. 25/05/2001. Disponível em <<http://360graus.terra.com.br/skate/?did=2086&action=dica>> Acesso em 25 de nov de 2005.

FIGUEIRA, Márcia L. M. *Representações de corpo adolescente feminino na Revista Capricho*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 173f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FISCHER, Rosa M. B. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa V. (org.) *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 49-72.

_____. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa V. E BUJES, Maria Isabel E. (orgs.) *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 9-22.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. *História da sexualidade 1 – vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

_____. *Em defesa da sociedade. Cursos do College de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Ditos & Escritos. Vol. V. Ética, Sexualidade, Política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

_____. *Ditos & Escritos. Vol. IV. Estratégia, Poder-Saber.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Microfísica do Poder.* 24 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

_____. *A arqueologia do saber.* 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRAGA, Alex B. *Corpo, identidade e bom-mocismo.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRASE DO DIA. 2007. *Associação Brasileira de Skate Feminino.* Disponível em <<http://absfe.blogspot.com>> Acesso em 21 nov 2007.

GIBSON, William. *Neuromancer.* São Paulo: Aleph, 1982.

GIROUX, Henry A. & MCLAREN, Peter L. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz T. da MOREIRA, Antônio Flávio, (Org.) *Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.* Petrópolis: Vozes, 1995.

GOELLNER, Silvana V. Prefácio. In: MELO, Victor de A.. *A História da Educação Física e Esportes no Brasil: panorama e perspectivas.* São Paulo; IBRASA, 1999, p. 3-6.

_____. *Bela, maternal e feminina, imagens da mulher na Revista Educação Physica.* Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

_____. Mulher e esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, Carlos. KNIJNIK, Jorge (Orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho.* São Paulo: Aleph, 2004, p. 359-374.

_____. Histórias das mulheres: considerações teórico-metodológicas acerca do fazer historiográfico. In: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2005, Porto Alegre. *Anais.* Porto Alegre: CBCE, 2005a p. 2594-2602

_____. Jogos Olímpicos e desafios: Carruagens de Fogo. In: MELO, Victor de A e PERES, Fabio de F. (orgs). *O esporte vai ao cinema.* Rio de Janeiro: SENAC, 2005b. p. 65-74.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes.* São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, ago/dez. 2005c.

_____. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; GOELLNER, Silvana; FELIPE, Jane. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005c. p. 28-40.

_____. Mulheres, Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura *fitness*. *Labrys: estudos feministas* n. 10, jul/dez 2006. Disponível em <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/silvana.htm>> Acesso em 21 set 2007

_____. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, v. 13, n. 2, p. 174 -196, mai/ago 2007a.

_____. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: GOELLNER, Silvana e JAEGGER, Angelita. *Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007b, p. 13-26.

GOELLNER, V. Silvana e FRAGA, Alex B. Inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004.

GOMES, Euza. *A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas*. UGF, 2006. 195f. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho.

GONZÁLEZ. Fernando J. Esportivização. In: GONZÁLEZ. Fernando J. E FENSTERSEIFER, Paulo E. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 170-174.

GRAEFF, Billy B. e PETERSEN-WAGNER, Renan. Skate no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Z. e REPPOLD FILHO, Alberto (Org.). *Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. Disponível em: <<http://www.cref2rs.org.br/atlas/cd/index.htm>> Acesso em 13 de janeiro de 2006.

GRAEFF, Billy B. e RIETH, Fernando. Esporte e estilo de vida: a trajetória social de *skatistas* patrocinados. In: STIGGER, Marco P. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidade em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 161-175.

GRZERKOWIAK, Liza. Editorial. *Check It Out*, nº 17. Los Angeles, mar. 2005

GUTMANN, Allen. Visando a modernidade: arco e flecha e a modernização do Japão. *Movimento*, v. 10, n. 3, p. 9-22, set-dez, 2004.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz T. da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HAMM, Keith D. *Scarred for life: eleven stories about skateboarders*. San Francisco: Chronicle Books, 2004.

HARCOURT Wendy. Cyberspace as a networking tool for feminists. *Labrys: estudos feminista*, Brasília, n. 7, janeiro/julho 2005. Disponível em <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/cyber/wendy.htm>> Acesso em 21 set 2007

HAUCK, Tamara. Rainha de patins. *Zero Hora*, 17/05/2004, p. 12

HOUAISS. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. 2001 Versão 1.0. UOL. Disponível em <<http://biblioteca.uol.com.br/>> Acesso em 12 mar 2005.

HUH, Catarina. *Mero coadjuvante sem importância*, 2001. Disponível em <<http://www.puroskeboard.blogspot.com.br/>> Acesso em: 04 de jul 2006.

IULIANELLI, Jorge. A. Juventude: construindo processos - o protagonismo juvenil. In: PONTES, Paulo. C. E IULIANELLI, Jorge. A. (Orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JAEGER, Angelita. Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina. In: GOELLNER, Silvana e JAEGER, Angelita. *Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 133-146.

JONES, Karen. Lugar de mulher é no skate. *Terra Esporte*, 2004. Disponível em <<http://virgula.terra.com.br/esporte/thps/interna.php?id=3481>> Acesso em: 27 mai. 2005.

_____. Carla Perez não é modelo de surf. *Garotas no Comando*, 2005a Disponível em <<http://www.garotasnocomando/garotasold/pensandoalto.htm>> Acesso em: 04 abr 2005

_____. *Skate na TV*, 2005b. Disponível em <<http://www.garotasnocomando.com.br/garotasold/midia.htm>> Acesso em: 12 abr 2005

_____. *Campeã Mundial*, 2005c. *Skate para Meninas*. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 15 set 2007

_____. *A perda da virilidade*, *Garotas no Comando*, 2006 Disponível em <<http://www.garotasnocomando.com.br/garotasold/pensandoalto.htm>> Acesso em 12 nov 2005

KEHL, Maria Rita. Muito além do espetáculo. In: NOVAES, Aduauto. (org.) *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 234-244.

KNIJNIK, Jorge D. e VASCONCELLOS, Esdras G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil In: COZAC, João Ricardo (ed.). *Com a cabeça na ponta da chuteira: - ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo, Annablume/Ceppe, 2003.

LAURETIS, Tereza de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LEINE, Evelyn. (skateparameninas@hotmail.com) Menina. 27 de março de 2003. Enviado as 22:43hs. Mensagem para Unidas pelo Carrinho (unidaspelocarrinho@hotmail.com)

_____. Lugar de mulher é no skate. *Terra Esporte*, 2004a. Disponível em <<http://virgula.terra.com.br/esporte/thps/interna.php?id=3481>> Acesso em: 27 mai. 2005.

_____. *Mariana Bertolo e o Skate Feminino Mirim*, 2004b. Disponível em <<http://virgula.terra.com.br/esporte/thps/interna.php?id=3481>> Acesso em: 27 mai. 2005.

_____. *1º Campeonato Feminino Estadual Skate para Meninas – skate não é só para meninos*, 2004c. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 13 de set de 2005.

_____. 100%SKATEGirl: Larissa Carollo. *Revista 100%Skate*. São Paulo. vol. 99, p. 100-102, jun 2006

_____. Skate não é só para meninos: site 'Skate para meninas' é um importante canal de informações do esporte feminino. *Revista 100%Skate*, Ano 10, n. 85, abril de 2005a.

_____. *Parabéns pro Skate para Meninas*, 2005b. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 15 fev 2006.

_____. *Festa do Skate para Meninas*, 2005c. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 13 ago 2006.

_____. *1º Encontro de SKater Girls e Afins de SP*, 2005d. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 13 ago 2006.

_____. *Quase uma tour no interior*, 2005e. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 15 mar 2007.

_____. *Circuito ABSFE de Skate*, 2005f. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 15 mar 2007.

_____. *Mulher boicota o feminino no sábado*, 2005g. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 13 mai 2007.

_____. *100%Girls de volta*, 2005h. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 11 out 2006.

_____. *Check it Out nno site*, 2005i. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 29 set 2006.

_____. *Quix*, 2005j. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 03 set 2007.

_____. *Três gerações do skate feminino. Revista 100%Skate*, edição especial aniversário de 10 anos, agosto de 2006a.

_____. *Campeonato feminino da melhor Manobra*, 2006b. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 12 out 2007.

_____. *COPA São Paulo Skate para Meninas*, 2006c. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 12 out 2007.

_____. *Primeira capa feminina na 100% Skate*, 2006d. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 28 out 2006.

_____. *Ester ao vivo na Bandeirantes*, 2006e. Disponível em <http://www.skateparameninas.com.br/> Acesso em: 15 set 2007.

_____. *Skate feminino na Record*, 2006f. Disponível em <http://www.skateparameninas.com.br/> Acesso em: 15 set 2007.

_____. *Oficina Skate para Meninas*, 2006g. Disponível em <http://www.skateparameninas.com.br/> Acesso em: 12 dez 2006.

_____. *Ladt Fest 2006*, 2006h. Disponível em <http://www.skateparameninas.com.br/> Acesso em: 12 dez 2006.

_____. *Chile recebe Poseiden e Check it Out Tour*, 2007a. Disponível em <http://www.skateparameninas.com.br/> Acesso em: 15 mar 2007.

_____. *Poseiden e Check it Out Tour em São Paulo*, 2007b. Disponível em <http://cemporcentoskate.uol.com.br/> Acesso em: 15 mar 2007.

_____. *Especial Zona de Impacto* 2007c. Disponível em <http://cemporcentoskate.uol.com.br/> Acesso em: 15 mar 2007.

LEINE, Evelyn e FABRI, Karina. Entrevista – Patiane Freitas, 2004. Disponível em <http://www.skateparameninas.com.br/> Acesso em: 12 mai 2005.

LESSA, Patrícia. *Mulheres à venda: uma leitura do discurso publicitário nos outdoors*. Londrina: EDUEL, 2005.

LÉVY, Pierre. *A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

_____. *A sociedade pós- moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2005.

_____. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOMBA, Gabriele. *Menina vai competir entre homens*, 2006. GLOBOESPORTE.COM. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/ESP/Home/0,,4811,00.html> Acesso em: 25 mai 2006.

LOURO, Guacira L. Gênero, História e educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul/dez, 1995.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. As nossas sociedades são imensamente vigiadas. *Entrevista Public Online: Portugal*, 12 jul. 2001a.

_____. *Currículo, Género e Sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2001b.

_____. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: ADELMAN, Miriam e SILVESTREIN, Celsi. B. (Orgs). *Gênero Plural: um debate interdisciplinar*. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

_____. Corpos que escapam. *Labrys: estudos feministas*, Brasília, n. 4, julho/dezembro 2003. Disponível em <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/guacira1.htm>> Acesso em: 19 out 2007

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “exceêntrico”. In: LOURO, Guacira; GOELLNER, Silvana; FELIPE, Jane. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 41-52.

MACEDO, Ana G. e AMARAL, Ana. L. (Orgs.) *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 24 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004. p. VII-XXIII.

MACHADO, Giancarlo. *Leni Cobra: a primeira campeã brasileira de Street Style*, 2006. Disponível em <<http://www.skatecultura.com/2007/10/leni-cobra-primeira-campe-brasileira-de.html>> Acesso em: 12 dez 2007.

MACNEILL, Margaret. Estudos de Mídia do Esporte e a Re/Produção de Identidades. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 28, n. 1, p. 7-21.set. 2006,

MAGALHÃES, Caroline. 13º X-GAMES. *Skate para Meninas*, 2007. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 15 mar 2007.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARIANO, Silvana A. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, set. 2005.

MARQUES, Tatiane. Roupas para Meninas. *Tribo Skate*, São Paulo, v. 13, n. 106 p. 105-110, set. 2004.

_____. Dia da Mulher no Esporte. *Mary Jane*, 2005. Disponível em <http://www.maryjane.com.br/pags/index.asp?include=esporte&p_subTipoID486&p> Acesso em: 15 out 2006.

_____. Lisa Araújo conta muita história de skate. *Mary Jane*, 2006. Disponível em <http://www.maryjane.com.br/pags/index.asp?include=esportep_subTipoID36&p> Acesso em: 15 out 2006.

_____. Escolinhas de Skate. *Associação Brasileira de Skate feminino*, 2006b. Disponível em <<http://absfe.blogspot.com/2006/08/escolinhas.html6&p>> Acesso em: 15 out 2007.

_____. *Uma volta de skate com Jéssica Hoefler*, 2007a. Disponível em <http://www.maryjane.com.br/pags/index.asp?include=esporte&p_subTipoID=36&p_noticiaID=1059> Acesso em: 13 dez 2007.

_____. Karen Jones homenageada pela Element.. *Associação Brasileira de Skate feminin*, . 2007b Disponível em <<http://absfe.blogspot.com>> Acesso em: 12 out 2007

MAURMANN, Anna. *Mulheres gestoras em Federações Esportivas do Rio Grande do Sul*. 2007. 42f. Monografia (Graduação em Educação Física) Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MCDERMOTT, Lisa. Toward a feminist understanding of the physicality within the context of women's physically active and sporting lives. *Sociology of Sport Journal*. Campaign, v. 13, n. 1, p. 12-30, dec. 1996.

MEDUZA, Alessandra. *1º Encontro Unidas pelo Carrinho*, 2005. Disponível em <<http://skateparameninas.com.br>> Acesso em 21 dez. 2005.

MELO, Victor A. Esporte. In: GOMES, Christianne L. (Org.) *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 80-84.

MESSIAS, Mônica. 100% SKATEgirl: Mônica Messias. *100% Skate*. São Paulo, v. 10, n. 81, p. 97-101, jul. 2005,

MESSNER, Michael. Sports and male domination: the female athlete as a contexted ideological terrain. In: BIRREL, Susan; COLE, C. (eds). *Women, Sport, and Culture*. Campaign: Human Kinetics, 1994.

MEYER Dagmar E. E. Gênero e saúde: indagações a partir do pós-estruturalismo e dos estudos culturais. *Revista de Ciências da Saúde*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 13-32, jan/jun. 1998.

_____. Educação em saúde e prescrição de “formas de ser e de habitar”: uma relação a ser ressignificada na contemporaneidade. In: FONSECA, Tânia M. G. e FRANCISCO, Deise J. *Formas de ser e de habitar na contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

_____. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, n. 1, p. 13-18, jan-fev 2004.

_____. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; GOELLNER, Silvana; FELIPE, Jane. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 9-27.

MINI-DICIONÁRIO TÉCNICO. São Paulo: Editora Terra, 2005.

MORAIS, Priscila. Skate feminino na Febem, *Skate para Meninas*. 2006. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 12 dez 2006.

MOURÃO, Ludmila e MOREL, Márcia . As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

MURARO, Cauê. Editorial: está por conta delas. *100%SkateGirls*: Encarte da 100%Skate. São Paulo, n. 55, ago. 2001.

_____. Editorial. 2^o *Encarte 100%Skate Girl*. São Paulo, p .6-8. out. 2002.

_____. Dando Idéias. *100%Skate*. São Paulo, ano 10, vol. 81, p. 97-101, jul 2005,

NAROGA, Fernando. *Eliana Sosco na Freeday*, 2007. Disponível em <<http://www.sk8.com.br/br/conteudo.asp?cn=85&ct=1046>> Acesso em 12 dez 2007.

NICHOLSON, Linda. Interpretando Gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-42, jan-jul, 2000.

NOVAES, Adauto. A imagem e o espetáculo. In: NOVAES, Adauto. (org.) *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 10-15.

PAIS, José M. *Culturas Juvenis*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PESAVENTO, Sandra. J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PFISTER, Gertrud. Líderes Femininas em organizações esportivas. Tendências mundiais. *Movimento*. Porto Alegre, v. 9, n. 02, p. 11-35, mai-ago. 2003.

PINTO, Celi R. J. *Com a palavra o Senhor Presidente José Sarney ou como entender os meandros da linguagem do poder*. São Paulo: HUCITEC, 1989.

POCCIELO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise B. de (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 115-120.

PRINS, Baukje e MEIJER, Irene C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, jan-jul. 2002.

PTO DE VISTA. *100%SkateGirl*, São Paulo, n. 1. p. 13, ago. 2001.

QUEM SOMOS. 2004. Disponível em <http://www.maryjane.com.br/pags/index.asp?include=quem_somos> Acesso em: 12 mar 2004.

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso ou por uma cultura filógena *Labrys: estudos feministas*, Brasília, n. 1-2, julho/dezembro 2002. Disponível em <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/index.html>> Acesso em 22 out 2007.

_____. Cultura do narcisismo, política e cuidado de si. In: SOARES, Carmen L. *Pesquisas sobre o corpo, ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 49-66.

ELISA, Ana e RAQUEL, Elisa. Skate na onda. *Revista Fluir*, abr-mai. 2006. Disponível em <http://fluir.ig.com.br/fluir_girls/> Acesso em: 12 dez 2006.

RIBEIRO, Binho. Resposta a carta enviada por Grafiteiras-BR. *Revista Graffiti*. São Paulo, nº 28, p. 4-8, mai. 2005.

RIBEIRO, Paula R.C., SOUZA, Nádia G. S. de e SOUZA, Diogo O. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino

Fundamental. *Revista. Estudos Feministas*, Florianópolis, v.12, n. 1, p.109-129, jan./abr. 2004.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estúdio; breve agenda para la discusión. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 23, p. 103-118, mai-ago. 2003.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Paulo: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Geraldo. *X Games Brasil*, 2007. Disponível em <<http://carveboardaddiction.wordpress.com/tag/x-games/>> Acesso em 21 set 2007

ROMERO, Elaine. E agora, vão fotografar o que? As mulheres no esporte de alto rendimento e a imprensa esportiva. *Labrys: estudos feministas*. Brasília, n. 8, ago-dez 2005. Disponível em <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys8/perspectivas/elaine.htm>> Acesso em 21 nov 2006.

ROSE, Gilian. *Visual methodologies-na introduction to the interpretation of visual materials*. London: Publications. 2001.

RUSHKOFF, Douglas. *Um jogo chamado futuro: como a cultura dos garotos pode nos ensinar a sobreviver na era do caos*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

SABAT, Ruth. Imagens de gênero na produção da cultura. In: FUNCK, Susana B. E WIDHOLZER, Nara. *Gênero em discursos na mídia*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, p. 93-119.

SANTOS, Boaventura de S. *Um discurso sobre as ciências*. Lisboa: Afrontamento, 1987.

SANTOS, Luiz Henrique S. dos. Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver. In: COSTA, Marisa V. E BUJES, Maria isabel E. (orgs.) *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras* Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 9-22.

SARA. "Unidas pelo Carrinho". Mensagem postada em 20 de janeiro de 2004. Disponível em: <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em 13 de junho de 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-100, jul-dez 1995.

SCHWENGBER, Maria Simone, V. *Donas de si? Educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos*. Porto Alegre:UFRGS, 2006. Tese (Doutorado em Educação) –

Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 148.

SILVA, Paula, GOMES, Paula B., GRAÇA, Amândio e QUEIRÓS, Paula. Acerca do debate metodológico na investigação feminista. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Porto, v. 3. p. 358-370, dez. 2005.

SILVA. Thomaz T. da. *Teoria cultural e educação – um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SIMÕES, Antônio C. Mulher, esporte, sexo e hipocrisia. In. SIMÕES, Antônio C. e KNIJNIK, Jorge D. *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho*. São Paulo: Editora Aleph, 2005, p. 61-86.

SKATECULTURA. Disponível em <<http://www.skatecultura.com/2004/jayc/html>> Acesso em: 11 ago. 2004.

SKATE PARA MENINAS. Pesquisa 2004a. Skate para Meninas. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em 20 set. 2007.

SKATE PARA MENINAS. Pesquisa 2004b. Skate para Meninas. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em 20 set. 2007.

SKATE PARA MENINAS. *Primeira capa Feminina da 100%SKATE*, 2005a <Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 10 jul. 2006.

SKATE PARA MENINAS, 2005b. Disponível em <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=593611>> Acesso em: 20 set. 2007.

SKATE PARA MENINAS, 2005c. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/propaganda/snoway/vencedora.htm>> Acesso em 20 nov. 2007.

SOARES, Carmen L. Práticas corporais: invenção de pedagogias? In: SILVA, Ana M. e DAMIANI, Iara R. *Práticas Corporais. Vol. 1 – Gênese de um movimento investigativo em Educação Física*. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005, p. 44-65.

SOSCO, Eliana. Eliana Sosco prá quem subestimou a capacidade delas. *Revista 100%Skate*, São Paulo, n. 100, p. 76-79, jul. 2006.

SOUZA, Juliana. S. ; KNIJNIK, Jorge. D. . A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 21, p. 35-48, jan-abr. 2007.

STIGGER, Marco P. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. *Educação Física, Esporte e Diversidade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

STEINBERG, Shirley R. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: Silva, Luiz Heron, AZEVEDO, José Clovis e SANTOS, Edmilson Santos dos. *Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1997.

SWAIN, Tânia N., Quem tem medo de Foucault? Feminismo, corpo e sexualidade. In: PORTOCARRERO, Vera e CASTELO BRANCO, Guilherme.(Orgs). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.

_____. Intertextualidade: perspectivas feministas e foucaultianas. *Labrys: estudos feministas*, Brasília, n. 4, jan/jul. 2004. Disponível em <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys5/textos/eubr.htm>>. Acesso em 02 fev. 2005.

SWAIN, Tânia. N. Os limites discursivos da historia: imposição de sentidos. *Labrys: estudos feministas*, Brasília, n. 9., jan/jul 2006. Disponível em <http://www.unb.br:80/ih/his/gefem/labrys9/libre/anahita.htm>. Acesso em: 03 dez.2007.

SWAIN, Tânia. O normal e o “abjeto”: a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres. *Labrys: estudos feministas*, Brasília, n. 6, ago/dez. 2006b. Disponível em <<<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys6/lesb/anahita.htm>>> Acesso em 12 jun 2007

TODD, Jan e TODD, Terry. A legacy of strength: the cultural phenomenon of the professional strongwoman.. *North American Society for Sport History. Proceedings & Newsletter*, 1987, p. 13-14. Disponível em: <http://www.aafra.org/search/search_frmst.htm> Acesso em: 25 de mar de 2006.

THEBERGE, N. Toward a feminist alternnative to sport as a male preserve. In: BIRREL, S; COLE, C.L. (Eds.). *Women, sport and culture*. Champaign: Human Kinetics, 1994.

THORPE, Holly. Beyond "Decorative Sociology": Contextualizing Female Surf, Skate, and Snow Boarding. *Sociology of Sport Journal*, vol, 23, n. 3, p. 205-228, sep/oct, 2006.

UVINHA, Ricardo Ricci. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Editora Manole, 2001.

VALPORTO, Oscar. *Atleta, substantivo feminino: vinte mulheres nos Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

VILCHES, Lorenzo. Migrações midiáticas e criação de valor. In: MORAES, Dênis de. *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 157-190.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIANNA, Alexandre. Bem-Vindas. *100%Skategirl*, São Paulo, n. 1, agosto 2001.

VIANNA, Alexandre. Lugar de mulher é no skate,. *Terra Esporte*. 2004. Disponível em <<http://virgula.terra.com.br/esporte/thps/interna.php?id=3481>> Acesso em: 27 mai. 2005.

_____. Bem-Vindas. *100%Skate*. São Paulo, v. 89, p. 3-5, set. 2005.

_____. Revelação. *100%Skate*. São Paulo, v. 100, p. 24-5, jul 2006.

WOLF, Francis. Por trás do espetáculo: o poder das imagens In: NOVAES, Adauto. (org.) *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 16-35

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da, (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000..

X-GAMES BRASIL, 2006. Carveboard Addiction. Disponível em <<http://carveboardaddiction.wordpress.com/tag/x-games/>>. Acesso em: 12 dez. 2007

ZIKKZIRA, Alexandre. *Eliana Sosco entra para a Stand Up*, 2007. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 11 nov 2007.

